

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**JOVENS RURAIS EM MIGRAÇÕES
INTERNACIONAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Laila Mayara Drebes

Santa Maria, RS, Brasil.

2015

JOVENS RURAIS EM MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Laila Mayara Drebes

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Extensão Rural

Orientador: Prof. Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Drebes, Laila Mayara
Jovens Rurais em Migrações Internacionais / Laila
Mayara Drebes.-2015.
195 p.; 30cm

Orientador: Joel Orlando Bevilaqua Marin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-
Graduação em Extensão Rural, RS, 2015

1. crise da agricultura familiar 2. cultura de
migração 3. novas ruralidades 4. globalização 5. redes
migratórias I. Bevilaqua Marin, Joel Orlando II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

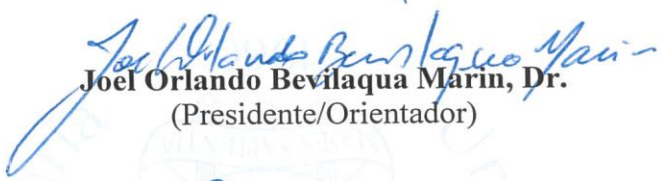
**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

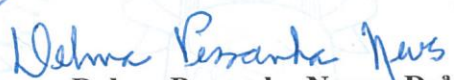
JOVENS RURAIS EM MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

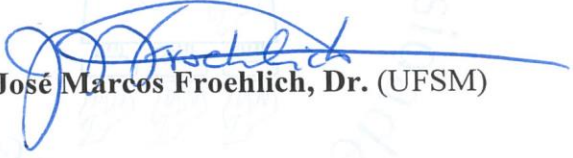
elaborada por
Laila Mayara Drebes

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Extensão Rural

COMISSÃO EXAMINADORA


Joel Orlando Bevilaqua Marin, Dr.
(Presidente/Orientador)


Delma Pessanha Neves, Dr^a. (UFF)


José Marcos Froehlich, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 02 de março de 2015.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Gilvane Hofstätter Drebes e Ernani Drebes, que guardam em suas memórias as recordações de uma juventude rural, dedico com carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar o mestrado e a dissertação, rememoro os sinuosos caminhos cursados e reconheço os mais variados incentivos recebidos, verdadeiros estímulos a minha marcha, inúmeras vezes arrastada, receosa e ansiosa. Assim, nesse momento, meus agradecimentos mais sinceros são dedicados aos incansáveis incentivadores, os quais removeram obstáculos súbitos, renovaram minhas energias exauridas, equilibraram meus passos enviesados e acertaram meu ritmo descompassado, estimulando minha incessante caminhada.

Agradeço aos meus pais, Gilvane Hofstätter Drebes e Ernani Drebes, os quais não somente acreditaram, mas vivenciaram comigo meu sonho concernente ao mestrado. Em inúmeros momentos, seus ensinamentos me restituíram não somente a calma, mas a convicção e o contentamento. Dessa maneira, estendo os agradecimentos aos meus avós, Neusa e Romeu Hofstätter, e aos meus tios, Jocélia Hofstätter e Márcio Magarinos.

Ao meu orientador, Professor Joel Orlando Bevilaqua Marin, que acreditou com muita convicção na minha capacidade enquanto eu, muitas vezes, vacilei. Assim, agradeço não somente o aconselhamento e o acompanhamento constantes e insistentes, mas, também, o cuidado e o auxílio nas mais variadas situações, não somente restritos à orientação.

À minha estimada amiga goiana, Flavia Sousa Oliveira, camarada nessa caminhada. Agradeço imensamente o acolhimento em Itapuranga, onde a mesma me inseriu não somente na agricultura familiar, mas em sua casa e sua família, compartilhando comigo as alegrias, as surpresas e as inquietações encontradas na realização desse estudo a campo.

Aos meus entrevistados itapuranguenses, os quais me receberam com muito carinho em suas casas e me contaram com entusiasmo suas histórias, concedendo as informações sustentadoras e inspiradoras desse estudo.

À minha conselheira, Professora Rosani Marisa Spanevello, que inúmeras vezes nessa caminhada me socorreu e auxiliou a reencontrar o sentido e a direção corretos a serem seguidos. A sua colaboração renovou minha energia e esperança, sem contar a confiança em mim mesma.

Aos meus amigos, Priscila Marchi, Tuane Silva, Viviana Erpen, Juliana Dallabrida, Gracieli Manfrin, Cibele Scherer, Bartholomeu Barcelos, Liliane Oliveira, Lidiane Roggia, Natani Baumgardt, Daiane Vargas, Gustavo Silva, Tatiana Balem, Felipe Bonini, Cícero

Ortigara, entre outros, em razão de seus mais variados incentivos, os quais foram extremamente importantes em minha caminhada.

À Professora Delma Pessanha Neves e ao Professor José Marcos Froehlich, os quais prontamente se mostraram disponíveis e comprometidos como Banca Examinadora desse estudo e trouxeram valiosas contribuições teóricas, metodológicas e analíticas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com todos os seus docentes e discentes, meu muito obrigada pela oportunidade, aprendizado e convivência.

Ao Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG), da UFSM, agradeço a construção de um conhecimento diferenciado, indicador de um novo caminho em direção ao futuro.

E à CAPES/FAPERGS, sou grata em razão da concessão da bolsa de estudos.

EPÍGRAFE

Sonhares Novos

*Viajo para rumos diversos, até para rumos de versos,
conduzida pela ideia. Transito pelo pensamento,
pelo sentimento. Planto palavras que germinam contos,
poemas, crônicas, confrontos. Nada de odisseia ou epopeia:
registros de um tempo de calma ou de contratempo.
Ideias resultantes do envolvimento, do momento
de outras épocas, lugares de folgedos:
riachos, arvoredos, pomares... Vez por outra,
tempo sem sol, de bruma revestido,
ou respingo de chuva em arco-íris refletido...
Conduzida pela vontade, embarco em novos sonhares
ou em outros lares. Rotas traçadas por instrumentos
cortam os ares, engolem mares, serpeiam terra,
contornam serra, cruzando cidade...*

*Esquecida a idade, travo conhecimento
com países, raízes de nossa História.
Vislumbro fatos mágicos, ou trágicos, de derrota ou vitória...
Paradas, encruzilhadas, mudanças de fusos horários,
novos itinerários sonhados e concretizados.
Afivelada a bagagem, o regresso à terra de origem.
Feliz o reencontro. E, no ponto de partida
da esperada viagem, abraços, sorrisos me acolhem...
Saudade vencida, beleza da vida!*

*Célia Siqueira Arantes
(Poetisa Goiana)*

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

JOVENS RURAIS EM MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

AUTORA: LAILA MAYARA DREBES

ORIENTADOR: JOEL ORLANDO BEVILAQUA MARIN

Local e Data da Defesa: Santa Maria, 02 de março de 2015.

Os jovens rurais classicamente integraram os processos migratórios internos, mas recentemente os mesmos vêm constituindo também os internacionais. Assim, o estudo analisou como os jovens rurais oriundos da agricultura familiar vivenciaram as migrações internacionais contemporâneas em suas variadas fases, sendo elas emigração, viagem, imigração e retorno. De natureza qualitativa, o estudo foi conduzido no formato de estudo de caso e realizado no município de Itapuranga, estado de Goiás, Brasil. Coletaram-se dados através de 09 entrevistas com agentes sociais que vivenciaram migrações internacionais em sua juventude. Embora adultos no momento das entrevistas, esses recorreram às suas memórias para reconstruir as vivências migratórias internacionais como jovens rurais. Também foram entrevistados 17 informantes-chave e coletados outros dados através de observação, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Em Itapuranga, constatou-se a existência de uma cultura de migração na agricultura familiar, sendo as migrações comuns nesse contexto. Essa cultura interferiu sobre as socializações dos jovens rurais, expandindo seus horizontes sociais do “local” para o “global”. Inúmeras condicionantes socioeconômicas favoreceram essas emigrações internacionais, sobretudo no início do século XXI, envolvendo a crise na agricultura familiar, escassas alternativas de trabalho e educação na região, desvalorização da moeda nacional e constituição de redes migratórias internacionais. Assim, foram construídos projetos migratórios internacionais em busca de reprodução social e autonomia. Essas migrações internacionais foram indocumentadas e aconteceram através de rotas distintas: rota legal, com vistos e direcionada a nações situadas no continente americano e europeu, realizada via aérea; e rota ilegal, sem vistos e direcionada somente aos Estados Unidos, com um segmento da travessia via terrestre no México. Nessa última, foi intensa a participação da indústria de imigração, aumentando os riscos nas viagens. Os principais destinos dos migrantes consistiram nos Estados Unidos e nações europeias. A imigração se destacou em virtude dos estranhamentos culturais e ambientais no exterior e da vulnerabilidade dos migrantes no trabalho, inseridos em serviços mal remunerados e exaustivos com o intuito de acumular dinheiro, inclusive na prostituição. Os migrantes também vivenciaram condições de moradia precárias e não conseguiram dedicar tempo à educação. A imigração foi vivenciada na solidão em razão dos embaraçosos relacionamentos com os estrangeiros e com outros imigrantes brasileiros, acentuando a saudade e a comunicação com os familiares e amigos no Brasil. A maioria retornou ao acumular uma quantia significativa de dinheiro, incentivados pela crise econômica internacional, estabilização da economia brasileira, valorização do real, saudade das famílias e avanço de suas idades, principalmente em meados da primeira década do século XXI. Os retornos também ressignificaram os vínculos dos migrantes com o meio rural e a agricultura familiar, favorecendo o surgimento de novas ruralidades. Além disso, tornaram híbridas as identidades desses migrantes e assinalaram o fim da juventude dos mesmos. Assim, concluiu-se que as migrações internacionais entre jovens rurais oriundos da agricultura familiar de Itapuranga não foram unidirecionais, caracterizadas por idas e vindas, mostrando maneiras diferentes de vivenciar a juventude nas áreas rurais. Concluiu-se, também, a necessidade de políticas públicas e ações extensionistas relacionadas com as singularidades desses migrantes internacionais.

Palavras-chave: Crise da agricultura familiar. Cultura de migração. Novas ruralidades. Globalização. Redes migratórias.

ABSTRACT

Master's Thesis

Postgraduate Program in Rural Extension

Federal University of Santa Maria

RURAL YOUNG IN INTERNATIONAL MIGRATIONS

AUTHORESS: LAILA MAYARA DREBES

ADVISOR: JOEL ORLANDO BEVILAQUA MARIN

Place and Date of Defense: Santa Maria, March 2, 2015.

The rural youth classically integrated the internal migratory processes, but recently they have also constituting international. So, the study analyzed how rural young people from a family farming experienced contemporary international migration in its various phases, which were emigration, travel, immigration and return. Of a qualitative nature, the study was conducted in the case study format and held in the city of Itapuranga, state of Goiás, Brazil. Data were collected through 09 interviews with social workers who have experienced international migration in their youth. Although adults at the time of the interviews, these used their memories to rebuild international migration experiences as rural youth. Were also interviewed 17 key-informants and other data collected through observation, documentary research and literature research. In Itapuranga, there was the existence of a culture of migration on family farming, being common migration in this context. This culture interfered on the socialization of rural youth, expanding their social horizons of "local" to "global". Many socioeconomic conditions favored these international emigration, especially in the early XXI century, involving the crisis in family farming, few alternatives for employment and education in the region, devaluation of national currency and establishment of international migration networks. So, were built international migration projects in search of social reproduction and autonomy. These international migration were undocumented and happened through different routes: legal route, with visas and directed the nations located in the Americas and Europe, carried out air; and illegal route, without visas and intended only to the United States, with a segment of the crossing by land in Mexico. In the latter, was intense participation of the immigration industry, increasing the risks involved in travel. The main destinations of migrants consisted in the United States and European nations. The immigration stood out because of the cultural and environmental strangeness abroad and migrant vulnerability at work, inserted in low-paid and exhaustive services with the aim of accumulate money, including prostitution. The migrants also experienced poor living conditions and could not devote time to education. The immigration was experienced in loneliness, because of the embarrassing relationships with foreign and other Brazilian immigrants, stressing the longing and communication with family and friends in Brazil. Most returned to accumulate a significant amount of money, encouraged by the international economic crisis, stabilization of the Brazilian economy, the real appreciation, longing families and advancement of their ages, especially in the middle of the first decade of XXI century. The returns also resignified the links of migrants to rural areas and family farming, favoring the emergence of new ruralities. Also, became hybrid identities of these migrants and marked the end of the youth of them. So, it was concluded that international migration among rural young people from a family farming of Itapuranga were not unidirectional, being characterized by comings and goings, showing different ways to experience the youth in rural areas. It was concluded, also, the need for public policies and extension actions involving the singularities of these international migrants.

Key words: Family farming crisis. Migration Culture. New Ruralities. Globalization. Migratory networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Síntese ilustrativa dos subsídios teóricos centrais utilizados no estudo	21
Figura 02 -	Localização geográfica do município de Itapuranga.....	23
Figura 03 -	Linha do tempo com a sucessão histórica dos processos migratórios relacionados com a agricultura familiar de Itapuranga que deram origem a sua cultura de migração.....	45
Figura 04 -	Variações demográficas da população e da juventude de Itapuranga no período de 1970 a 2010.....	46
Figura 05 -	Flutuações anuais das taxas de câmbio médias (R\$) do dólar (\$) em relação ao real e do euro (€) em relação ao real no período de 2000 a 2013.....	65
Figura 06 -	Características das rotas migratórias utilizadas nas viagens internacionais dos filhos de agricultores familiares de Itapuranga.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Caracterização dos informantes-chave entrevistados.....	27
Quadro 02 -	Características dos migrantes internacionais entrevistados.....	30

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro semiestruturado de entrevistas com os informantes-chave.....	193
Apêndice B - Roteiro semiestruturado de entrevistas com os migrantes internacionais.....	194

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Aportes teóricos.....	16
Aportes metodológicos.....	22
Plano da obra.....	31
1 JOVENS RURAIS, EMIGRANTES INTERNACIONAIS: <i>GOOD BYE</i>, ITAPURANGA.....	33
1.1 “Itapuranga dos migrantes”: a estreita relação entre a agricultura familiar e a cultura de migração.....	34
1.2 Construção social de uma juventude rural migrante: do “local” ao “global”..	49
1.3 “Fui por falta de opção na roça”: jovens rurais e seus projetos migratórios internacionais de reprodução social e autonomia.....	56
2 JOVENS RURAIS, VIAJANTES INTERNACIONAIS: AVENTURAS PELAS FRONTEIRAS DO MUNDO.....	71
2.1 “Sem lenço, sem documento”: jovens rurais em migrações internacionais indocumentadas.....	72
2.2 Com visto, sem aventura: jovens rurais em viagens internacionais legais.....	76
2.3 Sem visto, com aventura: jovens rurais em viagens internacionais ilegais.....	85
3 JOVENS RURAIS, IMIGRANTES INTERNACIONAIS: DILEMAS EM OUTROS LADOS DO MUNDO.....	99
3.1 “Eu vim da roça, então, era tudo novidade”: os jovens rurais e os estranhamentos nas sociedades de imigração.....	100
3.2 Trabalho em excesso, moradia ruim e estudo restrito: as vivências dos jovens rurais como imigrantes.....	109
3.3 Sobre “meninas custosas”: a imigração e a (in)visibilidade das jovens rurais prostitutas.....	118
3.4 Jovens rurais e sociabilidades escassas: “sozinhos” entre os estrangeiros e os brasileiros.....	124
4 JOVENS RURAIS, MIGRANTES INTERNACIONAIS RETORNADOS: DE VOLTA A ITAPURANGA.....	135
4.1 “Eu não tava aguentando mais”: os retornos e suas condicionantes socioeconômicas.....	136
4.2 Entre retornos internacionais consentidos e condenados: “voltando para trás” ou “seguindo em frente”?.....	148
4.3 Sobre novas ruralidades: heterogeneidades suscitadas pelos retornos internacionais na agricultura familiar itapuranguense.....	153
4.4 Jovens rurais entre dois mundos: reflexões sobre o retorno e a identidade.....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	175
APÊNDICES.....	193

INTRODUÇÃO

Conforme dados oficiais apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU), estima-se a existência de mais de 232 milhões de migrantes internacionais disseminados em todo o mundo (ONU, 2013). O próprio Brasil é fruto das migrações internacionais. Foi originado no século XV por imigrantes portugueses e depois disso continuou recebendo imigrantes de outras nacionalidades, como os africanos, os alemães, os holandeses, os italianos, os sírios, os libaneses, os espanhóis, os japoneses, entre outros. Em virtude de seus constantes saldos migratórios internacionais positivos, o Brasil foi reconhecido durante muito tempo como uma nação de imigração, ou seja, como uma nação receptora de imigrantes.

Porém, no século XX esse reconhecimento é alterado. A partir de então as imigrações de estrangeiros para o Brasil se amenizam e são as emigrações de brasileiros para o exterior que se intensificam. Como consequência, ao final da década de 1980, pela primeira vez ao longo de toda a sua história, o Brasil apresenta um saldo migratório internacional negativo e se projeta como uma nação de emigração, isto é, uma nação emissora de emigrantes rumo ao exterior.

Conforme Patarra e Fernandes (2011), durante a década de 1980, o principal destino dos emigrantes brasileiros consiste nos Estados Unidos, enquanto na década 1990 os mesmos passam a emigrar também para nações no continente europeu, como Portugal, Espanha, Itália, Reino Unido e Irlanda. Os brasileiros entram nessas nações com vistos de turistas e quando esses vistos vencem, continuam nos territórios estrangeiros em situação irregular. Esses fluxos migratórios internacionais responsáveis pela ascensão do Brasil como uma nação de emigração ainda no século XX, tornam-se mais intensos, adentrando o século XXI.

As migrações internacionais contemporâneas – como são conhecidas estas transformações iniciadas no século XX sobre os processos migratórios internacionais não apenas na nação brasileira, mas em inúmeras outras nações em todo o mundo – desencadearam uma série de estudos a respeito. Em síntese, essas migrações internacionais ocorrem em função das desigualdades socioeconômicas em âmbito mundial, acontecendo das nações menos desenvolvidas em direção às mais desenvolvidas, sendo incentivadas em virtude da internacionalização ascendente ocasionada através da globalização.

No Brasil, os estudos pioneiros sobre essas migrações internacionais contemporâneas foram realizados ao final da década de 1980 e ao longo da década de 1990, debruçando-se

sobre as correntes migratórias internacionais iniciais, sobretudo a do município de Governados Valadares, do estado de Minas Gerais, para os Estados Unidos, a exemplo dos desenvolvidos pela antropóloga estadunidense Maxine Margolis (MARGOLIS, 1989; 1994) e pela socióloga brasileira Teresa Sales (SALES, 1991; 1994; 1999).

Em muitos desses estudos são encontradas menções sobre a atuação da juventude brasileira nesses processos migratórios internacionais, conotada como precursora dos mesmos, responsável não somente pelo seu início, mas também pela intensidade com a qual os mesmos aconteceram. Exemplo disso é encontrado no estudo de Sales (1999), sobre brasileiros que deixaram Governador Valadares, em Minas Gerais, para residir na região metropolitana de Boston, no estado de Massachusetts, Estados Unidos.

[...] Os dois períodos iniciais da migração (de 1967 até 1984), que, nesse caso pode-se dizer, configuram a migração dos pioneiros, tinham um componente bem maior de jovens entre 17 e 24 anos. Quatro em cada cinco que emigraram entre 1967 e 1979 eram jovens, assim como eram jovens cinco dentre os seis que emigraram entre 1980 e 1984. A proporção de jovens decresce progressivamente nos dois períodos seguintes [de 1985 a 1989 e de 1990 a 1995], um dado que reforça o que se conhece dos processos migratórios, em que migram primeiro os mais jovens (SALES, 1999, p. 18).

No entanto, esses estudos mostram as migrações internacionais dos jovens brasileiros com uma visão exclusivamente urbana, como se os jovens rurais não pudessem estar integrados nesses processos. Nesse mesmo estudo de Sales (1999), por exemplo, apesar de os entrevistados terem apresentado e reforçado com veemência a existência de imigrantes mineiros rurais nos Estados Unidos, esta informação soou estapafúrdia e, assim, recebeu outra interpretação, mascarando a existência de imigrantes mineiros não somente jovens, mas também rurais.

Um dado que foi ficando cada vez mais intrigante nas minhas entrevistas era a referência constante a um tipo de imigrante que os meus entrevistados diziam constituir uma grande proporção dos imigrantes brasileiros daquela região. Era o imigrante roceiro, saído das grotas de Minas Gerais, aquele que não havia antes sequer visto um avião em sua vida e a primeira viagem já foi para os Estados Unidos. [...] Não encontrei nenhum desses roceiros. É possível que de fato tenham imigrado para aquela região dos Estados Unidos algumas pessoas saídas da roça, mas deve ser uma minoria, diante da grande maioria daqueles que vieram de cidades, já com um certo nível de escolaridade e preparo para enfrentar tamanho desafio. E concluí que esse foi um mito criado pelo imigrante brasileiro [...] (SALES, 1999, p. 110-111).

Assim, embora incontáveis estudos tenham sido desenvolvidos desde a década de 1980, englobando os mais diversos prismas das migrações internacionais, é somente no século

XXI que surgem os primeiros estudos sobre o tema envolvendo os vieses relacionados com a juventude rural e a agricultura familiar.

É até possível que alguns estudos anteriores tenham sido atravessados por essas questões. Contudo, no âmbito brasileiro, são raros aqueles dedicados inteiramente às migrações internacionais de jovens rurais oriundos da agricultura familiar dos quais se têm registro, como o artigo de Renk e Cabral Jr. (2002) a respeito das migrações de jovens rurais de Itapiranga, estado de Santa Catarina, para a Alemanha, o artigo de Pereira (2007) referente às migrações de jovens rurais do Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais para Estados Unidos, Portugal e Espanha, e a tese de Pereira (2012) sobre as migrações de jovens rurais do Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais, para Portugal e Espanha.

No Brasil, até então, os jovens rurais estavam intimamente associados à ocorrência de migrações internas entre o meio rural e o meio urbano, sendo considerados protagonistas nesses processos migratórios vistos como sérias ameaças à sobrevivência da agricultura familiar. Conforme Camarano e Abramovay (1998), mensura-se que, entre as décadas de 1960 e de 1980, aproximadamente 27 milhões de brasileiros tenham migrado de áreas rurais para áreas urbanas, principalmente jovens, entre os quais as moças eram mais proeminentes que os rapazes, configurando o êxodo rural seletivo que premeditava uma agricultura familiar esvaziada, envelhecida e masculinizada.

Em virtude desses alarmantes indicativos desruralizantes, muitos estudiosos desenvolveram importantes estudos sobre os jovens rurais e suas migrações internas nos contextos rurais brasileiros de agricultura familiar, como Abramovay (1998), Carneiro (1999), Silvestro (2001), Stropasolas (2003), Brumer (2004), Gaviria e Menasche (2006), Spanevello (2008), Weisheimer (2009) e Castro (2009), entre muitos outros. Entretanto, em nenhum desses estudos são mencionadas as migrações internacionais.

Logo, conforme dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), atualmente existem aproximadamente 2.547.079 brasileiros imigrantes internacionais (MRE, 2012) e praticamente nada se sabe sobre os jovens rurais que estão entre eles. Nesse sentido, com o intuito de tornar mais clara a compreensão do problema que orienta o estudo, o mesmo foi sintetizado através da seguinte interrogação: como os jovens rurais da agricultura familiar vivenciam as migrações internacionais contemporâneas? Dessa maneira, as migrações internacionais são analisadas utilizando a visão de mundo construída através das vivências desses jovens rurais oriundos da agricultura familiar.

À caça de esclarecimentos, o estudo se propõe a analisar as sucessivas colocações e deslocamentos vivenciados nas trajetórias contemporâneas dos jovens rurais da agricultura

familiar como migrantes internacionais. De modo específico, o estudo tem por objetivos: compreender as condicionantes socioeconômicas que engendram as emigrações internacionais dos mesmos; caracterizar os percursos percorridos por esses jovens rurais entre a agricultura familiar e suas nações de imigração na condição de viajantes internacionais; compreender como vivem nas diferentes nações de imigração, identificando as características mais marcantes de suas experiências como imigrantes; e analisar as motivações que provocam o retorno dos mesmos, assim como os conflitos e dilemas vivenciados sob a condição de migrantes internacionais retornados, sobretudo em relação ao meio rural, à agricultura familiar e a sua própria juventude.

Aportes teóricos

Considerando a complexidade dessa temática, envolvendo concomitantemente migrações internacionais, juventude rural e agricultura familiar, foram necessários inúmeros subsídios teóricos de natureza variada com o intuito de contemplar as singularidades originárias na fusão entre esses “temas menores” em um “tema maior”, constituindo um “complexo de temas complexos”.

Em primeira instância, a releitura dos escritos do renomado sociólogo francês Pierre Bourdieu e a assimilação de seus conceitos se mostraram muito relevantes, municiando subsídios ao desvendamento de situações não evidenciadas em outras abordagens teóricas. Essa aproximação com Pierre Bourdieu se deu em virtude da necessidade de estudar as migrações internacionais sem causar um distanciamento entre a realidade empírica e a realidade científica, evitando inconsistências ao centralizar a análise sobre os migrantes internacionais, considerando não somente aspectos macrosociais, mas, também, aspectos microsociais relevantes aos mesmos.

Embora Pierre Bourdieu não tenha estudado nomeadamente as migrações internacionais¹, a abordagem teórica bourdieusiana – denominada de teoria da prática – se mostrou interessante para que estudos sobre as mesmas fossem fundamentados. Segundo Bourdieu (1983, p. 60), a teoria da prática consiste em “uma ciência experimental da dialética

¹ É necessário salientar que mesmo que as migrações internacionais não tenham sido diretamente tematizadas por Pierre Bourdieu, em alguns de seus textos são encontradas passagens onde existem indícios de como as mesmas são compreendidas pelo sociólogo francês, como é possível observar em Bourdieu (1998a) e em Bourdieu (2001), onde se aborda a sociabilidade dos migrantes internacionais.

da interioridade e da exterioridade, isto é, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade”. Desse modo, as realidades sociais são influenciadas pelas contraposições existentes entre as forças dos aspectos objetivos e plurais referentes aos espaços sociais e as forças dos aspectos subjetivos e singulares referentes aos agentes sociais.

Em virtude disso, a atratividade de Pierre Bourdieu a esse estudo se vinculou ao seu conceito de “trajetórias sociais”, sustentado sobre as noções de campo, de *habitus* e de capital. As trajetórias sociais estão relacionadas com as histórias de vida resultantes das relações concorrenciais entre as forças dos espaços sociais, constituídas pelos campos, e as forças dos agentes sociais, constituídas pelos *habitus* e pelos capitais. Assim, as trajetórias sociais são conceituadas como séries de posições sucessivas que os agentes ocupam nos espaços através de colocações e de deslocamentos provenientes das recíprocas disputas existentes entre os campos e os *habitus* e capitais (BOURDIEU, 1996).

Como mencionado anteriormente, Pierre Bourdieu não empregou sua abordagem teórica em estudos sobre migrações internacionais. Entretanto, o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad – tipicamente bourdieusiano – desenvolveu uma interessante apropriação da mesma com ênfase nas migrações internacionais, onde as trajetórias sociais são consideradas essenciais. Em conformidade, Bourdieu (1998b) afirmou que os “preceitos teóricos” e os “preceitos metodológicos” pouco importam em estudos sobre migrações internacionais se estas não estiverem devidamente sustentadas nas experiências vivenciadas entre os migrantes internacionais, nomeadas através de suas trajetórias sociais.

Segundo Sayad (1998), como trajetórias sociais, as migrações internacionais consistem em fatos sociais totais, tendo em vista que as colocações e os deslocamentos dos agentes acontecem em espaços que não são somente físicos, mas também sociais, econômicos, políticos e culturais. Desse modo, as migrações internacionais necessitam estudos interdisciplinares, estando vinculadas com “um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas” (SAYAD, 1998, p. 15). De acordo com Sayad (1998), as migrações internacionais envolvem a história, a geografia, a demografia, a economia, o direito, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a linguística, a ciência política, entre outras disciplinas.

Nesse sentido, esses escritos se mostraram interessantes ao autorizar uma análise onde as migrações internacionais são entendidas em seu enredamento, não sendo restritas aos limites de uma determinada área de estudo e não sendo retalhadas em momentos isolados, onde somente alguns são considerados em detrimento da compreensão das mesmas como um

todo (geralmente o foco é sobre a emigração e a imigração, deixando de lado a viagem e o retorno).

Além disso, Sayad (1998) também ressaltou a necessidade de exceder as migrações internacionais como uma temática imposta, onde os migrantes internacionais são percebidos, definidos e abordados meramente como “problemas sociais”. Dessa maneira, Sayad (1998, p. 22) defendeu que o grande desafio de estudar as migrações internacionais consiste em “como fazer uma sociologia do ‘pequeno’ sem que essa sociologia seja ‘pequena’?”² Com isso, concluiu a incoerência em escrever inocentemente sobre as migrações internacionais sem se perguntar o que significa realmente escrever sobre as mesmas.

Buscando um acostamento maior com as migrações internacionais e as singularidades atreladas às mesmas nesse estudo, também se mostraram relevantes os escritos do antropólogo espanhol Carles Feixa. Para Feixa (2006), em seus estudos consagrados às migrações internacionais juvenis, as mesmas são consideradas experiências vividas, onde as visões de mundo dos jovens migrantes internacionais são as mais relevantes, sem, entretanto, renegar as visões de mundo dos adultos envolvidos.

Conforme Feixa (2006), nas migrações internacionais juvenis como experiências vividas, a sociabilidade dos jovens migrantes internacionais é considerada muito importante em seu entendimento, sendo as mesmas caracterizadas com encontros e desencontros entre visões de mundo que indicam uma sociabilidade situada entre aspectos identitários e alteritários, considerados essenciais em relação à juventude.

Foram necessários, ainda, outros subsídios teóricos auxiliares no entendimento da ruralidade inerente às migrações internacionais estudadas. Assim, consultaram-se também escritos relevantes sobre as migrações internas, sobretudo entre meio rural e meio urbano. Esses escritos, condizentes com as noções de Bourdieu, de Sayad e de Feixa de estudar as migrações considerando a visão de mundo dos migrantes, trouxeram outros elementos à tona, melhorando significativamente o entendimento dessa intrincada temática referente às migrações internacionais, juventude rural e agricultura familiar.

O sociólogo brasileiro José de Souza Martins, ao analisar as migrações internas, associou as mesmas a condições socioeconômicas vulneráveis, exercendo devastadores efeitos sobre as vidas dos migrantes (MARTINS, 2003a). Em virtude disso, as migrações normalmente são atreladas com “problemas sociais”, embora nem todas sejam realmente. Para

² A questão transparece a indignação sayadiana com a compreensão dos migrantes internacionais como agentes sociais inferiores. É por isso que ele denomina a sociologia que estuda o migrante internacional de sociologia do pequeno e defende que a mesma não pode ser uma sociologia pequena, já que as migrações internacionais são fatos sociais totais.

Martins (2003b, p. 127), “nem todos os migrantes são um problema social, mas nas migrações está envolvido, sem dúvida, um problema social”. Esse consiste na inclusão dos migrantes em sociedades caracterizadas através de estreitamentos relativos a oportunidades de vida, considerando que as migrações possuem dimensões territoriais e demográficas, mas também sociais (MARTINS, 2003b). Em virtude disso, Martins (2003c) destacou a relevância da sociabilidade na compreensão das migrações, sendo essa uma sociabilidade em trânsito, onde os migrantes se encontram à mercê tanto da sociedade de origem, quanto da sociedade de destino.

Também nesse sentido, a socióloga brasileira Marilda Aparecida de Menezes ressaltou a relevância em entender as migrações não somente em termos quantitativos, mas, sobretudo, em termos qualitativos, atentando aos migrantes e as suas histórias de vida (MENEZES, 1992).

Por que dar a palavra ao próprio migrante? Partimos do pressuposto de que encadear os fatos da vida é apropriar-se do passado. É tomá-lo pelas rédeas, trazê-lo à tona, dar-lhe nome e lugar. É tornar presente aquilo que havia sido esquecido. É tomar o desconhecido, espécie de animal selvagem, e domesticá-lo. Ao contar e recontar sua história, o migrante adquire sobre ela um certo domínio. Percebe que sua trajetória, aparentemente individual ou quando muito familiar, na verdade faz parte de um processo mais amplo de mobilidade em massa. [...] Um olhar retrospectivo sobre os caminhos percorridos mostra que não existem histórias apenas individuais. Elas sempre se misturam, se cruzam, se embaralham. Umas estão alinhavadas nas outras. Tomar consciência disso é avançar no sentido de uma compreensão mais profunda e global da realidade. O fato de contar a história, de colocá-la sobre a mesa, é já uma forma de se libertar daquilo que ela possa ter de obscuro (MENEZES, 1992, p. 10).

Em somatório, a socióloga brasileira Maria Aparecida de Moraes Silva, de maneira semelhante, afirmou que não somente os fatores econômicos devem ser considerados na análise das migrações e dos migrantes, existindo também inúmeros fatores sociais vinculados, sendo, em muitos casos, os migrantes resultantes de relações sociais conectadas com processos de violência e de expropriação (SILVA, 2005). Não obstante, Silva (2005) indicou as relações contraditórias inerentes às migrações, envolvendo concomitantemente conflitos, perdas, separações, mortes, reencontros, voltas, etc. Sendo assim, “a complexidade dessas situações exige do pesquisador a adoção de uma postura teórico-metodológica capaz de compreender a migração como um processo social e os migrantes como agentes desse processo” (SILVA, 2005, p. 54).

Em segunda instância, mas não menos importante, também se recorreu a subsídios teóricos clareadores do entendimento de juventude e de agricultura familiar, tendo em vista sua essencialidade nesse estudo sobre migrações internacionais. Assim, o entendimento de

juventude foi sustentado sobre os escritos de Bourdieu e Feixa e o entendimento de agricultura familiar, sobre os escritos da antropóloga brasileira Delma Pessanha Neves e da socióloga brasileira Maria de Nazareth Baudel Wanderley.

No que tange à juventude, segundo Bourdieu (2003), a mesma consiste em uma categoria relacional, sendo sua compreensão prioritariamente vinculada às relações sociais. À medida que cada grupo social situado no tempo e no espaço é caracterizado por relações sociais próprias, também é caracterizado por uma compreensão de juventude própria. Essa compreensão é socialmente construída através das complexas relações existentes entre critérios biológicos e critérios sociais que se encontram em permanente disputa no âmbito desses grupos. Logo, a juventude se caracteriza como múltipla, heterogênea e variável, pois não comporta apenas uma juventude, no singular, mas juventudes, no plural.

Conforme Feixa (1998), nesse mesmo raciocínio, os entendimentos relativos à juventude variam entre as sociedades e em uma mesma sociedade no decorrer da história. Assim, não existe uma única maneira de ser jovem, nem mesmo de entender, de expressar e de viver a juventude. Em diferentes contextos temporais e espaciais são encontradas diferentes maneiras de transição entre a fase de criança e a fase de adulto. Dessa maneira, os entendimentos relativos à juventude estão vinculados com as características sociais, econômicas e culturais em uma sociedade e, também, com suas transformações.

A juventude aparece como uma construção cultural relativa no tempo e no espaço. Cada sociedade organiza a transição da infância para a vida adulta, embora as formas e conteúdos dessa transição sejam extremamente variáveis. Embora esse processo tenha uma base biológica, o importante é a percepção social destas transformações e suas implicações para a comunidade: não é em todos os lugares que o crescimento dos seios das meninas e dos bigodes dos meninos têm o mesmo significado. Também os conteúdos que se atribuem a juventude dependem dos valores associados a este grupo de idade e dos rituais que marcam seus limites. Isso explica porque nem todas as sociedades reconhecem um estágio nitidamente diferenciado entre a dependência infantil e a autonomia adulta. Para que exista a juventude, devem existir, por um lado, uma série de condições sociais (isto é, normas, comportamentos e instituições que distinguem os jovens dos outros grupos de idade) e, por outro lado, uma série de imagens culturais (isto é, valores, atributos e rituais especificamente associados aos jovens). Tanto umas como as outras dependem da estrutura social como um todo, ou seja, das formas de subsistência, das instituições políticas e das visões de mundo ideológicas que predominam em cada tipo de sociedade (FEIXA, 1998, p. 28, tradução nossa).

No que tange à agricultura familiar, Neves (2007) a entendeu como uma categoria socioeconômica recentemente construída no âmbito brasileiro (remete a última década do século XX), sendo a mesma resultante da elaboração de representações institucionais entusiasmadas entre os mediadores sociais através da técnica e do crédito. Assim, a agricultura familiar consiste em uma construção social cujo intento é consagrar os atributos

dos chamados “agricultores familiares”, afastando-os em relação aos “pequenos” e aos “grandes” produtores, e facilitando, assim, seu acesso a recursos materiais e simbólicos.

No entanto, Neves (2007) também indicou a extensão da agricultura familiar na condição de categoria socioeconômica, resultando em ambiguidades, contradições e até mesmo indefinições. Sendo uma categoria diversa, os agricultores familiares envolvem arrendatários, camponeses, colonos, meeiros, parceiros, posseiros, sitiantes, entre inúmeros outros. Logo, a agricultura familiar assinala um número imenso de situações diferentes, mascarando as singularidades de cada uma e autonomiza situações que só poderiam ser compreensíveis se colocadas em relação e em processo.

Além disso, na visão de Wanderley (2009), a agricultura familiar se caracteriza através das íntimas relações estabelecidas entre terra, trabalho e família, consistindo não apenas em um modo de produção, mas, também, em um modo de vida, caracterizando profundamente suas ações econômicas e sociais, sobretudo vinculadas às novas gerações, ou seja, aos jovens rurais, os quais são essenciais à sua sobrevivência. Nesse sentido, a agricultura familiar também “assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais”, sendo essa diversidade tomada como sinônimo de resistência (WANDERLEY, 2009, p. 156).

Esses subsídios teóricos variados utilizados no entendimento das migrações internacionais dos jovens rurais oriundos da agricultura familiar constam resumida e esquematicamente na Figura 01, apresentada abaixo.

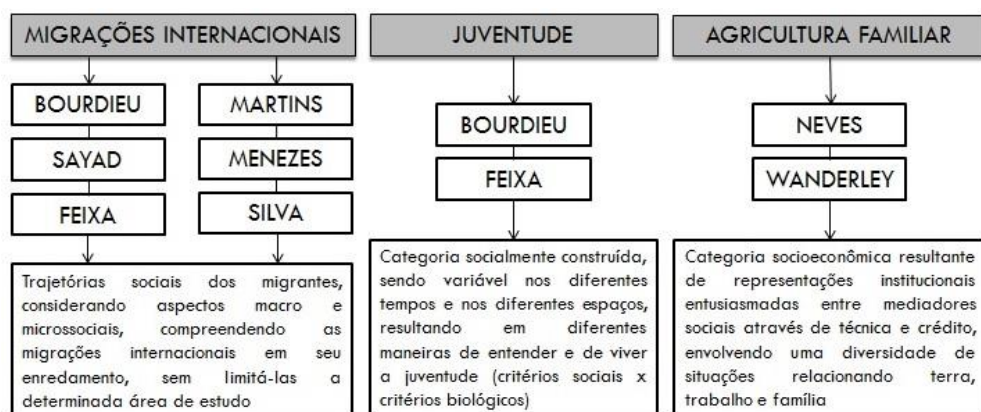


Figura 01– Síntese ilustrativa dos subsídios teóricos centrais utilizados no estudo

Fonte: elaborado pela autora.

Dessa maneira, esses subsídios teóricos anteriormente indicados estiveram contidos no decorrer do estudo, sustentando as ideias mencionadas sobre as migrações internacionais dos jovens rurais oriundos da agricultura familiar. Embora não tenham sido constantemente citados, os mesmos consistiram no arcabouço teórico elementar a toda a análise, do início ao arremate do estudo.

Aportes metodológicos

Para compreender como os jovens rurais oriundos da agricultura familiar vivenciaram as migrações internacionais foi utilizado o método praxiológico. Para Bourdieu (1983) o método praxiológico é um conjunto de orientações intelectuais fundamentadas sobre o conhecimento praxiológico, o qual consiste em uma combinação entre o conhecimento objetivista e o conhecimento subjetivista. Isso significa que através do conhecimento praxiológico é possível perceber a realidade social por meio da conciliação entre aspectos promissores tanto da perspectiva objetiva, quanto da perspectiva subjetiva.

[...] O conhecimento que podemos chamar de praxiológico tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade [...] O conhecimento praxiológico não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas conserva-as e ultrapassa-as, integrando o que esse conhecimento teve que excluir para obtê-las. (BOURDIEU, 1983, p. 40).

Em conformidade com o método praxiológico, foi utilizada a modalidade estudo de caso. O estudo de caso foi desenvolvido no município de Itapuranga, localizado geograficamente no estado de Goiás, mais especificamente na mesorregião do Centro Goiano e na microrregião de Ceres, como é possível visualizar na Figura 02. Delimitado ao norte pelos municípios de Morro Agudo e São Patrício, a leste por Carmo do Rio Verde, Uruana e Heitorai, ao sul por Goiás e Guaraíta e ao leste por Faina, o município de Itapuranga encontra-se a aproximadamente 160 km da atual capital do estado, Goiânia, e a aproximadamente 50 km da antiga capital, Goiás Velho.

É interessante esclarecer as motivações que levaram ao desenvolvimento do estudo de caso no município de Itapuranga, do qual até então não se tinha conhecimento. A primeira motivação se relacionou com o fato de que o professor Joel Orlando Bevilaqua Marin,

orientador do presente estudo, já havia realizado outros no município de Itapuranga, através dos quais foi paulatinamente constatando a potencialidade do mesmo para um estudo referente a migrações internacionais, juventude rural e agricultura familiar. Em uma de suas investigações, verificou a recorrência de migrações internacionais de jovens rurais da agricultura familiar de Itapuranga, ao afirmar que muitos agricultores familiares têm “compartilhado a dor recente e latente de ver filhos, netos ou parentes migrarem para os Estados Unidos, Espanha ou Portugal, em busca de trabalho e melhores condições de vida que já não eram possíveis somente com os ganhos da pequena propriedade” (MARIN, 2013a, p. 290).

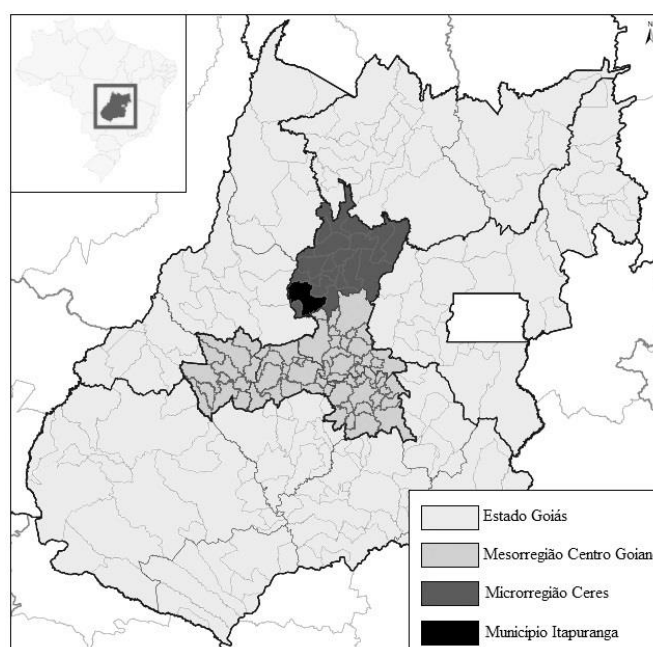


Figura 02– Localização geográfica do município de Itapuranga.

Fonte: elaborado pela autora.

A segunda motivação esteve vinculada à realização de um estudo complementar no contexto da agricultura familiar de Itapuranga, referente à outra dissertação de mestrado orientada pelo professor Joel Orlando Bevilaqua Marin e conduzida pela estudante Flávia Sousa Oliveira, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócio (PPAGRO), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esse estudo, por sua vez, visou uma reconstrução histórica dos processos migratórios vivenciados pelos agricultores familiares desde a década de 1960, através da perspectiva daqueles que ficaram – e não daqueles que migraram –, ou

seja, dos familiares de migrantes rurais. Dessa maneira, as convergências entre ambos os estudos e a origem itapuranguense da mestrandia goiana (muito importante na inserção no universo de análise e no contato com o *corpus* empírico) também atuaram como incentivo.

A terceira motivação vinculou-se com as características peculiares do município de Itapuranga no que tange à agricultura familiar, juventude rural e migrações internacionais, tornando-o um verdadeiro achado científico como universo de análise em um estudo com esse tema. No que tange à agricultura familiar, o município de Itapuranga se destacou pela produção de frutas, olerícolas, cereais e leite e, também, pela produção de cana-de-açúcar. Conforme dados do último Censo Agropecuário disponível do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de um total de 1.459 estabelecimentos agropecuários, aproximadamente 77% destes eram de agricultura familiar. De um total de 5.450 pessoas ocupadas nestes estabelecimentos, aproximadamente 71% delas eram agricultores familiares. Contudo, de uma área total de 70.200 hectares, os estabelecimentos agropecuários de agricultura familiar em Itapuranga ocupavam uma área aproximada de apenas 20% (IBGE, 2006).

Em relação à juventude rural, Itapuranga se destacou por uma constante redução. Conforme os dados dos Censos Demográficos do IBGE, onde se entende como juventude a faixa etária entre 15 e 24 anos, desde o ano de 1970 a população rural do município tem se tornado cada vez menor, com ênfase especial para a juventude rural. No ano de 1970, Itapuranga tinha 4.147 jovens rurais. No ano de 2010, no entanto, contava somente com 503 jovens rurais. Isso representa uma drástica redução de praticamente 90%, que indica a ocorrência de migrações, embora não necessariamente internacionais (IBGE, 1970; 2010).

No que se refere às migrações internacionais, o destaque recaiu não apenas sobre o município de Itapuranga, mas sobre o próprio estado de Goiás. Conforme os dados do último Censo Demográfico, em 2010, Goiás foi o estado brasileiro com maior incidência de emigrações internacionais em proporção, existindo 5,92 emigrantes internacionais para cada mil habitantes goianos. Ainda conforme esses dados, 324 emigrantes internacionais goianos eram provenientes do município de Itapuranga, o que conferiu ao município a décima quarta posição no *ranking* de emigrações internacionais do estado de Goiás (IBGE, 2010). Essas emigrações no estado de Goiás se tornaram tão volumosas que a Secretaria dos Assuntos Internacionais do Estado, criada no ano de 1999, acabou integrando as migrações internacionais entre suas atribuições, auxiliando os migrantes internacionais de origem goiana através de assistência consular e diplomática (CHIDIAC, 2011).

Frente a essas motivações, o estudo de caso foi desenvolvido em Itapuranga no mês de março do ano de 2014 e foi caracterizado tanto por uma abordagem qualitativa, quanto por uma combinação entre diferentes instrumentos de coleta de dados, sendo eles a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a entrevista e a observação. Segundo Bourdieu (2004), a realidade social é fruto da percepção, sendo a mesma variável conforme o ponto de vista.

Dessa maneira, a combinação de instrumentos de coleta de dados permitiu compreender como os jovens rurais da agricultura familiar vivenciaram as migrações internacionais com base em diferentes perspectivas. Isso fez com que a utilização de cada instrumento de coleta de dados fosse caracterizada por seus próprios avanços e recuos. Em primeiro lugar, foram coletados os dados secundários através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. Em segundo lugar, foram coletados os dados primários através da técnica da entrevista e da observação.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com o objetivo de compreender como os jovens rurais da agricultura familiar de Itapuranga vivenciaram as migrações internacionais a partir de uma perspectiva científica. Tendo em vista a escassez de fontes bibliográficas diretamente relacionadas às migrações internacionais de jovens rurais, foram buscadas fontes bibliográficas que pudessem ser indiretamente relacionadas com as mesmas. Em virtude disso, esse levantamento consistiu em uma bricolagem de textos científicos, os quais perpassaram basicamente por agricultura familiar, meio rural, juventude, juventude rural, migrações internas, migrações internas juvenis, migrações internacionais e migrações internacionais juvenis.

As fontes bibliográficas foram utilizadas tanto para a construção de um marco referencial teórico-metodológico, quanto para estabelecer o estado da arte acerca dos temas propostos na dissertação. As fontes bibliográficas de marco referencial teórico-metodológico foram responsáveis por fornecer as diretrizes analíticas que balizaram o desenvolvimento do estudo. Já as fontes bibliográficas de revisão de literatura foram responsáveis por reunir informações diversas sobre o tema migrações internacionais, juventude rural e agricultura familiar.

A pesquisa documental, por sua vez, se sustentou em uma perspectiva quantitativa e midiática. Sendo assim, a mesma foi embasada em fontes documentais provenientes da ONU, do MRE, do IBGE e de jornais e revistas, entre outros, procurando uma compreensão mais generalizada sobre o fenômeno através de dados de caráter diferenciado, com o intuito de apreender as suas proporções e os seus impactos.

Já a entrevista foi utilizada para compreender como os jovens rurais da agricultura familiar vivenciaram as migrações internacionais com base em uma visão empírica. Dessa maneira, a entrevista foi utilizada com o intuito de entender a perspectiva ativa e atuante que Bourdieu (2004) atrela aos agentes sociais. Nesse sentido, dentre as técnicas de coleta de dados utilizadas, a entrevista consistiu na técnica mais importante e, também, na mais embaraçosa, como esmiuçado em seguida.

A inserção no universo de análise referente à agricultura familiar de Itapuranga foi iniciada com as entrevistas com os “informantes-chave”. Essas envolveram itapuranguenses atrelados de alguma maneira com as migrações internacionais, a agricultura familiar e a juventude rural do município, agregando informações diversas e genéricas ao estudo.

Entre representantes da agricultura familiar, representantes de instituições migratórias, professores de Ensino Médio e Ensino Superior, agricultores familiares antigos, familiares de migrantes internacionais, adultos rurais migrantes internacionais, entre outros, foram entrevistados 17 informantes-chave. Com os mesmos, foram conduzidas entrevistas orientadas através de um roteiro semiestruturado, esquadrinhando uma visão panorâmica sobre as migrações internacionais, a agricultura familiar e a juventude rural no município (APÊNDICE A). A identificação dos informantes-chave (cuja identidade foi preservada através da utilização de nomes fictícios) consta no Quadro 01.

Também é importante salientar que diante do surgimento da prostituição como um tema recorrente às migrações internacionais entre os filhos de agricultores familiares ao longo das entrevistas com os informantes-chave, realizou-se uma entrevista exclusivamente sobre esse assunto, estando a mesma constante entre as entrevistas elencadas no Quadro 01.

Durante as entrevistas com os informantes-chave foram identificados inúmeros jovens rurais migrantes internacionais, filhos de agricultores familiares itapuranguenses. Porém, ao entrar em contato com os familiares rurais, constatou-se que a maioria desses jovens ainda se encontrava no exterior vivenciando a fase de imigração. Iniciaram-se, então, intensas tentativas de contatar esses imigrantes via telefone ou *internet*. Contudo, nem mesmo com a mediação dos familiares e amigos conseguiu-se efetivar as entrevistas.

Entrevistado	Idade	Sexo	Situação
Elias	64 anos	Masculino	Agricultor familiar, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), migrante da Marcha para Oeste
Oscar	57 anos	Masculino	Professor aposentado de Ensino Médio
Getúlio	62 anos	Masculino	Agricultor familiar
Alice	56 anos	Feminino	Agricultora familiar, ex-presidente do STR, ex-vereadora e ex-Secretária da Agricultura de Itapuranga
Sônia	Idade não revelada	Feminino	Agricultora familiar
Francisco	68 anos	Masculino	Professor aposentado de Ensino Superior, migrante da Marcha para Oeste
Márcia	50 anos	Feminino	Filha de agricultores familiares, viveu migração internacional na idade adulta para a Espanha com o marido e as filhas
Paulo	Idade não revelada	Masculino	Professor de Ensino Superior de origem rural
Fátima	58 anos	Feminino	Agricultora familiar
Ieda	53 anos	Feminino	Representante da Pastoral dos Migrantes
Cora	72 anos	Feminino	Agricultora familiar, mãe de adulto rural migrante internacional
Alexandre	Idade não revelada	Masculino	Irmão de jovem rural migrante internacional
Tereza	58 anos	Feminino	Agricultora familiar, mãe de jovem rural migrante internacional
Bartolomeu	33 anos	Masculino	Ex-presidente da Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga (COOPERAFI)
Angélica	44 anos	Feminino	Esposa de jovem rural migrante internacional
Emílio	49 anos	Masculino	Filho de agricultores familiares, viveu a migração internacional na idade adulta para os Estados Unidos
Hugo	31 anos	Masculino	Jovem migrante internacional de origem urbana que se transformou em rural após o retorno

Quadro 01 – Caracterização dos informantes-chave entrevistados.

Fonte: elaborado pela autora

Além disso, com os jovens rurais migrantes internacionais encontrados em Itapuranga, na fase de emigração e/ou na fase de retorno, também não se obteve sucesso. Quando convidados ao estudo, vários jovens rurais negaram-se a conceder as entrevistas, receosos em virtude de suas situações irregulares durante as migrações internacionais. Nem mesmo com a insistente e cuidadosa mediação dos informantes-chave esses jovens rurais cederam. Conseguiu-se entrevistar somente 01 jovem rural encontrada na situação de emigrante, estando a mesma realizando os arranjos para sua ida aos Estados Unidos. Em virtude desses embaraços não antevistos, tornou-se necessário reavaliar a realização dessas entrevistas.

Percebeu-se, então, que embora não fossem encontrados muitos filhos de agricultores familiares que fossem jovens e que tivessem migrado internacionalmente, em Itapuranga existiam inúmeros filhos de agricultores familiares já adultos, com famílias constituídas, casas próprias, carreiras profissionais, mas que haviam vivenciado migrações internacionais quando eram somente jovens rurais. Diante dessa descoberta, a solução adotada foi entrevistar esses “adultos”, filhos de agricultores familiares itapuranguenses, que haviam vivenciado migrações internacionais durante suas juventudes. Embora os mesmos não fossem jovens no momento da realização das entrevistas, haviam sido jovens no momento da realização das migrações internacionais. Dessa maneira, as entrevistas foram realizadas com esses adultos sempre remetendo ao passado, onde constavam suas experiências migratórias internacionais vivenciadas na condição de jovens rurais.

Sendo assim, recorreu-se à memória desses adultos rurais sobre suas vivências como jovens oriundos da agricultura familiar e migrantes internacionais. Com base em Bourdieu (1996), entende-se a memória como remetente às trajetórias de vida dos agentes sociais e os seus relatos sobre as mesmas. De maneira análoga, Silva (2006), em estudo sobre as migrações rurais originárias em conflitos de terras, recorreu à memória dos migrantes rurais com o intuito de reconstruir suas trajetórias. Para Silva (2006, p. 51), “presente, passado e futuro são entrelaçados na memória pelo fio condutor das distintas experiências vividas”. Desse modo, foram entrevistados 08 migrantes internacionais retornados, sendo os mesmos adultos oriundos da agricultura familiar de Itapuranga, que iniciaram suas trajetórias migratórias internacionais na época em que ainda eram jovens rurais.

Frente ao exposto, o corpus empírico foi constituído, no total, por 09 entrevistados, cujas características encontram-se resumidas no Quadro 02. Esses entrevistados foram divididos em dois grupos, sendo eles: 1) jovens rurais migrantes internacionais (01 entrevistado); 2) migrantes internacionais em sua juventude rural (08 entrevistados). Os entrevistados foram mantidos no anonimato através da substituição de seus nomes originais

por nomes fictícios. No Quadro 02 também constam o sexo, a idade, a moradia e a profissão dos entrevistados no momento da entrevista, assim como o ano em que iniciaram suas trajetórias como migrantes internacionais e a idade dos mesmos na época.

Essas entrevistas também foram orientadas através de um roteiro semiestruturado (APÊNDICE B). Os entrevistados foram interrogados em relação às suas experiências como filhos de agricultores familiares e às suas vivências como migrantes internacionais na condição de jovens rurais, sendo as indagações centradas sobre as etapas da emigração, da viagem, da imigração e do retorno, e adaptadas conforme o referido enquadramento do entrevistado nos diferentes grupos elencados no Quadro 02.

Ainda, é importante esclarecer a utilização de um recorte mais vasto do entendimento de juventude rural, tanto para os entrevistados enquadrados como jovens rurais migrantes internacionais, como para os entrevistados considerados migrantes internacionais em sua juventude rural, sendo esse entendimento relacionado à origem rural, à socialização na agricultura e a uma fase de vida estendida, e sustentado sobre as especificações de Feixa (1990), Durston (1998) e Weisheimer (2009).

Segundo Feixa (1990), na maioria das sociedades rurais os limites entre a vida jovem e a vida adulta são tênues, em virtude da precoce inserção dos jovens rurais na agricultura. No entanto, a autoridade dos pais prevalece sobre os filhos durante muito tempo, atrasando o acesso dos mesmos à vida adulta. Em grande parte, essa “moratória” está relacionada com as características das famílias rurais e suas estratégias de sucessão.

Tendo em vista essas singularidades, Durston (1998), ao estudar os jovens rurais da América Latina e do Caribe, entendeu a juventude rural como uma etapa prolongada, constituída da seguinte maneira: fase escolar; fase de ajudante do pai e da mãe no trabalho; fase de parcial independência econômica; fase de recém-casados; e fase de pais de filhos menores. Também Weisheimer (2009), analisando a juventude rural na agricultura familiar no estado do Rio Grande do Sul, constatou a ampliação do período considerado como juventude no meio rural, sendo o mesmo também constituinte de sua construção social e, mais especificamente, das transformações em seus processos de socialização.

Compreende-se assim, porque, na sociedade contemporânea, há certa inclinação à ampliação do período da juventude; devido à dificuldade de inserção de parcelas significativas desse grupo no mercado de trabalho é que há um alongamento do período de escolarização. A dificuldade de acesso a uma condição profissional estável tem ainda impactos no adiamento dos matrimônios e, logo, na constituição de uma nova família. Deste modo, pode-se deduzir que o processo de transição para a vida adulta é cada vez mais complexo e heterogêneo, refletindo a diversidade das

condições de inserção social das novas gerações marcadas por antimonias que configuram a própria sociedade (WEISHEIMER, 2009, p. 77).

Com base nesses escritos, os critérios inclusivos utilizados na delimitação de juventude rural consistiram em: ser filho de agricultores familiares itapuranguenses; ter nascido e crescido no meio rural; ter sido socializado no trabalho da agricultura familiar; e ter até 29 anos de idade (Quadro 02). Tendo em vista esse entendimento “estendido”, foram considerados como jovens rurais mesmo os recém-casados e com filhos pequenos.

Grupo	Entrevistado	Sexo	Idade	Moradia	Profissão	Ano Emigração / Idade
1	Luísa	F	23	Urbana	Estudante	–
2	Afonso	M	34	Urbana	Caminhoneiro e agricultor	2004 / 24 anos
	Lídia	F	38	Urbana	Dona de casa	2004 / 28 anos
	Luiz	M	43	Urbana	Motorista	2000 / 29 anos
	Olga	F	50	Urbana	Professora	1993 / 27 anos
	Gabriel	M	31	Rural	Agricultor	2004 / 22 anos
	Carlos	M	40	Urbana	Agricultor	2003 / 29 anos
	Ciro	M	40	Urbana	Motorista	2000 / 29 anos
	Geraldo	M	30	Urbana	Motorista	2005 / 21 anos

Quadro 02 – Características dos migrantes internacionais entrevistados.

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à observação, a mesma aconteceu durante todo o período de coleta de dados em Itapuranga, enfatizando as relações sociais da agricultura familiar e da juventude rural. Essa técnica também foi empregada com o intuito de melhor analisar a própria constituição do município. Assim, as observações se mostraram essenciais para complementar a percepção de subjetividades que não puderam ser devidamente captadas através de outros instrumentos de coleta de dados.

Para encerrar, é importante esclarecer que, curiosamente, os migrantes internacionais apresentaram uma espécie de assimilação relativa à pesquisadora, considerada uma estrangeira na agricultura familiar do município de Itapuranga, sendo jovem e estando sozinha em um ambiente desconhecido, longe da família e dos amigos, vivenciando estranhamentos.

Nesse sentido, mesmo não sendo uma migrante internacional, muitas vezes a pesquisadora se sentiu dessa maneira e até causou essa impressão, sendo confundida em virtude da pele clara dos descendentes de alemães e do sotaque diferenciado dos gaúchos, características que despertaram a curiosidade dos itapuranguenses.

Além disso, a própria dificuldade com a língua, a cultura, a alimentação e o clima em Goiás causaram estranhamentos na pesquisadora e, conseqüentemente, nos pesquisados, reforçando os vínculos de identificação entre os mesmos. Dessa maneira, a pesquisadora substituiu o chimarrão pelo cafezinho e experimentou frutas até então desconhecidas, como tamarindo e cajá-manga. Sem contar o cansaço extremo causado em virtude da temperatura e umidade diferenciadas de Goiás, em contraste às amenidades climáticas do Rio Grande do Sul. Não obstante, a língua portuguesa também pregou peças, mostrando suas diversidades regionais. Em síntese, esses estranhamentos criaram um certo reconhecimento da pesquisadora como migrante, sensibilizando os entrevistados e estreitando o relacionamento com os mesmos, o que contribui ricamente na condução do estudo.

Plano da obra

O estudo encontra-se estruturado em seis seções, sendo elas: Introdução, Capítulo 1, Capítulo 2, Capítulo 3, Capítulo 4 e Considerações Finais. Nesse sentido, os capítulos assinalados tentam organizar didaticamente a análise das trajetórias migratórias internacionais dos filhos de agricultores familiares itapuranguenses em uma ordem cronológica, com o intuito de apreender as singularidades das vivências sustentadas nas memórias referentes a cada fase desses complexos fenômenos sociais, mesmo tendo-se consciência da não-linearidade dos mesmos.

A Introdução - a qual se encerra após a devida apresentação do presente plano de obra - foi constituída: por uma breve tematização sobre migrações internacionais, juventude rural e agricultura familiar, com a apresentação das motivações teóricas e práticas que levaram a seleção deste tema, e com a delimitação do problema, assim como do objetivo geral e dos objetivos específicos que orientaram o estudo; pelo esclarecimento dos aportes teóricos que fundamentaram o mesmo; pelo detalhamento dos aportes metodológicos que balizaram a sua condução; e pela exposição do presente plano de obra, que ao apresentar a estrutura do estudo, também anuncia ao leitor o que ele encontrará ao longo das páginas que seguem.

O Capítulo 1, denominado *Jovens rurais, emigrantes internacionais: good bye, Itapuranga!*, é dedicado ao estudo da emigração, ou seja, analisa os agentes sociais ainda no âmbito da agricultura familiar de Itapuranga, antes de suas migrações internacionais, onde os mesmos se encontravam na condição de emigrantes. Nesse sentido, esse capítulo tem como objetivo esmiuçar aspectos relacionados com a cultura de migração imbricada à agricultura familiar, analisar a construção social da juventude rural como uma juventude migrante e compreender as condicionantes socioeconômicas que engendraram essas migrações internacionais.

O Capítulo 2, intitulado *Jovens rurais, viajantes internacionais: aventuras pelas fronteiras do mundo*, concentra-se na apreciação da viagem, estudando os agentes sociais entre a sociedade de emigração e as sociedades de imigração, na condição de viajantes cruzando fronteiras internacionais. Esse capítulo tem como objetivo situar as viagens dos filhos de agricultores familiares itapuranguenses no âmbito das migrações internacionais indocumentadas e reconstituir as rotas através das quais as mesmas ocorreram, indicando suas semelhanças e contrastes relativos à sua condição legal ou ilegal.

O Capítulo 3, *Jovens rurais, imigrantes internacionais: dilemas em outros lados do mundo*, estuda a imigração, ou seja, os agentes sociais em suas sociedade de imigração, tendo como intuito compreender como os mesmos viveram no exterior, identificando as características mais marcantes de suas experiências como imigrantes internacionais, onde se destacaram os estranhamentos, suas experiências em relação ao morar, trabalhar e estudar, e seus vínculos sociais com a sociedade de emigração e com as sociedade de imigração.

O Capítulo 4, chamado *Jovens rurais, migrantes internacionais retornados: de volta a Itapuranga*, se concentra sobre o retorno, estudando as vivências dos agentes sociais novamente encontrados na sociedade de emigração. Dessa maneira, o intuito do capítulo consiste em analisar as motivações que provocaram o retorno dos mesmos a Itapuranga e os conflitos e dilemas vivenciados sob a condição de migrantes internacionais retornados, em relação à agricultura familiar, ao meio rural e à própria juventude.

As Considerações Finais, para encerrar, retomam as principais descobertas ao longo do estudo e incrementam breves reflexões sobre mediadores sociais e políticas públicas em relação às migrações internacionais, tendo em vista a agricultura familiar e a juventude rural.

1 JOVENS RURAIS, EMIGRANTES INTERNACIONAIS: *GOOD BYE*, ITAPURANGA

Para estudar as migrações internacionais, inicialmente foi necessário entender os mais variados motivos intrínsecos às mesmas. Embora existam muitos estudos acerca das condicionantes socioeconômicas desencadeadoras das migrações internas entre os jovens rurais, se tratando de migrações internacionais as mesmas se tornaram ainda mais intrincadas e se misturaram em um cenário sem limites, com condicionantes associadas às migrações internas. Dessa maneira, nesse capítulo o intuito consistiu, sinteticamente, em analisar as condicionantes socioeconômicas estimulantes às emigrações internacionais, consentindo entender as motivações responsáveis em levar os entrevistados a viver no exterior durante sua juventude.

Considerando a ocorrência recorrente de migrações rurais juvenis, inicialmente foi realizada não somente uma aproximação com o universo de análise consistente na agricultura familiar do município de Itapuranga, mas uma análise relativa às mais variadas transformações ocorrentes no mesmo, em que as migrações internacionais surgiram em última instância. Assim, essa análise revelou a existência e a manutenção de uma cultura de migração imbricada à agricultura familiar e à constituição de Itapuranga, esboçando um cenário saturado com migrações variadas.

Em seguida, tendo em vista a existência dessa cultura de migração, o estudo continuou investigando as características dos jovens rurais nesse cenário. Considerando a juventude rural como uma construção social variável no tempo e no espaço, o estudo mostrou as mudanças ocorridas entre as antigas e as atuais gerações de jovens rurais itapuranguenses e mostrou, também, uma série de atributos que os tornaram ainda mais propensos às migrações, inclusive internacionais.

Ao analisar as transformações relacionadas com a agricultura familiar e com a juventude rural no contexto de Itapuranga, saltaram aos olhos uma série de condicionantes socioeconômicas relacionadas às migrações. Frente a esse emaranhado, também foi conduzida uma análise somente sobre as condicionantes socioeconômicas atuantes diretamente nas emigrações internacionais dos entrevistados, sendo essas convergentes em torno de questões de autonomia e de reprodução social. Tendo em vista a internacionalidade dessas migrações, as condicionantes socioeconômicas relacionadas não estiveram restritas somente ao cenário

rural e indicaram a existência de projetos migratórios internacionais em busca de melhores condições de vida e de trabalho, os quais foram sintetizados como “migrar, trabalhar, economizar, retornar e investir”.

1.1 “Itapuranga dos migrantes”: a estreita relação entre a agricultura familiar e a cultura de migração

A compreensão das condicionantes que engendraram as migrações internacionais requisitou a compreensão da própria sociedade de emigração na qual as trajetórias sociais dos migrantes internacionais tiveram início. Em estudo sobre as migrações internacionais da Argélia para a França, Sayad (1998) realizou uma análise da pequena aldeia situada nas montanhas da Cabília, de onde provinham os migrantes por ele estudados. Essa análise consistiu em uma reconstituição do histórico das emigrações argelinas e suas principais condicionantes socioeconômicas para, ao fim, demonstrar que as emigrações presentes são, em parte, consequência das emigrações pretéritas, sendo as próprias emigrações pretéritas favoráveis às emigrações presentes.

Como mencionado anteriormente, a sociedade de emigração em questão nesse estudo foi a agricultura familiar do município de Itapuranga, estado de Goiás, Brasil. Em Itapuranga, a importância da agricultura familiar começou a ser delineada anteriormente à própria origem do município, que, por sua vez, esteve relacionada às migrações que se deram no âmbito da denominada Marcha para Oeste. Desde então, a agricultura familiar sempre esteve vinculada com migrações variadas.

De acordo com Marin e Neves (2013), a Marcha para Oeste foi uma política migratória nacional instituída por decretos-leis sancionados a partir do ano de 1938. Essa política pregou o povoamento de regiões inexploradas do interior do país não mais através de migrações internacionais de estrangeiros, mas sim através de migrações nacionais dos próprios brasileiros. Ao restringir as imigrações, o governo estimulou as migrações internas, sobretudo, de agricultores. Para isso foram criadas, em várias regiões inexploradas do país, as chamadas Colônias Agrícolas Nacionais e, também, foram estabelecidos critérios financeiros e técnicos para o enquadramento dos agricultores na Marcha. É interessante constatar que a Colônia Agrícola Nacional de Goiás, criada no município de Ceres no ano de 1943, adquiriu ares de especial novidade e tornou-se a principal propaganda do governo federal para atrair

agricultores migrantes e ocupar produtivamente o “espaço vazio” que incluía o que hoje se conhece por Itapuranga.

Quando os primeiros migrantes da Marcha para Oeste começaram a chegar às proximidades da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, Itapuranga ainda era o povoado de Xixá, pertencente ao município de Goiás, o qual havia sido fundado no ano de 1933, devido a um requerimento de posse de terras realizado por padres dominicanos ao governo estadual. Em comemoração ao recebimento do título, os padres celebraram uma missa campal à sombra de uma grande árvore de xixazeiro, que foi inspiração para a denominação do povoado. Tendo em vista que a Marcha para Oeste se intensificou durante as décadas de 1940 e 1950, implicando em um significativo crescimento populacional no até então “espaço vazio” que era a Colônia Agrícola Nacional de Goiás, em 1944 o povoado de Xixá foi elevado a distrito e em 1953 o distrito de Xixá foi desmembrado do município de Goiás, dando origem ao município de Itapuranga (CAUME, 1997).

Assim, as migrações da Marcha para Oeste representaram uma estreita contribuição para a origem de Itapuranga, em especial para a constituição de um segmento social fundamentado na produção agrícola e no trabalho familiar. De acordo com o estudo de Brandão e Ramalho (1986), realizado ao final da década de 1960 e início da década de 1970, no distrito de Diolândia, pertencente ao município de Itapuranga, os migrantes eram agricultores atraídos pelas terras de preços acessíveis que ainda nem mesmo haviam sido desbravadas, que dispunham de uma fertilidade natural e de uma promessa de prosperidade. Logo, a grande maioria dos migrantes que chegaram a Itapuranga através da Marcha para Oeste se instalaram no meio rural. Embora Itapuranga tenha sido formada por migrantes provenientes dos mais diversos estados brasileiros, em sua maioria eram migrantes mineiros.

A influência do processo migratório da Marcha para Oeste sobre o meio rural de Itapuranga esteve na passagem retirada da entrevista com Elias, agricultor familiar e antigo presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR), um migrante mineiro que chegou quando criança em Itapuranga, no contexto da Marcha para Oeste.

Nessa migração que o pessoal veio de Minas para Goiás, nós chegamos aqui em 1962, em Ceres. E na época o pessoal vinha de caravana. O pessoal só sabia trabalhar com terra. E as oportunidades daqui, como eram diferenciadas e produzia muito, era mais mato, vinha pra desbravar mesmo. O objetivo naquele momento, o pensamento naquele momento, era ter fartura. Plantar e colher bastante. Eram esses os pensamentos. Vamos pra lá que é melhor. Então, muita gente nessa época veio (Elias, 64 anos, informante-chave).

De acordo com Brandão e Ramalho (1986), no meio rural da recém-emancipada Itapuranga se instalaram famílias extensas, as quais eram compostas por mais de uma família nuclear, sendo que a terra era propriedade de apenas uma delas. Assim, em propriedades rurais pequenas e localizadas próximas umas das outras, viviam as famílias dos migrantes mineiros, compostas pelo dono da terra, sua esposa e seus inúmeros filhos, e viviam, também, as famílias de irmãos, parentes ou desconhecidos dos migrantes mineiros, os quais não dispunham de terra. Estes últimos eram chamados de agregados e trabalhavam junto aos primeiros como parceiros, meeiros, arrendatários ou até diaristas. As terras virgens de Itapuranga foram propícias para as culturas do arroz, do feijão e do milho, as quais eram produzidas manualmente nas pequenas propriedades rurais pela grande quantidade de mão-de-obra que a agricultura familiar dispunha.

De acordo com o estudo de Matos e Marin (2009), sobre os sistemas de produção da agricultura familiar de Itapuranga, além de arroz, feijão e milho, os agricultores familiares também produziam mandioca, café, cana-de-açúcar, algodão, amendoim, frutas, olerícolas, aves, suínos e bovinos. Os produtos não comercializados eram consumidos no âmbito da própria família para a subsistência. Esses aspectos surgiram nos relatos de Oscar e Getúlio, sendo o primeiro professor de Ensino Médio aposentado e o segundo um antigo agricultor familiar.

A população do município estava no campo. Existiam muitas pequenas propriedades rurais e existiam também muitos agregados, muitos meeiros, muitos diaristas. A agricultura predominante na época era arroz, feijão e milho. Existia a criação de gado também, mas não extensiva, a criação de porco, galinha. Era uma região muito bonita, linda demais, apaixonante (Oscar, 57 anos, informante-chave).

Eu plantava roça. Arroz, feijão e milho. No tempo não tinha esse negócio de outras coisas, não tinha esse negócio de horta, nem nada. Era arroz, feijão e milho e uma mandioquinha pra despesa. E pronto. Nós colhia e vendia tudo. Só deixava o pra despesa (Getúlio, 62 anos, informante-chave).

Porém, na década de 1960 essa Itapuranga descrita anteriormente começou a se transformar. A Marcha para Oeste se extinguiu e um novo processo migratório se estabeleceu em seu lugar. Ao invés de migrações que levaram migrantes “para” o meio rural, Itapuranga passou a ser caracterizada por migrações que levaram migrantes “do” meio rural. As migrações do meio rural para o meio urbano de Itapuranga se iniciaram na década de 1960, tiveram o seu auge entre o início da década de 1970 e o final da década de 1980 e persistiram até os dias atuais.

Este processo migratório do meio rural para o meio urbano de Itapuranga se iniciou com as migrações dos agregados. Essas primeiras migrações ocorreram no âmbito da política nacional de modernização da agricultura que levou o famoso pacote tecnológico até a agricultura familiar. De acordo com o estudo de Lunardi (1999), sobre a organização de agricultores familiares do estado de Goiás, e com o já citado estudo de Matos e Marin (2009), sobre os sistemas de produção da agricultura familiar de Itapuranga, a aquisição de fertilizantes químicos, defensivos agrícolas, sementes híbridas, máquinas e implementos agrícolas pelos agricultores familiares, foi possibilitada pelo crédito rural altamente subsidiado e foi incentivada pela pesquisa agrícola e pela extensão rural.

A adoção desse pacote tecnológico liberou parte da mão-de-obra que até então era necessária para a produção de arroz, feijão e milho e, assim, provocou as migrações dos agregados (parceiros, meeiros, arrendatários e diaristas), que não tendo terras próprias para cultivar e não sendo mais requeridos em terras alheias, não tiveram outra opção. Este acontecimento histórico foi sintetizado no relato de Alice, uma das líderes da agricultura familiar no município.

Acho que a questão do trator, da tecnologia e do adubo terem chegado até aqui foi uma das coisas que, de certa forma, fez com que os nossos arrendatários e meeiros saíssem das propriedades. [...] Era porque a tecnologia chegava e aí as terras não precisavam de tanta mão-de-obra. E esse pessoal começou a vir embora. Hoje você vai ver no nosso município que os meeiros quase que não existem, arrendatários muito poucos (Alice, 56 anos, informante-chave).

Ainda no âmbito da política nacional de modernização da agricultura, as migrações dos agregados foram seguidas por migrações de famílias inteiras de agricultores familiares do meio rural para o meio urbano de Itapuranga. Conforme o estudo de Caume (1997), a respeito da agricultura familiar goiana, a adoção do pacote tecnológico pelos agricultores familiares, além de reduzir a necessidade de mão-de-obra, também aumentou os custos de produção. Dessa maneira, à medida que os preços dos produtos agrícolas foram se tornando irrisórios e os financiamentos onerosos e restritivos, os agricultores familiares se depararam com sérias dificuldades econômicas.

Em Itapuranga, os agricultores familiares que até então estavam acostumados a produzir com base em insumos internos, foram constrangidos a inserir sua produção no mercado para gerar renda que pudesse quitar os investimentos em insumos externos e, também, os financiamentos. Isso os tornou vulneráveis aos mecanismos mercadológicos de formação de preço dos produtos agrícolas, sobretudo do arroz, do feijão e do milho, cuja produção passou a declinar. A agricultora familiar Sônia discorreu a respeito, recordando as

agruras vivenciadas nessa época com a “lavoura branca”, como se chamava o cultivo de grãos.

O custeio da lavoura branca ficou muito caro. Plantava, gastava o adubo, a aração... Na hora que ia vender não tinha o preço, aí a pessoa tirava o da despesa e o resto era pra pagar a conta do banco que comprou adubo para o consumo da lavoura branca. Aí não deu mais pra continuar desse jeito, porque se tivesse dando bom resultado o povo tinha continuado a plantar arroz, feijão e milho. Mas como você plantava e na hora de vender o preço era baixo, você ia pagar a conta do banco do dinheiro que você tirou pra pagar aquilo, você só tirava o da despesa, tinha vez que nem o da despesa tudo (Sônia, 63 anos, informante-chave).

Além disso, as transformações decorrentes da política nacional de modernização da agricultura fizeram com que os agricultores familiares de Itapuranga se questionassem quanto à viabilidade do trabalho na agricultura e da vida no meio rural para os seus filhos. A partir de então, as migrações de famílias do meio rural para o meio urbano de Itapuranga foram endossadas pelo curioso fato de que a educação escolar dos filhos passou a receber uma atenção especial por parte dos pais agricultores familiares. Como sintetizou Francisco, professor universitário aposentado em Itapuranga e apoiador das organizações da agricultura familiar do município: “Nas décadas de 1970 e 1980 nós tivemos uma migração muito profunda da zona rural para a zona urbana, porque o pai muitas vezes dizia, e continua dizendo, que não queria que o filho fosse um puxador de enxada como ele foi” (Francisco, 68 anos, informante-chave).

Nessa época existiam no meio rural de Itapuranga apenas os chamados “grupinhos”, os quais eram escolas que dispunham de turmas de primeira a quarta série, ou seja, Ensino Fundamental Incompleto. Os agricultores familiares, que começaram a aspirar outra vida para os filhos, trataram de matriculá-los em escolas urbanas que ofertavam o Ensino Fundamental Completo e até o Ensino Médio. Para isso, enquanto alguns jovens iam e voltavam todos os dias do meio urbano em bicicletas ou caminhões, outros foram enviados para residir no meio urbano junto com parentes, como narraram Oscar e Francisco em suas entrevistas.

Existia uma dificuldade enorme para eles estudarem na época. Assim, eles queriam estudar, precisavam estudar, mas para estudar realmente era muito complicado. Então era comum, por exemplo, os meninos saírem de bicicleta 10, 12, 15 km daqui da região e vir de manhã para a escola. E quando chegava 11h e 30 min, 12h, zarpavam pra roça de volta (Oscar, 57 anos, informante-chave).

Nos anos 1970 e 1980 transportava-se em caminhonetes o pessoal que vinha da zona rural para a zona urbana estudar, em caminhonetes, em caminhões lonados. Ou então os pais compravam uma casa na cidade, mudavam pra cá, a mãe ficava com a família, ficava indo e voltando. E aí o campo foi ficando desabitado nesse período (Francisco, 68 anos, informante-chave).

Mas houve ainda, e este foi um acontecimento comum, aqueles agricultores familiares que construíram e compraram casas no meio urbano para onde enviaram a esposa e os filhos, sendo que muitos deles até mesmo se mudaram definitivamente para o meio urbano com suas famílias. Enquanto alguns permaneceram como agricultores, transitando entre o meio rural e o meio urbano, outros mudaram de ocupação. Essa nuance foi encontrada no relato de Márcia, filha de agricultores familiares que vivenciou essa experiência na infância e até hoje reside no meio urbano de Itapuranga, tendo inclusive, recentemente, migrado para o exterior com o seu marido e as duas filhas adolescentes.

A gente veio pra cá [meio urbano de Itapuranga] pra estudar. Veio a família inteira. Aí meu pai mais minha mãe passavam a semana e iam no final de semana. E quando era férias todos iam pra roça. O meu pai sempre gostou de mexer com comércio, aí ele montava um comercinho na cidade, nós tomava conta e ele ia pra roça. Sempre foi comerciante e ficava na zona rural (Márcia, 50 anos, informante-chave).

Como agravante, no ano de 1979, a agricultura familiar de Itapuranga foi marcada pela instalação de uma agroindústria canavieira nas dependências do município: a Destilaria Pite S/A. De acordo com o estudo de Silva (2008), sobre a participação dos agricultores familiares nas organizações sociais e políticas de Itapuranga, as implicações desta agroindústria canavieira sobre a agricultura familiar foram as mais diversas possíveis.

Com a chegada da Pite S/A, muitos agricultores familiares que estavam insatisfeitos com o retorno econômico proveniente da produção de arroz, feijão e milho abdicaram dessa produção em favor do arrendamento de suas terras para a agroindústria canavieira. Os agricultores familiares acreditavam que a renda fixa do arrendamento das terras seria mais vantajosa do que a renda variável da produção de grãos. Dessa maneira, a partir de 1979, a produção de arroz, feijão e milho em Itapuranga sofreu redução em benefício da produção de cana-de-açúcar. Nesse sentido, a instalação da agroindústria canavieira foi responsável pelo esquecimento de que um dia Itapuranga havia sido considerada sob o título de “capital do arroz”.

Infelizmente, o avanço da cultura da cana-de-açúcar sob a agricultura familiar de Itapuranga não reverteu os benefícios econômicos esperados pelos agricultores familiares que arrendaram suas terras para a Pite S/A. Isto porque os mesmos se tornaram dependentes de uma monocultura que era gerenciada por uma agroindústria que, muitas vezes, deixou de cumprir com os contratos de arrendamento. A Pite S/A faliu poucos anos após sua instalação e deixou muitos agricultores familiares em frágil situação econômica.

No que tange às migrações, além de ter gerado um processo particular que desencadeou migrações sazonais oriundas, sobretudo da região Nordeste do Brasil para o corte nas lavouras de cana-de-açúcar e, conseqüentemente, a criação de uma Pastoral dos Migrantes em Itapuranga, a instalação da Pite S/A também intensificou as migrações do meio rural em direção ao meio urbano. Essas implicações do avanço da cana-de-açúcar sobre a agricultura familiar de Itapuranga constaram na entrevista realizada com Paulo, professor universitário de origem rural.

Até o final dos anos 70, ainda continuamos sendo uma cidade produtora de grãos, com arroz, feijão e milho, essa tríade principalmente. Mas a partir dos anos 80 começa a questão da cana. No final dos anos 70, início dos anos 80, chega uma indústria sucroalcooleira naquele primeiro *rush* da crise do petróleo e tudo mais. E isso começa a se fortalecer. E para a agricultura familiar vai ser um grande desastre, por que essas pequenas propriedades, elas vão começar a se arriscar em arrendar suas terras para a empresa sucroalcooleira que era conhecida como Pite naquele momento, e que depois veio a fechar (Paulo, idade não revelada, informante-chave).

Além disso, é importante salientar que enquanto muitos agricultores familiares de Itapuranga abdicaram da produção de arroz, feijão e milho em benefício da produção de cana-de-açúcar, outros abdicaram em benefício da produção de leite e carne em razão dos mesmos agravantes econômicos. Para Caume (1997), os agricultores familiares perceberam que a bovinocultura, sobretudo a leiteira, propiciava maior estabilidade e retornos econômicos mais constantes.

Foram muitos os agricultores familiares que se dedicaram a bovinocultura, impulsionados também pelo receio do arrendamento de suas terras para a agroindústria canavieira. Aqueles que possuíam propriedades rurais menores passaram a produzir leite, enquanto que os que possuíam propriedades rurais maiores passaram a produzir carne, como mostrou o relato de Elias: “Onde não veio a cana, aí veio a invasão, aliás, o aumento da pecuária. Demais, assim, gado leiteiro. O pessoal tirava muito leite em pequenas e médias propriedades. As maiores até que são mais pra gado de corte, essa parte assim” (Elias, 64 anos, informante-chave).

No período que seguiu o avanço da cana-de-açúcar e da bovinocultura, mais ao final da década de 1980, os jovens rurais tornaram-se os principais migrantes do meio rural para o meio urbano. A falta de oportunidades de trabalho no meio rural associada à falta de autonomia desses jovens rurais frente aos moldes familiares vigentes no meio rural de Itapuranga, provocaram as migrações de muitos rapazes e moças para o meio urbano.

De acordo com Brandão e Ramalho (1986), a agricultura familiar de Itapuranga era caracterizada por relações familiares impositivas e relações trabalhistas corporadas. Além de

residir com os pais, os filhos também somavam ao trabalho familiar na unidade produtiva, mas nada recebiam. Tinha-se uma concepção de renda agrícola familiar que, portanto, era indivisível e era, também, gerenciada pelo patriarca da família, chefe do trabalho e dono da terra, como mostrou o relato de Paulo.

Os filhos casam e começam a mudar, abandonar o próprio seio familiar. E você tem uma coisa extremamente curiosa, que é a questão do machismo também. Não sei se você já se deparou com isso, mas o pai, o homem - vamos usar o gênero -, o homem se considera o dono dos filhos, da esposa, do porco, da galinha. Às vezes o próprio filho também fala: “pô pai, eu trabalho tanto aqui, eu não tenho uma rês, eu não tenho condição de comprar, sei lá, minha bicicleta, minha moto”. Então, esse processo de migração se dá muito nesse sentido (Paulo, idade não revelada, informante-chave).

Ao adentrar a década de 1980, enquanto o processo migratório do meio rural para o meio urbano de Itapuranga continuou fazendo migrantes, outros três processos migratórios começaram a ser delineados: dois deles no início da década e um no final. Com estes, as migrações extrapolaram a população rural e passaram a englobar também a população urbana de Itapuranga.

O primeiro processo migratório que começou a se delinear no início da década de 1980, foi em direção aos grandes centros urbanos do estado de Goiás e Distrito Federal. Este teve o seu auge entre as décadas de 1980 e 1990, continuando até os dias atuais. É interessante constatar que o mesmo foi endossado principalmente por jovens, tanto rurais, quanto urbanos. A falta de oportunidades profissionais que no passado havia sido exclusividade do meio rural, alcançou também o meio urbano de Itapuranga, que se tornou um cenário caracterizado por poucas oportunidades de estudos, que se restringiam a alguns poucos cursos de Ensino Superior, e por poucas oportunidades de emprego, as quais se limitavam a vagas em confecções e no comércio local.

Este era o panorama visualizado pela juventude. E foi essa falta de perspectivas profissionais que desencadearam as migrações de jovens rurais e urbanos de Itapuranga principalmente para Anápolis, Goiânia e Brasília, onde existia uma maior amplitude e variabilidade de opções profissionais, como explicou Francisco, professor universitário aposentado e entusiasta da agricultura familiar itapuranguense.

E no decorrer dos anos 1980 e 1990, nós vamos observar que começa a saída daqui da cidade de Itapuranga para Goiânia e outros pontos. Então aí, devido à questão da falta de emprego, que Itapuranga não oferecia emprego, procuram emprego fora, vão pra Goiânia e houve uma debandada bastante grande de jovens daqui da nossa cidade para Goiânia à procura de aprimoramento profissional através de um ensino superior que aqui em Itapuranga não tinha (Francisco, 68 anos, informante-chave).

O segundo processo migratório que começou a se delinear em meados da década de 1980, foi rumo às fronteiras agrícolas na região Norte do Brasil (COSTA JR.; FIGUEIREDO, 2003). Estas migrações tiveram seu auge entre as décadas de 1980 e 2000 e a partir de então diminuíram de intensidade. De modo geral, este foi um processo migratório oriundo do meio rural de Itapuranga e ocasionado pela busca de terras.

Agricultores familiares de Itapuranga, insatisfeitos com o tamanho de suas propriedades rurais, partiram para a região Norte do Brasil, principalmente para o estado do Pará, em busca da aquisição de propriedades rurais maiores capazes de possibilitar uma reprodução social facilitada. Também existiram agricultores familiares que migraram para o estado do Mato Grosso com esse mesmo intuito. Muitos venderam suas pequenas propriedades rurais em Itapuranga para viabilizar a compra de grandes propriedades rurais nestas regiões de expansão de fronteiras agrícolas, onde a terra era barata, assim como havia sido em Itapuranga quando esta foi uma fronteira agrícola expandida pela Marcha para Oeste. Este processo migratório foi explicado por Elias.

Já a migração pro Pará, digamos assim, eu lembro mais a partir de 1980 e poucos, por aí e andou até os anos 2000, por exemplo. Nesse houve muita gente indo pro Norte. Mesmo do pessoal que veio de Minas pra cá. E muitos foram em busca de comprar terra, né. Já tinham uma terrinha pequeninha aqui, já buscavam uma maior. Não foram como o pessoal veio aqui pra trabalhar do jeito que desse certo. Já foram em busca de conquista. Alguns deram certo e outros não deram certo. Tanto é que hoje dificilmente a gente escuta alguém falar: “eu tô indo pro Pará!” Ou: “eu tô indo pro Mato Grosso!”. É muito difícil você ver alguém vender uma propriedade aqui e ir se aventurar no Pará ou no Mato Grosso. Até o ano 2000 isso existiu muito. A partir disso diminuiu muito. Eu nem tenho tido notícias de quem tem ido, mudado pra lá (Elias, 64 anos, informante-chave).

Foi somente ao final da década de 1980 e ao início da década de 1990 que as migrações internacionais atingiram o município de Itapuranga, acompanhando a tendência delineada no cenário brasileiro. Segundo Campos (2011), as estimativas mostraram que na década de 1980, pela primeira vez em sua história, o Brasil apresentou um saldo migratório internacional negativo, ou seja, se constituiu como uma nação onde as emigrações se sobressaíram às imigrações.

De acordo com Sales (1999) e Patarra (2005), essas migrações internacionais brasileiras foram inicialmente constituídas, sobretudo, por jovens oriundos de camadas médias urbanas. De maneira semelhante, Faria e Santos (2009), em estudo específico sobre as migrações internacionais de Itapuranga para os Estados Unidos, mostraram as mesmas também constituídas, em sua maioria, por jovens do sexo masculino com idade entre 18 e 26 anos, com baixo nível de instrução, baixa renda e que não falavam fluentemente o idioma da

nação de destino, sobretudo de origem urbana. Os jovens rurais itapuranguenses adentraram no processo migratório internacional mais tardiamente.

Enquanto isso, com o avanço da década de 1990, novas transformações ocorreram na agricultura familiar de Itapuranga, dentre as quais mereceu destaque a transição dos sistemas de produção de cereais para sistemas de produção de frutas e olerícolas. Foi somente na década de 1990 que culturas como o maracujá, o mamão e a banana ascenderam como substitutas potenciais para as culturas do arroz, do feijão e do milho, tendo em vista sua adequação às condições produtivas da agricultura familiar de Itapuranga, sobretudo no que tange ao tamanho das propriedades rurais.

É interessante constatar que muitas dessas culturas que passaram a ser cultivadas comercialmente, já eram produzidas anteriormente nos quintais dos agricultores familiares de Itapuranga para a subsistência. A diferença foi que a partir da década de 1990 estas foram transformadas em produtos agrícolas que passaram a ser comercializados em mercados de circuitos curtos, como a Feira do Produtor de Itapuranga (MATOS; MARIN, 2009).

Além das frutas maracujá, banana e mamão, a agricultura familiar de Itapuranga também se dedicou a produção de outras, como abacaxi, uva, coco da bahia e olerícolas como tomate, palmito e melancia, entre outras. E foi dessa maneira que do esquecido título de “capital do arroz”, Itapuranga passou a ser reconhecida sob o título de “capital do maracujá”, atualmente em desuso.

Apesar da ascensão da fruticultura e da olericultura ter impulsionado a redução da produção de arroz, feijão e milho, o mesmo não foi válido para a bovinocultura, principalmente a de leite. Assim, frutas, olerícolas e leite se tornaram o carro-chefe da produção da agricultura familiar. Nesse contexto, no ano de 1998, foi fundada a Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga (COOPERAFI), com o intuito de satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais coletivas dos seus associados, através da comercialização de olerícolas, frutas, leite, farinha, rapadura, doces e salgados (MARIN, 2013b).

Conforme o estudo de Carvalho e Marin (2011), sobre os impasses sociais existentes entre a agricultura familiar e a agroindústria canavieira em Itapuranga, no ano de 2005 uma nova agroindústria canavieira se instalou nas antigas benfeitorias da Destilaria Pite S/A: o Grupo Farias – Vale Verde Empreendimentos Ltda. Embora a mesma não tenha avançado com tanto impacto como a sua antecessora, novamente envolveu muitas áreas com o cultivo de cana-de-açúcar.

Frente a essas transformações na agricultura familiar de Itapuranga, os seus processos migratórios, sobretudo relacionados com a juventude rural, continuaram. E foi justamente no contexto de passagem da década de 1990 para a década de 2000, quando a agricultura familiar de Itapuranga sofreu profundas transformações produtivas, que as migrações internacionais alcançaram, também, os jovens rurais, tornando-se ainda mais incisivas ao início do século XXI.

Graças a essa gama de processos migratórios diferenciados envolvendo, sobretudo, a juventude rural, o meio rural e a agricultura familiar do município de Itapuranga foram encontrados muito diferentes do cenário descrito inicialmente. Atualmente, as famílias rurais se tornaram nucleares e a tendência é que conforme os filhos vão crescendo, vão migrando do meio rural, seja para o meio urbano de Itapuranga, para algum outro centro urbano próximo ou, até mesmo, para o exterior.

Assim, o meio rural de Itapuranga encontrou-se esvaziado, envelhecido e até mesmo masculinizado, considerando a identificação de alguns “solteirões” durante a condução do estudo de caso a campo. O resultado desses processos migratórios constantes, e até simultâneos, foi visualizado sinteticamente no relato de Oscar, que conheceu a Itapuranga do passado e se surpreendeu com a Itapuranga visualizada no presente, tendo em vista as profundas transformações ocorridas no meio rural.

Hoje é o esvaziamento do campo por completo. Então, praticamente, hoje ninguém mora no campo. Até mesmo os pequenos produtores. Acho que uma boa parte deles que têm propriedade rural e que ainda trabalham no campo, normalmente eles moram na cidade. Eles vão e voltam, entendeu né, moto. Então, você anda pelo campo e vê um deserto de gente, praticamente não tem gente (Oscar, 57 anos, informante-chave).

Através dessa reconstituição histórica dos processos migratórios relacionados à agricultura familiar de Itapuranga – que longe de ter dado conta da riqueza dos dados coletados na pesquisa bibliográfica, na pesquisa documental, nas observações e nas entrevistas com informantes-chave –, buscou-se não apenas uma aproximação com o meio geográfico selecionado para a condução do presente estudo de caso, mas também a compreensão da existência de uma cultura de migração imbricada à agricultura familiar de Itapuranga.

De acordo com Massey et al. (1993), a cultura de migração consiste em um conjunto de transformações que são desencadeadas pela ocorrência de migrações em grupos sociais situados em determinado espaço e em determinado tempo, as quais afetam as percepções culturais dos mesmos, fazendo com que tais grupos sociais tendam a recorrer novamente às

migrações em tempo futuro. Assim, a ocorrência de migrações provoca a ocorrência de ainda mais migrações, de um mesmo migrante e também de outros, isto porque as migrações tornam-se parte do repertório de valores e de comportamentos.

Ao analisar o histórico de migrações da pequena aldeia argelina situada nas montanhas da Cabília de onde partiram muitos migrantes, inclusive jovens rurais, rumo à França entre as décadas de 1970 e 1980, Sayad (1998, p. 40) constatou a existência de uma cultura de migração sintetizada na expressão de que “a emigração repousa em uma longa tradição”. Em Itapuranga, a cultura de migração relativa à agricultura familiar, além de ter sido edificada sobre processos migratórios referentes tanto a imigrações (entradas) quanto a emigrações (saídas), essas últimas não se restringiram às internacionais. Essa cultura de migração foi resultado da sucessão histórica dos diferentes processos migratórios relacionados à agricultura familiar e, sobretudo, à juventude rural, cuja variante mais atualizada são as migrações para o exterior (Figura 03).

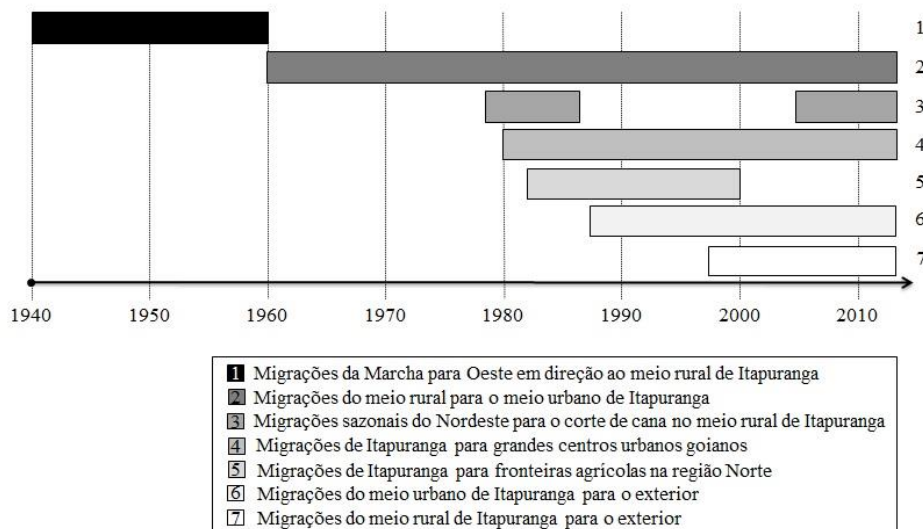


Figura 03 – Linha do tempo com a sucessão histórica dos processos migratórios relacionados com a agricultura familiar de Itapuranga que deram origem a sua cultura de migração.

Fonte: elaborado pela autora.

Esta cultura de migração vem sendo consolidada há aproximadamente oitenta anos, sendo que ao longo dos últimos sessenta anos a agricultura familiar de Itapuranga foi projetada como uma sociedade de emigração, isto é, uma sociedade de onde partiram

inúmeros migrantes, não somente internos, mas também internacionais. Embora não se disponha de dados referentes ao número de emigrantes oriundos de cada processo migratório relacionado à agricultura familiar de Itapuranga, a análise de suas variações demográficas entre o período de 1970 e 2010 forneceu uma compreensão geral da magnitude de sua cultura de migração e de sua especial relação com os jovens rurais, sendo que as mesmas também refletiram o esvaziamento, o envelhecimento e algumas nuances de masculinização, que hoje caracterizam essa sociedade de emigração (Figura 04).

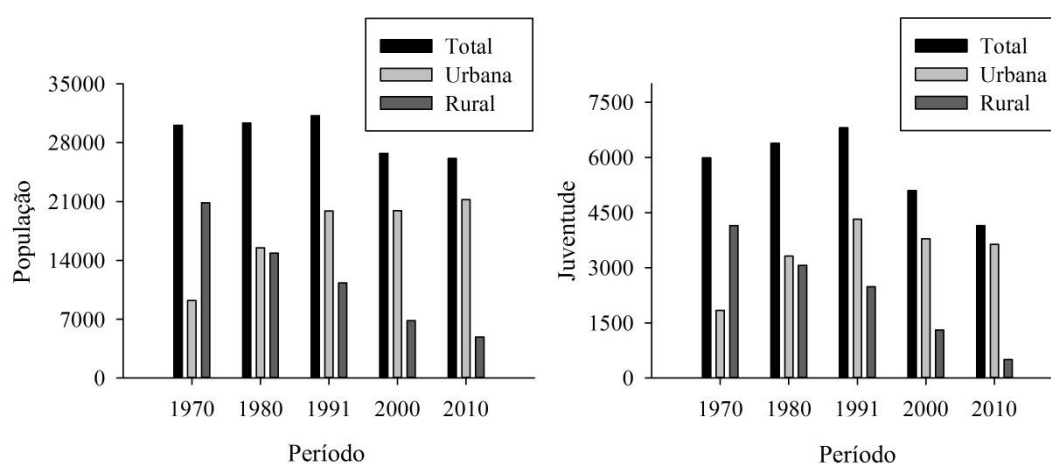


Figura 04 – Variações demográficas da população (à esquerda) e da juventude (à direita) de Itapuranga no período de 1970 a 2010.

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados dos Censos Demográficos (IBGE, 1970; 1980; 1991; 2000; 2010).

Ao longo do período de coleta de dados, foi curioso observar que todos aqueles com os quais se estabeleceu contato souberam apontar pelo menos um emigrante internacional proveniente da agricultura familiar (embora não necessariamente fossem jovens). Quando indagados sobre estas emigrações internacionais, os agricultores familiares discorreram com naturalidade e propriedade, como quem conversa sobre um acontecimento cotidiano. As emigrações internacionais tornaram-se, para os agricultores familiares, fatos banais: tão corriqueiros, tão inerentes, que já não causam estranhamento, tal como as demais migrações.

De acordo com Massey et al. (1993), isso acontece porque a cultura de migração se difunde amplamente no interior de um grupo social e torna as sociedades de destino das migrações muito mais interessantes do que a sociedade de origem, em termos socioeconômicos. Ao se difundir em um grupo social, a cultura de migração gera uma

percepção generalizada de que nas sociedades de destino das migrações os gostos de consumo e os estilos de vida podem ser mais facilmente preservados através do trabalho do que na sociedade de origem.

Em alguns grupos sociais, a cultura de migração atinge tamanha proporção que, para a juventude, as migrações se tornam uma espécie de rito de passagem e aqueles jovens que não migram são menosprezados. Em Itapuranga, essa nuance da cultura de migração esteve no relato de Fátima, uma agricultora familiar que revelou a opinião dos vizinhos a respeito de um de seus filhos que não migrou e permaneceu na propriedade rural trabalhando na agricultura.

Até mesmo os vizinhos acham que ele tá doido de enfrentar essa vida aqui. Ele tá aqui [meio rural de Itapuranga], mas o que ele já recebeu de propostas... Não existe aquele que chega e fala: nossa, mas você tá fazendo um trabalho bão, como você tá trabalhando! Não. Eles falam pra ele: “você tá doido, você tá loco!” Acham que é o fim da picada o que ele tá fazendo aqui, porque os filhos deles tão tudo bem na cidade trabalhando no comércio. Acham que ele tá dando a maior burrada da vida dele. É desse jeito é o que a gente escuta: “ah, ele é bobo!” (Fátima, 58 anos, informante-chave).

Conforme o estudo de Margolis (2013) sobre as emigrações internacionais de brasileiros provenientes do município de Governador Valadares, estado de Minas Gerais – que constitui o caso mais típico de migrações internacionais do Brasil –, a cultura de migração afeta o imaginário dos grupos sociais que vivem nas sociedades de emigração e vivenciam processos migratórios.

Em Itapuranga, a longa sucessão de processos migratórios relacionados à agricultura familiar afetou especialmente o imaginário dos jovens rurais. Desde o avô que veio de Minas Gerais, passando pelo irmão mais velho que foi para o meio urbano de Itapuranga, pelo vizinho que foi para o Pará, pelo primo que foi para Goiânia até o amigo que foi para Portugal, os processos migratórios que aconteceram na agricultura familiar de Itapuranga inculcaram nos jovens rurais as migrações como uma alternativa preferencial frente à agricultura familiar, sendo que na contemporaneidade tais migrações são as internacionais. Ao estudar o meio rural na Argélia, Sayad (1998) notou acontecimentos semelhantes.

Segue-se então todo um processo que, de abandono em abandono, faz tomar consciência da inutilidade de querer perpetuar a agricultura em sua forma mais antiga; leva a acumular dívidas; e, de desafio em desafio, conduz a pensar na emigração como o único recurso, a solução definitiva que permite romper o círculo infernal da proletarianização dos trabalhadores rurais, e também como o ato de “emancipação” por excelência (SAYAD, 1998, p. 39-40).

É interessante constatar que essa cultura de migração esteve intimamente vinculada com a juventude rural. Entre os entrevistados migrantes internacionais, a maioria vivenciou

também migrações internas durante sua juventude, antes das migrações internacionais, principalmente migrações para o meio urbano de Itapuranga e para grandes centros urbanos do estado de Goiás. Além disso, também existiram aqueles que migraram mais de uma vez para o exterior. Algumas dessas múltiplas vivências migratórias podem ser apreciadas nas recordações das filhas de agricultores familiares Lídia e Olga, apresentados na sequência, atualmente migrantes internacionais retornadas, que saíram de Itapuranga rumo ao exterior durante suas juventudes.

Eu morei no meio rural até os 17 anos. Aí, depois, eu mudei aqui pra cidade pra eu estudar e trabalhar. Porque nós somos muitos filhos, aí eu vim pra cá trabalhar pra ajudar meus pais e aqui fiquei, trabalhei... Depois fui pra Goiânia, não dei certo, voltei e depois resolvi ir embora pro exterior porque aqui não tava fácil (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Eu estou morando aqui na cidade de Itapuranga tem oito anos. Eu estive fora do país, fui duas vezes para os Estados Unidos e também estive no Reino Unido por três meses e meio. A primeira vez que eu fui aos Estados Unidos eu fiquei um ano e meio, quase dez anos depois eu retornei e fiquei um ano e três meses e quando eu estava em licença particular do meu trabalho eu fui ao Reino Unido e fiquei três meses e meio. [...] Na primeira vez que eu fui parece que eu tava com 28 anos. Antes disso eu morava na roça mesmo. Sempre na roça (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Assim, na agricultura familiar de Itapuranga, as migrações internacionais dos jovens rurais foram consideradas extremas: se as migrações internas não resultavam em sucesso, aí sim, comumente, aconteciam as migrações internacionais, em última instância. Esse viés também foi mostrado no estudo de Pereira (2007), sobre os enredos e desenredos de jovens rurais do Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais, em suas migrações internas e internacionais.

Devido a essa cultura de migração, incisivamente interiorizada pelos agricultores familiares, em Itapuranga reinaram migrações constantes, fossem elas internas ou internacionais, sendo consideradas como alternativas muito plausíveis (se não as mais plausíveis) em termos de reprodução social e de autonomia no meio rural, sobretudo no âmbito da juventude, que incorporou singularmente os valores subentendidos nessa cultura e vivenciou os mais diversos processos migratórios, onde merecem atenção singular os internacionais.

1.2 Construção social de uma juventude rural migrante: do “local” ao “global”

Em Itapuranga, as transformações vivenciadas na agricultura familiar, sobretudo relacionadas com as migrações, envolveram ativamente os jovens rurais, modificando muitas de suas características. Essas mudanças refletiram sobre a concepção de juventude rural no âmago da agricultura familiar no município, que atualmente é entendida de uma maneira diferenciada.

Assim, ao compreender a juventude como uma construção social, Feixa (2000) afirma que uma via relativa à mesma se relaciona com as condições sociais vivenciadas entre os jovens em uma sociedade, vinculadas com gênero, classe, etnia, território, entre outros. Essas condições sociais se referem a normas de conduta e valores vigentes nessa sociedade e as mesmas “não se limitam à relação direta entre pais e filhos, e sim a um conjunto mais amplo de interações cotidianas entre membros de gerações diferentes, na família, na vizinhança, na escola, nas redes de amizade, nas entidades associativas, etc.” (FEIXA, 2000, p. 79, tradução nossa).

Referindo-se à juventude rural, essa construção social sustentada em condições sociais se mostrou extremamente relevante. Para Marin (2009, p. 621, tradução nossa), “o estudo da juventude rural requer a compreensão das especificidades das relações de dependência com a vida e o trabalho nos espaços agrários, assim como as redes de relações econômicas, políticas e culturais em que os jovens e suas famílias estão imersos”. Nesse mesmo sentido, Weisheimer (2009) conecta o estudo da juventude rural aos seus processos de socialização. Conforme Pais (1990), os processos de socialização dizem respeito aos ordenamentos sociais transmitidos através de normas em termos coletivos (macrossociais), assim como a execução, a modificação ou a negação dessas normas em termos individuais (microsociais).

Dessa maneira, analisando a juventude rural da agricultura familiar do município de Itapuranga, notaram-se transformações em seus processos de socialização ao longo do tempo, os quais auxiliaram a explicar o surgimento de jovens rurais migrantes internacionais em seu âmbito, sendo essas transformações notadas nos antagonismos encontrados nas entrevistas com itapuranguenses inclusos em gerações distintas.

Considerando a noção de construção social, antigamente, entre o início da década de 1940 e o final da década de 1970, a juventude rural na agricultura familiar de Itapuranga era uma “juventude local”, sendo seus processos de socialização restritos ao âmbito rural, relacionados necessariamente com as famílias e com as comunidades rurais. Nesse sentido, na

agricultura familiar itapuranguense a socialização dos jovens rurais aconteceu através do trabalho.

De acordo com Weisheimer (2009), nessa socialização reina a instituição de saberes, normas e valores do universo da família. Logo, são incorporados saberes exclusivos associados com a configuração de identidades sociais e profissionais conectadas com a agricultura, as quais também refletem os dilemas e as características diferenciados das situações vivenciadas entre os jovens rurais.

A socialização através do trabalho também reproduz relações de gênero, onde homens e mulheres assumem ambientes e atividades distintos. Desse modo, além de adquirir saber prático, os jovens rurais interiorizam a ética específica da agricultura familiar. Assim, “o processo de trabalho constitui-se no espaço privilegiado de socialização das novas gerações na lógica do trabalho e da produção agrícola” e “se configura no meio objetivo no qual se inserem os jovens e que possibilita a sua representação social como jovem agricultor familiar” (WEISHEIMER, 2009, p. 111).

Em décadas passadas, em Itapuranga, a socialização dos jovens rurais era restrita à família e à vizinhança, onde os mesmos internalizavam valores socioculturais voltados à vida no meio rural e ao trabalho na agricultura. Dessa maneira, o meio rural era o mundo dos jovens rurais, sendo considerado a única possibilidade de futuro factível aos mesmos, que tinham pouco contato com o meio urbano, como mostrou em seu depoimento a informante-chave Ieda, representante da Pastoral dos Migrantes de Itapuranga.

A juventude, ela era mais familiar, o jovem, ele crescia ajudando o pai trabalhar a terra, a moça ajudando a mãe nos afazeres da casa, a cuidar da família, e o jovem lá na roça ajudando o pai. Isso a gente via muitos rapazes de mãos calejadas, que hoje a gente não tem mais... Então, tinha muito isso, os meninos das mãos calejadas. Tanto é que na escola, às vezes, eles tinham vergonha dessas mãozinhas cheias de calos. Quando vinham estudar na cidade, eles tinham vergonha dessas mãos calejadas (Ieda, 53 anos, informante-chave).

De acordo com Jurado e Tobasura (2012), analisando a construção social da juventude rural na Colômbia, uma característica associada à mesma era a vida comunitária e a íntima relação com a terra. Essa característica também foi encontrada na antiga agricultura familiar em Itapuranga, como mencionou Oscar em sua entrevista: “O jovem no meio rural, como ele vivia em comunidades mais isoladas, tinha um convívio familiar maior, uma convivência comunitária maior, mais intensa, então ele tinha um comportamento um pouco diferente” (Oscar, 57 anos, informante-chave).

Nesse sentido, à juventude rural da agricultura familiar de Itapuranga eram atreladas condutas de reciprocidade comunitária. Segundo Sabourin (2009), no meio rural, a reciprocidade comunitária se sustenta sobre a localidade, a proximidade, o parentesco, a espiritualidade, o compartilhamento de recursos (saberes, práticas e valores) e o sentimento de pertencimento, originando vínculos sociais e afetivos.

Há tempos atrás, em Itapuranga, os jovens rurais eram considerados atuantes nessas relações sociais e afetivas norteadas através da reciprocidade. Os informantes-chave entrevistados enfatizaram a intensa participação da juventude rural nos mutirões, muito comuns no passado.

Esses mutirões consistiam na reunião entre todas as famílias de uma determinada comunidade rural para trabalhar durante um dia inteiro em favor de uma única família, normalmente em trabalhos intensos, onde se necessitava muita mão-de-obra, inviabilizando a execução dos mesmos sem o auxílio mútuo. Normalmente, concluído o dia e o trabalho, no turno noturno o mutirão era encerrado com uma confraternização entre todos os participantes, onde a família favorecida proporcionava comida, bebida e até diversão aos colaboradores. Além disso, também eram comuns as “trocas de dias de serviço”, onde as famílias se revezavam umas trabalhando para as outras. Algumas nuances relacionadas aos mutirões constaram na entrevista realizada com Getúlio, um agricultor familiar de Itapuranga com quatro filhos, sendo que apenas um deles ainda estava na propriedade rural trabalhando com os pais.

É, igual uns anos atrás, você fazia um mutirão. Você tava com o pasto sujo, uma roça suja, quando amanhecia o dia, ali pelas quatro horas, arrebatava foguete na sua porta e fazia aquela bagunça. Uma tradição muito bonita. Aí chegava na sua roça limpava tudo, abatia pasto. Tinha quadra aí que juntava cem homens, cinquenta homens! Era aquele farrão! Vinha todo mundo embora, chegava em casa de noite e já tinha que arrumar barraca porque tinha alguma dança. Dançava a noite inteira aquele povo. Era uma cultura muito importante sabe, mas hoje não existe isso mais. [...] Como diz, acabou essa cultura, então no nosso mundo, essa cultura morreu. Se tiver, é muito longe daqui (Getúlio, 62 anos, informante-chave).

Além disso, também a diversão dos jovens rurais era concentrada no meio rural de Itapuranga. Em virtude dessa intensa vida comunitária e familiar existiam muitos bailes e festas e, também, muitos jogos de futebol, os quais consistiam nos principais espaços de interação entre os jovens e os seus meios de diversão, como evidenciou Alice, uma agricultora familiar que exerceu vários cargos de representatividade em Itapuranga, ao relembrar sua própria juventude no meio rural.

Assim, eu acho que a mudança é muito grande. Quando eu tava ali pelos meus dez anos, quinze anos, a nossa região era muita gente. No nosso município, a maioria tava no meio rural. Então quando fazia as festinhas no final de semana, aqueles bailes, era muita moça e muito rapaz que iam nas festas, porque o pessoal vivia ali: no campo (Alice, 56 anos, informante-chave).

Eram nesses momentos em que se desenvolviam as amizades entre os jovens rurais e, inclusive, os namoros. No entanto, também nesse sentido as famílias e as comunidades rurais tinham outras expectativas e outras normas de conduta em relação aos jovens. As amizades e os namoros eram muito mais comedidos e controlados, havendo grande interferência sobre os mesmos, sobretudo em relação às moças.

Em grande medida, essa juventude local deveu-se a ínfima interferência da escola sobre a socialização. Como colocado no estudo de Brandão (1983), sobre a educação no meio rural no município de Mossâmedes, estado de Goiás, os valores sociais relacionados com a escola eram incompatíveis com os valores sociais vinculados com a família rural. Dessa maneira, essa juventude cresceu e se desenvolveu afastada da escola, cursando apenas as séries escolares existentes nas instituições no meio rural. Isso causou sérias consequências em seus futuros, como salientou Alice, ao comentar sobre as gerações de jovens rurais que vivenciaram essa fase.

Agora, era um povo semianalfabeto, a maioria não tinha escola, né. O pessoal estudou muito pouco. O nosso pessoal mais velho, você vai perceber que muitos nem assinam o nome. Então, nesse sentido foi muito ruim. [...] A questão da informação, da escola, da educação, né. Era um negócio gritante (Alice, 56 anos, informante-chave).

Considerando a série de mudanças ocorrentes na agricultura familiar de Itapuranga, como mencionado na seção anterior, durante as décadas de 1980, 1990 e até 2000, a construção social da juventude rural oriunda da agricultura familiar de Itapuranga sofreu uma intensa transição, onde inúmeras características relativas à mesma foram alteradas. Nesse sentido, essa juventude rural que ao longo do século XX se mostrou local, ao adentrar o século XXI inicia um rompimento de fronteiras muito significativo, expandindo sua atuação até alcançar o nível global e, de certa maneira, minimizando suas condutas sustentadas na reciprocidade em favor da ascensão de condutas individualizadas.

Embora a socialização dos jovens rurais da agricultura familiar itapuranguense através do trabalho continue até os dias atuais, a mesma não mais se restringe às famílias e às comunidades rurais. Desse modo, uma mudança muito importante no âmbito da juventude consistiu na urbanização escolar, tendo em vista o fechamento das escolas no meio rural, e a crescente ascensão da obrigatoriedade escolar associada à condenação ao trabalho infantil.

Como evidenciado no estudo de Drebes e Marin (2014), relativo às implicações das escolas sobre a socialização das crianças na agricultura familiar de Itapuranga através do trabalho, a escola vem assumindo cada vez mais importância na socialização dos filhos dos agricultores familiares, não somente em razão das leis vigentes, mas também das transformações socioeconômicas ocorrentes no meio rural, criadoras da necessidade de novos conhecimentos, irrompendo o rural e a agricultura.

Atualmente, os jovens rurais itapuranguenses cursam até mesmo o Ensino Superior, embora muitas vezes isso aconteça em detrimento de sua condição como agricultor familiar. No entanto, a própria família rural assumiu a escolarização como uma conduta necessária à formação de seus jovens, incentivando-os. Assim, a lacuna existente entre os níveis de escolaridade entre as antigas e as atuais gerações de jovens rurais itapuranguenses é muito significativa, como salientou Alice.

Agora, por outro lado, a nossa juventude hoje, queira ou não queira, ela tá dentro da faculdade. Pelo menos isso ela tá fazendo, ela tá estudando e isso é muito importante. Porque o conhecimento é fundamental. Porque dinheiro você pode ir ali na esquina e alguém te assalta e você fica sem. Conhecimento não, aonde você for você vai carregar ele. Seja no Brasil, fora do Brasil, aonde você estiver. A maior riqueza de uma pessoa é o conhecimento e isso a nossa juventude rural tem (Alice, 56 anos, informante-chave).

Considerando as transformações processadas no meio rural, o próprio trabalho da juventude rural no âmbito da agricultura familiar itapuranguense se transformou. As tecnologias agrícolas causaram muitas mudanças no trabalho e, conseqüentemente, afetaram os jovens rurais, minimizando a remota conduta de auxílio mútuo e acentuando os projetos profissionais individuais, muitas vezes incompatíveis com a realidade de suas famílias, como mostrou o relato de Ieda.

Hoje mesmo que o jovem queira estar na roça, ele já está mais com outros objetivos, com o sonho de maquinizar a roça, maquinizar a lavoura, maquinizar tudo. É máquina pra isso, é máquina pra aquilo. Dificilmente hoje você vê o jovem com uma enxada na mão. O sonho dele pra área rural é mais tecnológico, não é mais aquele sonho de ajudar a fazer isso ou aquilo, não (Ieda, 53 anos, informante-chave).

E considerando o surgimento e a disseminação em alta velocidade de outras tecnologias, como o automóvel, a televisão, o telefone, o computador e, mais recentemente, a *internet*, as mesmas também incidiram sobre os valores até então característicos da juventude rural itapuranguense. O senso de localidade foi velozmente transformado em um senso de mobilidade, e os jovens rurais se deram conta que o mundo não se restringia ao meio rural.

Nesse sentido, as tecnologias, sobretudo de comunicação e informação, também começaram a interferir sobre a socialização da juventude rural.

Segundo Jurado e Tobasura (2012), entre os jovens rurais colombianos essas tecnologias de comunicação e de informação dinamizaram o seu consumo material e cultural e suas interações sociais, modificando suas vidas cotidianas e suas formações, refletindo, inclusive, sobre suas identidades. Conforme Durston (1998), na América Latina, essas tecnologias promoveram valores consumistas e disseminaram mensagens negativas sobre a vida no meio rural e o trabalho na agricultura. Em Itapuranga, o advento das tecnologias afetou até mesmo os meios de diversão e de sociabilidade desses jovens rurais, como mostrou Francisco, professor universitário aposentado, ao comparar a juventude rural da época em que chegou em Itapuranga com a juventude rural contemporânea.

Olha, a diferença é muito grande. Primeiramente, na época em que nós chegamos, o jovem da zona rural ele ficava praticamente dentro da propriedade da sua família. Com o passar do tempo, o que nós observamos, as facilidades foram aparecendo e hoje praticamente todo jovem da zona rural ou tem moto ou tem carro. Então o deslocamento para ele vir na cidade, o divertimento que antes era nos bailes da zona rural passou a ser nos *points* da zona urbana. [...] Então, muitos são moradores da zona rural que estão ali para se divertir, através dos meios de locomoção que eles têm hoje. Antigamente era difícil, o cara ou vinha de bicicleta ou a cavalo, na carroça, né. Normalmente não tinha a facilidade que tem hoje. Então, nós estamos observando, a maioria da zona rural hoje já tem *internet*. É interessante isso? É interessante. Então, os jovens hoje estão ligados e conectados. Na zona rural até a gente tava em um mutirão esses tempos, e um jovem: “não, agora eu tenho que passar lá em casa que eu tenho que entrar no *Facebook*”. [risos]. Então, tudo bem, passa. Então a diferença é essa aí. Até a forma de diversão também mudou. Hoje em dia o jovem da zona rural vem se divertir na cidade. E antes tinha os bailes da zona rural nos fins de semana, sábado. Iam nos bailes da zona rural, nos mutirões que faziam, nas tradições e tal. Normalmente ele não vinha se divertir na cidade, raramente. Quando acontecia de ter festa popular na cidade, então eles vinham e se divertiam aqui na festa, mas era festa popular, festa de todo mundo. Agora hoje já vem nos finais de semana. Não precisa ter uma festa tradicional, já vem porque não tem uma diversão na zona rural (Francisco, 68 anos, informante-chave).

Entre os agricultores familiares de Itapuranga, até mesmo a questão do homossexualismo entre os jovens rurais e os relacionamentos efêmeros e descartáveis foram atribuídos a essas transformações. Os jovens rurais romperam com a ordem moral característica da agricultura familiar e hoje vivenciam amizades e namoros de maneiras consideradas inovadoras.

Assim, as diferenças anteriormente gritantes entre jovens rurais e jovens urbanos se tornaram mais tênues. De acordo com Feixa e Nilan (2009), se encontra em ascensão uma “juventude global”, ou seja, um coletivo híbrido cujas subjetividades são construídas com base em materiais também híbridos, oriundos de culturas, consumos, resistências,

transnacionalismos e digitalismos globalizados, que embora gerem identidades geracionais cada vez mais deslocalizadas, não as homogeneízam. Como explicado por Wanderley (2007, p. 31), ao estudar os jovens rurais de Pernambuco, “se não cabe isolar, não cabe também diluí-los numa pretensa homogeneidade, que desconhece as formas particulares de viver a juventude, quando se é jovem nas áreas rurais brasileiras”.

Segundo Pereira (2007), a globalização, o desenvolvimento do capitalismo nas áreas rurais e a disseminação do modo de vida urbano para além dos limites das cidades transformaram os padrões de consumo e de comportamento das populações rurais, sobretudo dos jovens. Em Itapuranga, essas influências sobre a juventude rural foram visualizadas no relato de Oscar, contando sobre os alunos rurais estudantes em sua escola.

O comportamento dos jovens de Goiânia é o mesmo de Itapuranga aqui, hoje. Não existe mais essa distância. Eu acredito que talvez até dos jovens de Nova York, de Londres, é tudo a mesma coisa que aqui, né. É a mesma moda, o mesmo jeito, o mesmo brinco na orelha. Eu tive alunos que, é comum, por exemplo, a questão do brinco na orelha. Na época em que eu dava aula, era uma ousadia um aluno ter brinco na orelha. E de repente aparece um caboclo lá da roça, lá das Lages, e um aluno fantástico, trabalhador demais, que você via pelas mãos, grossas e tudo, com um brinco na orelha, no colégio lá, de boa. [...] É a onda: vem... vai... A própria urbanização facilita esse processo de assimilação dessas tendências que surgem no mundo a qualquer momento (Oscar, 57 anos, informante-chave).

Nesse sentido, Kessler (2005, p. 04, tradução nossa), ao refletir sobre a juventude rural colombiana, concluiu que a mesma é “uma juventude atravessada por uma série de tensões, em maior grau que seus pares urbanos: entre migrar ou permanecer, entre continuar estudando ou trabalhar, entre identidades locais ou globais”.

Assim, as transformações ocorrentes no âmbito da agricultura familiar afetaram, também, a construção social da juventude rural itapuranguense, fazendo com que características antes atreladas aos jovens urbanos fossem assimiladas entre os jovens rurais. Na verdade, nesse alargamento dos limiares sociais da juventude rural itapuranguense da “localidade” à “globalidade”, as migrações colocaram em questão não somente a urbanidade, mas também e, sobretudo, a juvenilidade. Isso significa que os jovens rurais passaram a se apropriar não necessariamente de valores urbanos, mas sim de valores considerados juvenis.

1.3 “Fui por falta de opção na roça”: jovens rurais e seus projetos migratórios internacionais de reprodução social e autonomia

Como analisado anteriormente, em Itapuranga, as migrações se encontraram ancoradas sobre a cultura de migração intrínseca à agricultura familiar, cuja influência envolveu, inclusive, a construção da juventude rural como uma juventude migrante, submersa não somente em processos migratórios internos, mas também internacionais.

Considerando as informações coletadas, notou-se uma coincidência de condicionantes socioeconômicas causadoras das migrações internas e internacionais. Isso significou que muitas causas das migrações internacionais foram as mesmas causas das migrações internas. Segundo Sayad (2000), ao analisar as migrações internas e as migrações internacionais na Argélia, o mesmo encontrou inúmeras semelhanças entre ambos os processos migratórios, evidenciando um início em comum existente entre os mesmos.

[...] Através do paradigma da cidade que se alimenta do campo, a relação entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido parece reproduzir, *mutatis mutandis*, a relação inicial, já antiga e talvez universal, entre cidade e campo: o mundo desenvolvido, mundo da imigração e mundo urbano, alimentar-se-ia do Terceiro Mundo, mundo da ruralidade (ou mais exatamente, de menor industrialização e urbanização, mesmo se ele está sob um processo de desruralização intensa e anárquica) e mundo da emigração de longo curso, à distância e para além das fronteiras nacionais e não somente da emigração interna em direção às cidades locais, provenientes do êxodo rural (ou concomitantemente a esta emigração local e a este êxodo). O Terceiro Mundo aparece, assim, como o campo (entendido como nova maneira do mundo desenvolvido e para o mundo desenvolvido), que pode dele retirar, como havia feito no passado em seu próprio território – inicialmente cada país, em seus próprios campos e, depois, nos campos dos países vizinhos –, o suplemento de população do qual tem necessidade; mas somente quando, onde e em função de suas necessidades (SAYAD, 2000, p. 09).

No entanto, Sayad (2000) também admitiu a existência de muitas características de natureza diversa afastando as migrações internas e as migrações internacionais, e excedendo o âmbito econômico. Nas seções anteriores, foram relatadas várias condicionantes socioeconômicas relativas às migrações internas e internacionais dos jovens rurais da agricultura familiar de Itapuranga. Considerando a complexidade desse emaranhado de condicionantes socioeconômicas e as suas coincidências e dissidências, nessa seção foram enfocadas somente as condicionantes socioeconômicas abertamente relatadas nas entrevistas com os migrantes internacionais, independentemente se as mesmas foram exclusivas às migrações internacionais ou comuns às migrações internas. O intuito consistiu em entender como as mesmas marcaram as trajetórias migratórias internacionais dos mesmos. Mas antes

fez-se necessário deixar claro a essencialidade em se estudar essas condicionantes socioeconômicas.

Conforme Sayad (1977), analisando as migrações entre o continente africano e o europeu, a emigração se sustenta nas condicionantes socioeconômicas que a engendram. Um estudo sobre as migrações internacionais onde as condicionantes socioeconômicas causadoras da emigração não são mencionadas é minimamente condenável, pois não há como compreender inteiramente as migrações internacionais se as origens das mesmas forem esnobadas.

Em Itapuranga, uma série de condicionantes socioeconômicas intimamente vinculadas umas às outras causaram as emigrações internacionais estudadas. Embora tenham existido condicionantes socioeconômicas mais atuantes em determinadas emigrações internacionais e menos atuantes em outras, as mesmas atuaram conjuntamente, constituindo um contexto extremamente propício às emigrações, sustentado na cultura de migração da agricultura familiar e em seus jovens rurais migrantes natos.

Segundo Durston (1996), em um estudo sobre os jovens rurais latino-americanos, as causas de suas migrações são as mesmas causas envolvidas em seus embaraços relativos à autonomia e à reprodução social na agricultura familiar. Em Itapuranga, o cenário foi semelhante. Os entrevistados sintetizaram os motivos de suas emigrações internacionais da seguinte maneira: “eu fui por falta de opção na roça”. Essa expressão resumiu as complicações vivenciadas em suas juventudes relativas à vida e ao trabalho na agricultura familiar e encobriu uma série de condicionantes socioeconômicas em sua envergadura. Desse modo, essas emigrações internacionais consistiram em estratégias diferenciadas de autonomia e reprodução social, como reforçam alguns estudos sobre migrações juvenis rurais.

Considerando as migrações de camponeses do Nordeste rumo ao Sudeste brasileiro, sobretudo de jovens, Garcia Jr. (1989), Woortmann (1990a) e Menezes (2012) escancaram as mesmas como uma estratégia de reprodução social e de autonomia constituinte do campesinato, sendo transmitida de geração para geração. Essas migrações podem ser interpretadas ambigualmente em termos de reprodução social: ao mesmo tempo em que podem significar a saída definitiva do meio rural como consequência da inviabilidade da condição camponês, também podem significar uma alternativa para a permanência no meio rural como contingência para a viabilidade dessa condição. Além disso, as migrações também são rituais de passagem para os jovens rurais em direção à construção de sua autonomia, sendo que antes das migrações estes jovens são apenas rapazes e moças e após as migrações já podem ser considerados homens e mulheres.

Frisando a natureza das emigrações estudadas, ou seja, internacionais, as condicionantes socioeconômicas incentivadoras não se restringiram somente ao cenário rural, mas envolveram, também, o cenário regional, o cenário nacional e até o cenário internacional. Caso as condicionantes socioeconômicas motivadoras estivessem contidas somente no cenário rural ou regional, os jovens rurais sanariam suas carências relativas à autonomia e reprodução social através de migrações internas.

Assim, inicialmente considerando o cenário rural, muitas condicionantes socioeconômicas causadoras das emigrações internacionais dos entrevistados convergiram em torno da crise da agricultura familiar. De acordo com Renk e Cabral Jr. (2002), analisando as migrações internacionais de jovens rurais em Itapiranga, no estado de Santa Catarina, a noção de crise remete a um contexto generalizado de degradação e de declínio da condição de agricultor familiar. Uma crise pode surgir a partir de uma infinidade de condicionantes socioeconômicas relacionadas à agricultura familiar cuja combinação resulta na impossibilidade de reprodução social e de autonomia da mesma por meio de estratégias até então conhecidas. Além disso, a crise da agricultura familiar também se caracteriza por seu caráter coletivo, pois não assola apenas um ou outro agricultor familiar de um determinado contexto, mas todos.

Nesse sentido, entre os entrevistados foram encontradas condicionantes socioeconômicas incentivadoras às suas migrações internacionais vinculadas com a terra, o trabalho e a família – colunas sustentadoras da agricultura familiar –, desencadeando o cenário de crise. Os vieses relativos a essas condicionantes socioeconômicas variaram entre os casos estudados e foram visualizados nos relatos, onde os entrevistados recordaram como a terra, o trabalho e a família no contexto da agricultura familiar itapuranguense os estimularam em suas emigrações internacionais.

Em relação à terra, Wanderley (2009) entende o acesso à mesma como imperativo à viabilidade e continuidade da agricultura familiar. Nesse sentido, a concentração de terras consiste em um entrave. Segundo Carneiro (2001), ao estudar a transmissão da terra entre as gerações de agricultores familiares no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, as “terras escassas” distribuídas entre os “filhos numerosos” inviabilizam a condição de agricultor familiar para muitos jovens rurais e, em vários casos, desencadeiam migrações.

Ao estudar as situações dos jovens rurais na agricultura familiar no estado de Pernambuco, Wanderley (2007) mostra a importância da terra para a juventude rural, sobretudo no que se refere à sua reprodução social, como evidencia o segmento bibliográfico abaixo selecionado.

A estrutura da distribuição da terra é a responsável maior pelo bloqueio à reprodução social [...] na medida em que impõe profundas restrições à capacidade produtiva do estabelecimento, inibe as possibilidades de ocupação da força de trabalho dos próprios membros da família e, em consequência, provoca nos jovens a necessidade de migração (WANDERLEY, 2007, p. 24).

Em Itapuranga, a agricultura familiar foi caracterizada por um elevado grau de concentração da propriedade da terra e por uma estrutura minifundiária (CAUME, 1997). Dessa maneira, se nas décadas de 1940 e 1950 Itapuranga apresentou-se como fronteira agrícola aberta atraente aos migrantes, a partir da década de 1960 tornou-se uma fronteira agrícola fechada e ponto de partida de diversas e contínuas rotas migratórias. Em virtude disso, muitos jovens rurais não tinham como se acomodar como agricultores familiares, aderindo às migrações, sem condições de ascender em estabelecimentos considerados minifúndios e sem expectativas de aumentar os mesmos através de herança.

Assim, muitos emigraram em virtude da escassez de terras, considerada um obstáculo à sua continuidade na agricultura familiar, com a intenção de mudar de vida e de trabalho, como no caso de Geraldo. No entanto, também existiram emigrações internacionais engendradas em razão das terras escassas, com a intenção de aumentar as mesmas e, assim, viabilizar a vida e o trabalho na agricultura familiar, como aconteceu com Carlos. Para esboçar estas situações distintas seguem os relatos desses entrevistados lembrando a importância da terra sobre suas decisões de emigrar internacionalmente durante a juventude.

Ela é pequeninha. Lá é assim: tinha uma fazenda antigamente. O dono já morreu, já. Minha mãe formou pra professora e aí ela foi pra dar aula aqui em Itapuranga, aí meu pai fez um rancho, nós é quinze filhos, meu pai fez um rancho, perto fizeram a escola. O dono da fazenda cedeu lugar pra fazer a escola. Aí meu pai fez a escola e o rancho do lado. Aí o dono da fazenda falou assim pro meu pai: “o senhor cerca mais um pedaço aqui ao redor da escola pra você por uma vaquinha pra você tirar leite pros meninos”. Porque era muito filho e na época acho que já tinha uns nove, o resto foi criado lá. Eu fui nascido e criado lá. Aí meu pai cercou esse pedacinho, fez uma casinha, então nós ficou com esse pedacinho, você entendeu? Como um direito da minha mãe que deu 34 anos de aula lá. Acho que tem 16 anos que ela aposentou. Aí então, lá é pequenininho, de um alqueire, de quatro partes, uma parte (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Porque o meu pai tinha a terrinha, mas era pequena, pra gente trabalhar ganhava muito pouco. As opções que eram poucas demais, né. Trabalhava, trabalhava, mas nunca... Quando eu tinha lá meus 18 anos que eu consegui comprar uma motinho. Era custoso. [...] Na época eu tinha casado e aí meu sogro deu de vender um pedaço da terra dele. Ele morava lá na terra dele. Aí ele falou: “não, eu vou vender um pedaço, quatro alqueires de terra”. Ele tava precisando de dinheiro, tinha uns negócios pra acertar. Aí eu fui e falei que ia juntar meus trem tudinho e ia comprar a terra dele. Aí peguei os trem que eu tinha: um trator, uma caminhonete e trinta e sete vacas na época. Peguei, passei meus trem tudinho pra ele, vendi e fiquei com a terra: quatro alqueires. Só que aí eu fiquei sem nada pra eu mexer. Eu tinha motosserra, mexia com motosserra, mas não tava dando. Aí um colega meu falou: “não, vamos comigo pros Estados Unidos, você arruma um serviço lá e ganha um dinheirinho”.

Eu ainda tinha trinta novilhas brancas Nalore. E ele falou assim: “com uns doze mil reais dá pra você ir”. Aí eu peguei e de uma hora pra outra eu resolvi, falei: “então, eu vou”. Aí já fui lá e vendi as novilhas, peguei o dinheiro e foram os dois doidos (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Quanto ao trabalho na agricultura familiar, Wanderley (2009) admite que em várias situações os agricultores familiares acabam se tornando vulneráveis às arbitrariedades capitalistas, muitas vezes sendo obrigados a reivindicar o controle sobre os resultados de seu trabalho. Nesse sentido, a reprodução social da agricultura familiar também está relacionada com “a luta por melhores condições de trabalho que assume, nesse caso, uma conotação particular e se traduz em uma melhor remuneração do produto oferecido ao mercado, que materializa o próprio trabalho familiar” (WANDERLEY, 2009, p. 131).

Inúmeros entrevistados relataram vieses associados ao trabalho na agricultura familiar como motivadores de suas emigrações internacionais. Os riscos econômicos intrínsecos à agricultura surgiram constantemente nas entrevistas, reiterando suas vidas instáveis em termos financeiros. O entrevistado Ciro, que trabalhou na agricultura familiar com seu pai e com seu irmão Luiz, também migrante internacional, recordou sua juventude marcada por restrições econômicas, salientando a vulnerabilidade vivenciada no momento de venda dos grãos em virtude das incoerências dos mecanismos mercadológicos constituintes dos preços agrícolas.

Em questão financeira não era nada bom. Mas tinha o trabalho todos os dias. A gente plantava, no final do ano a gente tinha aquela expectativa de vender o seu mantimento e fazer um bom dinheiro. Então, a gente vivia de esperança. Entendeu? Você plantava e ficava naquela expectativa, será que vai dar um bom preço na época de vender esses cereais e tudo. Era assim que funcionava (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, Wanderley (2009) também ressalta a vulnerabilidade do trabalho na agricultura familiar em relação às condições naturais, aleatórias e não controláveis. Essas aumentam os riscos relativos aos investimentos causando maiores instabilidades. Em Itapuranga, como narrou Luiz ao rememorar a sua juventude rural, um evento climático arrasou uma de suas safras de mamão. Sem colheita, o mesmo não conseguiu amortizar o financiamento e endividou-se. Segundo Luiz, esse acontecimento teve suma importância em relação à sua decisão de emigrar internacionalmente, acabando com suas perspectivas como jovem rural e agricultor familiar.

Eu era produtor rural, fruticultor, especificamente. Era o quarto maior plantador de maracujá de Itapuranga naquela altura. Plantava mamão e maracujá. [...] Aí, numa certa altura, perdi um produção muito grande, uma lavoura que tinha acabado de plantar, por fenômeno da natureza. Nesse caso foi uma chuva de granizo, e o banco

não cobria essa perda, né. Eu tinha alguns bens, mas o financiamento era muito alto e eu fiquei um pouco endividado (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Quanto à família, Woortmann (1990b) caracteriza as unidades produtivas familiares do campesinato brasileiro através de uma moralidade ordenada onde a terra, o trabalho e a família são organizados e valorados conforme regras relativas à honra e hierarquia. Nos termos relativos a essa ordem moral, o homem – dono da terra, chefe do trabalho e patriarca da família – se encontra hierarquicamente acima dos demais, sobretudo em relação aos jovens.

Nesse sentido, segundo Castro (2009), analisando a juventude rural brasileira, essa hierarquização é muito presente nas relações de trabalho na agricultura familiar, criando mecanismos de controle sobre os jovens e, também, corrompendo sua autonomia. Para Carneiro (2001), a atuação da autoridade familiar sobre a autonomia dos jovens rurais é ainda mais incisiva se tratando das moças, muitas vezes excluídas até mesmo em relação ao acesso à terra através da transmissão entre as gerações de agricultores familiares. Esse viés relacionado à influência da família sobre as emigrações internacionais dos jovens rurais itapuranguenses foi encontrado no relato de Luísa, justificando seu desejo de viver e trabalhar nos Estados Unidos.

A minha vó é madrinha do meu irmão, então ela dá muita oportunidade pra ele. Então ele já tem o dinheiro dele. Ele vai na roça pra ajudar meu pai um pouquinho, ele tem as vacas dele lá. Então assim, ele já tem onde ele mexer. Eu não, eu não tenho nada lá! Nem uma galinha! (Luísa, 23 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional).

De acordo com Castro (2009), muitos jovens rurais também escolhem migrar em virtude do cenário de desvalorização da agricultura familiar existente entre os próprios agricultores familiares, acentuando os vazios existentes entre o meio rural e o meio urbano. Também esse viés relacionado com a família constou nas entrevistas. No caso de Luísa, a sua aversão em relação à agricultura foi constantemente reforçada pela sua mãe, desejando para a filha uma condição de vida melhor do que a agricultura familiar itapuranguense teria a oferecer.

Ai, credo! [risos] Assim, já trabalhei porque meu pai já mexeu com horta. Então, tipo, eu acordava seis horas, sete horas e ajudava ele a regar a horta, já ajudei a tirar leite. Mas como a minha mãe sempre foi criada na roça, ela sabe que é uma coisa, tipo assim, que não dá um futuro, não dá aquele futuro pra gente. É muito trabalho. Roça dá muito trabalho. Mas assim, a minha mãe me falou: “eu não quero isso aqui pra você, eu quero que você cresça”. A gente vê né, como eu já vi, meus tios, meus

primos, tudo trabalhando em roça (Luísa, 23 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional).

Avançando sobre o cenário regional, as condicionantes socioeconômicas limitantes à autonomia e reprodução social e incentivadoras das emigrações internacionais se concentraram em torno da educação e do trabalho. Em Itapuranga e seus arredores, as oportunidades de crescimento profissional para os jovens rurais eram escassas e, também, precárias. Segundo Pereira (2007), em estudo sobre as migrações internas e internacionais de jovens rurais oriundos do Vale do Jequitinhonha, estado de Minas Gerais, as oportunidades de educação e de trabalho encontradas na região de origem dos jovens rurais são essenciais na melhoria de suas condições de vida, atuando como incentivadoras às migrações em caso contrário.

Em relação à educação, o nível de escolaridade dos entrevistados se mostrou variável, mas em sua maioria, muito baixo. Embora uma minoria tenha completado o Ensino Superior ou o Ensino Médio, a maioria somente completou o Ensino Fundamental, existindo relatos, até mesmo, de Ensino Fundamental Incompleto, como o de Ciro. O mesmo estudou somente até a série existente em sua antiga escola no meio rural. Se Ciro tivesse continuado estudando, necessitaria avançar sobre o meio urbano e isso o atravancou.

Lá onde eu moro, na região do meu pai lá, lá em cima tinha um grupinho, chamava até de grupo mesmo nessa época. Eu estudei lá. Até a quarta série. Que só tinha até a quarta série lá. Depois eu não estudei mais, estudei só até a quarta série. [...] Nessa época era muito difícil vim pra cidade pra estudar. Meu irmão até que tentou, mas nem tinha transporte nessa época. Eu me lembro que ele vinha, o pessoal lá tinha uma caminhonete, carroceria de pau, aí vinha uns quatro ou cinco lá atrás, outros na frente, tomando chuva e frio, aí desistiu. Nessa época ninguém estudava quase. Só até a quarta série (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Como mencionando anteriormente, na agricultura familiar de Itapuranga a preocupação com o nível de escolaridade é relativamente recente. Anteriormente, os agricultores familiares conferiam uma importância mínima à escola na socialização de suas crianças e seus jovens. Como colocado no estudo de Brandão (1983), sobre a educação no meio rural no município de Mossâmedes, estado de Goiás, a escola era considerada avessa à agricultura. Além de não ensinar como ser agricultor, muitas vezes as crianças e os jovens rurais minimizavam sua identificação com a agricultura ao cursar a escola, em virtude de seus valores urbanos.

Atualmente, os jovens rurais são muito mais escolarizados, ingressando até mesmo no Ensino Superior. Contudo, em Itapuranga, o surgimento dos cursos superiores é recente e,

assim, não existe uma variedade muito extensa. Vale mencionar, também, o investimento necessário ao cursar uma graduação em Itapuranga. Embora exista uma unidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG), a mesma conta somente com quatro cursos de licenciatura, esclarecendo a restrição do Ensino Superior no município, sobretudo aos jovens sem condições de arcar com os cursos superiores em instituições particulares. Assim, a restrição e o custo do Ensino Superior em Itapuranga levaram muitos jovens, não somente rurais, a não estudarem ou migrarem, como aconteceu com o maior contingente de entrevistados.

Esse ínfimo nível de escolaridade resulta, consequentemente, em uma qualificação profissional ruim, dificultando a inserção no mercado de trabalho. Os entrevistados insatisfeitos com suas condições na agricultura familiar, em virtude da escolaridade restrita, não conseguiram condições melhores em outras situações. Em Itapuranga, os mesmos acabaram se inserindo somente em serviços não regulamentados e mal remunerados, sem chances de ascensão profissional. Segundo Costa Jr. e Figueiredo (2003), em estudo sobre as migrações itapuranguenses, esse cenário acabou se repetindo, também, para aqueles que migraram para centros urbanos maiores.

Muitos jovens [...] tentam mudar de vida migrando para cidades grandes, ao chegarem se deparam com uma realidade totalmente diferente da que imaginavam. Então o jovem reconhece não estar preparado para enfrentar o mercado, tanto pela concorrência quanto pelas suas limitadas qualificações. Depois de não ter trabalho, não ter onde buscar o pão de cada dia, o que restará ao jovem? (COSTA JR.; FIGUEIREDO, 2003, p. 32).

Nesse sentido, o entrevistado Gabriel, que não cursou o Ensino Superior e abandonou a agricultura familiar primeiro migrando para o meio urbano de Itapuranga e, posteriormente, para a capital do estado de Goiás, inserindo-se nos mais diversos empregos urbanos assalariados, comentou as dificuldades vivenciadas em termos de autonomia e de reprodução social no cenário regional para os jovens rurais.

O problema aqui é que falta oportunidade demais e quando você vai trabalhar de empregado, que seja numa fazenda ou numa empresa, o que for, você é muito mal remunerado. Você trabalha, trabalha e no final das contas o que você ganha é praticamente pra você fazer a sua despesa e não sobra pra você juntar alguma coisinha e depois de certo tempo falar: “não, agora eu vou abrir uma coisa própria pra mim”. Não dá! (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Sendo assim, esse estagnado contexto regional em termos de educação e de trabalho também motivou muitos filhos de agricultores familiares em suas emigrações internacionais,

com o intuito de encontrar condições melhores no exterior, sobretudo aqueles sem cursos superiores. Os mesmos viram no exterior uma maior viabilidade em seus trabalhos, mesmo com seus níveis escolares reduzidos. Dessa maneira, visualizaram no exterior uma chance de crescimento, em termos econômicos, não encontrada em sua região. Infelizmente, de acordo com Kessler (2005), em revisão sobre os estudos referentes aos jovens rurais na América Latina, esse cenário é encontrado na maioria das nações, sendo que muitas migrações tiram os jovens do meio rural e até mesmo de suas regiões em virtude da escassez de trabalho e das deficiências relativas ao acesso a serviços básicos, como a própria educação.

Considerando o contexto nacional, a valorização das moedas estrangeiras em relação à moeda nacional atuou como uma importante condicionante socioeconômica que engendrou as emigrações internacionais contemporâneas de filhos de agricultores familiares itapuranguenses. Dentre as moedas estrangeiras merecem destaque o dólar e o euro, as quais são as moedas das sociedades de imigração mais visadas como destinos entre os entrevistados. Para compreender como a valorização do dólar e do euro atuaram sobre estas emigrações internacionais basta observar a Figura 05 apresentada na sequência, onde são demonstradas as flutuações anuais das taxas de câmbio médias (R\$) do dólar (\$) em relação ao real e do euro (€) em relação ao real no período entre os anos de 2000 e 2013, no qual as emigrações internacionais em questão se concentraram.

A Figura 05 demonstra a existência de um pico de valorização das moedas estrangeiras em relação à moeda nacional entre os anos de 2002 e 2004 para o dólar e entre os anos de 2003 e 2005 para o euro. O máximo valor do dólar foi obtido no ano 2003, no qual valeu em média R\$ 3,08. Já o máximo valor do euro foi obtido no ano de 2004, no qual valeu em média R\$ 3,63. Entre os filhos de agricultores familiares considerados no presente estudo, as emigrações internacionais concentraram-se justamente nestes períodos de pico. Contudo, é importante frisar que mesmo após a desvalorização das moedas estrangeiras em relação à moeda nacional as emigrações internacionais continuaram, tendo em vista que as últimas emigrações constatadas aconteceram no ano de 2008, com entrevistados migrando já pela segunda vez.

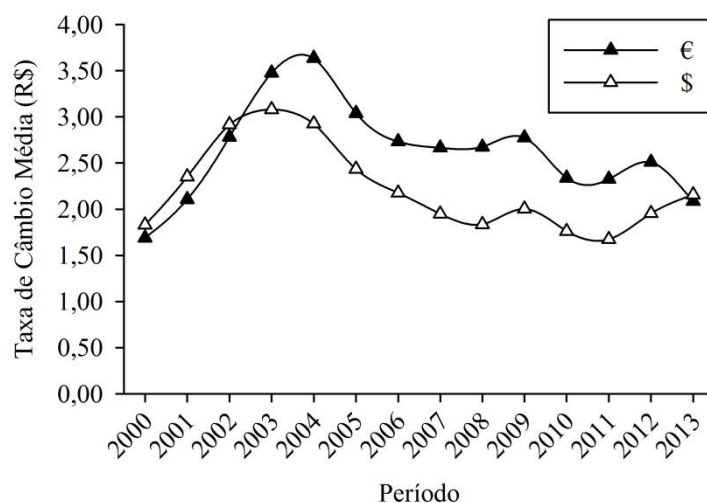


Figura 05 – Flutuações anuais das taxas de câmbio médias (R\$) do dólar (\$) em relação ao real e do euro (€) em relação ao real no período de 2000 a 2013.

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da OANDA Corporation (2014).

A valorização do dólar e do euro engendraram as emigrações internacionais em virtude da expectativa de que os salários recebidos pelos trabalhos nas sociedades de imigração poderiam ser duplicados ou até triplicados quando enviados através de remessas à sociedade de emigração. Dessa maneira, as emigrações internacionais foram tomadas como uma alternativa de renda facilitada entre os entrevistados.

Além disso, os relatos também evidenciaram que a valorização e a desvalorização do dólar e do euro foram percebidas meramente como uma questão de sorte. Isso tornou as emigrações internacionais uma espécie de loteria, na qual o jovem rural poderia obter sucesso ou fracasso, como recordou Luiz: “Quando eu cheguei lá, nos primeiros dias, o euro tava R\$ 3,50. Mas depois ele baixou pra R\$ 2,50 e nunca mais subiu. Pra você ver a falta de sorte” (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Por fim, no contexto internacional, as redes migratórias também atuaram como condicionantes socioeconômicas. As redes migratórias internacionais são grandes redes sociais compostas por uma série de pequenas redes especificamente adaptadas às migrações internacionais (SOARES, 2003). As mesmas são constituídas por redes pessoais e redes institucionais (muitas vezes criminosas) mantidas por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados que apoiam o movimento de pessoas, bens e informações e

que conectam emigrantes em áreas de origem a imigrantes em áreas de destino, incorporando, até mesmo, não migrantes. Estas redes aumentam a probabilidade de ocorrência das emigrações internacionais ao reduzir os seus custos financeiros e os seus riscos físicos e, também, ao aumentar os seus retornos líquidos esperados (MASSEY et al., 1993; SOARES, 2003).

De acordo com Truzzi (2008), essas redes são essenciais para a compreensão das vivências das migrações internacionais. No que tange às emigrações internacionais de filhos de agricultores familiares itapuranguenses, as redes pessoais atuaram mais incisivamente. Isso significa que a probabilidade de emigração internacional foi maior se o jovem rural dispunha de laços sociais de parentesco, de amizade e de origem comum inscritos nas redes migratórias internacionais. Para Soares (2003) e Truzzi (2008) isso acontece porque se associa informações de maior confiabilidade às redes pessoais do que às redes institucionais, reforçando o compromisso simbólico existente entre os parentes, amigos, conhecidos e os migrantes.

Em seu estudo sobre as redes migratórias internacionais de Governador Valadares, estado de Minas Gerais, Fusco (2000) aponta que os laços sociais de parentesco recebem lugar de destaque como os mais seguros destas redes, na seguinte ordem de importância: entre pais e filhos, entre irmãos, entre tios e sobrinhos e entre primos. Entre os entrevistados constatou-se a influência de todos estes laços sociais de parentesco na composição das redes pessoais, sendo os laços de parentesco entre irmãos os mais comuns.

Nesse sentido, Luísa atrelou seu desejo de emigrar para os Estados Unidos porque sua mãe viveu e trabalhou lá durante muitos anos, incentivando-a a ir. Já Gabriel emigrou com o auxílio e incentivo de seu irmão, que estava nos Estados Unidos e o recebeu. Enquanto isso, Luiz emigrou para Portugal a convite de uma prima que já estava estabilizada no exterior. Esses relatos se encontram abaixo.

Através da minha mãe. Porque minha mãe já foi para os Estados Unidos, minha tia já foi, os filhos de outra tia estão lá e tem mais dois tios que já foram. Aí a minha mãe me falou assim: “se você algum dia tiver a oportunidade de conhecer lá, você vai, porque lá eu acho que toda pessoa tinha que conhecer. Pelo menos conhecer, né”. A minha mãe fez toda uma história de vida lá. Ela deixou eu, meu pai e meu irmão e ficou quatro anos lá enquanto a gente ficou aqui. Isso foi na minha adolescência. E eu morro de vontade de ir. [...] Minha mãe me incentivava (Luísa, 23 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional).

A ideia, na verdade, surgiu porque meu irmão foi primeiro. Eu tinha um negocinho com a minha tia, uma livraria aqui em Itapuranga, e tava até acomodado. Aí o meu irmão decidiu ir. Ele foi um ano antes de mim. Eu já tinha tentado o visto, mas tinha desistido. Daí como as minhas coisas tavam meio amarradas aqui e as dele tavam

melhorando lá, eu fiquei naquela de não sei se eu vou, não sei se eu não vou... E acabei indo (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Foi uma prima que convidou pra ir trabalhar na construção civil. A prima tinha casado com um português e às vezes era mais fácil largar tudo, vender o que tinha aqui, quitar as dívidas e ir trabalhar lá em Portugal uma época (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

De acordo com Fusco (2000), os laços sociais de amizade aparecem logo após os laços sociais de parentesco no âmbito das redes migratórias internacionais. Os mesmos começam a influenciar as emigrações internacionais quando estas se tornam extremamente incidentes, ultrapassando os limites dos laços sociais de parentesco. Dentre os laços sociais de amizade, merecem destaque aqueles existentes entre amigos que desde a infância compartilharam experiências de vida e que ao longo do tempo desenvolveram uma predisposição de auxílio mútuo. Um exemplo típico desta atuação dos laços sociais de amizade no âmbito das redes migratórias internacionais foi encontrado no relato de Geraldo, que em sua juventude tentou emigrar para os Estados Unidos, para junto de seus amigos.

Eu conhecia uns meninos que tinham ido. Um deles já tinha dois anos que tava lá e o outro, irmão dele, já tinha um ano. Meus vizinhos, nós foi criado junto na roça. Eles tavam ganhando muito dinheiro e me deram a oportunidade. Eles me falaram: “não, você vem!” E eu fui. O serviço pra mim já tava arrumado com os meninos, eles já tinham até comprado as ferramentas pra eu trabalhar (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Ainda conforme Fusco (2000), os laços sociais de origem comum aparecem por último na ordem de relevância de constituição de redes pessoais integradas a redes migratórias internacionais. Esses laços sociais se referem às relações existentes entre aqueles que são conterrâneos, ou seja, oriundos de uma mesma sociedade de emigração. Embora estes laços sociais não tenham sido muito proeminentes nas emigrações internacionais de filhos de agricultores familiares itapuranguenses, ainda assim foram encontrados relatos relacionados, como o de Ciro, que migrou para Reino Unido com auxílio de uma conhecida.

A minha esposa conhecia essa mulher que me arrumou esse serviço. Um dia comentando ela falou: “uai, porque o seu marido não vai pra lá? Porque eu fui, eu tive lá [Reino Unido] lá tem muito serviço e é bom pra ganhar dinheiro”. E aí a minha esposa comentou isso comigo e eu fiquei com isso na cabeça: “não, eu vou, vou tentar” (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Frente ao exposto, as mais variadas condicionantes socioeconômicas que engendraram as emigrações internacionais convergiram, sobretudo, em busca de um lugar para viver e

trabalhar. Essas emigrações foram caracterizadas por um projeto migratório internacional em comum, o qual consistia basicamente em migrar, trabalhar, economizar, retornar e investir, como mostraram os relatos dos entrevistados remetendo à suas condições juvenis. Esse projeto migratório, considerado capaz de condicionar a reprodução social e a autonomia dos migrantes internacionais, foi facilmente entendido nas entrevistas, onde Carlos, por exemplo, sintetizou os objetivos de sua emigração internacional como: “Eu queria ganhar um dinheirinho pra eu vir embora e poder fazer as coisas, pra não ter que ir trabalhar de empregado” (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude). Contudo, nem todos os filhos de agricultores familiares itapuranguenses conseguiram realizar seus projetos migratórios internacionais, por motivos apresentados no decorrer do estudo.

Como mencionado anteriormente, essas condicionantes socioeconômicas corroboraram tais emigrações como estratégias de autonomia e de reprodução social entre os jovens rurais. Foi através da inexistência das condicionantes socioeconômicas necessárias à autonomia e à reprodução social que as emigrações internacionais foram justificadas na agricultura familiar do município de Itapuranga: os pais afirmaram que gostariam que os filhos tivessem permanecido no meio rural e sido agricultores familiares, mas que não tinham condições de auxiliá-los; os filhos afirmaram que gostariam de ter permanecido no meio rural e terem sido agricultores familiares, mas que os pais não tinham condições de auxiliá-los. Foi como uma espécie de contrato sumário, com o intuito de amenizar a ausência desencadeada pelas emigrações internacionais, as quais foram marcadas pela

consciência culpada em relação primeiro ao grupo de origem, o grupo que se deixou de fato, que se deixou material, orgânica e corporalmente, mas que se quer assegurar (e ao mesmo tempo se assegurar) de que ele não foi deixado afetivamente, não foi deixado nem pelo coração, nem pelo espírito, é ao menos aquilo que se quer acreditar e fazer acreditar, que se quer proclamar a propósito e fora de propósito, o que se pretende saber fazer a todo mundo. Demonstrar, em primeiro lugar, aos seus, aos seus próximos, ao grupo (local, regional, e mais ainda, nacional) – do qual se separou sem alegria no coração, mas por constrangimento – que a infeliz separação, à qual se é desta maneira constrangido, não é desejada, nem escolhida com toda a liberdade, nem mesmo com conhecimento de causa, mas é imposta. Daí a necessidade de lhe conferir um álibi, encontrar-lhe uma razão maior; um álibi e uma razão que parecem previamente combinados entre todos os pares, e realizam tão bem o acordo do ausente: tanto o emigrante que se vai, não sem se lamentar (é preciso que haja um lamento manifesto), e que tem necessidade disso para partir com a consciência em paz, quanto dos presentes, aqueles que ficam e não tem outra escolha senão olhar o emigrante partir para contá-lo em seguida entre os ausentes, para incluí-lo entre os que partiram alhures (SAYAD, 2000, p. 13-14).

Dessa maneira, essas migrações internacionais também foram intentos familiares. Conforme Tedesco e Grzybovski (2011, p. 347), em estudo sobre os imigrantes senegaleses

no Rio Grande do Sul, “as saídas e permanências entre familiares revelam acordos internos, dinâmicas econômicas, sociais e afetivas, vínculos que vão se estendendo pelos territórios, porém conservando obrigações, moralidades e sentimentos de família”. Nesse mesmo sentido, Martins (2003c), ao estudar as migrações no Brasil também destaca o seu caráter familiar.

Nesse sentido é necessário pensar como migrante não apenas quem migra, mas o conjunto da unidade social de referência do migrante que se desloca. Mesmo que uma parte da família fique no lugar de origem e apenas outra parte se desloque para o lugar de destino. No entanto, todos padecem as consequências da migração, embora não sejam estatisticamente migrantes. Todos vivem cotidianamente o sonho do reencontro. Vivem todos os dias à espera do ausente (MARTINS, 2003c, p. 145).

Entretanto, conforme Navaz (2006), em seu estudo sobre migrações internacionais contemporâneas de jovens menores de idade para a Espanha, as migrações estão situadas entre a coletividade do grupo familiar e a individualidade do jovem migrante. Assim, sem ignorar a família, é preciso destacar o protagonismo do próprio jovem no que tange à migração. Isso porque as migrações internacionais de jovens “adquirem um significado identitário diferenciado e estão estruturadas organizacionalmente e ritualmente de maneira semiautônoma e nem sempre coincidentes com – embora nem sempre contrárias – as lógicas adultas de migração” (NAVAZ, 2006, p. 18, tradução nossa).

Dessa maneira, em virtude das condicionantes socioeconômicas anteriormente mencionadas, os entrevistados disseram *good bye* à agricultura familiar do município de Itapuranga, estado de Goiás, e se aventuraram, ainda jovens, em viagens internacionais em busca da concretização de seus projetos migratórios.

2 JOVENS RURAIS, VIAJANTES INTERNACIONAIS: AVENTURAS PELAS FRONTEIRAS DO MUNDO

Considerando a ordem cronológica das migrações internacionais contemporâneas, anteriormente analisadas as emigrações, o estudo continuou analisando, agora, as viagens através das quais os filhos de agricultores familiares itapuranguenses deixaram a sua sociedade de emigração e se inseriram nas sociedades de imigração situadas em outras nações. Dessa maneira, neste segundo capítulo, os entrevistados foram entendidos como viajantes internacionais em movimento constante, através de uma zona fronteiriça entre a nação de origem e as nações de destino, onde os mesmos estiveram vulneráveis.

Sendo assim, o capítulo teve como objetivo reconstituir os caminhos cursados pelos migrantes internacionais entre a sua sociedade de emigração e as suas sociedades de imigração, sublinhando as extraordinárias e ambíguas singularidades envolvidas nessas viagens, com suas partidas, travessias e chegadas, sustentando-se sobre as memórias dos entrevistados relativas à juventude.

Ao início, foram evidenciados os contraditórios resultados das inconsistências da globalização sobre a agricultura familiar do município de Itapuranga, gerando as chamadas migrações internacionais indocumentadas, ou seja, migrações ocorrentes sem o controle das nações envolvidas no movimento. Essas migrações internacionais indocumentadas ocorreram sem e, também, com vistos de não migrantes, sendo a existência ou não dos vistos a característica ativa na demarcação da rota migratória utilizada, seja a mesma legal ou ilegal.

A rota migratória legal levou filhos de agricultores familiares até sociedades de imigração situadas em nações do continente americano e, também, do continente europeu. As viagens nessa rota contaram com vistos obtidos em virtude das condizentes condições socioeconômicas dos migrantes e as mesmas aconteceram essencialmente via aérea. Dessa maneira, as situações mais marcantes nas viagens através dessa rota foram as partidas, tendo em vista a separação dos familiares, e as chegadas, devido à passagem pelos guichês de imigração nos aeroportos internacionais. Além disso, as viagens através dessa rota contaram com o auxílio das redes sociais constituídas pelos familiares, amigos e conhecidos, tanto encontrados na nação de origem, como também nas nações de destino.

Já a rota migratória ilegal foi cursada por filhos de agricultores familiares cujas condições socioeconômicas impossibilitaram a obtenção de vistos. Nessa rota, os migrantes

internacionais direcionaram-se somente aos Estados Unidos. Até o México, os mesmos realizaram uma travessia aérea, e do México até os Estados Unidos realizaram uma travessia terrestre com o auxílio de atravessadores especializados chamados coiotes. Assim, em virtude da ilegalidade, essas viagens foram mais caras, mais perigosas e colocaram os migrantes em situações de vulnerabilidade mais incisivas. Nesse sentido, os momentos mais marcantes das viagens foram as travessias terrestres, onde atuaram diretamente redes institucionais (e criminosas) envolvidas na chamada indústria de imigração.

Considerando os incríveis acontecimentos recordados nas entrevistas, as viagens foram entendidas como eventos marcantes nessas trajetórias migratórias internacionais, como verdadeiros rituais transitórios no âmbito da juventude. Desse modo, realizadas concisas considerações iniciais sobre as migrações internacionais indocumentadas e assinaladas as rotas utilizadas nas mesmas, ambas foram analisadas separadamente com o intuito de reconstituir os contrastes e as semelhanças vivenciados nos caminhos da legalidade e da ilegalidade relativos à juventude rural itapuranguense, salientando os eventos mais essenciais nessas viagens.

2.1 “Sem lenço, sem documento”: jovens rurais em migrações internacionais indocumentadas

Considerando o cenário interiorano construído sobre a agricultura familiar onde os entrevistados nasceram e cresceram, as viagens internacionais em suas juventudes constituíram verdadeiros marcos em suas vidas, acarretando experiências até então não imaginadas. De acordo com Sales (1999), analisando os movimentos migratórios internacionais entre Brasil e Estados Unidos, as migrações internacionais indocumentadas costumam mascarar viagens extraordinárias.

As histórias mais fantásticas são aquelas relacionadas à travessia e à chegada. [...] A tensão, o medo, todo um rito de passagem contado sempre em detalhes e com datas nunca esquecidas, terminam por se constituir tal qual uma situação de liminaridade para uma nova vida que dificilmente tem volta, pois dali em diante eles nunca mais serão os mesmos brasileiros de antes” (SALES, 1999, p. 153).

De acordo com Feixa (2006), em estudo sobre jovens migrantes latinos na Catalunha, Espanha, as viagens internacionais são consideradas verdadeiros rituais transitórios

diversamente vivenciadas, sejam viagens internacionais longas ou curtas, sozinhas ou acompanhadas, com aventuras, com desventuras ou sem venturas. As viagens internacionais consistem em partidas, travessias e chegadas, convergentes em torno das rupturas dos jovens migrantes com aspectos temporais e espaciais. Isso significa que ao longo das mesmas, isto é, desde o momento da partida da nação de origem até o momento da chegada à nação de destino, o jovem migrante está desprovido de um tempo e de um espaço para si próprio: verdadeiramente perdido na fronteira aberta que é o mundo.

Segundo Ianni (2004), ao estudar as migrações italianas retratadas em roteiros cinematográficos, as viagens caracterizam os migrantes, comumente intitulados como viajantes ou como errantes, retirantes, viandantes e até mesmo aventureiros, tendo em vista que “todo aquele que migra sabe de onde parte, mas não sabe onde chega; sabe o caminho que deixa, mas não qual encontra” (IANNI, 2004, p. 153). Dessa maneira, as viagens marcam incisivamente suas trajetórias sociais.

Todo migrante [...] está em busca de outros ares, terras, perspectivas de vida, modos de ser. Foge do que conhece e busca o que desconhece. Imagina o futuro como negação do passado, surpreendendo-se com o presente. Aventura-se, arrisca-se. Imagina chegar em outro lugar, encontrar outras possibilidades de vida e trabalho, realização e emancipação. Entretanto, desde o momento em que parte lança-se em uma travessia que não termina nunca, quer seja derrotado, quer seja vencedor (IANNI, 2004, p. 160).

Contemporaneamente, as viagens solicitam ainda mais atenção considerando o aumento das migrações internacionais. De acordo com Martine (2005), esse aumento está relacionado com o avanço da globalização e seu incentivo ao aprofundamento internacional de integrações econômicas, sociais, políticas, culturais, demográficas, ambientais, tecnológicas, ideológicas, entre outras, através de transformações aceleradas referentes à transporte, à informação e à comunicação. Em virtude da globalização

o horizonte do migrante não se restringe à cidade mais próxima, nem à capital do estado ou do país. Seu horizonte é o mundo [...]. O migrante vive em um mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros diariamente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor (MARTINE, 2005, p. 03).

Segundo Hugo (1998), esse cenário incentiva ainda mais o aumento das migrações internacionais indocumentadas, que são aquelas que escapam ao controle migratório entre as nações. As migrações internacionais indocumentadas são resultantes dos contraditórios estímulos globalizantes, que facilitam a livre circulação de capital financeiro, mas que dificultam a livre circulação de capital humano. Em razão a essas incitações extremas,

Martine (2005) reconhece-a como “globalização inacabada”. Conforme Tedesco (2012), analisando as migrações internacionais existentes entre Brasil e Itália, à globalização não interessam os migrantes como seres humanos, mas, sim, somente como mão-de-obra.

Curiosamente, as consequências dessa “globalização inacabada” foram encontradas até mesmo no âmbito da agricultura familiar no município de Itapuranga, situado no interior do estado de Goiás, no Brasil, tendo em vista que absolutamente todas as migrações internacionais contemporâneas entre os entrevistados foram caracterizadas como indocumentadas. Para Hugo (1998), a tendência é que essas migrações continuem crescendo exponencialmente, principalmente em função das políticas migratórias internacionais cada vez mais restritivas, fundamentadas sobre direitos humanos e seguridades nacionais, as quais dificultam as migrações internacionais documentadas e, conseqüentemente, provocam as indocumentadas.

Conforme Hugo (1998), ao evadir o controle, as migrações internacionais indocumentadas são mensuradas com embaraço. Em Itapuranga, isso levou ao questionamento dos dados oficiais apresentados anteriormente, os quais asseveraram a existência de somente 324 imigrantes internacionais itapuranguenses (IBGE, 2010). Considerando as migrações internacionais indocumentadas como unânimes entre os entrevistados, certamente o número de imigrantes em 2010 era maior do que as estimativas oficiais sugeriam.

Relativamente às viagens, essas migrações internacionais indocumentadas ocorrem em rotas consideradas como legais e, também, ilegais (HUGO, 1998). Nesse contexto, indocumentadas e ilegais não são, necessariamente, sinônimos. Em síntese, as viagens legais e as ilegais se diferenciam em virtude dos vistos, presentes nas primeiras e ausentes nas últimas, o que também demonstra que os vistos, por si só, não garantem migrações internacionais documentadas.

Dessa maneira, em Itapuranga, notou-se: primeiro, que com vistos as migrações iniciaram documentadas e os migrantes entraram legalmente nas nações estrangeiras, mas estas mesmas migrações terminaram indocumentadas porque os migrantes não respeitaram as limitações dos vistos, fossem temporais ou fossem condicionais; e segundo, que sem vistos as migrações já iniciaram indocumentadas e os migrantes entraram ilegalmente nas nações estrangeiras. Essa diferenciação entre “indocumentação” e “ilegalidade” foi retomada na entrevista com o informante Emílio, contando sobre sua situação como imigrante nos Estados Unidos na idade adulta: “Eu fui legal, porque eu tinha visto. Mas o visto só vale um tempo. E aí você precisa ter documentos lá [Estados Unidos]. E eu não tinha. Tive que fazer carteira de

motorista e *green card* falso, senão não conseguia trabalhar” (Emílio, 49 anos, informante-chave).

Nesse sentido, as migrações internacionais indocumentadas entre os filhos de agricultores familiares aconteceram através de rotas migratórias internacionais distintas, sendo elas a rota legal (das viagens com vistos) e a rota ilegal (das viagens sem vistos). Desse modo, a existência ou não dos vistos conferiu singularidades a cada uma dessas rotas em relação às viagens internacionais, estando as mesmas ilustradas sinteticamente na Figura 06.

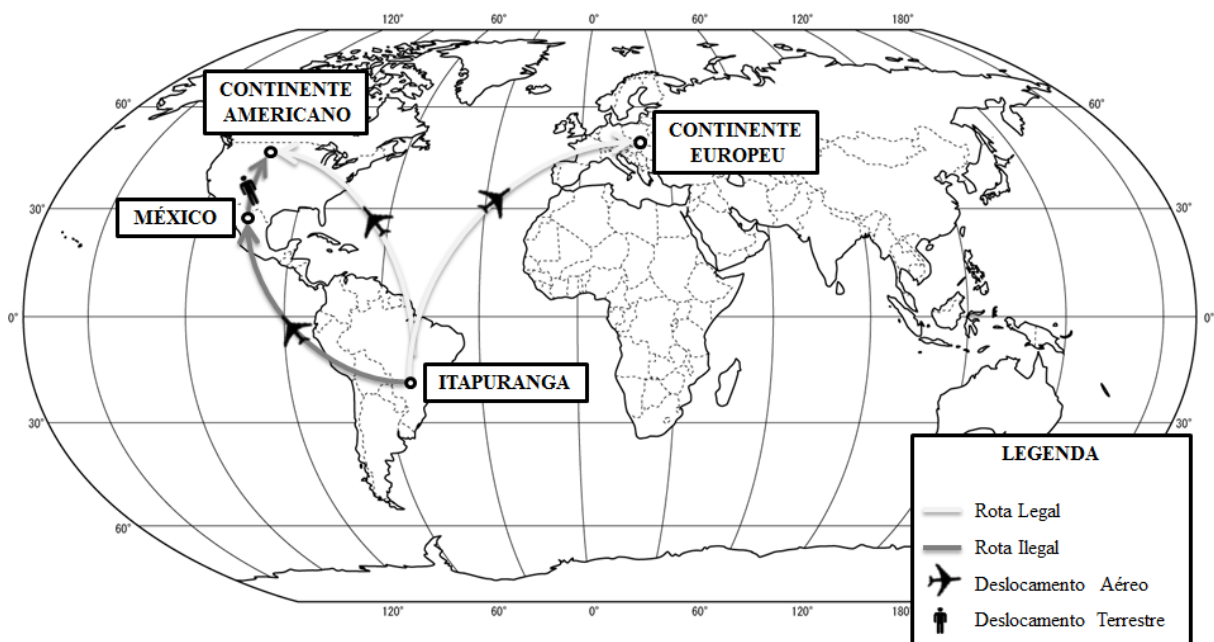


Figura 06 – Características das rotas migratórias utilizadas nas viagens internacionais dos filhos de agricultores familiares de Itapuranga.

Fonte: elaborado pela autora.

Nas viagens internacionais ocorrentes através da rota legal, as nações estrangeiras onde se encontraram as sociedades de imigração estavam situadas no continente americano e no continente europeu. Em virtude da existência dos vistos, o deslocamento entre a nação de origem e a nação de destino foi inteiramente aéreo. Entretanto, nas viagens internacionais realizadas através da rota ilegal, a nação estrangeira onde se situavam as sociedades de imigração foram encontradas somente no continente americano, nos Estados Unidos. Não existindo vistos, o deslocamento entre nação de origem e nação de destino não foi

inteiramente aéreo, existindo uma escala no México, onde a travessia continuou via terrestre, com o intuito de evitar o controle migratório existente nos aeroportos, onde os migrantes sem vistos seriam identificados, barrados e, conseqüentemente, deportados.

Assim, as migrações internacionais indocumentadas foram singularmente vivenciadas, exibindo contrastes e semelhanças vinculados com a legalidade ou ilegalidade de suas viagens. Em virtude disso essas viagens internacionais foram estudadas separadamente em conformidade com a rota migratória utilizada, justamente para enfatizar os contrastes e as semelhanças que transformaram essas migrações internacionais indocumentadas em percursos mais ou menos venturados, conforme as memórias relativas às juventudes dos migrantes internacionais entrevistados sugeriram.

2.2 Com visto, sem aventura: jovens rurais em viagens internacionais legais

Na agricultura familiar do município de Itapuranga, as migrações internacionais indocumentadas vivenciadas através de viagens ocorrentes através da rota legal se mostraram entre os entrevistados que tiveram seus vistos concedidos, os quais foram determinantes para que essas viagens internacionais fossem realizadas legalmente. De acordo com o estudo de Margolis (2013), sobre migrações internacionais contemporâneas de brasileiros, as concessões de vistos estão intimamente relacionadas com as condições socioeconômicas dos migrantes internacionais.

Em suas viagens internacionais legais durante a juventude, os entrevistados requisitaram os denominados vistos de não migrantes, que podem ser vistos de turistas, de estudantes ou de trabalhadores, os quais permitem viagens internacionais com limites temporais e condicionais que reduzem os riscos de migrações. Entretanto, para que esses vistos fossem concedidos, os migrantes tiveram de apresentar condições financeiras, educacionais e profissionais adequadas para os vistos de turistas, estudantes e trabalhadores, respectivamente, as quais seriam, teoricamente, responsáveis em assegurar o cumprimento das limitações temporais e das limitações condicionais dos vistos, aceitando viagens, mas evitando migrações. Segundo Margolis (2013), em função dessas condições socioeconômicas, são ainda maiores as dificuldades de concessões de vistos enfrentadas pelos brasileiros que são jovens, solteiros e desempregados.

É importante adiantar que os entrevistados apenas conseguiram concessões de vistos de turistas e de estudantes, não existindo relatos de concessões de vistos de trabalhadores. Em virtude disso, as precariedades financeiras e as limitações educacionais que por um lado estimularam as migrações internacionais dos filhos de agricultores familiares, por outro lado dificultaram as concessões dos vistos necessários às mesmas. Para Margolis (2013, p. 84), “os brasileiros de recursos mais modestos e com menos escolaridade têm muita dificuldade para conseguir visto de turista e de estudante”. Dessa maneira, inúmeros jovens rurais tiveram de empreender várias tentativas até que os vistos lhe fossem concedidos, buscando ajustar suas condições socioeconômicas entre uma tentativa e outra.

As nuances relativas à escolaridade estiveram no relato da jovem Luísa, que ainda não conseguiu migrar para os Estados Unidos, pois teve o visto de estudante negado na primeira tentativa porque havia trancado a matrícula do curso de graduação. Atualmente, a jovem rural voltou a matricular-se justamente para empreender uma nova tentativa de concessão de visto. O depoimento abaixo é revelador.

Nossa, foi papel demais, credo! Eu nem dormia. Eu ia fazer um curso como se eu trabalhasse na roça, a minha mãe ia me dar esse curso. Mas quem ia patrocinar a viagem era a minha tia. Ela me deu os documentos dela, da chácara dela, da loja dela, tudo para comprovar que ela ia patrocinar a minha viagem. Eu fui ao contador e fiz tudo certinho. Foram umas quatro ou cinco pessoas daqui de Itapuranga. Os meus documentos tinham ficado ótimos. Nós fomos até uma agência de viagens em Goiânia, fizemos entrevistas e eles conferiram nossos documentos. Mas aí uma funcionária já me alertou que seria mais fácil pra mim se eu conseguisse um comprovante de estudante. Porque como eu ia pra fazer um curso, eu tinha que estar fazendo faculdade ou já tinha que ter terminado a faculdade. Eu liguei lá na faculdade onde eu estudava, tentei conversar, mas eles não me deram o comprovante porque eu tinha trancado a faculdade. Como eu já tinha gastado bastante dinheiro nesses documentos, eu fui tentar o visto igual, pensando: “seja o que Deus quiser”! Nós fomos para Brasília fazer a entrevista com o cônsul. Ele falava muito enrolado, foi difícil entender o que ele me perguntava. Eu entreguei os meus documentos e um convite desse curso que eu ia fazer nos Estados Unidos. O cônsul me perguntou o que eu ia fazer e eu falei que ia fazer um curso assim, assim e assim. E então ele me perguntou se eu era estudante! E eu falei que não, porque a minha faculdade tava trancada. E então ele me disse que não podia conceder o visto. [...] Agora eu estou estudando Pedagogia com o intuito de ir pra fora. Dessa primeira vez eu não consegui porque eu não era estudante. Mas agora já faz um mês e pouco que eu estou fazendo Pedagogia, pra ver seu tento pelo menos o visto de estudante (Luísa, 23 anos, filhas de agricultores familiares, migrante internacional).

Além das condições socioeconômicas, os entrevistados também destacaram outras dificuldades inerentes às concessões de vistos, as quais foram denominadas pelos mesmos em suas entrevistas como “a papelada” e “a correria”, termos relativos às burocracias dos consulados. É importante esclarecer que os vistos de turistas e de estudantes somente foram concedidos mediante entrevistas nos consulados das nações estrangeiras miradas, onde

exigiram-se diversos documentos resultantes em muitos deslocamentos para a obtenção e apresentação dos mesmos, incluindo viagens para Goiânia e Brasília.

As migrações internacionais indocumentadas dos filhos de agricultores familiares, através de viagens internacionais legais, iniciaram efetivamente somente após as concessões de vistos, sendo constituídas, sequencialmente, por partidas, travessias e chegadas. Em virtude da legalidade dessas viagens internacionais é interessante constatar que as partidas e as chegadas foram muito mais significativas do que as travessias, como será possível compreender em seguida.

No que tange às partidas, é necessário destacar como as redes sociais pessoais foram importantes para viabilizar as viagens internacionais legais. De acordo com Assis (2008), em estudo sobre migrações internacionais contemporâneas indocumentadas, as redes sociais situadas na nação de origem e consistentes em laços sociais confiáveis com familiares, amigos e conhecidos, são responsáveis por fornecer informação e por emprestar dinheiro, incentivando as migrações através dessas seguridades mínimas.

Com base nas entrevistas, percebeu-se que as redes pessoais viabilizaram as partidas, sobretudo, através dos empréstimos de dinheiro, os quais foram essenciais para as aquisições das passagens aéreas que garantiram as travessias. Em muitos casos, esses empréstimos foram realizados com os próprios agricultores familiares, como relatado na entrevista com Ciro, recordando sua migração rumo ao Reino Unido em virtude das dívidas acumuladas no Brasil durante a juventude: “Foi meu pai que ajudou, foi ele que arrumou o dinheiro pra passagem na época” (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude). É válido destacar que as viagens internacionais legais dos jovens rurais envolveram recursos financeiros significativamente menores do que as viagens internacionais ilegais, pois convergiram somente em torno das passagens aéreas.

Com as passagens compradas, os filhos de agricultores familiares começaram os preparativos e as despedidas, as quais comportaram o surgimento dos sofrimentos característicos das migrações internacionais, que, de acordo com Sayad (2000), em seu estudo sobre as migrações da Argélia para a França, são provenientes das ausências objetivamente culpáveis dos migrantes. Isso aconteceu porque os preparativos e as despedidas anunciaram as partidas, que por sua vez anunciaram as ausências, as quais incidiram incisivamente sobre os envolvidos nessas viagens, ocasionando singulares reações de sofrimento, não apenas naqueles que partiram, mas também naqueles que ficaram. Logo, foram recorrentes os relatos de agricultores familiares itapuranguenses que choraram ao assimilar e ao testemunhar as partidas dos filhos, como rememorado no relato de Ciro.

Quando falei pra eles que eu ia, minha mãe só chorava, só reclamava: “meu filho, não vai! Pra que você vai?” Mas, eu tinha colocado na minha cabeça e nada me tirava. Eu queria ir mesmo. [...] Eu nunca tinha visto meu pai chorando e, nesse dia, quando eu falei que ia mesmo, ele chorou. E ele não falava pra eu não ir. Ele ficava calado, sofrendo. [...] É uma coisa que a gente não esquece. Você olhar pra trás e ver os seus parentes, na época foi meu pai e meu irmão me levar no aeroporto, na hora que você vai olhando e deixando tudo pra trás sem saber pra onde tá indo, se vai realmente conseguir alguma coisa (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Esse relato mostrou o sentimento culpado do migrante, ainda jovem no momento de sua viagem, em relação ao sofrimento causado por sua ausência: culpa que foi carregada pelo mesmo ao longo de toda a sua trajetória. Os jovens rurais itapuranguenses não desejavam carregar essas culpas, sendo assim, comumente utilizaram estratégias para amenizar os seus sofrimentos e os sofrimentos dos seus, como a tentativa de abreviar o intervalo existente entre as partidas anunciadas e as partidas efetivas. No relato abaixo, observaram-se essas nuances da perspectiva de um filho migrante internacional, Emílio, e da perspectiva de sua mãe agricultora familiar, Cora, ambos informantes-chave.

Foi de uma hora para outra. Eu nem despedi dos tios, dos primos. Acho que a passagem estava marcada para o dia 16 e eu falei que ia viajar dia 26 para não ter despedida. Arrumei a desculpa que ia para Anápolis arrumar os documentos e tal. Aí eu cheguei lá, estava tudo arrumadinho e liguei para o pai e disse: “Oh, estou de saída amanhã”. [...] Mas o pai e a mãe foram no aeroporto. Foi o pior dia da minha vida. Dá aquele nó na garganta, se a pessoa for fraca desiste da viagem. Porque ver pai, mãe e irmã chorando, você tem que ter opinião (Emílio, 49 anos, informante-chave).

Ele viajou a noite inteira. Embarcou às dez horas da noite em São Paulo e às seis horas da manhã já tava em Nova York. Ai, menina! Quando eu acordei de manhã e lembrei que o meu filho tava do outro lado do mundo [lágrimas]. Minha filha do céu, eu fiquei desesperada! Foi tanto desespero, que eu até chorei em voz alta (Cora, 72 anos, informante-chave).

É importante fundamentar que o sofrimento do momento da partida foi intensificado por algumas características das viagens internacionais legais. Todos os entrevistados itapuranguenses que utilizaram essa rota ainda não haviam viajado de avião, e vários deles vivenciaram essa experiência inédita sozinhos, pois partiram desacompanhados. Com base no estudo de Feixa (2006) sobre os jovens latinos imigrantes na Catalunha, Espanha, é possível compreender que as sensações provocadas pelo voo associadas às sensações provocadas pela solidão, tornam a viagem internacional um sofrimento angustiante em virtude das ambiguidades que permeiam a chegada e a possibilidade de retorno.

Dessa maneira, as viagens internacionais legais foram caracterizadas por uma única garantia: a partida, marcada pela simplicidade da agricultura familiar itapuranguense, a qual

foi brevemente salientada no relato de Olga, ao relembrar sua primeira migração internacional para os Estados Unidos, ainda moça: “Eu fui matuta de tudo. Matuta mesmo. Até a mala era de jeca tatu” (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em Itapuranga, as travessias dos jovens rurais, filhos de agricultores familiares, que conseguiram vistos e utilizaram a rota legal foram basicamente aéreas. Ou seja, iniciaram com a entrada dos mesmos nos aviões na nação de origem e encerraram com a saída dos aviões nas nações de destino. Em virtude dessas travessias aéreas, os migrantes internacionais nem mesmo perceberam que estavam cruzando fronteiras entre diferentes nações. Sendo assim, as travessias não apareceram nos relatos dos mesmos, pois não foram significativas em função da ausência de quaisquer aventuras ou desventuras.

No que tange às chegadas, destacaram-se as passagens pelos controles migratórios internacionais nos aeroportos, representados pelo guichê de imigração. De certa maneira, o guichê de imigração foi considerado a fronteira nas viagens internacionais legais, onde os migrantes vivenciaram um cenário de interrogação, desconfiança e hostilidade. De acordo com Silva (2011), em estudo sobre migrações internacionais contemporâneas de goianos, o guichê de imigração funciona como uma barreira migratória internacional: de um lado, a deportação, que remete ao retorno à nação de origem; de outro lado, a imigração, que remete à entrada na nação de destino.

O guichê de imigração foi determinante para os projetos migratórios dos filhos de agricultores familiares em viagens internacionais legais, pois permitiu a passagem dos mesmos assinalando o início de seus projetos migratórios, através da imigração, assim como também impediu a passagem, assinalando o precoce fim desses projetos através da deportação. Segundo Silva (2011, p. 75), o guichê de imigração é “uma das formas em que as barreiras se materializam para aqueles cuja mobilidade pode ser identificada como um risco, especialmente em momentos de instabilidade econômica e desemprego”.

Para Spire (2010), o guichê de imigração funciona com base em critérios subjetivos que mensuram os riscos de aparentes viagens internacionais se transformem em verdadeiras migrações internacionais. Isso significa que, no guichê de imigração, são realizadas especulações das possibilidades que as limitações temporais e condicionais dos vistos de não migrantes sejam descumpridas. Nesse sentido, os entrevistados se apresentaram no guichê de imigração como turistas ou estudantes, os quais apenas ficariam um determinado tempo na nação estrangeira, sem trabalhar. Os mesmos deram a entender que estavam somente viajando, e não migrando, como na verdade aconteceu, já que as limitações temporais e

condicionais de seus vistos não foram cumpridas e os mesmos se tornaram migrantes internacionais indocumentados. Em razão dos critérios subjetivos utilizados, Spire (2010) explica que o guichê de imigração é caracterizado por discretas presenças discriminatórias que são mascaradas por decisões de riscos flexíveis e diversas.

O agente a serviço da imigração está apoderado do direito de presumir se quem está pleiteando a entrada oferece algum risco ao país ou pretende trabalhar ilegalmente. Antes de tudo, o que supostamente seria um espaço onde a segurança de todos que nele transitam seria resguardada, transforma-se para alguns em lugar de extrema insegurança (SILVA, 2011, p. 75-76).

As passagens dos entrevistados pelo guichê de imigração foram momentos extremamente tensos, assombrados por possíveis deportações. Conforme Pereira (2009), em estudo sobre migrações internacionais contemporâneas de mulheres goianas, os medos das deportações constam sobre os empréstimos realizados para as compras das passagens aéreas, que com as deportações não podem ser ressarcidos. Tendo em vista que muitos entrevistados também apelaram para empréstimos, os mesmos ficaram extremamente tensos em suas passagens pelo guichê de imigração, pois estavam conscientes de que seus projetos migratórios internacionais poderiam ser precocemente finalizados, como salientou o informante Emílio em sua entrevista.

Mas não quer dizer. Só porque você tem o visto não é garantia de que você vai entrar. Muitos são deportados. Tem visto, chega lá [Estados Unidos] e dependendo do que você fala, volta. Muitos. Eles já falam aqui no consulado americano: “Oh, você vai pegar o visto, mas não é garantia que você entra no país, não”. Muitos amigos meus voltaram (Emílio, 49 anos, informante-chave).

Nesse sentido, existiram entrevistados que vivenciaram a experiência de deportação, inclusive mais de uma vez. Com base nos relatos recolhidos sobre as passagens no guichê de imigração, foram extraídos alguns critérios subjetivos que influenciaram nas imigrações ou nas deportações, dentre os quais estão os recursos financeiros e os fenótipos. A atuação dos primeiros é visualizada no relato do informante-chave Emílio, que emigrou já adulto para os Estados Unidos e teve o risco de migração reduzido em razão de ter ganhado na loteria. Já a atuação dos últimos constou no relato da imigração de Luiz, cuja passagem pelo guichê de imigração em Portugal foi favorecida por sua semelhança com os portugueses, o que amenizou o seu risco de migração, considerando que o mesmo já havia sido deportado anteriormente em tentativas de migrar para o Reino Unido.

De Goiânia a São Paulo foi tranquilo, de São Paulo a Nova York tudo tranquilo. Aí, quando cheguei em Nova York, me levaram pra uma salinha de entrevista, aí a coisa complicou. Tinha uma brasileira lá que sabia falar o inglês e traduziu tudo pra mim. Eu só fui até Nova York. A minha passagem era até lá, porque lá tinha que fazer essa entrevista. [...] Eles querem saber o nome certinho, pra ver se é uma pessoa que já teve passagem pela polícia. As mesmas perguntas que ele me fizeram na embaixada quando eu peguei o visto eles me fizeram lá. Então, eu tive que falar a mesma coisa, que morava aqui, que mexia com horta, essas coisas. E procuraram dinheiro também, quantos dólares eu tinha. Eu tive que tirar da carteira e mostrar (Emílio, 49 anos, informante-chave).

Muitos anos antes de ir para Portugal, eu tinha tentado ir para o Reino Unido, fui preso duas vezes no aeroporto, uns dois dias. Aí me botaram num voo pra trás. Na terceira vez, eu fui com a filha da minha prima. E aí quem ficou presa foi ela. E eu fiquei sozinho. No aeroporto tinha um balcão que todo mundo que ia chegando ia fazendo fila. Eu peguei uma fila e ela pegou outra. E aí pegaram ela. Ela já tinha sido expulsa de Portugal, falaram que ela não podia entrar lá mais, e ela tava indo de novo. Aí eles prenderam ela numa sala. Eu não tinha como ver ela, também não podia falar que tava com ela, nem nada. Fiquei só olhando eles levar ela, fiquei sozinho. [...] E eu não entendia o que eles falavam, nunca tinha saído daqui. Não sabia nada e não sabia nem pra onde ir. O aeroporto era um monstro de grande. Eu tinha que passar por ali pra procurar a saída pra pegar outro avião. Aí eu fiquei escutando o pessoal conversar, e quando reconheci a voz de um brasileiro fui lá conversar com ele. Eu segui ele e deixei a filha da minha prima pra trás. Umás três horas depois liberaram ela. Aí ela pegou outro voo e chegou atrás de mim. Mas a gente já sabia, a mãe dela conseguiu ligar e falar com ela. Mas na hora que pegaram ela eu pensei: “agora eu vou voltar também, de novo, mais uma vez”. [...] Eu acho que eu só passei lá porque eu parecia com os portugueses, porque eles são todos brancos e de olhos claros (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Com base no estudo de Silva (2011), é possível perceber que a origem goiana também vem se transformando paulatinamente em um critério subjetivo que tende a favorecer a deportação, tendo em vista a grande quantidade de migrantes internacionais contemporâneos provenientes dos mais diversos municípios goianos que não respeitam as limitações dos seus vistos, burlando o controle migratório internacional. Frente às percepções dos riscos das migrações internacionais dos jovens rurais da agricultura familiar itapuranguense, cujas viagens internacionais legais iniciaram documentadas e encerraram indocumentadas, é possível prever que, não apenas a origem goiana, mas a própria origem itapuranguense tende a ser transformada em um critério subjetivo que desfavorece a imigração e que favorece a deportação.

Considerando as trajetórias migratórias internacionais acima destacadas, também observou-se que os critérios subjetivos utilizados no guichê de imigração foram agravados pelas falhas argumentativas dos migrantes goianos, em função das línguas estrangeiras e dos fusos horários, como destacado por Silva (2011). Muitos entrevistados não conseguiram compreender os questionamentos que lhe foram dirigidos em suas passagens pelo guichê de imigração, sendo que as compreensões foram ainda mais prejudicadas pelo desgaste físico e

emocional das longas travessias aéreas. É válido destacar que, assim, Silva (2011) compara o guichê de imigração com uma loteria, onde a imigração representa a sorte e a deportação representa o azar.

Foi somente quando vencidas as interrogações, desconfianças e hostilidades da fronteira representada pelo guichê de imigração, que os filhos de agricultores familiares de Itapuranga vivenciaram efetivamente suas chegadas, as quais foram assinaladas pelos primeiros estranhamentos com as novas realidades que não apresentaram semelhanças com as realidades até então vividas. Assim, os primeiros estranhamentos convergiram em torno dos grandiosos aeroportos internacionais, dos intensos fluxos de pessoas das mais variadas nacionalidades e das dificuldades das línguas estrangeiras, os quais representaram grandes desafios, conforme salientado pelo informante Emílio, um adulto migrante de origem rural.

Eu tinha que comprar a passagem pra Boston. Uma japonesa me encontrou lá meio perdido e ela andou comigo. O aeroporto era enorme, cinco, seis quilômetros de comprimento. Era muito grande, era enorme. Ela tentou me ajudar e ficou pior, ela ficou perdida subindo elevador, subindo aquelas escadas rolantes. Foi quando eu vi bem distante uma multidão num balcão onde estava escrito Boston. Eu fui lá, a menina que me atendeu era hispana, e aí o espanhol a gente se vira né. Porque o espanhol pra gente é o português mal falado. Aí eu consegui comprar a passagem pra Boston, quando cheguei lá fui comprar um cartão pra ligar pro meu irmão, que ele ia me buscar em Boston. Fui comprar cartão naquelas lojinhas e não encontrei. E o número do telefone eu tinha perdido. Eu fui pra fora lá, onde tinha uns ônibus. Aí chegou um hispano lá gritando Framingham! E eu pensei comigo: esse trem fica perto de Marlborough. Eu vou pegar esse ônibus pra lá. E peguei. Paguei onze dólares. Aí quando eu cheguei lá um brasileiro me ajudou a falar com um americano e eu fui de táxi. Ele falou pro taxista me deixar num restaurante brasileiro que tinha lá. Eu cheguei no restaurante, liguei pro meu irmão: “Oh, vem aqui me buscar no restaurante aqui em Marlborough!” E ele dizia: “não, você tá em Boston, vou te buscar em Boston!” E eu dizia: “não, eu tô em Marlborough!” Ele não acreditava, porque como que uma pessoa sai daqui de Itapuranga, desse fim de mundo aqui, São Paulo, Nova York, Boston, sem falar nada, e chega lá na cidade onde ele tava? Porque os amigos dele teve que buscar ele lá em Nova York quando ele foi. Então ele não acreditava, nem eu acreditei. Mas é aquele ditado: “quem tem boca vai a Roma” (Emílio, 49 anos, informante-chave).

As redes pessoais que foram importantes para as partidas, também foram importantes para as chegadas. De acordo com Pereira (2009), as primeiras atuações dessas redes nas chegadas dos migrantes internacionais são em suas recepções nos aeroportos. No que tange às viagens internacionais legais, todos os entrevistados tinham familiares, amigos ou conhecidos, que não apenas lhes receberam nos aeroportos, mas também ajudaram com questões referentes às moradias, aos empregos, aos documentos, entre outros, permitindo que os mesmos iniciassem efetivamente suas trajetórias como imigrantes internacionais.

Dessa maneira, dentre as redes migratórias internacionais, as redes pessoais contribuíram especialmente para as viagens internacionais legais dos jovens rurais, lhes

auxiliando nas partidas e nas chegadas. Contudo, é necessário apresentar a trajetória migratória internacional de Ciro, cuja viagem internacional legal foi influenciada por redes institucionais criminosas. Com base nesse relato é possível refletir sobre as diferenciações entre as redes pessoais e as redes institucionais, as quais são tênues e, conseqüentemente, difíceis de serem percebidas. Em virtude dessas redes institucionais criminosas, Ciro encontrou no Reino Unido uma realidade de exploração dos imigrantes e, assim, seguiu viagem para Portugal, onde permaneceu.

Uma conhecida daqui de Itapuranga me falou desse serviço, que ela tinha ido, que quando eu chegasse lá [Reino Unido] teria uma pessoa pra me esperar, pra levar para o serviço. Aí eu fui como turista. [...] Foi tudo uma maravilha, passeando, conhecendo os lugares, até chegar no Reino Unido, onde era o serviço que eu ia trabalhar. Eu me lembro muito bem, eu tava com um amigo meu que também saiu da roça. Teve um dia que o pessoal ia fazer uma visita, nesse dia nós saímos, pegamos as malas e saímos meio escondidos. A gente tava em Londres, pegamos um táxi, isso que a gente nem sabia falar a língua deles, pra você ver o tanto que foi difícil, e esse táxi levou a gente até o local de trabalho. Ficamos umas três horas viajando, viajando, viajando... Deu 400 libras de táxi para ir até aquele lugar. O taxista desceu nossas malas, a gente pagou e ele virou pra trás. E nós ficamos lá sem saber pra onde ir de novo. Porque a gente não sabia nada. De repente chega um português lá e diz que uma pessoa assim e assim tinha mandado a gente pra lá e que ele tinha vindo pegar a gente pra levar pra outro lugar pra trabalhar. E nós fomos. Só que quando chegamos lá, teria no mínimo umas cinquenta pessoas nesse local. Ele levou a gente pra um quartinho, capaz que dava uns três metros quadrados só, e falou assim: “vocês vão ficar aqui”. E eu falei: “e o serviço?” Ele me respondeu: “depois a gente vê isso”. No outro dia, cinco horas da manhã, ele chegou lá: “oh, vamos trabalhar, tenho um serviço pra vocês fazer, empacotar verduras, esses trem”. A gente foi. Cinco horas. Quando voltamos de tarde eu perguntei se no outro dia ia ter serviço de novo. E aí ele falou assim: “oh, serviço agora eu não sei nem quando tem; pode ser daqui um dia, pode ser daqui a trinta dias, pode ser daqui a sessenta dias, vocês vão ter que ficar aqui esperando”. Aí eu falei: “mas não foi assim que combinaram com a gente”. E ele já respondeu: “eu não combinei nada com vocês”. Tinha outro brasileiro lá que eu fui conversar com ele: “mas o negócio é desse jeito?” E ele falou: “amigo, eu já tô aqui tem uns trinta dias e trabalhei um dia só”. Não tinha serviço, não tinha comida, não tinha nada pra fazer. Era totalmente diferente do que tinham prometido pra mim. A minha passagem vencida no terceiro dia da frente. Aí, eu falei assim, eu tava imaginando: “eu vou embora, porque ficar aqui sem fazer nada, sem serviço, sem lugar pra ficar, sem comida, não dá!” Aí um cara falou assim pra mim, me lembro que ele falou assim: “esses dias tinha um brasileiro aqui desesperado, a passagem dele tinha vencido e não tinha dinheiro, o que ele fez pra ir embora, saiu aqui na rua e arrumou uma briga pra ser deportado”. Eu também não tinha mais dinheiro, nem meu amigo tinha. Nós decidimos voltar, porque senão a passagem ia vencer também e não teria como voltar. Sem dinheiro, sem nada. Um colega lá emprestou um dinheiro pra gente pegar o trem pra ir até, não me lembro mais a cidade, pra pegar o avião. E aí a gente voltou pra Portugal, eu tinha uma prima lá e lá eu fiquei, fiquei dois anos trabalhando. [...] Essa mulher que me arrumou esse serviço ganhava sobre isso. O tanto de pessoas que ela mandava até lá, ela ganhava sobre isso. Os que ela mandava pra lá, ela recebia, não sei a quantia que ela recebia né, mas ela recebia. Era tipo assim, uma quadrilha que ia mandando gente pra lá (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

De acordo com o estudo de Fazito e Rios Neto (2008), a respeito das influências das redes institucionais sobre as migrações internacionais contemporâneas do Brasil para os Estados Unidos, existe uma tendência de que migrantes retornados sejam transformados em agenciadores de migrações internacionais indocumentadas através de redes institucionais. Essa tendência foi explicitada no relato anterior, onde o entrevistado foi ingenuamente agenciado por uma conhecida que era migrante internacional retornada.

Em síntese, os jovens rurais itapuranguenses que conseguiram vencer o guichê de imigração superaram a condição de viajantes e se tornaram, efetivamente, imigrantes internacionais em nações situadas no continente americano e europeu. Essa transição entre viagem e imigração foi muito acelerada, tendo em vista que ainda nos primeiros dias na sociedade de imigração, os mesmos sem nem superar os estranhamentos iniciais, já começaram a colocar em prática seus projetos migratórios internacionais através do trabalho, autenticando, assim, a sua condição como imigrantes internacionais indocumentados.

2.3 Sem visto, com aventura: jovens rurais em viagens internacionais ilegais

Em Itapuranga, os filhos de agricultores familiares que não conseguiram vistos, realizaram suas migrações internacionais indocumentadas através de viagens ilegais. De acordo com Margolis (2013), em estudo sobre as migrações internacionais contemporâneas de brasileiros, os vistos são negados para aqueles migrantes internacionais que não apresentam condições socioeconômicas condizentes com vistos de turistas, de estudantes ou de trabalhadores, sendo que entre os brasileiros cada vez mais vistos são negados.

Vale destacar que muitos entrevistados que realizaram viagens internacionais ilegais nem mesmo tentaram as concessões de vistos, pois estavam conscientes que os mesmos seriam negados diante de suas condições financeiras, educacionais e profissionais inadequadas que representavam riscos de migrações, como demonstrado no relato de Geraldo, que tentou migrar para os Estados Unidos através do México durante sua juventude: “Uai, eles falam que é difícil conseguir o visto, isso aí eu nem tentei, porque eles falam que tem que ter muita coisa no nome, declarar uma boa renda, essas coisas. Isso aí eu não tinha. Então, eu nem tentei. Pra mim que não tinha nada no nome...” (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Entre os entrevistados, as viagens internacionais ilegais foram direcionadas para nações estrangeiras situadas no continente americano, essencialmente Estados Unidos. Segundo Margolis (2013), as migrações internacionais indocumentadas do Brasil para os Estados Unidos, através de viagens internacionais ilegais, são consideradas caras e perigosas, mas, contraditoriamente, utilizadas por migrantes pobres e jovens. Dessa maneira, as mesmas foram interpretadas como contingências das migrações internacionais indocumentadas para muitos filhos de agricultores familiares de Itapuranga, cujos vistos negados pelas condições socioeconômicas inadequadas não lhes deixaram outra alternativa para concretizar seus projetos migratórios internacionais. Conforme Margolis (2013), com exceção dos mexicanos, são os brasileiros que mais aumentam as viagens internacionais ilegais através da fronteira entre o México e os Estados Unidos.

No início dos anos 1990, era raro encontrar um brasileiro que tivesse entrado nos Estados Unidos pela fronteira com o México. Nessa época, a grande maioria dos brasileiros chegava ao país de avião por Nova York, Miami ou Los Angeles portando vistos de turistas válidos. Mas logo após a virada do novo milênio, relatos começaram a vir à tona sobre o crescente número de brasileiros que recorria à rota pela Cidade do México, bem mais cara e perigosa do que sair do Brasil de avião, pegando o caminho por terra até a fronteira EUA-México e cruzando-a depois, de maneira ilegal, para entrar nos Estados Unidos (MARGOLIS, 2013, p. 90).

Em virtude da ilegalidade, essas viagens foram assinaladas por partidas, por travessias e por chegadas viabilizadas através das redes institucionais, muitas consideradas criminosas, as quais também tornaram as travessias os momentos mais significativos. Nesse sentido, é importante frisar que, diferentemente das viagens internacionais legais, impulsionadas pelas redes pessoais, as viagens internacionais ilegais foram impulsionadas por essas redes institucionais, em sua maioria imersas na clandestinidade.

De acordo com Hugo (1998), essas redes institucionais constituem a denominada indústria de imigração: um conjunto de redes sociais formais e informais desenvolvidas para encorajar, para iniciar e facilitar as migrações internacionais indocumentadas através de prestações de serviços variados, os quais são essenciais para as viagens internacionais ilegais, como ficou evidenciado no segmento bibliográfico apresentado abaixo.

O ponto crucial aqui é que, enquanto os agentes e integrantes da indústria da imigração têm sido fortemente envolvidos na facilitação da migração legal, eles têm sido mais importantes na iniciação e no encorajamento da migração de ilegais. Em muitos casos a migração ilegal poderia não estar acontecendo sem o papel chave de intermediários de vários tipos (HUGO, 1998, p. 09).

Segundo Léon (2012), em estudo sobre a indústria de imigração existente entre México e Estados Unidos, a mesma consiste em uma complexa infraestrutura institucional arraigada em serviços privados que são especializados em facilitar, em sustentar e em expandir as migrações internacionais no tempo e no espaço, através de laços de informações, de contatos e de recursos estabelecidos entre nações de origem e nações de destino, que não são reprimidos pelas fronteiras e que são complementares às redes pessoais. É importante salientar que os serviços são privados e, portanto, não são prestados gratuitamente para os migrantes, tendo em vista que o objetivo principal da indústria de imigração é lucrar. Em virtude disso, as viagens internacionais ilegais dos jovens rurais envolveram recursos financeiros significativamente maiores quando comparadas às legais.

A indústria de imigração é caracterizada por uma ampla gama de serviços privados prestados aos migrantes internacionais, dentre os quais estão as ofertas de documentos falsos, os empréstimos de recursos financeiros, as agências de viagens para os transportes dos migrantes, as coiotagens através das fronteiras, as obtenções de trabalhos nas nações estrangeiras, as acomodações nas chegadas, as facilitações dos retornos de remessas, as agências de adoções e de casamentos internacionais, entre muitos outros (HUGO, 1998; LÉON, 2012).

Para os entrevistados, migrantes internacionais em sua juventude rural, dentre os inúmeros serviços prestados pela indústria de imigração, mereceram destaque as agências de viagens (essenciais nas partidas), as coiotagens em fronteiras (nas travessias) e as acomodações nos destinos (importante nas chegadas). Nesse sentido, é importante ressaltar as discretas inserções de segmentos da indústria de imigração em terras itapuranguenses, as quais avançaram em virtude da incompatibilidade entre os crescentes migrantes internacionais e os decrescentes vistos concedidos. Além disso, a cultura migratória característica da agricultura familiar itapuranguense também favoreceu as discretas inserções da indústria de imigração, tendo em vista que muitos migrantes internacionais retornados passaram a integrar essas redes institucionais de maneira criminosa. Portanto, foi surpreendente constatar a existência de coiotes (nome concedido aos atravessadores de migrantes internacionais na rota ilegal que envolve o deslocamento terrestre entre o México e os Estados Unidos) relacionados com a própria agricultura familiar, os quais eram migrantes retornados.

Em relação às partidas, as viagens internacionais ilegais foram influenciadas pelos serviços das agências de viagens, as quais ofereceram espécies de pacotes migratórios internacionais que levariam os migrantes de sua origem até seus destinos. É válido adiantar que não foram encontrados indícios dessas agências de viagens no município de Itapuranga,

sendo que os entrevistados que utilizaram seus serviços tiveram de recorrer a agências de viagens situadas em outros municípios, como Goiânia. Além disso, normalmente os pacotes migratórios internacionais prestados por essas agências eram completos, envolvendo desde deslocamentos terrestres internos, deslocamentos aéreos internacionais, as coiotagens pelas fronteiras, sem esquecer de hospedagem e de alimentação, como demonstrado no relato de Carlos, recordando sua migração para os Estados Unidos: “Ah, peguei e vendi esses trem, peguei o dinheiro, peguei uma mochilinha de roupa e aí fomos em Goiânia, compramos o pacote, saía de Goiânia, fazia escala em São Paulo e ia pra cidade do México. Daí incluía tudinho, hotel, comida, esses trem” (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Tendo em vista que as migrações indocumentadas através das viagens internacionais ilegais não envolveram as burocracias inerentes às concessões de vistos, as partidas foram iminentes, abreviando os preparativos e as despedidas que caracterizaram as viagens internacionais legais. Entretanto, essas partidas iminentes não foram suficientes para suprimir as primeiras manifestações das ausências objetivamente culpáveis dos migrantes internacionais, como denominadas por Sayad (2000). Dessa maneira, os sofrimentos oriundos das ausências que emergiram nas partidas foram consolidados em etapas mais avançadas. Alguns aspectos relacionados às partidas constaram nas memórias referentes à juventude de Geraldo, Lídia e Carlos, cujos relatos são encontrados na sequência.

Eu viajei no começo de junho de 2005. Foi mais ou menos uns vinte dias e eu arrumei tudo. Fui a Goiânia, arrumei passaporte e arrumei dinheiro. E aí o cara já marcou a passagem. Bem rápido, bem rápido... (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Pra falar a verdade, nem teve preparativo direito. Porque foi em duas semanas: a gente decidiu, arrumou os trem e foi. [...] Eu acho que eu nem me despedi direito. Tive nem coragem de olhar no olho, não. Só aquele abraço rapidão sabe, e virar as costas sem nem olhar pra trás (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Se tem uma coisa que eu não esqueço é a hora que eu fui levar meu menino na escola. Esse foi brabo. Na hora que ele saiu assim, isso nunca saiu da mente, aquela carinha tristonha dele assim, e ele tinha quatro aninhos, ele estudava numa escola aqui perto. Essa foi a última vez que eu vi ele. Tanto é que depois que eu cheguei aqui e eu ia sair, ele não gostava que eu saísse. Parecia que ele pensava assim: ele vai sair e não vai voltar (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em virtude da ilegalidade, esses entrevistados partiram mais receosos em suas viagens internacionais, pois as travessias que vivenciaram eram mais complexas e, conseqüentemente,

as chegadas eram mais incertas. Nesse sentido, as partidas estiveram caracterizadas pelo nervosismo, como é possível refletir a partir dos relatos de Geraldo e Afonso, os quais partiram jovens rumo aos Estados Unidos, via México.

Ah, eu tava nervoso, assim. Só de pensar, a minha intenção era de ficar uns cinco anos, longe da minha mãe, do meu pai, cinco anos. Já tava meio nervoso e nunca tinha andado de avião, esses trem, nunca tinha saído pra fora, o máximo era Goiânia. Não conhecia muita coisa não, aí tava bem nervoso. [...] Mas eu achava que ia conseguir, a esperança era conseguir (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Certeza de que vai chegar ninguém tem. Pelo caminho que nós fez, que foi pelo México, é difícil. Pode acontecer de dar errado e pode dar certo. [...] Eu tava era com medo de não conseguir e voltar pra trás (Afonso, 32 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, diferentemente das viagens internacionais legais que, em grande parte, foram realizadas sozinhas, as viagens internacionais ilegais foram acompanhadas. Em seus relatos, os entrevistados narraram viagens em grupos consideráveis desde as partidas e, até mesmo, incrementados por outros migrantes internacionais durante as travessias e/ou as chegadas. As viagens internacionais ilegais acompanhadas foram destacadas nos relatos de Geraldo e Gabriel: “Fomos em quatro pessoas, cinco pessoas. Quatro de Itapuranga e um de Heitorai. Em Goiânia a gente pegou o voo até o aeroporto de São Paulo e de lá a gente pegou o voo pro México” (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude); “Quando eu fui, na minha turma foram onze pessoas, mas não eram todos daqui de Itapuranga” (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Nas travessias, as viagens internacionais foram garantidas pelas coiotagens, ou seja, os atravessamentos de migrantes internacionais realizados através da fronteira entre o México e os Estados Unidos, os quais estão entre as prestações de serviços mais típicas da indústria de imigração, pois potencializam os deslocamentos (FAZITO; RIOS NETO, 2008; LÉON, 2012).

Em virtude das coiotagens, as travessias foram consideradas os momentos mais significativos das viagens internacionais ilegais. Os entrevistados lembraram detalhadamente as suas aventuras e as suas desventuras juvenis na fronteira, acompanhados pelos coiotes, muitos dos quais eram brasileiros. Destacaram-se as recorrentes menções sobre as altas temperaturas enfrentadas nos desertos fronteiriços, os confinamentos de inúmeras pessoas em pequenos quartos de hotéis, as longas caminhadas noturnas, os maçantes deslocamentos rodoviários em veículos superlotados, as perigosas travessias noturnas em

córregos, os essenciais esconderijos estratégicos, as desesperadas fugas dos policiais imigratórios, entre outros. Essas aventuras e desventuras ilustraram toda a narrativa de Carlos sobre sua migração internacional para os Estados Unidos, onde constaram inúmeros elementos a respeito das coiотagens.

Eu tive contato com coioて lá no México. Ele era brasileiro e foi ele que levou nós pra fronteira: de um lado é o México, do outro é os Estados Unidos. Tem um muro lá que eles ficam vigiando. [...] Era um lugar bem quente. Nunca vi lugar quente daquele tanto, não. Dentro do carro, assim, e você suava. Na noite antes de atravessar colocaram nós em um motel, pra não dar ibope. De madrugada vieram dois táxis: a gente tava em dez e só levava oito. Duas pessoas ficaram pra trás, e nós fomos. Os coiotes avisaram: “quando parar na ponte, vocês descem e correm”. Isso tudo de madrugada: nós desceu, correu e entrou embaixo da ponte, era um lugar meio escuro. A gente já tinha largado os trem, mala, tudo. Eu tava só com a roupa do corpo, com o passaporte e um par de calçado que tinha botado numa sacola pra não molhar, porque a gente tinha que passar um córrego. Eu perguntei: “mas é fundo o córrego?” O coioて me respondeu que não. Quando a gente tava descendo, eles mandaram pegar um saco de lixo desses pretos pra colocar nossas coisas dentro e pra ninguém ver no escuro. E o coioて falou assim, também: “quem não souber nadar pega na câmara de ar aqui”. E nós desceu dentro do córrego. Eu tinha ido de chinelo, de bermuda e chinelo, ia atravessar dentro da água, né. Quando entrei já perdi os chinelos e fui descalço. Tinha uma menina que foi com nós daqui, ela era muito fraquinha, sabe, ela era magrinha, fraquinha, não dava conta de comer as comida de lá, sofreu demais. Chegou lá no córrego ela falou assim: “nossa, eu não dou conta, não”. E eu pensei: “como é que vamos deixar essa coitada aqui?” Aí eu peguei na câmara de ar com uma mão e catei ela com a outra e desci arrastando ela. Nós descemos uma hora dentro desse córrego, andando. Tinha lugar que não dava pé e tinha que nadar, outros lugares mais rasos que andava. Aí a gente chegou lá numa dessas tubulações de esgoto e tivemos que entrar. Quando nós entrou um pouco essa menina fala: “Nossa Senhora, tá me dando falta de ar”. E eu falei: “não, esquece isso e vamo andar”. A gente tava engatinhando, lá não tinha jeito de andar em pé. Parecia ser bem longe, Nossa Senhora, nós demorou lá dentro. Eu acho que nós andou umas duas horas engatinhando. Aí a menina falou: “acho que não dou conta, não”. Aí eu falei pra ela: “segura na presilha da minha bermuda e eu vou tentar te puxar aqui. Enquanto eu der conta eu te levo”. Aí eu fui arrastando a menina. Na saída dessa manilha, numa boca de lobo, saia na rua e tinha um carro esperando. Saia e entrava no carro, tudo enlameado. Aí um menino que tava na frente falou: “nossa, eu não caibo aqui, não”. E eu falei: “mas e agora, como é que nós faz?” Daí ele falou: “não, só se eu espichar os braços, assim ó, e vocês me empurrar”. Aí eu falei: “então vamos tentar”. Nossa, nós empurrava, o outro menino puxava, e empurrando, até que conseguiu sair. Os couros dele, assim ó, nossa, esfolou tudo. Foi aquela bagunça. Daí nós saímos. Nós entramos sete pessoas no banco de trás de um carro, nós era doze, e só podia ficar o motorista e outro cara lá, na frente. Não podia aparecer gente na frente. Aí os de trás tinham que ficar tudo empelotado. Então, você imagina sete pessoas num banco de um carro pequeno! Aí virou aquela pelota lá. E puseram três dentro do porta-malas e fecharam. E aí fomos caçar um hotel. Era muito cedo, os hotéis abriam mais tarde. E tinha que ficar andando na cidade lá porque não podia parar, senão a polícia vinha e queria saber o que era. Aí nós ficou andando. De repente, o menino do porta-malas fala: “oh, não aguento mais, não, tá queimando minhas costas tudo”. Ele tava sem camisa. Aí nós foi caçando um hotel numa estrada de terra pra ver se conseguia parar lá pra trocar os do porta-malas. Aí parou lá e tirou dois do porta-malas. As costas dele, tu precisava de ver, tudo vermelhinho assim, queimado. Porque o escapamento vai esquentando a lata ali debaixo.[...] Quando achamos um hotel, saia de um a um e corria pro quarto. Eu tava muito sujo, uma lama só. A gente ficou lá nesse quarto, ficamos o dia todo e a noite. Deixamos as mulheres dormir na cama e nós dormiu no chão lá, de qualquer jeito. Os coiotes deram uns hambúrgueres lá pra nós comer e

assim a gente passou a noite. Quando foi no outro dia, a gente tava esperando a ligação de quando fosse trocar os guardas lá da barreira, porque tem um horário que eles trocam de guarda: nesse intervalinho a gente ia passar. Então os caras ficam de olho, de butuca, e a gente já fica pronto. Não pode atrasar, tem que dar tudo certo. De repente eles chegaram lá e bateram na porta: “vamos, vamos, vamos!” Eu saí feito doido! Colocaram eu e outro no porta-malas do carro, os mais forte pra ocupar menos espaço lá dentro. E um calorão só, quente. A gente entrou nesse porta-malas e aí atravessou de carro. Só que eles tinham deixado uma frestinha no porta-malas pra entrar um arzinho, se não você não aguenta, não. Nós fechado lá dentro e eles falando lá dentro: passou, passou. Atravessamos e andamos um pouco, e de repente o pneu do carro estoura! Foi aquele tiro! Acho que o caboclo que nunca fez uma oração na vida, naquela hora rezou bastante. E aí o coioite gritou: “desce, desce, corre pro mato todo mundo e se esconde”. Aí tinha que ficar só o motorista e o outro, né. Bom, foi o prazinho de a gente se esconder nos trem lá. Tinha uns matos lá e a gente se escondeu: foi a gente se esconder que a polícia chegou. Eles conversaram, mas eu não entendi nada. Os coiotes tiveram que voltar pra cidade para arrumar o pneu do carro, e nós ficamos escondidos no mato, com calor e com sede. Quando eles voltaram da cidade, trouxeram umas vasilhas de água. Nós entramos de novo no carro e eu viajei seis horas dentro do porta-malas. Eles tavam correndo, eu escutava só aquele chiado. E aí a gente chegou em Los Angeles. Ficamos num quartinho de hotel esperando o caboclo que ia buscar nós. Passamos a noite nesse quartinho, ninguém podia sair, nem para ir no banheiro. O caboclo chegou no outro dia, eu acertei a travessia com os coiotes e fui embora. Dessa turma nossa, foi quase todo mundo pra um lugar só. A nossa turminha eram oito, acho que seis foram pra San Francisco (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Diante das perigosas aventuras e desventuras apresentadas no relato de Carlos, foi possível compreender a afirmativa de Spener (2008) quando assevera que as tragédias acontecem mais frequentemente com migrantes internacionais que utilizam as coiotagens como estratégias em suas travessias entre o México e os Estados Unidos. É necessário considerar que o relato do entrevistado consistiu em evidência empírica de sua vulnerabilidade na fronteira, enquanto migrante, indocumentado e jovem, vulnerabilidade essa agravada em razão da ilegalidade da travessia.

Nesse sentido, de acordo com Pombo (2012), considerando jovens mexicanos, as migrações internacionais indocumentadas, sobretudo nas viagens ilegais, vulnerabilizam os migrantes na medida em que os expõem aos mais variados riscos. Conforme Cernadas et al. (2014), ao estudar crianças e adolescente migrantes internacionais oriundos da América Latina e do Caribe, a inexistência de canais regulares e seguros de migração os expõe a muitas situações de abuso e de perseguição resultantes em graves riscos à vida e à integridade física e moral dessas crianças e adolescentes migrantes internacionais, exigindo a atenção das nações de origem, trânsito e destino envolvidas nas mesmas.

Em relação aos filhos de agricultores familiares itapuranguenses, tornaram-se claras as situações de vulnerabilidade não apenas em virtude da condição de migrantes, indocumentados e jovens, mas também de rurais e, por vezes, de gênero. Dentre as mais

variadas situações de vulnerabilidade nessas travessias, as mais assombrosas estiveram vinculadas com mortes e com violências sexuais. Sobre as situações vulneráveis vivenciadas no deslocamento terrestre ente México e Estados Unidos, característico das viagens através da rota ilegal, Elias, um antigo agricultor familiar itapuranguense que exerceu durante muitos anos colocações de representatividade, relatou algumas nuances importantes. Embora entre os entrevistados não tenham sido relatadas situações extremas como as narradas na entrevista com Elias, existem inúmeros casos semelhantes documentados entre jovens oriundos do estado de Goiás e, também, jovens rurais oriundos de outros estados.

E até muita gente teve problemas, porque a maior parte foram clandestinos. Não tinham dinheiro pra ir, então iam no grito. Teve gente que até morreu nessa travessia no México aí. Tem história de muita gente que morreu no México, daqui foram poucos, muito mínimo. Mas teve gente que não atravessou, porque aí no México parece que a coisa tá meio difícil por causa de ladroagem. [...] Então foi muita gente, assim, que não tiveram a sorte de chegar lá [Estados Unidos] (Elias, 64 anos, informante-chave).

Nesse sentido, a versão eletrônica do Estadão noticiou a morte de uma jovem goiana, de 31 anos, na fronteira entre o México e os Estados Unidos em uma tentativa de migração internacional indocumentada através de meios ilegais no ano de 2001. A jovem goiana, originária do município de Orizona foi sequestrada, torturada, violentada e, posteriormente, assassinada através da ação de uma organização criminosa mexicana especializada no assalto a migrantes internacionais indocumentados. Além disso, o corpo da vítima correu o risco de ser enterrado de maneira indigente em solo mexicano. Graças à mobilização dos familiares em contato com o governador do estado de Goiás na ocasião, o estado goiano custeou o traslado do corpo e a jovem pode ser enterrada em solo brasileiro (ESTADÃO, 2001).

Já no ano de 2010, noticiou-se incisivamente a chacina ocorrida com 72 migrantes internacionais indocumentados tentando entrar ilegalmente nos Estados Unidos através do México. Entre esses migrantes das mais variadas nacionalidades, existiam também brasileiros. Esses migrantes foram fuzilados através da ação de membros de uma organização criminosa mexicana envolvida com narcotráfico. Entre os brasileiros, estava um jovem rural mineiro de 19 anos, sendo os familiares lavradores no município de Santa Efigênia de Minas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010; CRISTINI, 2010).

Desse modo, as viagens ilegais multiplicaram a vulnerabilidade envolvida nas migrações internacionais indocumentadas dos jovens rurais itapuranguenses. Como sintetizado no estudo de Abramovay et al. (2002), sobre jovens latino-americanos, a vulnerabilidade consiste no resultado negativo da relação entre a existência de recursos

materiais e simbólicos e o acesso às oportunidades sociais, econômicas, culturais, entre outras, oriundas do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado negativo representa desvantagens sobre a mobilidade social dos jovens, como nitidamente mostraram os relatos e as notícias anteriores.

Embora as mortes e as violências sexuais não tenham sido mencionadas nas entrevistas com os migrantes internacionais itapuranguenses, os mesmos mencionaram os riscos relativos aos coiotes e suas extorsões, também causadores de situações de vulnerabilidade. Assim, Geraldo, extorquido pelos coiotes que fizeram sua travessia entre o México e os Estados Unidos, recordou sua experiência e a sua vulnerável situação.

Nós entramos no México com certa quantia de dinheiro, quando chegamos lá no México, passamos o dinheiro para o coiote. Ele deixou quatrocentos dólares para cada um. Esses quatrocentos dólares, durante os dias que nós ficamos escondidos, toda hora chegava um coiote, me dá vinte dólares pra isso, me dá tantos dólares pra aquilo. Mas não compravam nada pra nós, sabe, estavam explorando, catando nosso dinheiro. Os quatrocentos dólares praticamente, no dia que eu fui preso acho que eu tinha oitenta dólares só. Então eles exploram, entendeu. É desse jeito, o coiote é vagabundo mesmo (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

De acordo com Hugo (1998), embora as viagens internacionais ilegais sejam caracterizadas por vulnerabilidades escancaradas inerentes aos serviços prestados pela indústria de imigração, não se pode afirmar que todos os migrantes as vivenciem. Esse é o caso de Gabriel, o qual garantiu que sua travessia terrestre entre o México e os Estados Unidos, com auxílios dos coiotes, aconteceu normalmente.

A minha viagem foi a seguinte, eu tinha um voo daqui de Goiânia pra São Paulo, sai daqui de Goiânia uma da tarde, duas, cheguei em São Paulo, não tô lembrado, mas acho que era um voo de uma hora, uma hora e meia, por aí. Daí eu fiquei esperando até a meia noite, onze horas, pra pegar outro voo do aeroporto de São Paulo pra Cidade do México. Aí nós chegou no México no dia amanhecendo, acho que são dez horas de viagem. Mais fuso horário um pouco, sei que chegamos lá o dia clareando. Daí de lá eu peguei e fui pro hotel, troquei de roupa, tomei banho, que leva muito pouca coisa né, muito pouca roupa. Daí na Cidade no México nós voltou pro aeroporto de novo pra pegar outro voo pra cidade de Los Cabos, que foi mais umas duas horas, duas horas e meia de viagem, nós chegamos lá e eu estranhei demais, porque o sol era escaldante... Descemos no aeroporto, saindo do avião eu falei assim: “o que é isso?” Sol quente demais! Aí tinha um rapaz esperando a gente, pegamos uma van, andamos vinte e duas horas nessa van sem parar pra nada, só parava pra comer. Aí, nós chegou na cidade Tihuna, na fronteira, ficamos lá de um dia pro outro só. Quando amanheceu o dia, a gente já se dividiu, veio uns carros separados e foi três, quatro em cada carro. Daí nós foi direto pra fronteira, não um seguido do outro, mas num intervalinho de tempo. Quando chegou na fronteira, o motorista só apresentou uma identidade, não pediu nada nosso, só pediu do motorista, nós passamos. Do outro tinha uma turma da mulher daqui que ficava lá esperando o pessoal, acho que uma meia hora depois da fronteira, por aí, num Mc’ Donalds esperando a gente. Lá lanchamos e partimos de carro pra Los Angeles. De lá até Los Angeles foi umas duas horas de viagem, não me recordo. A gente ficou lá

em Los Angeles de um dia pro outro. No outro dia, eu já tinha um voo marcado pra Atlanta e cada um foi pro seu lado. Daí eu cheguei em Atlanta três horas da tarde de segunda feira. Foi o trem mais tranquilo, não tive que dar um passo de a pé, não sofri pressão de nada, como se eu tivesse de turista mesmo, tivesse passeando (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Todavia, é necessário frisar que nem todos os filhos de agricultores familiares entrevistados conseguiram atravessar a fronteira, nem mesmo com as coiotagens, sendo flagrados pelo controle migratório e, conseqüentemente, detidos, presos e deportados, perdendo todos os recursos financeiros que haviam investido para as realizações de seus projetos migratórios internacionais, como aconteceu com Geraldo, cuja migração internacional se encerrou na viagem, tendo sido pego durante a travessia, preso durante quase três meses e deportado de volta ao Brasil.

A gente caiu numa blitz normal, dessas de trânsito mesmo, já nem era a polícia de imigração. Eles pediram a documentação, nós mostrou os passaportes. Os coiotes tinham arrancado a folha que tinha o carimbo do México. Eles olharam, viram que não tinha nem carimbo do México, nem carimbo dos Estados Unidos e viram que a gente era ilegal. Depois disso, chegou uma viatura da imigração, algemou nós e levou. [...] Ficamos vários sem saber de nada, presos. [...] E algemado mesmo. Algema na mão, corrente na cintura e algema no pé. Não é almequinha igual aqui, não. [...] Nós foi num julgamento normal, igual esses daqui, com juiz, num fórum lá [Estados Unidos]. Os policiais pegaram nós na cadeia, levaram nós de viatura, algemados. Na hora do julgamento, a gente teve que jurar que ia falar somente a verdade, erguer a mão e tal. O juiz falou que a gente tinha cometido um crime contra o país deles, que éramos ilegais. Ele deu quarenta e sete dias de prisão pra nós, porque nós invadimos o país deles. Depois disso, íamos ser deportados. [...] No dia que fomos deportados, os policiais levaram a gente para o aeroporto e nós pegou o avião junto com os policiais, algemados e tudo. [...] Na hora de embarcar os policiais da Interpol, todos à paisana, levaram nós para o fundo do avião e falaram que se a gente causasse qualquer transtorno dentro do avião, íamos chegar no Brasil e ser presos. Eles entregaram nossos documentos todos pras aeromoças e nós não ficamos com nada. [...] E aí a gente veio, cabeludos, barbudos, todos bagunçados. Quando chegou em Goiânia, os policiais federais tavam esperando. Eles entraram no avião e pegaram a gente nas nossas poltronas. Passamos por uma assistente social, que queria saber se tinham nos maltratado, se a gente tinha dinheiro pra voltar pra casa, essas coisas. Um menino tinha duzentos dólares, eu tinha oitenta, tinha outro que não tinha mais nada. Pra sair nossas passagens podia demorar até uma semana. A gente juntou todo o dinheiro, pagou em real e pagou a passagem dele também. Quando liberaram, a gente pegou um táxi e foi para a rodoviária (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Diante desse relato, também é possível ponderar sobre o enquadramento das viagens internacionais ilegais como tráfico de migrantes, sendo consideradas transações comerciais criminosas onde aqueles que são traficados (os migrantes) são estimados tão criminosos quanto aqueles que são traficantes (os coiotes), em virtude dos avanços em fronteiras estrangeiras sem os requisitos necessários (PIRES; GALVÃO, 2008). Essa criminalização das migrações internacionais indocumentadas, principalmente daquelas que são caracterizadas por

viagens internacionais ilegais, tem sido amplamente disseminada pelas ações políticas e midiáticas em relação aos brasileiros (PÓVOA NETO, 2006; ASSIS, 2008).

Entretanto, é curioso perceber que os entrevistados da agricultura familiar itapuranguense se identificaram como indocumentados e como ilegais, porém mostraram-se extremamente indignados por serem tratados como criminosos, diante das detenções, prisões e deportações. Por isso, os sentimentos que se mesclaram entre a frustração, a impotência, a vergonha, a tristeza e a revolta frente às algemas, ao poder policial, ao tratamento desumano e à igualação de um criminoso marcaram essas travessias frustradas.

Embora conscientes da criminalização das viagens internacionais ilegais, os entrevistados não se identificaram como criminosos, muito pelo contrário, se identificaram como vítimas. Isso acontece porque as viagens internacionais ilegais foram consideradas os únicos meios para que os projetos migratórios internacionais daqueles que tiveram os vistos negados pudessem ser realizados, e foram meios marcados por inúmeros sofrimentos. Nesse sentido, esses sofrimentos fundamentaram a vitimização desses migrantes, que foi reforçada pela própria agricultura familiar itapuranguense, onde os mesmos eram vistos como coitados. Segundo Martins (2002), os migrantes são vítimas das migrações até mesmo quando não se percebem como vítimas.

Diante dessas exposições sobre as travessias em viagens internacionais ilegais, percebeu-se a fronteira entre o México e os Estados Unidos como um cenário altamente caracterizado por desencontros de humanidades ocasionados por conflitos e por fricções (MARTINS, 1997), os quais afloraram as alteridades e degradaram os migrantes internacionais indocumentados.

A fronteira de modo algum se reduz à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano. Nesse sentido, a fronteira tem um caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora. (MARTINS, 1997, p. 13).

Antes de analisar as chegadas das viagens ilegais, é necessário destacar as maneiras através das quais as travessias provocaram sofrimentos para os filhos, jovens rurais, e para os pais, agricultores familiares, em virtude das ausências. Em primeiro lugar, esses sofrimentos foram provenientes dos inúmeros dias que os migrantes estiveram em travessia, durante os quais foram impedidos de enviar notícias para seus familiares, que não sabiam se os mesmos estavam vivos ou mortos. Algumas nuances desses sofrimentos foram observadas através das

memórias juvenis de Geraldo e Carlos, atualmente adultos e migrantes internacionais retornados.

Eu fiquei vinte dias sem conseguir me comunicar com a minha família. A minha mãe, coitada, foi internada no hospital, porque ela é doente. Foi só depois de vinte dias que eu consegui ligar, eu já tava preso, na cadeia. Aí os policiais me deixaram fazer uma ligação a cobrar pra minha casa e eu avisei que tava bem (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Eu fiquei oito dias em viagem sem conseguir dar notícias pro pessoal daqui. Quando eu cheguei lá o dinheiro tinha acabado tudo. Não tinha jeito nem de comprar cartão pra ligar, porque eu nem sabia como comprava. Tive que arrumar um menininho lá [Estados Unidos] que conversava e comprou o cartão. Quando eu consegui falar com o pessoal daqui foi aquela choradeira danada (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em segundo lugar, esses sofrimentos foram agravados pelas ações midiáticas, dentre as quais alguns entrevistados destacaram uma novela contemporânea às suas migrações internacionais indocumentadas, que retratava uma jovem brasileira empreendendo vulneráveis travessias pela fronteira entre o México e os Estados Unidos, estimulada pelo sonho americano. Essa novela causou alvoroço entre os agricultores familiares que assistiram seus filhos vivenciarem trajetórias migratórias internacionais semelhantes às retratadas, como recordou Lídia: “Olha, a família não achou muito bom não, porque era na época que passava aquela novela América, que era um absurdo, então... Era a gente lá [México] indo e eles aqui assistindo a novela e achando que ia acontecer a mesma coisa com a gente” (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Nas chegadas, novamente existiram atuações da indústria de imigração, dessa vez através das acomodações, levando os migrantes até os seus destinos efetivos, onde membros de suas redes sociais estavam os esperando. É importante salientar que essas chegadas também foram assinaladas por estranhamentos, assim como as chegadas das viagens internacionais legais. Em relação às chegadas, é curioso constatar que, enquanto nas viagens internacionais legais existiram relatos desoladores das atuações das redes institucionais, nas viagens internacionais ilegais, por sua vez, existiram tristes relatos das atuações das redes pessoais, como rememorou Carlos, abandonado pelo amigo quando ambos alcançaram a nação de destino.

Na hora que eu cheguei lá [Estados Unidos], menina do céu, muito diferente. O caboclo que me iludiu pra ir daqui, chegou lá e me virou as costas. No primeiro ano que eu morei e trabalhei lá eu sofri. Não sabia falar nada, não sabia me comunicar com ninguém. Aí você vai aprendendo a falar uma coisinha aqui, outra ali, vai aprendendo a andar na cidade, aí de um ano pra frente fica mais fácil. E lá rapidinho você tem que comprar um carro, lá você tem que ser independente, porque se você

depende de um pra te levar para o serviço você não arruma. Lá é difícil, você não arruma amigo também, não, os caras querem só... (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Atualmente, não tão jovens como quando migraram, os entrevistados refletiram sobre suas viagens internacionais através da rota migratória ilegal e consideraram que, definitivamente, não as vivenciariam novamente, ao racionalizar sobre as vulnerabilidades as quais estiveram expostos. Essa nuance esteve muito clara no relato de Carlos, cuja travessia migratória ao longo da fronteira entre o México e os Estados Unidos esteve profundamente assinalada por inúmeras aventuras e desventuras. Ao reconstruir a sua trajetória migratória internacional, o mesmo define a sua viagem como uma verdadeira irracionalidade. Nesse sentido, não se pode deixar de perceber como essas viagens ilegais marcaram intensamente as trajetórias migratórias internacionais dos entrevistados, pois o migrante

está impregnado de um passado que nunca se apaga, mesmo quando é esquecimento. Ressoa sempre contínua e episodicamente, nas coisas, gentes, situações, sentimentos, imaginários, sonhos e alucinações. É um passado que povoa o presente, seja qual for a geração. No contraponto de presente e passado, passado e presente, aos poucos se dá a metamorfose das adversidades em façanhas, da biografia em gesta, da história em mito (IANNI, 2004, p. 153).

Sendo assim, somente os entrevistados que conseguiram vencer os riscos vivenciados nas ousadas travessias através do México e conseguiram cruzar a fronteira dos Estados Unidos sem maiores imprevistos, se assumiram como imigrantes internacionais indocumentados e iniciaram uma nova vida sustentada sobre o trabalho necessário a concretização de seus projetos migratórios internacionais. Embora as viagens tenham sido vencidas, os acontecimentos únicos vivenciados durante as mesmas não foram, constituindo símbolos incomensuráveis e imutáveis em suas histórias como migrantes internacionais.

3 JOVENS RURAIS, IMIGRANTES INTERNACIONAIS: DILEMAS EM OUTROS LADOS DO MUNDO

Encerradas as viagens internacionais, os filhos de agricultores familiares itapuranguenses chegaram em suas sociedades de imigração, situadas no continente americano e europeu, dispostos a trabalhar muito para concretizar seus projetos migratórios internacionais e conseguir suas sonhadas condições de autonomia e reprodução social. No entanto, na maioria dos casos, a imigração não aconteceu como os mesmos haviam imaginado, envolvendo inúmeros dilemas.

Primeiramente, ocorreram os estranhamentos culturais e ambientais, envolvendo questões de alimentação, idioma, sociabilidade, clima, entre outros. Os cenários urbanos encontrados na imigração foram contrastantes com os cenários rurais remanescentes na emigração, causando dilemas existenciais aos imigrantes, que nessa condição acabaram arraigando as diferenças entre a urbanidade e a ruralidade. Nesse sentido, as redes migratórias internacionais e outras instituições foram muito importantes na acomodação e inserção inicial dos mesmos nas sociedades de imigração, sobretudo em relação ao trabalho e à moradia.

O trabalho representou um dos aspectos que mais revelaram sobre os imigrantes, condizendo com seus projetos migratórios internacionais. Em busca de autonomia e reprodução social, os filhos de agricultores familiares se inseriram em empregos com condições precárias e até insalubres, com o intuito de economizar o máximo possível. O trabalho na imigração, assim como a moradia, mostraram mais uma faceta da vulnerabilidade social que acompanhou os entrevistados ao longo de seus projetos migratórios internacionais. Não só nas construções civis e nas faxinas domésticas, também existiram os que atuaram na prostituição durante a imigração, rompendo com os valores morais nos quais foram socializados em suas infâncias e adolescências na agricultura familiar.

Além disso, os entrevistados também sofreram com os dilemas inerentes à sociabilidade, que foi restrita no contexto migratório, tendo em vista as situações de xenofobia, expressa ou dissimulada, que vivenciaram e as dificuldades de relacionamento com os outros imigrantes brasileiros, em virtude de competição por trabalho. Sem contar que a exaustão ocasionada no trabalho fez com que os mesmos passassem grande parte de seu restrito tempo livre em casa, descansando.

Em virtude disso, a imigração foi solitária e fez com que os migrantes internacionais sentissem falta de suas famílias e amigos, mantendo contato através de um sistema de comunicação constante, caracterizado por várias singularidades. Ao longo do capítulo, os dilemas imigratórios vivenciados entre esses imigrantes originários da agricultura familiar do município goiano de Itapuranga foram devidamente esmiuçados.

3.1 “Eu vim da roça, então, era tudo novidade”: os jovens rurais e os estranhamentos nas sociedades de imigração

Estima-se a existência de 2.547.079 imigrantes internacionais brasileiros difundidos em nações situadas em todo o mundo. Os maiores volumes são encontrados em nações norte americanas e europeias, que comportam em torno de 43% e 29% dos brasileiros, respectivamente. Em ordem decrescente, os principais destinos desses imigrantes internacionais são Estados Unidos, Japão, Paraguai, Portugal, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Itália, França, Suíça e Bélgica (MRE, 2012).

Nesse sentido, as entrevistas realizadas no município goiano de Itapuranga corroboraram os dados documentais, pois, com exceção do Paraguai, todas as demais nações mencionadas anteriormente foram citadas como destinos no contexto estudado. No entanto, entre os migrantes internacionais da agricultura familiar, os quais deixaram Itapuranga durante sua juventude, existiram experiências imigratórias vivenciadas somente em Portugal, Reino Unido e, sobretudo, Estados Unidos, mas as outras nações estiveram inclusas nas entrevistas com os informantes-chave.

Nos momentos iniciais nessas sociedades de imigração, os entrevistados ressaltaram, necessariamente, os estranhamentos visualizados nos contrastes entre a ruralidade da sociedade de emigração e a urbanidade das sociedades de imigração, sobretudo estadunidense, onde viveram em contextos metropolitanos, como Richmond e San Francisco, no estado da Califórnia, Boston e Marlborough, no estado de Massachusetts, e Atlanta, no estado da Geórgia, entre outros. Assim, certamente os estranhamentos existiram e enraizaram os contrastes entre a ruralidade, remetente à emigração, e a urbanidade, referente à imigração.

Conforme Schneider (2004), os antagonismos existentes entre meio rural e meio urbano ascendem os mesmos, erroneamente, como universos restritos e inversamente caracterizados, sendo, simultaneamente, um conectado com a agricultura, considerado

sinônimo de antigo e relacionado ao retrocesso, e outro vinculado com a indústria e o comércio, colocado como sinônimo de moderno e concernente ao progresso.

Entretanto, ao compreender muitos estranhamentos inerentes às sociedades de imigração como “novidades”, os imigrantes internacionais, inconscientemente, contribuíram com esse antagonismo errôneo entre ruralidade e urbanidade. Dessa maneira, a imigração incentivou a “dicotomia rural-urbano”, acentuando as carências existentes nas áreas interioranas nacionais confrontadas às áreas metropolitanas internacionais, como narrou Luiz em sua entrevista, ao recordar suas impressões iniciais sobre Leiria, no distrito de mesmo nome, em Portugal, onde esteve na condição de imigrante durante aproximadamente três anos. É importante salientar que, em comparação a outras sociedades de imigração de jovens rurais itapuranguenses, essa era a menos urbanizada.

Eu vim da roça, então era tudo novidade! Você tá indo pela primeira vez, tudo que você tá vendo é diferente! [...] Você sai daqui [meio rural de Itapuranga], nunca viu um avião na sua vida, depois chega lá [meio urbano de Leiria], tinha o frio, o tipo das casas, o mar que eu nunca tinha visto e a praia que era trinta quilômetros de casa, né. Nem *shopping* a gente não vai porque, em Itapuranga, não tem, e lá tinha um na porta de casa. Tudo umas cidadezinhas pequeninhas, mas tudo que você quiser passear, lá tem. Aí, tudo é novidade! (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Embora causadores de muitos obstáculos, os estranhamentos e as novidades nas sociedades de imigração também encantaram os entrevistados e expandiram suas visões de mundo relativas, por exemplo, aos narcóticos e aos homossexuais, ambos extremamente estigmatizados no âmbito da agricultura familiar no município goiano de Itapuranga. Essas nuances foram manifestadas através do encantamento de Olga em relação a sua imigração nos Estados Unidos. Em Itapuranga, Olga trabalhava como professora, mas ainda morava no meio rural com a mãe e auxiliava nas atividades agropecuárias. No entanto, acreditava estar integrada ao meio urbano em virtude de seu exercício docente na escola. Nos Estados Unidos, Olga, ainda jovem, notou-se muito mais rural do que imaginava, conforme depoimento.

Então, assim, eu cheguei lá [nos Estados Unidos], fiquei muito deslumbrada, fui aprender coisas, via coisas que nunca imaginava que ia ver na minha vida. Então, foi muito bom e eu aprendi demais. Ampliou minha visão de mundo, que era muito caipira mesmo. Tudo bem, eu era professora, mas era de interior mesmo. Hoje não, hoje eu tenho uma visão muito aberta de tudo, questão assim de preconceito, a gente acaba muito com os preconceitos da gente. Lá em San Francisco, onde eu morei e trabalhei, questão do homossexualismo, lá tem uma praça que você vê homens se beijando, mulheres se beijando, na rua e tal. O primeiro impacto é: “meu Deus, nunca vi isso na minha vida!”. Aí você vai numa outra rua lá, é só os doidão. Você vê Napoleão andando na rua, gente com uns porquinhos como se fossem cachorros! É só doidera! Então, você vê gente de todo o jeito. Eles têm costumes diferentes dos

nossos, coisas muito além da minha imaginação (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em síntese, os estranhamentos vivenciados inicialmente nas sociedades de imigração se concentraram em torno da cultura e do ambiente. Esses estranhamentos evidenciaram-se de maneiras variadas e, até mesmo, excederam os contrastes entre ruralidade e urbanidade, como evidenciaram as memórias dos migrantes internacionais entrevistados.

Considerando a cultura nas sociedades de imigração, os estranhamentos estiveram relacionados à alimentação, ao idioma e à sociabilidade, sendo os mesmos criadores de inúmeros obstáculos relativos à completa inserção dos filhos de agricultores familiares itapuranguenses nessas sociedades. Embora esses estranhamentos tenham sido mais incisivos no início da imigração, os mesmos acompanharam constantemente os entrevistados.

Quanto à alimentação, Menasche et al. (2008), em estudo referente a classificações, representações, produção e consumo de alimentos entre agricultores familiares gaúchos, mostram a culinária como integrante da ruralidade, sendo intrinsecamente relacionada com a cultura das famílias e das comunidades rurais. Em complemento, Grisa e Schneider (2008), também em estudo sobre agricultores familiares gaúchos, mostram o autoconsumo como uma estratégia recorrente e ativa às suas reproduções sociais, auxiliando na melhoria de suas condições de vida, na segurança alimentar e no combate à pobreza rural.

No contexto estudado, também se observou claramente o autoconsumo entre os agricultores familiares devido aos extensos “quintais” onde se encontravam as mais diversas espécies frutícolas e olerícolas, entre outras, cultivadas e consumidas no âmbito familiar. Dessa maneira, certamente, os entrevistados estranharam a alimentação nas sociedades de imigração, considerando seus costumes em consumir alimentos oriundos da roça: ingredientes cardinais da simples e gostosa culinária do interior goiano. Não obstante, as reclamações sobre a culinária estrangeira foram constantes.

No relato de Luiz, imigrante em Portugal durante sua juventude, foram encontradas reclamações em relação aos frutos do mar, comuns na culinária em Leiria, em virtude de sua localização litorânea. Para Luiz, os frutos do mar foram os alimentos menos agradáveis encontrados na nação portuguesa. Sem esconder seu descontentamento, os chamou de “trenheiras do mar”, à moda goiana: “A comida lá tem muita coisa esquisita. [...] Eles não assam peixe, eles não abrem, é aquelas trenheiras do mar” (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em relação ao idioma, Tedesco e Grzybovski (2011), analisando os imigrantes senegaleses em contextos brasileiros, nomeadamente, na região de Passo Fundo, estado do

Rio Grande do Sul, explicam que a maioria desses imigrantes não têm domínio da língua portuguesa e, muitas vezes, no trabalho, necessitam de comunicação gestual para que os brasileiros os entendam. Além disso, quando estão reunidos, esses imigrantes falam seu dialeto, dificultando ainda mais o aprendizado do português. Dessa maneira, “o idioma é um grande empecilho para os processos integrativos e interculturais no âmbito do trabalho e do convívio social” (TEDESCO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 346).

Os filhos de agricultores familiares itapuranguenses no exterior vivenciaram estranhamentos semelhantes aos mencionados anteriormente, pois não dominavam nenhuma língua estrangeira, sobretudo o inglês. Assim, exceto os imigrantes internacionais em contextos portugueses, os demais vivenciaram mais esse estranhamento. Ao causar resistências comunicativas, o desconhecimento da língua estrangeira resultou em distanciamento entre os imigrantes e os cidadãos das sociedades de imigração, autenticando os imigrantes como estrangeiros.

A língua permite contatos, encontros, maior visibilidade e entendimento do outro. Se não há isso, preconceitos e estranhamentos são evidenciados e produzem distanciamentos. Não há dúvida de que a correlação entre língua e cultura, por exemplo, torna-se cada vez mais fundamental. A língua é um dos aspectos elementares desse processo; um dos primeiros obstáculos que um imigrante enfrenta quando se transfere para outro país; envolve o problema da comunicação, visão de mundo, historicidade, cultura de origem e seus símbolos cotidianos (hábitos). As formas de expressão linguísticas refletem e fornecem o acesso à cultura e, muitas vezes, constituem um modelo de cultura. A língua é um mediador cultural e define a competência comunicativa tanto para o estrangeiro quanto para o autóctone (TEDESCO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 346).

Se os imigrantes em Portugal não sofreram esse estranhamento, os entrevistados imigrantes nos Estados Unidos e no Reino Unido, ao não se comunicarem através da língua inglesa, vivenciaram inúmeros constrangimentos, como não conseguir realizar uma compra no mercado ou não conseguir acatar ordens no trabalho, como evidenciaram os relatos de Carlos e Lídia, ambos imigrantes que, inúmeras vezes, recorreram à mímica na comunicação. Esses relatos sobre o embaraço com a língua inglesa mostraram o agravamento da situação de vulnerabilidade dos imigrantes internacionais, recordando suas situações como indocumentados.

Foi sofrido. No começo lá [Estados Unidos], o menino disse assim: “vai lá no mercadinho e compra arroz, um pacote de arroz”. Menina! Mas eu andei nesse mercadinho e não achava o arroz. Mas não é possível! Só que voltar pra casa sem o arroz era difícil. E tentava conversar. O cara era indiano, o dono do mercadinho. Eu tentava perguntar, mas não sabia como é que era o nome do arroz. Aí, eu tentava falar pra ele que era de comer. E ele ia lá, mostrava uma coisa, mostrava outra e não achava. Até que ele mostrou o tal do arroz. Aí ele me falou assim: “rice”! E eu: “ah,

então tá”! [risos]. Nunca esqueci [risos]. (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

E as vezes que a gente ia, que nem no meu caso, trabalhar em casa, deixava algum recado, só que era em inglês. [risos]. Aí eu já não sabia. Ia lá, perguntava e ia só na mímica [risos]. (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em virtude dos estranhamentos relativos à língua inglesa, os entrevistados trabalharam, inicialmente, com outros imigrantes brasileiros em suas sociedades de imigração. Além disso, no caso dos Estados Unidos, existiam muitos outros imigrantes de origem latino-americana, o que fez com que os filhos de agricultores familiares convivessem também com a língua espanhola através dos imigrantes conhecidos como hispânicos. Em função disso, os mesmos ganharam mais familiaridade com a língua espanhola (atrelada a seus semelhantes, imigrantes latino-americanos), do que com a língua inglesa, (vinculada aos estadunidenses, ou seja, aqueles que lhes consideravam estrangeiros).

Segundo Chaveiro e Rodrigues (2013), em estudo sobre imigrantes internacionais goianos, são poucos os que aprendem o idioma e existem aqueles que mentem que aprenderam. Nesse sentido, a língua estrangeira influencia sobre as condições de trabalho e também sobre a sociabilidade desses migrantes internacionais.

Dessa maneira, entre os itapuranguenses, nenhum retornou falando fluentemente a língua estrangeira da sociedade de imigração onde permaneceram por vários anos. Em seus relatos, os mesmos explicaram que aprenderam apenas o básico para sobreviver e, sobretudo, conseguir trabalhar, como contou Gabriel no trecho abaixo destacado. Somente aqueles que alteraram seus projetos migratórios internacionais, continuando no exterior até os dias atuais e sem ambição de retorno conseguiram a fluência na língua estrangeira de suas sociedades de imigração, como contaram seus familiares.

Mas também não saí de lá [Estados Unidos] falando. Tipo assim, como lá tem muito brasileiro e tem muito hispano, acaba que você sempre tá no meio. Você não desvincula tanto dos brasileiros. A maioria das pessoas lá aprende o básico, que é pra você comer, trabalhar e se virar com alguma coisa. Você pode contar nos dedos quem vem de lá que fala fluente (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em termos culturais, outro estranhamento se referiu à sociabilidade nas sociedades de imigração, extremamente contrastante com a sociabilidade brasileira, ainda mais a rural. Nas entrevistas, os migrantes internacionais recordaram a existência de sociabilidades avessas às encontradas na sociedade de emigração, sendo a sociabilidade estadunidense, sobretudo, considerada como contrária à brasileira. Segundo Sales (1999), em estudo sobre imigrantes

brasileiros nos Estados Unidos, os brasileiros são informais e os estadunidenses formais, o que faz com que os primeiros sejam considerados calorosos em suas relações sociais e, os últimos, frios.

Essas nuances estiveram nas entrevistas de inúmeros itapuranguenses, sobretudo os imigrantes nos Estados Unidos. Em síntese, os mesmos acharam os estadunidenses distantes, fechados e frios em relação aos brasileiros. Conforme Afonso e Carlos, os estadunidenses levavam vidas muito regradas, extremamente profissionais, mantendo suas relações sociais em círculos restritos. Os entrevistados estranharam a inexistência de relações sociais entre vizinhos nos Estados Unidos, sendo as mesmas muito comuns no Brasil, sobretudo nas comunidades rurais itapuranguenses caracterizadas através da reciprocidade. Além disso, os relatos também expressaram as dificuldades de estabelecimento de relações sociais entre estadunidenses e imigrantes brasileiros fora do ambiente de trabalho.

Aqui [Brasil], a vida também é bem diferente que lá [Estados Unidos]. Lá você sai da sua casa, vai trabalhar, volta e vai pra dentro de casa. Não sai pra fora quase. A vida do americano é essa: sai, pra dentro da casa, vai trabalhar, pra dentro da casa, vem de trabalhar, pra dentro da casa. Eles não têm esse negócio de conversar com vizinho, não tem não. Se ele precisa de alguma coisa, ele vai na sua casa e bate (Afonso, 32 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Os americanos não te olham, não te observam, não fazem nada. Lá, se você chegasse num *shopping* ou num mercado, num trem grande desses onde você fosse comprar um trem, se você passasse assim e visse uma pessoa olhando você, podia saber que era brasileiro [risos]. Lá eles andam de qualquer jeito, eles sempre usam aqueles trem tudo bagunçado, não tem esse negócio de observar nada não. Não é igual aqui, não. Porque aqui se você sair com uma roupa diferente todo mundo já vai comentar. Lá não existe isso, não. [...] Nós morava assim, vizinho assim, eles chegam em casa, já abrem a garagem com o controle, já entram pra dentro, você não vê eles. Você não tem contato nenhum. Pra você fazer amizade com um é no serviço, um trem assim. Não é igual aqui que você faz amizade com os vizinhos tudo. Lá não tem isso, não. Eles não vai na casa da gente (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Como mencionado anteriormente, o ambiente nas sociedades de imigração também causou estranhamentos. Para Mota (2008), nos Estados Unidos, as crianças e os jovens imigrantes que seguem os familiares brasileiros em migrações internacionais costumam sentir mais os estranhamentos ambientais, como o frio e a neve. Contudo, os filhos de agricultores familiares não somente estranharam as características ambientais naturais de suas sociedades de imigração, mas também as características ambientais antrópicas. Os estranhamentos ambientais relativos às características naturais se concentraram em torno do clima e os estranhamentos ambientais vinculados às características antrópicas convergiram em torno da arquitetura e do trânsito.

Quanto ao clima, na sociedade de emigração eram encontradas características climáticas tropicais e nas sociedades de imigração, características climáticas temperadas. Dessa maneira, a imigração resultou em uma mudança brusca nas condições climáticas vivenciadas, sendo que os entrevistados na sociedade de emigração brincavam no córrego e nas sociedades de imigração, na neve. Em sua entrevista, Gabriel contou como aconteceu a aclimação nos Estados Unidos, mostrando como venceu esse estranhamento em sua juventude: “Não é muito frio... Só no ano que eu cheguei lá que eu peguei assim um frio mais forte um pouco, chegou até a nevar. Mas, os outros dois invernos, três que eu passei lá, tranquilo. Um frio, mas um frio suportável, só um ventinho, não é aquela coisa” (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em virtude do clima, o vestuário dos imigrantes internacionais também se transformou, sendo as bermudas típicas dos rapazes e as saias típicas das moças peças extintas de seus guarda-roupas, como recordado por Carlos sobre sua imigração nos Estados Unidos: “O clima era bem diferente, mas eu achava bom. Morei dois anos e tanto lá, nunca nem gripei. Mas era frio. Bermuda, nem pensar [risos]” (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, eventos climáticos como furacões e terremotos, comuns em várias sociedades de imigração nas quais os entrevistados estavam, eram motivos de grandes preocupações para os agricultores familiares remanescentes em Itapuranga. Embora as intempéries climáticas fossem uma constante na vida e no trabalho da agricultura, como os granizos, por exemplo, as intempéries nas sociedades de imigração onde estavam os filhos eram em proporções bem mais graves, não afetando apenas produções agrícolas, como acontecia no contexto de Itapuranga, mas toda a vida humana.

Nesse sentido, Olga rememorou a necessidade de comunicação constante com sua mãe, agricultora familiar, em função dos receios de terremotos que costumavam ocorrer nos Estados Unidos na época de sua imigração: “A mãe se preocupava muito. Nossa! Mas, eu sempre ligava, sempre dava notícias. Ela via televisão e se preocupava com os terremotos. Ela se preocupava muito com a questão do clima de lá” (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Quanto à arquitetura, as características das casas no exterior também causaram estranhamentos, sobretudo sua construção em madeira e a inexistência de muros. Os imigrantes internacionais também se impressionaram com as casas antigas recorrentemente encontradas. Esse estranhamento consistiu em um confronto entre a sociedade de imigração “idealizada” e a “realizada”, tendo em vista que os entrevistados não conseguiam acreditar

que em nações consideradas de primeiro mundo existissem casas de madeira, sem muros e antigas, sendo as mesmas inconciliáveis com a rica realidade imaginada. Esse estranhamento constou no relato de Carlos, imigrante no contexto estadunidense.

Muito diferente. Você chega lá [Estados Unidos] assim, você já chega e vê que as casas não tem muros, aquelas casinhas tudo de madeira. Você olha pra aquilo e acha esquisito demais. As ruas todas diferentes, as casas muito diferentes. Você não vê tijolo, telha não tem (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em complemento à arquitetura, os imigrantes internacionais também tiveram de se acostumar ao trânsito, que no início gerou algumas dificuldades nas vivências migratórias. Nas sociedades de imigração os filhos de agricultores familiares dirigiam em trânsitos caóticos e estacionavam em pequenas vagas, realidade bem diferente das estradas de chão as quais estavam acostumados e a possibilidade de escolher à sua vontade as vagas mais largas possíveis no calmo centro urbano do pequeno município de Itapuranga. Para esses entrevistados, ainda jovens rurais durante a imigração, iniciando pela primeira vez a vida a oceanos de distância de suas origens, essa era uma verdadeira prova de autonomia, como contou Olga, que viveu nos Estados Unidos e também no Reino Unido.

A dificuldade pra gente que é do interior, de roça, é dirigir. Você precisa dirigir. Se você não dirigir, você vai fazer o que? Aí você entra naquelas *freeways*, aquele tanto de carro, uma loucura. Estacionar, eu nunca tinha aprendido a estacionar aqui [Brasil], eu sempre pegava vaga larga. Aí eu fui entregar pizza nos primeiros quinze dias, então você imagina (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Diante de todos esses estranhamentos, bem como dos distanciamentos e das dificuldades desencadeados por muitos deles, as redes migratórias internacionais de estirpe pessoal foram essenciais nas chegadas e acomodações nas sociedades de imigração, sobretudo no que tange o primeiro emprego e a primeira moradia.

De acordo com Fusco (2005), os imigrantes brasileiros na sociedade estadunidense são inseridos através da atuação das redes pessoais, que auxiliam em questões vinculadas a moradia e emprego, sobretudo, imigrantes indocumentados. Para os entrevistados, as redes pessoais na imigração se mostraram essenciais na superação dos estranhamentos encontrados, na inserção efetiva na sociedade de imigração através da moradia e do trabalho e no início de suas trajetórias sociais como imigrantes internacionais.

Os relatos dos entrevistados mostraram que as redes pessoais relativas à imigração são constituídas através de imigrantes oriundos da mesma sociedade de emigração, sendo eles

familiares, amigos ou apenas conhecidos dos jovens rurais itapuranguenses, os quais já estavam como imigrantes a mais tempo e tinham condições em termos pessoais e profissionais para auxiliar na acomodação inicial. Esse auxílio se manifestou através da indicação de moradia e emprego ou, até mesmo, através da partilha de seu próprio emprego e moradia com os novos imigrantes.

Contudo, vale lembrar que, a exemplo de casos já relatados no decorrer do estudo, nem sempre essa reciprocidade existiu. Mas, no contexto de imigração, os entrevistados itapuranguenses que tinham essas redes constituídas no exterior, puderam contar com elas, como narrado por Luiz, sobre sua chegada em Portugal junto com a jovem esposa, onde os mesmos foram recebidos por sua prima, também oriunda do meio rural de Itapuranga, que ofereceu sua casa e conseguiu emprego para ambos.

Não, porque quando você tem alguém lá [Portugal] que te acolhe, como eles fizeram com nós, é tudo muito mais fácil. A gente não teve dificuldade nenhuma. [...] Difícil é quando a pessoa vai e chega lá e não tem ninguém, e tem que procurar casa, procurar emprego. Agora, eu mais ela chegamos num domingo e na segunda já tava os dois trabalhando. Não fico nenhum dia sem trabalhar (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Todavia, nem todos dispunham de redes pessoais nas sociedades de imigração, o que tornou a sua inserção como imigrantes ainda mais complicada. Nesse sentido, instituições como as igrejas assumiram papéis importantes e diferenciados, tendo em vista a situação de indocumentação dos imigrantes. Conforme Tedesco (2012), as igrejas, fundamentadas em vínculos de solidariedade, funcionam como espaços de auxílio onde os imigrantes conseguem informações sobre trabalho, documentação, moradia e recebem até mesmo serviços de assistência social vinculados à alimentação, vestuário, asilo, entre outros.

No contexto empírico estudado, um informante-chave chamado Alexandre narrou a história de seu irmão Joaquim, que abandonou a agricultura familiar de Itapuranga quando era jovem (21 anos) e migrou para a Itália, residindo no exterior até a atualidade (29 anos), sem pretensão de retorno. Segundo Alexandre, o irmão Joaquim sofreu muito nos primeiros tempos como imigrante internacional na sociedade italiana, onde não tinha familiares, amigos ou conhecidos, vivenciando inúmeras situações de vulnerabilidade.

Conforme Alexandre, em virtude de não ter auxílio de outras pessoas, o irmão teve dificuldade em conseguir moradia e emprego, e quando conseguiu precisou economizar muito para sobreviver. Nesse sentido, a Igreja Católica italiana foi muito importante, fornecendo serviços de auxílio aos imigrantes, aos quais o jovem Joaquim recorria para poder se alimentar dignamente e se manter. Assim, em casos onde não existiram redes pessoais

constituídas, as igrejas estiveram entre as instituições que atuaram como substitutas, auxiliando os imigrantes em relação aos estranhamentos e às acomodações iniciais.

Nessa época, as coisas não eram muito fáceis, não. E quando ele foi pra lá, pelo menos nos dois primeiros anos, como eu disse, ele comeu o pão que o diabo amassou mesmo. Tanto é que pra poder economizar em dinheiro ele tava dormindo em albergues do governo pra sem-teto. E a Igreja Católica lá, isso ele me contou várias vezes, tem uma espécie de um programa, um trabalho que ela fornece todos os dias café, almoço e janta pra imigrantes, mendigos, assim... Pra não gastar o pouco dinheiro que ele conseguia ele ia nesse lugar que a Igreja Católica fornecia alimentação pra poder economizar (Alexandre, idade não revelada, informante-chave).

Os entrevistados também narraram casos conhecidos onde os Estados das sociedades de imigração também prestaram auxílio aos imigrantes desamparados. No entanto, tendo em vista sua condição como indocumentados, os mesmos acabaram sendo deportados de volta a sua origem. Todavia, os imigrantes que não conseguiram moradia nem emprego e que se arrependeram do projeto migratório internacional e desejaram retornar, mas não tinham condições financeiras, muitos Estados auxiliaram municiando as passagens de volta.

3.2 Trabalho em excesso, moradia ruim e estudo restrito: as vivências dos jovens rurais como imigrantes

Em Itapuranga, analisando os filhos de agricultores familiares entrevistados, unanimemente suas trajetórias como imigrantes estiveram sustentadas em projetos migratórios internacionais claramente estabelecidos sobre migrar, trabalhar, economizar, retornar e investir. Dessa maneira, o trabalho teve centralidade em suas imigrações, com intuito de autonomia e de reprodução social.

Conforme Sayad (2000), a existência do imigrante está intimamente vinculada ao trabalho, consistente em sua razão de ser. Sendo assim, o trabalho contém em si a coerência relativa às migrações internacionais, autenticando a imigração, cuja provisoriedade não seria aceita em termos intelectuais, éticos, culturais e, sobretudo, políticos, se o imigrante não trabalhasse. Em síntese, o trabalho condiciona a existência do imigrante.

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonismo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração)

na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos. Entende-se então a dificuldade, que não é apenas técnica, que se tem em definir o desemprego no caso do imigrante (até quando? durante quanto tempo?), a dificuldade que se tem de pensar a disjunção do imigrante e do desemprego: ser imigrante e desempregado é um paradoxo. E sem chegar a dizer que essa situação é propriamente impensável, ela não deixa de ser sentida como um escândalo para a mente, em primeiro lugar, mesmo que de um ponto de vista puramente intelectual; a dificuldade está, aqui, em conciliar objetos inconciliáveis: desempregado e imigrante ou, o que dá no mesmo, o não-trabalho como o que só se concebe e só existe pelo trabalho. [...] Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Considerando as singularidades envolvidas na socialização na agricultura familiar, a centralidade do trabalho na imigração se tornou ainda mais clara nas trajetórias migratórias internacionais dos entrevistados. Segundo Marin (2005; 2006), em estudos sobre as crianças rurais goianas e suas atividades na agricultura familiar, as mesmas aprendem com os pais e mães, através de inserções condicionadas a critérios de idade e de gênero, não somente trabalhar nas atividades domésticas (no caso das meninas) e agropecuárias (no caso dos meninos), mas aprendem, também, os valores morais subentendidos nesse trabalho consistente em “ajuda” e em “aprendizado”.

Através do trabalho das crianças, os agricultores familiares educam as mesmas, ensinando-as valores morais considerados essenciais, como a dignidade, a honestidade, a responsabilidade, entre outros. Assim, os agricultores familiares ensinam às suas crianças o sentido da vida sustentado no trabalho, sendo esses ensinamentos constantemente reforçados pelos pais e internalizados pelos filhos (MARIN, 2005; 2006). Os entrevistados também foram socializados na agricultura familiar, internalizando os valores morais nomeados anteriormente. Desse modo, várias vezes nas entrevistas foram ressaltados a dedicação e o esforço dos mesmos em seus trabalhos como imigrantes, através de expressões orgulhosas como “eu fui para trabalhar” e “eu trabalhei muito”.

Para Sales (1999), analisando os imigrantes brasileiros no território estadunidense, criou-se uma identidade *hardworker* vinculada aos imigrantes de nacionalidade brasileira, tendo em vista sua incisiva inserção no mercado de trabalho na sociedade de imigração. Nesse sentido, nos Estados Unidos, os brasileiros são reconhecidos como “povo trabalhador”, integrados nos mais variados níveis de trabalho, sobretudo os menos considerados socialmente. Os entrevistados itapuranguenses reforçaram a manutenção dessa identidade *hardworker* do trabalhador imigrante brasileiro em virtude de sua necessidade de conseguir os objetivos traçados nos seus projetos migratórios internacionais.

Em virtude disso, em suas variadas sociedades de imigração, sejam as situadas no continente americano ou no europeu, os imigrantes internacionais estudados submeteram-se a rotinas de trabalho exaustivas, inteiramente condizentes à identidade *hardworker*. Essas rotinas envolveram mais de um emprego, os quais eram pouco qualificados, com jornadas de trabalho extensas, remunerações baixas, inexistência de direitos trabalhistas em virtude da indocumentação, horários inconvenientes, sem férias, feriados ou folgas, entre outras. Algumas características dessa identidade *hardworker* relativa à necessidade de concretização dos projetos migratórios internacionais e condizente com a socialização do mesmo na agricultura familiar de Itapuranga foram visualizadas no relato de Afonso, rememorando sua rotina de trabalho nos Estados Unidos.

Nossa, eu trabalhei demais. Eu trabalhei em construção de casa, trabalhei em demolição de casa, trabalhei com soprador de folha, entreguei jornal, entreguei pizza... Cheguei a ter dois empregos ao mesmo tempo: entregar pizza e jornal. Começava às dez horas da manhã, ia até uma meia noite. Dormia até as três, levantava ia entregar jornal, chegava sete horas. Dormia até nove e quarenta e cinco. Quando tava assim tava bom. Aí, depois, apertou mais. Aí eu chegava uma, acordava três, voltava pra casa cinco e meia, acordava sete e meia, voltava oito e meia, dormia, acordava nove e quarenta e cinco de novo (Afonso, 32 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Entretanto, não somente Afonso se submeteu a essas condições de trabalho durante a imigração. Na verdade, o seu relato é muito semelhante ao dos demais entrevistados, tanto homens, quanto mulheres. A realidade trabalhista dos filhos de agricultores familiares itapuranguenses na imigração foi caracterizada pela precariedade, beirando até mesmo a insalubridade, mas essas características não os esmoreceram, em virtude da necessidade de autonomia e de reprodução social motivadora de suas migrações internacionais. Segundo Martins (2003c), analisando as realidades vivenciadas nas migrações brasileiras, a sujeição no trabalho consta entre uma das principais características desses migrantes.

O principal está no fato de que migram quase sempre dispostos a aceitar condições degradantes de trabalho, humilhações e más condições de vida; de que migram temporariamente dispostos a abrir mão de concepções mínimas e básicas de decoro, dignidade e direitos. São migrantes, portanto, os que colocam temporariamente entre parênteses o sentido de pertencimento e voluntariamente se sujeitam a situações de anomia, de supressão de normas e valores sociais de referência (MARTINS, 2003c, p. 114).

Segundo Sayad (1998, p. 64), em estudo sobre imigrantes argelinos no contexto francês, “os imigrantes recém-chegados, faixa situada na parte inferior da hierarquia interna da população migrante [...], estão mais inclinados a aceitar os trabalhos mais penosos, menos estáveis, menos remunerados, etc”. Essa inclinação também marcou as vivências imigratórias dos itapuranguenses, em decorrência da baixa escolaridade, do não conhecimento das línguas estrangeiras e da inexperiência em trabalhos assalariados associadas a suas condições indocumentadas, em razão da inexistência ou vencimento dos vistos de viagens. De acordo com Pais (1990), em estudo realizado em Portugal, a condição juvenil, por si só, desencadeia embaraços à entrada dos jovens no mercado de trabalho, sendo comuns aos mesmos a situação de desemprego e as situações de empregos clandestinos, intermitentes, parciais, entre outros.

Assim, os filhos de agricultores familiares inseriram-se nos mais variados empregos, como jardineiros, entregadores de pizza, lavadores de pratos, garçons, entregadores de jornais, faxineiros, construtores, entre inúmeros outros. No entanto, curiosamente, entre os trabalhos nos quais os mesmos se inseriram nas suas sociedades de imigração, não foram encontradas atividades agropecuárias. Em estudo sobre trabalhadores imigrantes internacionais oriundos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná no contexto italiano, Tedesco (2012) notou a agricultura como uma porta de acesso à imigração, sendo que muitos imigrantes iniciaram em atividades vinculadas com o meio rural.

Dessa maneira, entre os imigrantes internacionais oriundos do contexto da agricultura familiar goiana, os trabalhos desenvolvidos na imigração se concentraram em serviços urbanos, sendo esses os seus acessos. Entre os entrevistados, não existiram relatos vinculados com a agricultura, sendo esse mais um contrassenso das imigrações internacionais estudadas: jovens que foram criados trabalhando na agricultura no contexto nacional, deixaram de trabalhar na mesma no contexto internacional. Entre os entrevistados em sociedades no continente americano e europeu, os trabalhos realizados se concentraram nas construções civis e nas faxinas domésticas.

Segundo Tedesco (2012), em estudo no contexto italiano, a construção civil mostrou-se um setor importante de trabalho para os imigrantes, crescendo e absorvendo muitos deles,

primeiro porque consiste em um trabalho pesado que os nativos das sociedades de imigração não querem realizar e, segundo, porque é um setor de grande informalidade nas relações de trabalho, o que é muito importante para os imigrantes em situação indocumentada, como revelaram os relatos de Ciro e Luiz, irmãos e imigrantes em Leiria, Portugal, durante sua juventude.

Lá em Portugal? Eu era soldador. Coisa que eu nunca tinha feito, mas eu cheguei lá e tive que aprender, né. Ele falou assim: “eu tenho um serviço, só que eu tô precisando de um cara pra soldar”. Aí eu falei assim: “não sei não, mas eu aprendo, rapidão eu aprendo”. Aí depois de uma semana, duas, eu já tava subindo na obra e soldando. Queimei meu olho tudo, minhas vista. Todo dia à noite eu tinha que colocar umas batatinhas assim pra sugar o negócio da solda. Tinha proteção, mas eu não tava habituado. No início, até se acostumar, é assim mesmo, machuca, dói. Eu sei que eu sofri também, tinha dia que tava chovendo muito e você subindo naquela obra alta pra soldar. Não, vixi, Deus me livre. Eu trabalhava das seis da manhã às nove da noite. Até as nove eu trabalhava. Quando era verão acho que ficava escuro lá dez horas da noite, enquanto não escurecia a gente ia trabalhando, né. E ele pagava mensalmente. Na época, eu me lembro, que eu ganhava 600 euros por mês. O euro tava três e pouco aqui (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

O trabalho, por exemplo, eu não gostei muito. Trabalhava em altura, né, em obra. Eu nunca nem tinha visto aquilo. Cheguei lá e achei que ia trabalhar em serviço normal, no chão. Eu custei até ter coragem de andar naquilo, tinha medo. E não tinha nada de segurança. Sem contar que nunca ganhei férias, nunca ganhei décimo terceiro, nada disso... Mas eu ganhava calçado, roupa, alimentação e quando saía pra outra cidade eles pagavam tudo também (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Segundo Jesus (2003), analisando a inserção de mulheres imigrantes brasileiras no mercado de trabalho estadunidense, normalmente as mesmas trabalham como faxineiras, considerando a demanda de trabalhadoras e as habilidades das brasileiras nesse sentido. Além disso, a faxina nos Estados Unidos é bem diferente em relação ao Brasil, tornando esse trabalho mais favorável, tendo em vista que a faxina no exterior é mais leve e resumida, sendo que no Brasil normalmente envolve grandes volumes de água, mudança de objetos de lugar, entre outros.

Tendo em vista a socialização na agricultura familiar, onde as meninas aprendem a trabalhar com as mães no âmbito doméstico, cuidando da casa, do pátio e da família, como mencionado no estudo de Marin (2006), anteriormente citado, as filhas de agricultores familiares se inseriram muito bem no serviço da faxina no contexto internacional. Em entrevista com a agricultora familiar Tereza, mãe da migrante internacional Lúcia, a mesma relatou sobre o trabalho da filha nos Estados Unidos como faxineira: “O joelho dela ficou até preto de tanto fazer faxina na casa dos outros, ajoelhada. E ficou pretinho assim, você precisa

de ver! Custou a clarear, agora que tá clareando um pouco” (Tereza, 58 anos, informante-chave).

Frente ao exposto, muitos imigrantes internacionais itapuranguenses conceberam a imigração como uma verdadeira ilusão, considerando as cizânias entre as “vivências idealizadas” na sociedade de emigração e as “vivências realizadas” nas sociedades de imigração. Assim, a concretização dos projetos migratórios internacionais exigiu o máximo esforço, em razão dos desequilíbrios entre o trabalhar e o economizar em relação ao investir, sendo os primeiros muito mais intensos do que o último. Segundo Chaveiro e Rodrigues (2013), em estudo sobre imigrantes internacionais goianos, esse “máximo esforço” muitas vezes reflete sobre sua saúde física e até mesmo mental.

Em seu relato, Hugo, um informante-chave de origem urbana que migrou internacionalmente em sua juventude e, com o retorno, passou a residir no meio rural e trabalhar na agricultura, chamou a atenção para essa relação entre imigração e ilusão, contando sobre sua realidade como jovem trabalhador imigrante e as dificuldades vividas na luta econômica em busca de uma vida melhor. Segundo ele, os jovens partem muito animados, acreditando que a experiência da imigração não será difícil, mas a realidade é outra e as dificuldades estão constantemente presentes, sobretudo no trabalho.

Porque todo mundo tem o sonho de conhecer... Os Estados Unidos hoje é, senão o país mais desenvolvido do mundo, um dos mais. Então, todo mundo fica com aquele sonho de que vai ir pra lá e vai achar dinheiro nas árvores. Eu pensava que eu ia chegar lá e ia ir nas árvores pegar dinheiro [risos]. Mas acaba que a realidade é um pouco diferente. Se você não trabalhar mesmo e não correr atrás dos seus objetivos, acaba que você não consegue ganhar dinheiro. Acaba que você fica ali trabalhando num subemprego, digamos assim, que é um asilo, é onde a maioria dos brasileiros trabalha, asilo, restaurante, cafeteria, construção civil... Não que isso não dê dinheiro e não que não seja digno, é digno demais. Mas, eu acho que você fica estagnado, e estagnado você não vai ganhar dinheiro (Hugo, 31 anos, informante-chave).

Logo, inúmeros entrevistados concluíram que suas imigrações foram ilusões e que se tivessem feito no contexto nacional o que fizeram no contexto internacional, se tivessem trabalhado com o mesmo empenho, os ganhos teriam sido os mesmos e não teria sido necessário um projeto migratório internacional para reverter as condicionantes socioeconômicas desfavoráveis encontradas em Itapuranga.

Entretanto, mesmo com a precariedade e a insalubridade dos trabalhos, esses imigrantes internacionais conseguiram economizar e enviar remessas recursivas aos familiares no Brasil. É necessário pontuar que essas remessas foram resultantes de economias muitas vezes caras em termos sociais, como às carências relativas à moradia solidária, à diversão

escassa, entre outras concessões. Conforme dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Brasil recebeu durante o ano de 2013 um total de 1.623 milhões de dólares em remessas (MALDONADO; HAYEM, 2014). Um valor menor em comparação aos anos anteriores, ainda não coincidindo com as remessas enviadas antes da crise econômica internacional.

Conforme Tedesco (2012), analisando os imigrantes brasileiros no território italiano, as remessas revelam os vínculos sociais inerentes aos migrantes internacionais. Esses necessitam racionar seus recursos entre sociedade de emigração e de imigração, relativas às suas necessidades econômicas e morais. Nesse sentido, entre os entrevistados, as remessas atuaram como um “atestado migratório”: cada remessa era uma contribuição à autenticação da necessidade das migrações internacionais entre os agricultores familiares remanescentes, mostrando aos mesmos a construção ascendente do intuito migratório internacional evidenciado nessa economia.

Segundo Martes e Soares (2006), em estudo sobre os imigrantes brasileiros, as remessas são enviadas, sobretudo, como auxílio econômico aos familiares. No entanto, existem remessas vinculadas com negócios, investimentos financeiros, dívidas, entidades, imóveis, entre outros. Entre os imigrantes internacionais oriundos da agricultura familiar de Itapuranga, as remessas mais comuns não se reservaram ao auxílio aos agricultores familiares, mas sim a outras motivações, intrínsecas a construção da vida adulta em termos pessoais e profissionais. Mas, ainda assim, as remessas foram enviadas aos agricultores familiares, os quais geriram os recursos econômicos dos filhos e supervisionaram seus investimentos, fossem na compra de terra, de casa, de veículo, ou outros. Somente no caso de entrevistados recém-casados, com as esposas remanescentes nas sociedades de emigração que as remessas não foram enviadas aos pais.

Segundo Sayad (1998), em estudo sobre as migrações internacionais da Argélia para a França, não somente os trabalhos, mas também as moradias revelam muito sobre as situações vivenciadas na imigração, exibindo características de transitoriedade, assim como os imigrantes. Como normalmente os imigrantes não dispõem de condições econômicas para arcar sozinhos com os custos relativos às suas moradas, os mesmos costumam morar com outros imigrantes, racionando seus espaços e suas condições de vida. Dessa maneira, a solidariedade é uma característica cominada a essas moradias.

Dividir o mesmo espaço, a mesma moradia e, por conseguinte e de forma mais ampla, as mesmas condições de vida, acaba sendo uma forma de perpetuar, a despeito das transformações que se podem produzir nos outros domínios da

existência dos imigrantes, um modo de ser (imigrante) característico de um certo estado da imigração, ou seja, uma certa representação que os imigrantes têm solidariamente de si mesmos, de suas relações com seu país de origem e com a sociedade francesa que frequentam. Dentre todos os fatores que contribuem para garantir a integração dos grupos de imigrantes, a moradia é, sem dúvida, aquele que age de forma mais eficiente, e isso tanto mais quanto mais deficitária, mais miserável, mais discriminatória for (SAYAD, 1998, p. 90).

Conforme Tedesco (2012), os imigrantes brasileiros em contexto italiano também vivem nessas moradias solidárias. Os itapuranguenses também revelaram que moraram com outros imigrantes, sobretudo no início da vivência nas sociedades de imigração, não somente em virtude dos estranhamentos, mas também em razão das contrariedades econômicas inerentes a inserção no mercado de trabalho no exterior. Dessa maneira, ouviram-se inúmeros relatos de entrevistados morando com mais cinco, sete ou nove imigrantes brasileiros (não somente itapuranguenses, nem somente goianos) e, também, de outras nacionalidades.

Nessas moradias, extremamente modestas, a solidariedade estava imbricada nas divisões de quartos, comidas, tarefas, entre outras, como mostrado no relato de Carlos. Durante sua imigração nos Estados Unidos, Carlos morou com outros imigrantes em face da necessidade de economizar e dividiu sua experiência migratória com os mesmos, como evidenciou o trecho abaixo selecionado.

No começo nós morava tudo junto, até conseguir um dinheirinho pra alugar uma casa, um apartamento. Aí, depois de dois meses, nós conseguimos um apartamento. Fizemos uma turminha de cinco e fomos morar lá. Aí, nós moramos uns tempos bons lá e depois nós conseguimos uma casa que tinha mais espaço. Na época, chegamos a morar em sete pessoas nessa casa. Tudo homem. Eram quatro quartos. Tinha um mais enjoadinho que ficava num quarto sozinho. Aí ele pagava mais um pouco pra ficar nesse quarto. Daí, nós cozinhava, fazia tudo. [...] Nós só fazia janta. No almoço todo mundo saia pra trabalhar e almoçava por lá. Aí tinhas uns escoradão que não cozinhavam de jeito nenhum. [...] Era nós que limpava também. A casa que nós morava era tudo carpete, aí só passava aquele aspirador de pó. Final de semana, às vezes, tinha gente que folgava, aí dava uma faxina. Dia de lavar roupa... [risos] (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, curiosamente esse relato mostrou mais uma mutação inerente à imigração. Em Itapuranga, os entrevistados moravam com seus familiares, onde a mulher, fosse mãe, irmã ou consorte, era ativa no ambiente doméstico, onde os rapazes não tinham muita intimidade, considerando sua não-socialização nesse âmbito. Como evidenciado nos estudos de Marin (2005; 2006), no contexto goiano, as crianças são socializadas na agricultura familiar em razão de suas condições de idade e de gênero, sendo que as meninas aprendem a trabalhar com as mães no âmbito reprodutivo relativo à morada e os meninos aprendem a trabalhar com os pais no âmbito produtivo referente ao roçado.

Desse modo, para os entrevistados do sexo masculino, a imigração internacional representou uma socialização forçada no âmbito reprodutivo com o qual até então praticamente não tinham contato. Os mesmos não estavam acostumados com os afazeres domésticos, e para eles, tarefas como cozinhar, lavar e limpar eram estranhas e representaram um grande desafio superado com dificuldades.

Além disso, no caso dos filhos de agricultores familiares itapuranguenses, a educação não foi uma variável constante em suas vivências durante a imigração. Isso se deveu às singularidades já apresentadas inerentes a essas trajetórias migratórias internacionais. Nesse sentido, a necessidade de concretização dos seus projetos migratórios internacionais os levou a se dedicarem exclusivamente ao trabalho em prejuízo da educação. Para Marin et al. (2013), em estudo sobre jovens de diferentes nacionalidades imigrantes na Espanha, a educação escolarizada tende a ser reduzida ou ignorada entre os mesmos, em favor de uma adiantada inserção no mercado de trabalho.

Curiosamente, a maioria dos itapuranguenses até mesmo tentaram estudar durante a imigração, começando cursos referentes às línguas estrangeiras. Contudo, em razão da maçante rotina de trabalho, unanimemente, os mesmos acabaram abandonando essas formações. Essa relação de forças entre o trabalho e a educação foi visualizada nos relatos dos imigrantes Olga e Gabriel, nos Estados Unidos: “Comecei a fazer um curso de inglês como segunda linguagem. Só que com a questão do trabalho, não teve jeito de eu conciliar. Ou trabalhava ou estudava, então não teve jeito de estudar, não” (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude); “Ah, eu comecei a fazer lá algum tempo um curso de inglês. Só que eu acho que fiz um mês só. Tava meio cansada, chegava do serviço você queria ficar descansando, aí larguei” (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Essas nuances mostraram como a imigração acarretou embaraços inesperados aos entrevistados, tornando-os seres humanos mais independentes, senhores de seus próprios destinos, cujas tão sonhadas autonomia e reprodução social acabaram sendo forçadas em um contexto estrangeiro permeado por inúmeros constrangimentos e dificuldades, onde os pais, agricultores familiares, situados a oceanos de distância, não puderam intervir.

3.3 Sobre “meninas custosas”: a imigração e a (in)visibilidade das jovens rurais prostitutas

Subitamente, um assunto recorrente nas entrevistas consistiu na prostituição de jovens rurais imigrantes internacionais oriundas da agricultura familiar do município goiano de Itapuranga. Reitera-se o subitamente em virtude da dificuldade de se conceber esse tipo de situação em uma sociedade de agricultores familiares, fortemente marcada por valores sociais e culturais que, de certa forma, são conservadores e rígidos, principalmente no que tange a reputação das mulheres de tais sociedades, sobretudo as moças.

De acordo com Marin (2008), em estudo sobre a socialização de meninas trabalhadoras no âmbito doméstico e agrícola em Itaberaí, estado de Goiás, as mesmas eram educadas austeramente com o intuito de serem transformadas em moças e mulheres recatadas, virtuosas e abnegadas. Assim, os valores centrais em sua socialização eram a submissão e a subalternidade. A essas meninas não eram nem mesmo permitidas amizades estreitas com crianças do outro sexo.

Na agricultura familiar do município goiano de Itapuranga foram observadas muitas características relativas à dominação masculina. Segundo Bourdieu (2005), a dominação masculina consiste em uma resolução sustentada em características biológicas, sobretudo sexuais, onde o sexo feminino é considerado submisso ao sexo masculino, resultando em uma violência simbólica. Essa violência é exercida através da comunicação e do conhecimento e as relações entre “os” dominantes e “as” dominadas são socialmente consideradas naturais e inteiramente aceitáveis, expressando-se, em primeira instância, na divisão sexual do trabalho.

Nos contextos rurais, entre os agricultores familiares, a dominação masculina se mostra com ainda mais naturalidade. Em Goiás, os estudos de Brandão e Ramalho (1986) e Marin (2005; 2006; 2008) mostram a construção da dominação masculina no contexto da agricultura familiar sustentada, inicialmente, em famílias rurais patriarcais. Nessas famílias rurais, os homens estão vinculados à esfera da produção no roçado (esfera primária) e as mulheres à esfera da reprodução na morada (esfera secundária), sendo as crianças rurais assim socializadas: os meninos em um ambiente, as meninas em outro; os meninos recebendo determinados valores morais, e as meninas, outros. Dessa maneira, a dominação masculina vai sendo suavemente construída desde a infância, onde as meninas são colocadas em situações inferiores aos meninos no trabalho e na educação, e sexualmente censuradas e moralmente recriminadas com mais intensidade.

Segundo Paulo (2010), analisando as características identitárias em jovens rurais pernambucanos, a sexualidade é extremamente necessária, também, na identidade dos jovens rurais. Entretanto, a mesma costuma ser refreada entre as moças, considerando a importância ainda atribuída a sua virgindade relativamente aos casamentos. Sendo assim, nas famílias rurais é muito visível o controle exercido sobre a sexualidade das moças através do monitoramento de suas atitudes, vestimentas, relacionamentos, vocabulários, amizades, comportamentos, entre outros.

Em Itapuranga, essa dominação masculina também ainda é muito presente entre os agricultores familiares, sendo a mesma visível no relato de Alice, uma informante-chave que durante muitos anos exerceu cargos representativos na agricultura familiar. Nesse sentido, ao ser questionada sobre a existência de jovens rurais, filhas de agricultores familiares itapuranguenses, que haviam migrado para o exterior e trabalhavam como prostitutas, Alice inicialmente se mostrou envergonhada e tentou mascarar essa existência, evidenciando a atuação da dominação masculina inculcada na ruralidade.

Não, que eu saiba não, assim, que eu conheço, mas... Eu já ouvi falar, mas... Eu falar assim: “não, eu conheço essa moça aqui que foi, não”! A gente até... até... até tem uns casos aqui... Tem! Na verdade, tem! Vão muito pra Espanha. Muitas moças aqui vão pra Espanha. Tem umas que eu não sei o nome delas, tem uma que até sei. [...] Teve umas duas aí que era rural. Até da nossa região. [...] Existe. Existe, sim (Alice, 56 anos, informante-chave).

Nesse cenário, com uma moralidade muito incisiva em relação à sexualidade, notou-se um silêncio comedido e reticente em torno da existência das jovens rurais, filhas de agricultores familiares, trabalhadoras como prostitutas em suas imigrações. Assim, se conversar com os agricultores familiares e os migrantes somente sobre migrações internacionais foi muito complicado, conversar sobre prostituição foi ainda mais, tendo em vista que as moças rurais prostitutas feriram os valores morais produzidos e reproduzidos através das gerações, sendo os mesmos sustentados nos princípios da honra e da hierarquia.

Dessa maneira, as jovens rurais imigrantes, filhas de agricultores familiares, e prostitutas em contextos internacionais se tornaram praticamente invisíveis. Embora, tenham sido identificadas e localizadas duas delas, sendo ambas migrantes retornadas de Portugal e Espanha, não se conseguiu entrar em contato com as mesmas, nem mesmo com a mediação dos informantes-chave e outros entrevistados.

Nesse sentido, notaram-se estratégias individuais e familiares convergentes à invisibilidade dessas moças, com o intuito de resguardar as mesmas e dissimular a sua condição considerada vergonhosa. Todavia, essa é uma invisibilidade socialmente construída

no contexto rural itapuranguense, em núcleos familiares onde existem moças rurais com essas trajetórias sociais consideradas desonradas. No entanto, os agricultores familiares sabem da realidade de trabalho das filhas, embora, não admitam, buscando conservar o respeito em torno de suas famílias, como mostrado na entrevista do informante-chave Bartolomeu, representante da agricultura familiar no município.

Eu creio que o agricultor ele tem já na sua essência, ele quer ser muito respeitado e quer ser muito sério com as coisas dele, né. Então, pra um agricultor falar que a filha dele tá prostituindo... O agricultor, eu falo pai e mãe, pra eles falarem que a filha tá prostituindo, isso é muito pesado. Eu creio que nenhuma família, eles jamais vão admitir, que as filhas ou os filhos estão lá prostituindo. Então, eles estão lá trabalhando. Como eu falei, trabalham de garçoneiro, alguma coisa, trabalham em casa das pessoas, enfim, como faxineira, etc. Mas eu creio que eles sabem, porque todo mundo sabe, todo mundo em volta sabe disso. Mas, eu nunca vi ninguém da família admitir - família próxima que eu tô dizendo: pai, mãe e irmãos – que essas pessoas estão lá prostituindo. Então, isso eu nunca ouvi de ninguém dessas pessoas. Agora, todo mundo sabe que elas estão lá nisso. A sociedade aqui sabe que elas estão lá prostituindo. Agora, as pessoas assumirem, elas nunca assumiram (Bartolomeu, 33 anos, informante-chave).

Sobre as jovens rurais consideradas prostitutas internacionais, as informações coletadas mostraram as mesmas como “meninas custosas” ainda na sociedade de emigração. De acordo com Nascimento (2008), em estudo realizado com agricultores familiares no município goiano de Mossamedes, situado nas proximidades de Itapuranga, mesmo nas gerações mais jovens de agricultores familiares, as restrições morais ainda existem, sobretudo relativas às mulheres consideradas “custosas”. Isto é, moças que vivem sua sexualidade semelhante aos homens, não sendo recatadas, virtuosas ou abnegadas.

Desse modo, as “meninas custosas” tentaram resistir à dominação masculina, mostrando uma sexualidade mais livre em seus relacionamentos amorosos e, sobretudo, fazendo da venda do sexo uma profissão. Nesse sentido, as mesmas arrombaram os valores morais clássicos na agricultura familiar e se tornaram negativamente reconhecidas no contexto rural em razão dos seus valores morais considerados avessos, como mostrou o relato do informante-chave Bartolomeu ao retratar a situação de algumas jovens rurais prostitutas anteriormente às suas migrações internacionais.

Eu me lembro dessas meninas, [...] elas já eram levadas, vamos dizer, custosas. Mas não era prostituição. Era namorado mesmo, normal, como é com todas as outras meninas, não era prostituição. Existe o caso de outras duas e aí elas já foram para a cidade, moravam aqui na região, foram pra cidade e aí sim, embora eu não possa afirmar, já existiam comentários que elas prostituíam aqui na cidade e aí resolveram ir pra lá. Inclusive existe na cidade um grande número de prostitutas que vão para a Espanha. Talvez esse seja o caminho que essas meninas encontraram ou as companhias que elas encontraram para ir para a prostituição. Talvez por isso. Agora, existe um grande número já de prostitutas na cidade que vão para o exterior. Mas as

meninas rurais não eram prostitutas. Eu não lembro (Bartolomeu, 33 anos, informante-chave).

Sobre como essas moças se tornaram prostitutas na imigração não se obtiveram muitas informações. Contudo, acredita-se, novamente, na atuação das redes migratórias internacionais, sejam as mesmas pessoais ou institucionais. Além disso, notou-se o autorreconhecimento das jovens rurais prostitutas como trabalhadoras, reconhecimento esse não compartilhado entre os demais migrantes internacionais e agricultores familiares.

Para Bourdieu (2005), a dominação masculina está intimamente relacionada com a estigmatização da prostituição, considerando absurda a escolha de muitas mulheres se dedicaram a mesma como um trabalho. Também esse viés da dominação masculina esteve visível no contexto da agricultura familiar no município goiano de Itapuranga. Na entrevista com Angélica, uma informante-chave oriunda da agricultura familiar e imigrante em Portugal, a mesma evidenciou em seu relato inúmeros indícios da dominação masculina inerente à sua socialização no meio rural, sobretudo o repúdio à prostituição como um trabalho. Todavia, a prostituição também se configurou como um trabalho, através do qual muitas jovens rurais concretizaram os seus projetos migratórios internacionais. Enquanto as demais jovens rurais trabalharam como faxineiras no exterior, essas trabalharam como prostitutas.

Na cidade onde eu morei, as brasileiras são todas conhecidas como prostitutas. Eu sofri muito pra arrumar emprego por causa de ser brasileira. [...] E aí a gente sofre muito preconceito: brasileiras lá são putas. As brasileiras lá são vagabundas mesmo! Tomei birra de brasileira lá, eu tinha vergonha de falar que era brasileira. [...] Descaradas. Vagabundas. Elas têm preguiça de trabalhar. [...] Trabalho! É trabalho pra elas. Trabalham em casas noturnas na prostituição mesmo, elas trabalham durante toda a noite e ganham vinte euros por hora, fazendo programa ou não. Então, pra elas é trabalho. Então, é muito mais fácil você ficar na noite, bebendo, fumando, pegando clientes e atraindo coisas do que você trabalhar pesado, por exemplo, que nem na limpeza. Porque lá você só trabalha nisso. Eu, por exemplo, trabalhei de faxineira (Angélica, 44 anos, informante-chave).

Com base nas informações coletadas nas entrevistas, notou-se que o principal destino das moças rurais itapuranguenses com projetos migratórios internacionais relativos à prostituição consistiu na Espanha. Essa informação foi ao encontro do que mostraram as fontes bibliográficas consultadas, onde a Espanha apareceu como universo de análise de muitos estudos dedicados à prostituição de migrantes internacionais brasileiras, como é o caso de Piscitelli (2006) e de Teresi (2010).

Em Itapuranga, constatou-se a existência de um estigma sobre as migrações internacionais femininas para a Espanha, sendo as moças rurais e urbanas nessa sociedade de imigração consideradas como prostitutas, como sintetizado nos relatos dos informantes-chave

Oscar e Bartolomeu: “Existem casos de mulheres que vão para a Espanha, principalmente Espanha. Parece que tem uma marca: mulher que vai pra Espanha é pra dar” (Oscar, 57 anos, informante-chave); “E quando falam aqui que foi para a Espanha dentro do município, já se sente o riso e o deboche das pessoas nesse sentido. Então, se foi para a Espanha, no caso de mulher, foi para prostituir” (Bartolomeu, 33 anos, informante-chave).

Segundo Garcia (2013), em estudo sobre moças rurais e indígenas paraibanas, a prostituição pode ser entendida como uma estratégia de ascensão socioeconômica e de autonomia para as mesmas, visto que entre essas moças são comuns os casamentos com clientes, marcando o encerramento de suas carreiras profissionais como prostitutas. Mas não somente nas migrações internas de moças rurais essas nuances são visualizadas.

Em estudo sobre as representações das mulheres brasileiras na mídia portuguesa, Pontes (2004) comenta que são comuns os relacionamentos sexuais entre mulheres brasileiras e homens portugueses que têm por objetivo o casamento para a obtenção da naturalização das primeiras. De acordo com Piscitelli (2007), em estudo sobre migrantes brasileiras internacionais e suas relações sexuais na Itália, comumente as mesmas usam sua sexualidade exótica para conseguir esses casamentos, mesmo quando não são prostitutas. Os casamentos mistos entre italianos e brasileiras são valorizados na medida em que permitem o acesso a estilos de vida com níveis de consumo e conforto intangíveis para essas mulheres no Brasil, possibilitando uma ascensão socioeconômica.

Muitas similitudes foram visualizadas em relação às moças rurais itapuranguenses que empreenderam projetos migratórios internacionais vinculados com a prostituição. Nos casos rurais encontrados em Itapuranga, ambas as moças se casaram nas sociedades de imigração espanhola e portuguesa e, com o casamento, deixaram a prostituição. Esse viés é observado no relato de Luiz, contando a história de uma conhecida de origem rural.

As brasileiras que estão lá e que vão pra lá, 99% são prostitutas. Roubam os homens das mulheres de lá e as mulheres, umas nem largaram do marido, mas os maridos ficam mais com as brasileiras do que com elas. Inclusive, essa foi a história dessa minha conhecida. Na verdade, ela tomou o marido de uma portuguesa. Aí ela casou com esse menino, teve filhos, e nunca mais prostituiu. Ela fez a vida, hoje tem uma empresa, montou um café lá e tudo, é muito trabalhadora. Mas ela foi pra prostituir e não esconde isso de ninguém (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Contudo, de volta à sociedade de emigração, as jovens rurais prostitutas e migrantes retornadas sofreram as condenações sociais. As tentativas de invisibilidade relativa à prostituição não foram suficientes para manter o seu trabalho na imigração em segredo e a informação se disseminou em todo o município, dificultando a reinserção e reintegração das

“moças custosas” nessa sociedade, não somente no âmbito rural, mas também urbano, em termos sociais (relativos aos seus relacionamentos pessoais) e em termos econômicos (relativos as suas inserções laborais), como mostrou o relato de Bartolomeu.

As moças que foram, eu creio que elas sentem nos olhos das pessoas o fato de elas terem ido para a prostituição. Eu creio que elas devem sentir todo o tempo humilhadas. Não sei se isso gera humilhação ou alguma coisa no sentido, mas eu creio que elas devem sentir algo muito estranho no sentido de que elas veem nos olhos das pessoas que as pessoas sabem que elas foram pra prostituir. E isso numa cidade do interior, digamos, mina qualquer tipo de relacionamento delas, eu creio. Seja relacionamento afetivo, financeiro, alguma coisa nesse sentido. Eu creio que sim. As pessoas do interior sabem de tudo. Até do que você não fez, as pessoas do interior ainda tem essa questão. Elas sabem de tudo. Então, eu creio que elas devem sentir muito essa questão assim (Bartolomeu, 33 anos, informante-chave).

No entanto, caso emblemático da prostituição relacionada às migrações internacionais de jovens mulheres goianas consiste no município de Uruaçu, no estado de Goiás, situado a menos de 200 km de Itapuranga. Se hoje Uruaçu é conhecido nacionalmente e internacionalmente é justamente por ser um centro de “produção” de jovens prostitutas imigrantes, muitas relacionadas, inclusive, ao tráfico humano. No relato abaixo, o informante-chave Oscar, professor de Ensino Médio aposentado, comparou o município de Itapuranga com Uruaçu nesse sentido.

Só que aqui em Itapuranga não é muito, não é muito não. Agora você pega Uruaçu, é uma coisa fantástica. Uruaçu é o bordel da Europa. Dentre algumas cidades, Uruaçu se destaca. Assim, Itapuranga tem disso, mas não é muito não. A maior parte das pessoas vai para poder trabalhar mesmo. A maior parte das mulheres vai para ralar mesmo. Faxina, empregada doméstica, babá, cuidar de idosos. Muitas mulheres de Itapuranga saíram pra isso. E muitas também saíram pra prostituir. Mas não é um número que chama a atenção em relação a outros lugares. Tem algumas outras cidades que o pessoal se especializou mais nisso. Mas aqui não é muito não (Oscar, 57 anos, informante-chave).

Conforme dados apresentados no Fórum Goiano de Mulheres (FGM), nos últimos dez anos, foram protocolados 66 processos sobre tráfico de mulheres na Justiça Federal em Goiás. A estimativa aproximada para o período foi de 600 vítimas. O perfil das goianas aliciadas pelo tráfico consistiu em jovens, entre 18 e 26 anos, com baixa remuneração profissional e baixo grau de instrução, normalmente separadas ou com pelo menos um filho (FGM, 2012). Isso nos levou a refletir sobre a participação de jovens rurais nesses esquemas e sua invisibilidade em razão das singularidades da agricultura familiar, mas não foram obtidos dados suficientes para tirar conclusões.

3.4 Jovens rurais e sociabilidades escassas: “sozinhos” entre os estrangeiros e os brasileiros

A imigração internacional entre os itapuranguenses também chamou a atenção em razão de suas sociabilidades não somente como imigrantes, mas como jovens e como rurais e, ainda, como indocumentados, reconhecidos e até estigmatizados nas sociedades de imigração como clandestinos. Segundo Sayad (2000), o imigrante consiste em uma existência não-natural, sendo, no melhor dos casos, uma existência naturalizada, constantemente questionada, necessitando legitimação.

Assim, ela é, no melhor dos casos, uma presença naturalizada, mas jamais uma presença natural; uma presença que resulta de uma constante operação de naturalização (no sentido em que se fala da naturalização dos fatos sociais) e de justificação, a presença estrangeira sendo apenas uma presença legitimada, portanto, uma presença sempre justificável de um esforço de legitimação, mas nunca uma presença intrínseca e fundamentalmente legítima, em tudo que se pode dizer dessa presença, seja a seu favor, ou ao contrário, para condená-la ou para denunciar os seus efeitos (principalmente os efeitos sociais e os culturais), contribui, de certa maneira, a este esforço de legitimação do ilegítimo, de licitação do ilícito (SAYAD, 2000, p. 21).

Essa existência naturalizada gerou muitas dificuldades no âmbito das sociedades de imigração onde estavam os filhos de agricultores familiares, sobretudo em suas sociabilidades. De acordo com Marin et al. (2013), em estudo sobre jovens imigrantes na Espanha, em sua sociedade de imigração os mesmos necessitam desenvolver artifícios individuais e coletivos de interações e negociações sociais. Conforme Bourdieu (1998a), o maior entrave à sociabilidade na imigração consiste na xenofobia, ou seja, a aversão aos estrangeiros, nomeados, acriticamente, como clandestinos. A xenofobia, em sua essência, é resultante do contrassenso inerente ao estatuto do estrangeiro nas democracias modernas, onde existem fronteiras impostas aos deslocamentos de seres humanos, mas os seres humanos em deslocamento são intensamente explorados nesse universo.

Normalmente, a xenofobia se manifesta radicalmente através de ações discriminatórias extremamente agressivas. No entanto, também existe a “xenofobia dissimulada”, onde o preconceito, o medo e a agressão em relação aos estrangeiros são mais suaves. No caso dos filhos de agricultores familiares, situados nas sociedades de imigração no continente americano e europeu, muitos afirmaram não ter vivenciado nenhuma situação considerada xenofóbica. No entanto, analisando os seus relatos, encontraram-se algumas passagens onde a

xenofobia se encontrou camuflada. Outros, por sua vez, conseguiram até mesmo identificar essas situações, que embora brandas, significaram constrangimentos aos mesmos.

Muitos entrevistados não notaram as situações de xenofobia em virtude da pouca convivência com os cidadãos de suas sociedades de imigração, tendo em vista que muitos não apenas moraram, mas também trabalharam com outros brasileiros. Dessa maneira, os mesmos entraram em contato direto com os autóctones somente após passado algum tempo de imigração, quando a intensidade dos estranhamentos iniciais estava sendo amenizada, consequentemente, atenuando também a ocorrência de situações xenofóbicas.

Contudo, os entrevistados que logo no início já foram inseridos em relações diretas com os cidadãos de suas sociedades de imigração, puderam perceber com mais clareza algumas tênues aversões, sobretudo relacionadas com as dificuldades dos imigrantes em relação à língua estrangeira. Em seu relato, o informante-chave de origem urbana chamado Hugo, imigrante nos Estados Unidos, revelou que vivenciou algumas situações de xenofobia dissimulada em virtude das suas dificuldades com a língua inglesa, que não eram aceitas pelo chefe estadunidense no seu trabalho.

Porque os americanos eles são racistas né. Não sei se eu posso dizer essa palavra, preconceituosos, digamos assim, com a questão do imigrante, principalmente quando a pessoa chega e não consegue se comunicar com eles. Eles não dão muita moral e acaba que tem um preconceito mesmo, bem grande. [...] É que assim, a maioria dos brasileiros quando saem daqui [Brasil] e vão pra lá [Estados Unidos], vão trabalhar com brasileiro. Eu já diretamente fui trabalhar com americano. Então, assim, a partir do momento que você vai trabalhar com brasileiro você quase não tem contato com americano lá. A maioria dos brasileiros que vão não tem contato com americano, inicialmente. Depois de um tempo, que você já tá acostumado, que você aprendeu a falar a língua, aí sim, você começa a almejar um trabalho melhor, você começa a querer trabalhar com americano, porque o americano paga melhor, o americano trabalha menos. Agora quando você já chega, como é o meu caso, e vai trabalhar diretamente com americano, sem falar nada de inglês, com aquela barreira, porque o cara te pede: “vai lá e busca o martelo”. E você traz uma tesoura. A primeira vez tranquilo, a segunda vez tranquilo, a terceira vez ele te dá um coice, já te dá uma resposta, já fica grilado, já vai lá e pega com brutalidade. Eu senti mesmo a questão do preconceito, principalmente quando eu trabalhei no lava-jato, meu segundo emprego. O lava-jato era dentro de uma concessionária, e na concessionária, só americanos. E no lava-jato, a maioria brasileiro e a maioria não falava inglês. Então, a gente tinha o gerente que era o tradutor. E a gente sentia um preconceito muito grande (Hugo, 31 anos, informante-chave).

Segundo Alexandre, ao comentar sobre a imigração de seu irmão Joaquim que atualmente vive na Itália, o mesmo acrescentou a própria condição de imigrante indocumentado como uma desencadeadora de situações de xenofobia. Essa condição coloca o imigrante em situação de vulnerabilidade, considerando a segregação entre os autóctones e os estrangeiros, onde os primeiros têm muitas regalias se comparados aos segundos. Isso, sem

contar com a discriminação relativa aos de origem latino-americana em virtude de sua cor mais escura, não sendo considerados brancos.

A principal dificuldade que eu me lembro de ele falar é a questão da legalidade. A pessoa ilegal lá sofre muito porque não tem tantas oportunidades quanto a pessoa que tá legal, que tem o visto. Ah, sofre muito. Ele disse que tem demais. A maior parte da discriminação é por parte de italianos mais ricos, que discriminam muito. Por ser imigrante e por ele ser moreno também, e moreno lá é considerado negro, e ainda latino-americano. Então... Discriminam bastante, sim. Nisso, as oportunidades não aparecem. O fato de ser latino e estar ilegal dificultam mais ainda (Alexandre, idade não revelada, informante-chave).

Além disso, existem estereótipos desenvolvidos em torno dos imigrantes brasileiros, os quais também são considerados atitudes xenofóbicas. Nesse sentido, Ciro, imigrante em Portugal durante sua juventude, notou abertamente os rótulos atribuídos aos imigrantes brasileiros, considerados seres inferiores. Em virtude disso, o estabelecimento de relações sociais mais próximas entre esse migrante e os cidadãos das sociedades de imigração tornou-se complicado, praticamente impossível, conforme depoimento.

Quando você ia numa roda e chegavam pessoas mais importantes que via a gente conversando, parece que tinha uma discriminação. Eles se acham muito inteligentes os portugueses, também. Eles acham que a gente é inferior. Eles são muito nervosos, qualquer coisinha eles xingam e brigam e gritam. Nossa Senhora! Não tem tranquilidade, não. [...] Bom, assim, tem muita gente boa né, tem muita gente que trata você normalmente. Mas tem português que acha que brasileiro, quando chega lá, é porque tá passando fome e se for mulher é puta. Porque tá a procura de serviço quando chega. Mas têm pessoas boas. Esse cara que eu vivi com ele mesmo era uma ótima pessoa, me tratava super bem. Ele falava: “eu não sou seu patrão, eu sou seu amigo”. E realmente ele foi meu amigo (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Assim, a maioria dos filhos de agricultores familiares itapuranguenses em suas sociedades de imigração ficaram com relações sociais restritas a outros imigrantes brasileiros, sobretudo, em se tratando de amizades. Em virtude de sua condição, os imigrantes não conseguiram estabelecer laços de proximidade com os autóctones, os quais não os consideravam nem mesmo colegas de trabalho, mas sim, empregados. Obviamente, existiram exceções. Alguns fizeram amizade não somente com os cidadãos de suas sociedades de imigração, mas também com imigrantes de outras nacionalidades que encontraram nas mesmas. O relato de Gabriel, imigrante nos Estados Unidos durante sua juventude, mostrou as dificuldades em fazer amizade com os estadunidenses, sendo que ao longo do seu período de imigração praticamente só teve amigos brasileiros, imigrantes assim como ele.

Nunca aconteceu comigo, mas eles discriminam. Olham com um olhar meio torto, olham meio que desprezando. Eles acham que os imigrantes tiram o serviço deles. Só que o serviço que os imigrantes fazem, eles não fazem. Não é desse jeito. Mas eles olham meio que... Você pode contar, tem poucos brasileiros lá que tem amizade com americano, poucos, pouquíssimos. [...] As minhas amigadas lá eram só brasileiros mesmo. Tinha os patrão lá da empresa, mas era só de cumprimentar e não tinha muito contato. Amizade mais só com brasileiro (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Não bastando as dificuldades de relacionamento com os cidadãos de suas sociedades de imigração, os entrevistados também sofreram em suas sociabilidades com outros imigrantes brasileiros. Segundo Sales (1999), em estudo sobre imigrantes de Governados Valadares, estado de Minas Gerais, nos Estados Unidos, as relações sociais complicadas entre os brasileiros no exterior são resultantes das contradições existentes entre a identidade nacional e a desigualdade social, configurando o que a autora denominou de “fetiche da igualdade”.

Conforme Sales (1999), o fetiche da igualdade consiste na ascendência da “malandragem” dos brasileiros, facilmente notada no exterior em virtude das migrações internacionais serem temporárias. Assim, muitos imigrantes brasileiros não se importam com os seus erros morais, colocando o objetivo de economizar dinheiro acima de tudo, concentrando-se em consagrar as oportunidades, pouco importando o que tenham de fazer para isso.

É um mito mais sutil, não enunciado publicamente como nossa marca nacional, mas encoberto frequentemente sob o manto (e o mito) do malandro brasileiro. O brasileiro malandro se sente no direito de tirar vantagem das situações pela consciência que tem de uma posição de superioridade em relação aos outros, os otários (SALES, 1999, p. 103).

Nesse sentido, o fetiche da igualdade é um paradoxo vivenciado pelo imigrante brasileiro no exterior, envolvendo sensações contrastantes de igualdade e de superioridade. O fato é que a festa, o calor humano, a informalidade, o jeitinho, o aconchego corporal, a brincadeira, a gozação, tão características dos brasileiros, deixam de ser utilizados como uma maneira de sociabilidade que cria vínculos e que aproxima, sendo utilizado negativamente e gerando distanciamentos e conflitos (SALES, 1999). Entre os imigrantes internacionais estudados, essas nuances relativas ao fetiche da igualdade foram observadas no relato de Hugo, assustado com os comportamentos morais dos brasileiros nos Estados Unidos.

O brasileiro é a pior raça que existe fora do Brasil. Fora do Brasil, nos Estados Unidos que é onde eu conheço, a gente tem um ditado lá que brasileiro quer furar o seu olho e ainda lamber o buraco. Então, assim, a competição que tem é muito grande. Se ele vê que você tá bem, ele quer correr atrás, puxar o tapete e pegar o seu

lugar. A maioria. Não tô dizendo todos, porque tem muita gente boa, tem muita gente honesta lá. Muita gente humilde que chega em você e pede ajuda pra melhorar em vez de puxar seu tapete. Mas, a maioria, infelizmente, é uma raça muito desunida lá, muito desunida mesmo. Eu me surpreendi, porque brasileiro é tão unido, né, tão caloroso, e quando você chega lá você vê o lado negro, digamos assim. Mas você tira de letra isso daí, acaba que você identifica essas pessoas e se afasta um pouco (Hugo, 31 anos, informante-chave).

Entre os filhos de agricultores familiares, o fetiche da igualdade foi percebido, sobretudo, no âmbito do trabalho, onde a necessidade dos imigrantes brasileiros de tirar vantagem de seus compatriotas se mostrou evidente, tanto através de situações de exploração econômica, como de competição por vagas de trabalhos consideradas mais atrativas, como demonstraram os relatos de Luiz, imigrante em Portugal, e de Carlos, imigrante nos Estados Unidos.

Têm demais, os brasileiros são os maiores filhos da puta que tem lá. Por exemplo, muitos lá trabalham por hora, cinco euros, dez euros por hora. Aí se você é um brasileiro que já tá lá há mais tempo você pega um serviço a dez euros a hora. E eu que acabei de chegar, você fala pra mim: “vou te pagar cinco euros”. E você ganha cinco euros sobre o meu trabalho. Tem demais. Muito brasileiro faz isso (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Tem aqueles que dizem que são seus amigos, mas na hora que você vira as costas te fodem, né. [...] É o pior que tem. Brasileiro lá se você arrumar um serviço bom, tem uns que saem lá do serviço deles pra ir no que você tá trabalhando pra falar pro caboclo: “oh, aquele cara não presta, não. Ele é ruim de serviço”. Tem trem demais desse jeito lá que eu fiquei sabendo (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Conforme Sales (1999), o fetiche da igualdade também se manifesta através da criação de um “outro” imigrante brasileiro inferior e imaginário, provendo uma alteridade inferior para que ele possa afirmar sua superioridade, mesmo quando se encontra em uma situação desfavorável. No estudo de Sales (1999), esse outro era constituído justamente por imigrantes brasileiros de origem rural. No caso dos itapuranguenses, os mesmos criaram um “outro” ainda mais rural e desvinculado do mundo urbano e moderno do que eles, como evidenciou Gabriel ao recordar suas vivências nos Estados Unidos. É importante frisar que esse “outro” não necessariamente seja uma invenção. Certamente existiram imigrantes de regiões ainda mais interioranas do que Itapuranga. Contudo, a invenção constou na inferioridade atribuída a esses e a superioridade atribuída aos entrevistados quando comparados aos “outros”.

Não sei se você percebeu, mas daqui de Goiás, as pessoas da fazenda é menos que querem ir, as pessoas da cidade é mais despachada, e as pessoas da fazenda têm muitos que a mente é meio fechada, fica meio com medo, não sabe como é que é, fica naquela história... Mas eu conheci tanta gente de Minas, mas aqueles do interior mesmo, caipira, não é falando mal, mas é o jeito das pessoas. Eu comentava com os meninos; “como que essa pessoa teve a ideia de vir pra cá?” De verdade, é um

negócio absurdo, demais mesmo. Eu fiquei de cara com aquilo, a pessoa tão humilde, tão humilde que você vê assim que se tiver alguém lá de má fé, manipula o tempo todinho só pra fazer pra ela, que a pessoa não consegue nem mandar um dinheirinho pra família. Qualquer pessoa que tiver um pouquinho de desenvoltura consegue levar aquela pessoa pra onde quiser. Eu fiquei de cara, abismado com isso, abismado mesmo. Humilde demais... Gente humilde demais, da região de Minas, principalmente, daquele interior de Minas (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Essas dificuldades de relacionamento tanto com os cidadãos de suas sociedades de imigração, quanto com os imigrantes brasileiros existentes nas mesmas levaram os entrevistados a vivenciarem de maneira muito intensa o sentimento de solidão, agravando a saudade nutrida em relação à agricultura familiar do município goiano de Itapuranga e ascendendo a necessidade de comunicação constante com os seus familiares e amigos remanescentes, com o intuito de amenizar essa solidão.

Sendo assim, em relação à sociabilidade, muitos migrantes internacionais vivenciam suas imigrações na solidão, ocasionando a monotonia, a clausura, a tristeza, a angústia, o sofrimento e o agravamento da situação de exclusão relacionada à condição estrangeira (SAYAD, 1998). Foram várias as situações de sociabilidades escassas narradas nas entrevistas. Essas situações foram mais evidenciadas entre os imigrantes internacionais que recém haviam constituído família, tendo deixado as jovens esposas e até os pequenos filhos em Itapuranga.

Em sua entrevista, Carlos contou sobre a inexistência de diversão durante a sua imigração nos Estados Unidos, em decorrência dos estranhamentos e das dificuldades de inserção social e laboral. Segundo Carlos, a sua sociabilidade como imigrante internacional foi restrita a encontros realizados em casa, entre conhecidos brasileiros. Nesse contexto, a diversão se resumia em dedicar uma noite por semana para assar carne e tomar cerveja à moda brasileira, esquecendo um pouco a vida dura de trabalho.

Ah, não tinha, não. Diversão nossa era na quinta feira de noite. Geralmente na quinta feira nós assava uma carnhinha lá em casa, aí tomava uma cervejinha, assava uma carnhinha. Lá não tem esse negócio de bar igual aqui tem esses trem de você sair, assim. Lá você vai pra uma boate, um trem lá, ou então você fica em casa. Lá você não pode dirigir bêbado. Nós era clandestino, não tinha nem carteira. Como é que vai sair pra beber? (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Já Ciro relatou uma sociabilidade ainda mais precária sobre sua imigração em Portugal, onde nem mesmo havia um grupo de amigos brasileiros com o qual se reunir. Em seu tempo livre, Ciro se recolhia na solidão de sua casa e ficava o dia todo sozinho, assistindo televisão, sem alternativas de diversão e de interação social. Esses aspectos narrados pelos

entrevistados reforçam a imigração como um período destinado ao trabalho e que deve ser vivenciado dolorosamente pelo imigrante, como uma culpa intransferível, como suscitou o relato abaixo.

Lá [Portugal]? Eu ficava dentro do apartamento assistindo televisão. Não tinha nada pra fazer. No domingo, eu me lembro que a gente levantava lá pelas oito horas, não tinha nada pra fazer. Você dava uma volta, porque também não conhecia muita gente né, e eu voltava e assistia televisão. E ficava o dia todo assistindo televisão. Não jogava futebol, que era uma coisa que eu gostava muito, não jogava. Não fazia nada. Não passeava, não ia pra clube, nem nada. Nem viajar! Não, só fiquei lá trabalhando mesmo (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em razão dessas sociabilidades restritas, os imigrantes internacionais tiveram de encontrar alternativas para passar o tempo livre no exterior, sendo que ir fazer compras e passeios estiveram entre suas diversões favoritas, embora alguns tenham encontrado outros passatempos, como as danceterias, por exemplo. No entanto, os relatos também evidenciaram a saudade dos passatempos rurais que os mesmos dispunham no contexto da agricultura familiar de Itapuranga, como acampar, pescar, jogar futebol, encontrar e conversar com os amigos, entre outros.

Mesmo assim, esses passatempos não aliviaram a solidão sentida, pois não expandiram as sociabilidades desses imigrantes, que sentiam muita falta de ter com quem conversar e dividir a amargura da imigração, como relatou Carlos, imigrante nos Estados Unidos: “Lá [Estados Unidos] a gente vive muito sozinho. É muita solidão, se você não tem a cabeça firme, é muito fácil a pessoa entrar em depressão ou coisa assim. Você não tem nem com quem falar nada, nem com quem conversar, assim. O trem que eu achei ruim demais é essa solidão” (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude). Frente a esse cenário, a comunicação com os familiares e com os amigos remanescentes na sociedade de emigração tornou-se essencial.

Segundo Sayad (1998), inúmeros instrumentos constituem um sistema de comunicação acomodado às necessidades inerentes às migrações internacionais, conectando a sociedade de emigração às sociedades de imigração e, assim, mantendo os vínculos entre os migrantes internacionais e seus familiares e amigos. Nas migrações internacionais rurais argelinas do século anterior, Sayad (1998) mostrou as mensagens orais e escritas através de vídeos cassetes e cartas como os principais instrumentos de comunicação entre sociedade de emigração e sociedades de imigração. Contudo, esse sistema de comunicação evoluiu. Em Itapuranga, nas migrações internacionais contemporâneas de filhos de agricultores familiares,

os instrumentos de comunicação foram outros, sobretudo, o telefone e a *internet*, embora as cartas ainda não tenham sido renunciadas.

As entrevistas demonstraram uma rotina de comunicação estabelecida entre os familiares e amigos na sociedade de emigração e os imigrantes internacionais. Essa rotina consistiu na consignação de momentos e intervalos conscientemente antevistos e acertados entre os que ficaram e os que partiram, destinados exclusivamente à comunicação, sendo a mesma variante em razão dos envolvidos nesse sistema.

Embora existam variantes, existem, também, muitas constantes nessa rotina de comunicação. Por exemplo, notou-se a preferência dos imigrantes internacionais pelo telefone para conversar com os familiares e pela *internet* para conversar com os amigos. Notou-se, também, que a comunicação por telefone entre os entrevistados e os familiares sempre se dava no sentido sociedade de imigração para sociedade de emigração. Ou seja, eram os imigrantes quem ligavam para os familiares, sendo muito raro acontecer o contrário, tendo em vista que o custo da ligação era mais vantajoso do contexto internacional para o nacional.

Além disso, essas ligações aconteciam com uma frequência pré-determinada, fosse diária, semanal ou quinzenal, sendo que o rompimento dessa frequência funcionava como um indicativo de problema que desencadeava a preocupação na sociedade de emigração. Sem contar que, quando a comunicação ocorria por telefone, normalmente era bastante demorada e o imigrante buscava falar com todos os familiares possíveis presentes no momento, buscando coletar o maior número de informações e se assegurar que seus entes queridos estavam todos bem. Como brincou Afonso sobre as conversas de Lídia, atual esposa e namorada na época da imigração, com os pais, agricultores familiares: “Ela ligava uma vez por semana. Conversava só cinco minutos, não tinha assunto [risos]. Ela procurava até dos porcos pra ver como é que tavam! (Afonso, 32 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

No entanto, esse sistema de comunicação continha muitas dificuldades. Sobre o telefone, como mencionado anteriormente, as ligações eram feitas normalmente para telefones fixos, pois o custo era mais acessível e possibilitava mais tempo de conversa com os familiares. Nesse sentido, tendo em vista que a maioria dos agricultores familiares não tinha disponibilidade de rede de telefones fixos e existiam regiões no meio rural de Itapuranga onde o sinal da telefonia dos celulares não alcançava, comumente os agricultores familiares precisavam se deslocar do meio rural para o meio urbano de Itapuranga e fazer uso de telefones públicos ou de telefones emprestados por familiares, para esperar as ligações dos filhos em datas e horários previamente acordados. Essas nuances desse sistema e dessa rotina

de comunicação foram abordados na entrevista com Gabriel, que permaneceu como imigrante nos Estados Unidos por quase três anos.

Minha mãe ia pra cidade acho que duas vezes, uma vez na semana pra ligar. Porque pra você ligar pra celular, não sei hoje, mas um cartão custava lá cinco dólares na época. Se você ligava pra celular falava trinta, trinta e cinco minutos, se ligava pra fixo falava duas horas. Aí só quando falava alguma coisa mais importante ligava no celular, do contrário só quando minha mãe ia pra Itapuranga na tia pra esperar a ligação (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Embora a comunicação via *internet* fosse amplamente utilizada pelos entrevistados como meio de conversar com os amigos, com os familiares não era tão comum. Quando era utilizada, o intuito era poder “enxergar” os familiares e ser “enxergados” pelos mesmos, através de conversas com áudio e vídeo em tempo real. No entanto, tendo em vista o lento avanço da *internet* no meio rural de Itapuranga no auge das migrações internacionais analisadas e da pouca fluência tecnológica dos agricultores familiares, esse recurso foi pouco explorado em comparação ao telefone, embora tenha sido essencial em algumas trajetórias migratórias internacionais.

Contudo, essa comunicação entre os imigrantes internacionais e os familiares que permaneceram no meio rural itapuranguense também tinha uma face dolorosa, acentuando ainda mais a saudade. Além disso, é importante esclarecer que essa comunicação era assinalada por mentiras e por omissões, sobretudo da parte dos imigrantes, que buscavam a todo custo esconder dos agricultores familiares muitos problemas vivenciados, a fim de evitar preocupações desnecessárias e também exercer a autonomia lhes concedida pelas migrações internacionais.

Por outro lado, não se pode deixar de mencionar que esse sistema de comunicação, de certa maneira, também funcionou como um estímulo aos entrevistados em relação aos projetos migratórios internacionais. Ao conversar com os familiares, esses projetos eram reforçados e os mesmos se sentiam estimulados a concretizá-los para retornar o quanto antes, como evidenciado no relato de Ciro, que falava com os familiares ao telefone contando os dias restantes para o retorno: “Eu tinha marcado uma época de vir embora. Aí todos os dias em que eu falava com eles eu dizia assim: ‘faltam só tantos dias!’” (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Dessa maneira, sozinhos entre os brasileiros e os estrangeiros em suas sociedades de imigração situadas em outros lados do mundo, sentindo incisivamente a ausência dos familiares e dos amigos, a imigração consistiu em uma experiência vivenciada com muito

sofrimento entre os filhos de agricultores familiares de Itapuranga. Esse sofrimento, relacionando não somente com a ausência dos amigos e dos familiares, mas com outras condicionantes, levou muitos migrantes internacionais a retornarem a sua origem e vivenciarem novos dilemas.

4 JOVENS RURAIS, MIGRANTES INTERNACIONAIS RETORNADOS: DE VOLTA A ITAPURANGA

Considerando as migrações internacionais como movimentos caracterizados por muitas idas e vindas, não se limitando a um sentido único, muitos filhos de agricultores familiares retornaram a Itapuranga depois de viverem determinados períodos no exterior. Na verdade, no contexto da agricultura familiar de Itapuranga, estado de Goiás, Brasil, os migrantes internacionais retornados foram maioria. Esses retornos não somente indicaram o caráter temporário dessas migrações internacionais, como desencadearam uma série de transformações nas vidas desses migrantes internacionais na condição de retornados.

Nesse sentido, o presente capítulo foi dedicado ao estudo de como esses migrantes internacionais que partiram em sua juventude vivenciaram os retornos a Itapuranga, analisando as motivações que desencadearam esses retornos, assim como os dilemas e os conflitos vivenciados pelos mesmos em relação ao meio rural, à agricultura e à sua própria juventude.

Os retornos mostraram estreita relação com a viabilidade dos projetos migratórios internacionais dos migrantes entrevistados. Assim, as condicionantes de cunho econômico e social atreladas aos retornos interferiram sobre esses projetos, como foi o caso da crise econômica internacional ocorrida na segunda metade da década de 2000, que embora não tenha sido mencionada diretamente entre a maioria dos entrevistados, incentivou muitos retornos. Além disso, também a recuperação da economia brasileira, a valorização da moeda nacional em relação às moedas estrangeiras, a saudade das famílias no Brasil e o envelhecimento desses migrantes que iniciaram suas trajetórias como jovens incentivaram seus retornos.

De volta a Itapuranga, os migrantes internacionais vivenciaram algumas contradições iniciais relativas às pressões sociais sobre a concretização de seus projetos migratórios internacionais, ou seja, sobre as economias realizadas e os investimentos planejados, determinantes na legitimação social de suas migrações internacionais como “um sucesso” ou “um fracasso”. Os agricultores familiares foram muito presentes nos retornos, incentivando os filhos a investirem, sobretudo em casas próprias e negócios, condenando qualquer tipo de desperdício de dinheiro.

Nesse sentido, como migrantes internacionais retornados, muitos entrevistados também alteraram suas relações como o meio rural e com a agricultura, evidenciando as migrações internacionais como desencadeadoras de novas ruralidades, acentuando as heterogeneidades no contexto da agricultura familiar de Itapuranga.

Não obstante, os retornos também incidiram sobre as próprias identidades dos entrevistados, afetando suas sociabilidades na sociedade de emigração e nas sociedades de imigração, suas posições em relação a possíveis migrações internacionais futuras e suas percepções sobre suas próprias vidas, marcando efetivamente o final da vida como jovens e o início da vida como adultos.

4.1 “Eu não tava aguentando mais”: os retornos e suas condicionantes socioeconômicas

Em Itapuranga, considerando as migrações internacionais originárias no contexto da agricultura familiar, em sua maioria as mesmas resultaram em retornos. Sendo assim, muitos jovens rurais considerados emigrantes internacionais anos atrás, no momento das entrevistas foram encontrados novamente em Itapuranga, como migrantes internacionais retornados, mas não tão jovens como haviam sido. Na realidade, os mesmos foram encontrados adultos, com famílias constituídas e estabilizadas, com seus próprios empregos e negócios, autônomos em relação aos pais agricultores familiares dos quais ainda dependiam quando deixaram Itapuranga rumo ao exterior. Além disso, nem todos ainda mantinham vínculos com o meio rural e a agricultura familiar.

Segundo Gmelch (1980), em revisão bibliográfica sobre as migrações de retorno, as mesmas consistem em um movimento inverso realizado pelos migrantes em direção a suas sociedades de emigração e consistem, também, em mensurações embaraçosas, sendo os retornos mais complexos do que as próprias migrações, envolvendo reinserções e reintegrações dos migrantes retornados em suas sociedades originais, as quais suscitam inúmeras transformações.

Segundo Sayad (2000), os retornos são inerentes às migrações internacionais, estando intimamente circunscritos às coexistências entre emigrações e imigrações. Em síntese, não existe a imigração sem existir a emigração, e o retorno é resultado dessa reciprocidade. Dessa maneira, “a própria denominação de imigrante remete implicitamente à de emigrante, que é o seu corolário” e “há circunstâncias, inclusive, que ela é percebida como um chamado do

imigrante para suas origens e, por isto, como a denúncia de sua presença enquanto imigrante” (SAYAD, 2000, p. 11). Sendo assim, considerados como intrínsecos às migrações internacionais, os retornos são elementos constitutivos dos migrantes, os quais

simplesmente desejam retornar a seu ponto de partida, e trabalham sempre para isso; [...] eles vivem, pensam, agem, constantemente no sentido do retorno – o que significa dizer, então, que eles partiram apenas para voltar, o retorno estando implícito ao próprio ato de emigrar, e, ao menos como intenção e, se possível, como comportamentos efetivos, pré-existindo à partida (SAYAD, 2000, p. 16).

Em Itapuranga, os retornos estiveram antevistos nas migrações internacionais. Como meneado anteriormente, as migrações internacionais consistiram em estratégias diferenciadas de reprodução social e de autonomia, através das quais os filhos de agricultores familiares colocaram em exercício seus projetos migratórios internacionais de migrar, trabalhar, economizar, retornar e investir. Sendo assim, ainda emigrantes os mesmos se imaginaram como retornados. Em somatório, isso demonstra as íntimas conexões existentes entre os retornos e os projetos migratórios internacionais.

Para Siqueira (2007), estudando os retornos nas migrações internacionais de Governador Valadares, estado de Minas Gerais, os retornos são intenções imbricadas nos projetos migratórios internacionais, muitas vezes, condicionados aos imigrantes relativamente à manutenção ou à ascensão das suas situações socioeconômicas. Conforme Assis e Campos (2009), em estudo sobre os migrantes internacionais do município de Criciúma, estado de Santa Catarina, normalmente os migrantes retornam quando atingem os objetivos de suas migrações, sendo os retornos analisados como materializações dos projetos migratórios internacionais.

Considerando os entrevistados, assim como as condicionantes socioeconômicas estimulantes às suas migrações giraram em torno de seus projetos migratórios internacionais, também as condicionantes socioeconômicas favoráveis aos seus retornos se concentraram sobre os mesmos. Conforme Durand (2006), analisando os retornos internacionais dos Estados Unidos para o México, os mesmos envolvem decisões semelhantes às migrações, reiniciando esses movimentos em sentidos inversos. Em Itapuranga, conquanto existiram condicionantes socioeconômicas coincidentes entre as migrações internacionais e os retornos, as mesmas não foram contrariamente similares, exigindo uma análise exclusiva sobre os retornos.

O fenômeno de retorno está relacionado com o que acontece ao migrante durante sua estadia e com as mudanças que se dão no contexto internacional dos países de

origem e de destino. Por isso, algumas das explicações que foram dadas para esclarecer as causas e a continuidade do fluxo, também podem explicar, em sentido inverso, por que alguns migrantes tomam a decisão de regressar. Sem embargo, não se pode fazer uma transposição mecânica das teorias em sentido inverso, o retorno tem especificidades que obrigam a repensar teoricamente o fenômeno (DURAND, 2006, p. 168, tradução nossa).

Contudo, ao considerar as condicionantes socioeconômicas indicadas nas entrevistas com os filhos de agricultores familiares, foi necessário, também, considerar o chamado tempo de migração, ou seja, o período acumulado entre a emigração e o retorno, no qual os migrantes internacionais permaneceram afastados de suas sociedades de emigração. O tempo de migração se relacionou com a realização dos projetos migratórios internacionais e, portanto, também guardou relação com os retornos.

Segundo Durand (2006), em seu estudo anteriormente citado, os migrantes internacionais estabelecem os objetivos de seus projetos migratórios internacionais em períodos relativamente curtos, variáveis entre dois e três anos. No entanto, esse tempo de migração pode ser estendido, adiando-se os retornos com a intenção de alcançar os objetivos traçados. Conforme Tedesco (2013), em estudo sobre migrações internacionais brasileiras para o contexto italiano, o tempo da migração varia em virtude de condicionantes socioeconômicas múltiplas que vão além das decisões individuais e das projeções e promessas feitas inicialmente pelos migrantes internacionais.

Assim, a maioria dos entrevistados permaneceu entre dois e três anos no exterior, mas também existiram filhos de agricultores familiares que vivenciaram migrações de sete e até oito anos, nas quais os retornos foram adiados em tentativas de alcançar os objetivos que haviam sido previamente estabelecidos. Para exemplificar o adiamento dos retornos, analisou-se a trajetória migratória internacional do informante Emílio, que já adulto migrou para os Estados Unidos com o intuito de economizar dinheiro para montar um empreendimento, construir uma casa e comprar um carro. Inicialmente, sua intenção era trabalhar e economizar durante, no máximo, quatro anos e, então, retornar. Entretanto, sua imigração abarcou entraves socioeconômicos não prognosticados, como mudanças nas taxas de câmbio inerentes à desvalorização do dólar em relação ao real, atrapalhando a concretização de seu projeto migratório internacional. Em razão disso, Emílio permaneceu seis anos e meio como imigrante no contexto estadunidense e, segundo ele, suas economias ainda assim não bastaram para realizar seu sonho migratório de maneira completa.

Eu queria fazer um pé-de-meia. O pensamento era de ficar lá uns quatro anos, ganhava um dinheiro, montava um comércio aqui, comprava uma casa e um carro

bom e chegando lá a realidade é outra. [...] Eu acabei ficando lá seis anos e meio. (Emílio, 49 anos, informante-chave).

Dessa maneira, as condicionantes socioeconômicas relacionadas com os retornos se manifestaram em rendimentos decrescentes. Para Durand (2006), os rendimentos decrescentes estão relacionados com os extremos econômicos, sociais, políticos e culturais atingidos nas sociedades de imigração, com base nos quais os imigrantes tomam consciência que as condicionantes socioeconômicas vivenciadas não irão melhorar, ou porque atingiram os objetivos de seus projetos migratórios internacionais, ou porque a relação entre custo e benefício de suas imigrações não é mais positiva. Dessa maneira, os rendimentos decrescentes são, concomitantemente, normas econômicas e experiências vividas, causando interferências subjetivas sobre os retornos e singularizando as trajetórias dos migrantes internacionais (DURAND, 2006).

Entre os migrantes internacionais retornados, filhos de agricultores familiares itapuranguenses, foram os rendimentos decrescentes, em termos econômicos e sociais, que mais pesaram sobre os retornos. Inconscientemente, esses rendimentos decrescentes foram expressos nas entrevistas através de uma curiosa colocação, repetida inúmeras vezes, pelos mais variados motivos: “eu não tava aguentando mais”. Essa expressão deu a entender que as imigrações se tornaram inviáveis, atingindo patamares nos quais os ganhos já não eram suficientes para compensar as perdas, transformando as imigrações em fardos maiores que os entrevistados eram capazes de suportar.

Ao dizer “eu não tava aguentando mais”, os entrevistados buscaram sintetizar uma série de condicionantes socioeconômicas conexas entre si e atuantes sobre seus retornos. De uma maneira ou de outra, cada uma das condicionantes socioeconômicas resumidas nessa expressão teve, a seu modo, sua parcela de estímulo sobre as trajetórias migratórias internacionais dos filhos de agricultores familiares de Itapuranga.

Economicamente, Durand (2006) ilustra os rendimentos decrescentes intimamente relacionados com os salários dos imigrantes, que quando convertidos da moeda estrangeira para a moeda nacional causam um grande deslumbramento. No entanto, com o passar do tempo os imigrantes percebem que, mesmo com muito esforço, serão sempre estrangeiros destinados a trabalhar duro e a receber os mesmos salários, sem possibilidade de ascensão social, constrangidos a ocupações laborais sem reconhecimento social. Sendo assim,

[...] nos primeiros meses de trabalho o migrante está deslumbrado pelo salário que ganha, porque pensa em termos de moeda nacional de origem. Logo vem uma etapa de realismo e finalmente o desencanto, porque é muito difícil sair do mercado de

trabalho migrante. Por último, se percebe que o salário, tão apreciado em um primeiro momento, joga uma função social e confere um status no lugar de destino, que neste caso significa pertencer ao último escalão da escala social. Demora-se um tempo para chegar a esta conclusão, mas finalmente se chega. Em especial, porque entra em jogo a referência com o lugar de origem do migrante, onde sim se tem oportunidade de mobilidade social e de adquirir prestígio (DURAND, 2006, p. 185, tradução nossa).

Em Itapuranga, os rendimentos decrescentes econômicos se manifestaram distintamente sobre os retornos, sendo as condicionantes vinculadas aos mesmos mais ou menos proeminentes conforme a trajetória migratória internacional considerada. Em síntese, essas condicionantes se concentraram em torno da crise econômica nas nações de imigração, da recuperação da economia na nação de emigração e da valorização da moeda nacional em relação às moedas estrangeiras, abertamente relacionadas com os salários dos imigrantes.

Primeiramente, foi analisada a crise econômica internacional, que embora não tenha sido mencionada de maneira direta pela maioria dos entrevistados, seguramente consistiu em uma condicionante encontrada no âmago de inúmeros retornos. Conforme Durand (2006), em casos de recessão e crise econômica, o retorno se tenciona como a única escolha para muitos migrantes internacionais que podem viver melhor em suas nações de emigração.

Nesse sentido, é importante apresentar a ideia de um informante-chave, o agricultor familiar chamado Elias, reconhecido na sociedade de emigração analisada em virtude dos cargos de representação ocupados na agricultura familiar itapuranguense. Além disso, Elias era um migrante mineiro chegado ainda criança em Itapuranga com a Marcha para Oeste, tendo, assim, acompanhado toda a evolução das migrações de jovens rurais no município. Ao analisar o cenário atual, Elias afirmou que as migrações internacionais reduziram e que são os movimentos inversos que agora chamam a atenção, os quais, em sua opinião, estão relacionados com a recente crise econômica internacional.

Não, a gente não escuta falar mais assim: “ah, fulano tá indo pra fora”. A gente tá escutando assim: “fulano, oh, tá fazendo festa porque os parentes tão chegando, tão voltando pra trás”. Então, senti que lá, os Estados Unidos estão meio em crise, fica só na fantasia, as pessoas voltaram. Aqui, no Brasil, por enquanto tá caminhando bem, parece assim. Então, muita gente tá reencontrando aqui de novo, várias pessoas tão chegando, muita gente retornou pra Itapuranga e muitos montaram o seu comércinho ou outra coisa, aqueles que ganharam um dinheirinho. Ou outros que nem mesmo ganhou, mas chegou, se juntou às famílias e tão procurando o seu espaço (Elias, 64 anos, informante-chave).

Para Oliveira (2013), analisando as migrações internacionais brasileiras com base nos dados censitários, essa crise econômica internacional, originada no setor imobiliário norte americano, teve seu estopim no ano de 2008. Dessa maneira, colonizou os demais setores da

economia norte americana e se alastrou, graças à globalização, sobre outras nações, como Japão, Paraguai, Portugal, Reino Unido, Itália, Espanha, França, Alemanha, Argentina, entre outros, desestruturando todo o sistema financeiro internacional. Logo, essa crise também atingiu os migrantes internacionais itapuranguenses oriundos da agricultura familiar disseminados em todo o mundo.

Conforme Margolis (2013), considerando os brasileiros imigrantes nos Estados Unidos, a crise em questão se iniciou como resultado de arriscados financiamentos, onde, entre outros, muitos imigrantes internacionais indocumentados, sem comprovação de renda, investiram em imóveis no contexto estadunidense. Segundo Margolis (2013, p. 253-254), “o status de imigrante não era relevante”, sendo que “algumas empresas de empréstimo hipotecário ofereciam financiamentos a brasileiros e a outros migrantes sem exigência de qualquer tipo de documentação”.

Desse modo, imigrantes internacionais sem nenhum crédito investiram em imóveis, sendo os financiamentos mais acessíveis se comparados a muitos aluguéis. Esses migrantes compravam as casas e as compartimentavam: em um compartimento moravam, os demais alugavam, usando esses aluguéis para ajudar a pagar os próprios financiamentos. Contudo, muitas inadimplências fizeram com que altas taxas de juros entrassem em vigor (MARGOLIS, 2013). Segundo Margolis (2013, p. 254), “como desfecho de tais eventos, alguns brasileiros entraram em desespero e abandonaram tudo; fecharam as portas de casa, deixaram as chaves para trás e partiram rumo ao Brasil”.

De acordo com Siqueira (2009), em estudo sobre valadarenses migrantes internacionais retornados, a crise econômica norte americana estimulou migrações internacionais de retorno. Nesse sentido, a crise acirrou a situação econômica de muitos imigrantes que, em virtude do crédito facilitado, haviam investido suas economias em aquisições de imóveis.

Esse foi o caso do informante-chave Hugo, afetado pela crise durante sua imigração nos Estados Unidos, tendo a mesma favorecido, diretamente, o seu retorno. O mesmo tinha financiado uma casa e foi surpreendido pela crise quando ia colocá-la à venda, e assim acabou perdendo o imóvel sem conseguir refinanciá-lo. Houve uma enorme desvalorização imobiliária e, em virtude disso, Hugo perdeu muito dinheiro, o que comprometeu a viabilidade de seu projeto migratório internacional, colaborando para o seu retorno, como é possível visualizar em seu relato. No entanto, a recessão econômica não atuou isoladamente sobre seu retorno.

Não, na verdade assim, a gente fica lá [Estados Unidos] e sempre tem em mente o Brasil. Eu fui com dezoito anos, eu deixei muita coisa pra trás aqui, eu cresci aqui, e Brasil é Brasil, não tem jeito. Mas, assim, o principal motivo, eu acho, de eu ter voltado, foram dois motivos. Os meus pais quando foram e ficaram lá seis meses, eles foram com o objetivo de me buscar. A gente combinou, conversou por telefone, vocês vêm, ficam aqui um tempo, aí eu tenho tempo de organizar as minhas coisas, eu vou vender minha companhia e eu tinha comprado uma casa, vai dar o tempo certinho de eu refinanciar a minha casa e aí eu vou vender ela, e aí a gente vai pegar e vai embora. Esse foi o primeiro motivo. O segundo motivo foi que eu tinha uma namorada, a gente namorava dois anos, eu era super apaixonado por ela e ela veio embora. Meus pais tavam lá, foram embora e aí ela foi também. Porque eu não fui naquele momento. Eu não consegui vender a companhia e a crise econômica estourou. Foi em 2008, foi quando eu vim embora. Quando a crise veio à tona foi quando eu ia fazer o refinanciamento da minha casa pra eu vender ela. O refinanciamento é o que, é pegar aquilo que eu já paguei e refinanciar o valor total da casa de novo. Mas como a crise econômica tava muito alta na época, a minha casa que eu paguei 503 mil dólares na época, depois disso tudo, que eu acabei perdendo ela, ela foi a leilão a 199 mil e não foi vendida. Então, a desvalorização foi muito grande, muito, muito grande. E o que acontece, eu perdi muito dinheiro, eu tinha uma prestação de quase 3.600 dólares por mês durante dois anos, e eu dei de entrada 30 mil dólares. Então dois anos a 3.500 mais 30 mil dólares dá um montante bom. Então, aquilo ali arrasou, acabou comigo. Porque foi praticamente quase tudo que eu tinha juntado nesses anos lá, eu perdi na minha casa. Aí foi bem na época que a namorada veio embora, meus pais vieram embora, aí eu já tinha perdido a casa, acabei que vendi minha companhia bem baratinho pra ser pago a prestações e até hoje não recebi. Eu vendi pros funcionários e como eu fui embora e nunca voltei eles nunca mais quiseram pagar. Então, os motivos foram a namorada, os pais e a decepção financeira. Foi uma perda muito grande pra mim (Hugo, 31 anos, informante-chave).

Em somatório, é necessário mencionar que muitas migrações internacionais também foram comprometidas indiretamente pela crise econômica. Em recentes estudos sobre as decorrências dessa recessão econômica internacional sobre os brasileiros em nações americanas e europeias, Pereira e Siqueira (2013) e Fernandes e Castro (2013) demonstram os acontecimentos vivenciados pelos migrantes em duas nações, Estados Unidos e Portugal, respectivamente.

Na nação americana, a crise econômica afetou o mercado de trabalho dos imigrantes internacionais, sobretudo nos ramos de construção civil e de limpeza. As vagas de trabalho foram reduzidas e o valor pago pela hora de trabalho também. Nesse contexto, a segurança nacional entrou novamente em voga e mais medidas restritivas foram acionadas em relação aos imigrantes, aumentando os riscos de deportação. Dessa maneira, os imigrantes internacionais vivenciaram a incompatibilidade entre o acréscimo das despesas e o decréscimo dos ganhos, agravado pelos riscos iminentes das fiscalizações migratórias (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013). Em contrapartida, na nação europeia, além de o mercado de trabalho dos imigrantes ter sido prejudicado, os orçamentos para os serviços sociais destinados aos residentes vulneráveis foram drasticamente reduzidos (FERNANDES; CASTRO, 2013).

Considerando os rendimentos decrescentes econômicos, também a estabilização da economia nacional atuou como uma condicionante propícia aos retornos. No Brasil, os retornos se tornaram recorrentes recentemente, uma vez que os dados censitários demonstram que aproximadamente 176 mil brasileiros voltaram para o país no quinquênio de 2005 – 2010, isto é, o dobro de migrantes internacionais retornados em relação aos cinco anos anteriores, sendo que destes mais de 12 mil eram goianos, vindos principalmente de nações situadas nos continentes americano e europeu (IBGE, 2010). Em Itapuranga, entre os migrantes internacionais entrevistados, oriundos do contexto da agricultura familiar, os retornos se concentraram justamente nessa ocasião, continuando até os dias atuais, sendo que entre os mesmos, a maioria retornou entre os anos de 2005 e 2012.

Segundo Margolis (2013), analisando os migrantes internacionais valadarenses no contexto estadunidense, os mesmos não somente estão retornando mais, como também estão migrando menos. Em Itapuranga, o cenário é semelhante: comparadas aos retornos, as migrações internacionais continuaram, mas reduziram. Sendo assim, os retornos internacionais se tornaram recorrentes nas circunstâncias atuais, como demonstrado na entrevista com o professor universitário Paulo, cada vez mais surpreendido ao encontrar seus ex-alunos migrantes internacionais novamente circulando no município.

E eles retornam hoje, como retornaram muitos e outros ainda estão retornando. Até essa semana um menino retornou dos Estados Unidos. Encontrei com ele na estrada, foi aluno nosso aqui da universidade, tá voltando pra viver aqui na cidade, então, vai procurar montar seu negócio. Eu acho que as migrações internacionais reduziram drasticamente aqui em Itapuranga em comparação ao fluxo que já foi um dia. É um fluxo que continua, mas com certeza reduziu bastante. Eu vejo que hoje nós temos fluxos migratórios no sentido inverso também. Nós, hoje, estamos trazendo gente de fora. Existem casos de pessoas que voltam casadas com cidadãos americanos e hoje estão vivendo aqui. E tem muita gente da Europa vivendo aqui também, então você tem esse sentido inverso (Paulo, idade não revelada, informante-chave).

Assim, esses retornos coincidiram com um período de recuperação da economia nacional em oposição a um cenário de crise na economia internacional, o que tornou a sociedade de emigração mais interessante do que as sociedades de imigração para muitos brasileiros. Segundo Fernandes e Castro (2013), nesse período de crise econômica internacional, o Brasil conhecia as suas maiores taxas de crescimento econômico relativas às últimas décadas, reduzindo significativamente as taxas de desemprego.

Ainda em relação aos rendimentos decrescentes econômicos, a valorização da moeda nacional em relação às moedas estrangeiras também favoreceu os retornos internacionais dos filhos dos agricultores familiares itapuranguenses. Enquanto que a situação contrária

incentivou as migrações, o declínio do dólar e do euro em relação ao real a partir do ano de 2004, decorrente do cenário de instabilidade internacional e de estabilidade nacional, incentivou muitos itapuranguenses em diferentes nações estrangeiras a voltarem para casa.

Segundo Margolis (2013), quando as moedas estrangeiras se tornam desvalorizadas comparadas à moeda nacional, o envio de remessas se torna menos atraente e diminui o desejo do migrante em permanecer no exterior, dificultando a concretização de seu projeto migratório no que diz respeito ao acumular dinheiro. Esse viés foi visualizado no relato do informante-chave Emílio: “Não tava bom de serviço lá, tava cansado, o dólar tava pouco e o meu primo foi lá, em Nova York, e fez uma proposta pra mim que dava mais ou menos o mesmo que eu tava ganhando lá, uns três mil reais por mês. Aí vim embora, né, uma proposta dessas!” (Emílio, 49 anos, informante-chave).

Socialmente, os rendimentos decrescentes se manifestaram sobre os retornos dos entrevistados através de condicionantes vinculadas com as famílias e com as idades dos imigrantes. Certamente, dentre todas as condicionantes socioeconômicas destacadas, as famílias foram as mais salientadas pelos entrevistados como determinantes em seus retornos, através dos mais variados aspectos. Nesse sentido, é necessário mencionar o estudo de Woortmann (1995), sobre colonos da região Sul e sitiantes da região Nordeste, onde são consideradas as relações existentes entre as migrações rurais internas e os ciclos familiares, revelando essas relações como características intrínsecas aos camponeses.

Segundo Durand (2006), são muitos os retornos internacionais relacionados com as famílias remanescentes nas sociedades de emigração. Comumente, os migrantes internacionais são estimulados a retornar diante de determinadas fases dos ciclos familiares, como o crescimento dos seus filhos e o envelhecimento ou o adoecimento dos seus pais. Assim, existem vínculos diretos entre os momentos dos ciclos familiares e as migrações e os retornos. Em Itapuranga, os retornos dos entrevistados seguiram esses vínculos: os avanços nos ciclos familiares acirraram os retornos, sobretudo em relação às expectativas de vida dos familiares, principalmente pais e mães.

De modo semelhante, Laoire (2007), analisando as migrações internacionais rurais em realidades irlandesas, verificou que as relações familiares são decisivas nos retornos, os quais estão ancorados em elos de obrigação e de responsabilidade, sobretudo entre os filhos que partiram e os pais que ficaram. Em Itapuranga, muitos entrevistados condicionaram seus retornos a temores relativos à saúde e à vida dos pais agricultores familiares, alguns dos quais estavam sozinhos em suas propriedades rurais. Segundo DeBiaggi (2004), estudando migrantes brasileiros retornados do contexto estadunidense, estar próximo dos familiares é

uma das condicionantes mais importantes nas decisões de retorno, na maioria das vezes relacionadas com mortes ou doenças.

Essas nuances foram abordadas nas entrevistas, aparecendo claramente em duas trajetórias migratórias internacionais. A primeira delas consistiu na trajetória de Lídia, que retornou depois de oito anos, com seu namorado Afonso, também oriundo da agricultura familiar e migrante internacional em sua juventude, e com a pequena filha concebida durante a imigração. Para Lídia, o principal motivo do retorno foi sua família, pois durante o tempo em que esteve nos Estados Unidos vários de seus tios e primos faleceram. Alarmado com a situação, seu pai tinha muito medo de morrer longe da filha, e as suas súplicas desencadearam o retorno da mesma. A segunda trajetória, de Luiz, foi marcada por uma situação semelhante. No caso, sua mãe que tinha apenas dois filhos, ambos migrantes internacionais, também tinha muito medo que algo acontecesse com ela e que os filhos não estivessem por perto. O pedido da mãe também foi decisivo no retorno de Luiz, que voltou depois de três anos em Portugal com a jovem esposa.

Eu ligava pro meu pai, acho que eu perdi cinco tios, um atrás do outro, sabe. Tios e primos. Aí eu ligava pro meu pai e ele ficava falando: você vem embora que o próximo é eu! Aí eu falei: “meu Deus, eu ficar aqui esse tanto de tempo, chegar lá e não encontrar mais!” Então, voltei. (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

A minha mãe só tem dois filhos. Sei lá... ela achava que ia morrer e nós ia tá pra lá. Ela pensava bem isso. Mas é que é muito ruim mesmo assim. Eu voltei e acabei ficando por causa dela (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, não se pode deixar de comentar a importância das famílias nas redes migratórias internacionais, as quais se fizeram presentes não apenas nas emigrações, nas viagens e nas imigrações, mas também nos retornos. De acordo com Fusco e Souchaud (2010), em estudo sobre brasileiros retornados do exterior, nos retornos são muito importantes as redes pessoais, sobretudo constituídas pelos familiares, as quais fazem com que os migrantes, nos momentos dos retornos, se direcionem muito mais para os lugares de nascimento, dos quais partiram, do que para outros lugares. Dessa maneira, “a forte implicância dos laços familiares na migração do indivíduo faz com que o lugar de nascimento do migrante seja ao mesmo tempo um recurso, no momento da migração, e um porto seguro, no momento do retorno” (FUSCO; SOUCHAUD, 2010, s./p.).

No que tange às famílias, outro aspecto essencial no acontecimento dos retornos consistiu na saudade. Segundo Pereira (2012), em estudo sobre migrações internacionais de

jovens rurais mineiros, definitivamente, os retornos também estão vinculados à saudade que os migrantes sentem dos familiares. Como sintetizado no relato do entrevistado Carlos: “Ah, eu vim embora por causa da família mesmo, aqui é meu lugar. Aqui [Itapuranga] que eu gostava, lá [Estados Unidos], não” (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude). Essa saudade se mostrou ainda mais efetiva nos retornos daqueles que deixaram Itapuranga com famílias recém-constituídas, ou seja, com jovens esposas e pequenos filhos, como evidenciado no depoimento de Ciro, que sofreu muito por não poder acompanhar o crescimento de sua primeira filha.

Primeiro, foi por estar distante da minha família. A minha filha, na época, ela era muito pequeninha. Eu lembro que, quando eu falava com ela, eu chorava, chorava o dia todo. Não tava aguentando mais de saudade. Esse foi um motivo. Porque ficar longe da família, você sabe, talvez a gente fica assim uma semana já tá com saudade. Aí, você vai ficar assim dois anos e pouco, é difícil... (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em relação aos rendimentos decrescentes sociais, também as idades dos migrantes internacionais itapuranguenses favoreceram os retornos. Conforme Durand (2006), à medida que o tempo vai passando e o imigrante vai envelhecendo, diminuem sua energia, sua capacidade de adaptação e sua voluntariedade ao sacrifício. Considerando os projetos migratórios internacionais sustentados sobre o trabalho, a idade é uma condicionante importante no retorno, já que “no mercado de trabalho migrante se requer gente jovem, forte, com plena disposição para aprender e com determinação para ocupar postos fisicamente demandantes e trabalhar jornadas extras” (DURAND, 2006, p. 186, tradução nossa).

A idade como condicionante dos retornos surgiu em uma entrevista expressa através do cansaço. Nesse sentido, vale ressaltar o caso de Afonso, que migrou da agricultura familiar itapuranguense para os Estados Unidos quando tinha 24 anos e retornou somente com 32 anos. Durante seus oito anos de trabalho duro nos Estados Unidos, Afonso sofreu um intenso processo de esgotamento físico e mental, que culminou em um acidente de carro provocado por ele próprio. Em seu relato, Afonso explicou sobre a influência do cansaço sobre seu retorno.

E eu também já tava bem cansado. Porque assim, se fosse pra eu trabalhar mais um pouco, meu dinheiro ia ficar só nas despesas, pra ficar em despesa eu vinha embora, né. E eu não tava aguentando mais a batida que eu tava trabalhando não, já tava ficando cansado. Um dia eu bati o carro no meio de uma rua limpinha, sem nadinha na rua, no meio fio, o pneu estourou. Eu parei, olhei e pensei: “mas o que aconteceu?” Aí, eu mesmo falei: “eu dormi!” Só podia ter dormido, não tinha como. Aí eu falei: “tá na hora de ir embora, enquanto não acontece o pior” (Afonso, 32 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

No entanto, é necessário mencionar a existência de inúmeros migrantes internacionais, filhos de agricultores familiares de Itapuranga, os quais até o momento do levantamento de dados de campo ainda não tinham retornado. Entre esses, muitos não se mostraram dispostos a retornar, erradicados em suas sociedades de imigração. Embora, ao início, todos tenham partido com os mesmos projetos migratórios internacionais (migrar, trabalhar, juntar dinheiro, retornar, investir), muitos reelaboraram esses projetos, o que lhes levou a continuar vivendo, trabalhando e até estudando no exterior, permanentemente.

Como mencionado ainda no início desse estudo, tentou-se estabelecer contato com esses migrantes internacionais, mas nenhum deles deu resposta. Para contornar essa situação, foram entrevistados familiares remanescentes em Itapuranga, os quais foram capazes de esclarecer as condicionantes socioeconômicas que os fizeram reelaborar seus projetos migratórios internacionais.

De acordo com Sales (1999), analisando as vivências de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, as mudanças nas expectativas temporais dos mesmos ocorrem mediante a solidificação dos laços familiares no exterior, incluindo casamentos e nascimento de filhos no contexto estrangeiro. De maneira semelhante, entre os itapuranguenses, notou-se que quando os mesmos se casaram com cônjuges estrangeiros e constituíram suas famílias no exterior, em sua maioria os mesmos não retornaram. Entre esses tornaram-se comuns as visitas aos familiares no meio rural de Itapuranga, mas sem pretensão de retorno. O casamento e a família estrangeira conferiram uma estabilidade para a imigração, que fez com que os mesmos repensassem seus projetos. Essas nuances foram observadas na entrevista realizada com Alexandre, irmão de Joaquim, que migrou para a Itália com 21 anos, casou, constituiu família e hoje é um cidadão italiano, que não nutre pretensões de retornar para Itapuranga, a não ser em visita aos pais agricultores familiares.

Ele tinha essa ideia de voltar, mas quando ele começou a se estruturar lá [Itália], que ele conheceu a esposa dele e começaram a namorar, isso foi em 2007, e de lá até o ano em que eles casaram acho que só fortaleceu a ideia dele de ficar lá e tentar fazer alguma coisa por lá mesmo. Hoje ele tem casa, tem carro, tudo dele e da esposa, os dois trabalham. Para os padrões de lá ele é pobre, mas ser pobre para os padrões de lá é bem mais tranquilo do que aqui [Itapuranga]. Hoje ele é casado e tem dois filhos, um de quatro anos e o outro acho que nem tem um ano ainda não (Alexandre, idade não revelada, informante-chave).

Assim, os rendimentos decrescentes de cunho econômico e social levaram muitos migrantes de volta a Itapuranga, onde os mesmos iniciaram novos conflitos e dilemas na condição de migrantes internacionais retornados, especialmente em relação ao meio rural e à

agricultura familiar, e até mesmo em relação a sua própria juventude, como devidamente abordado nas próximas seções.

4.2 Entre retornos internacionais consentidos e condenados: “voltando para trás” ou “seguindo em frente”?

Em Itapuranga, os entrevistados esboçaram satisfação e alívio ao lembrar seus retornos. Segundo Sayad (2000), considerando imigrantes argelinos no contexto francês, o retorno representa para o migrante o que a luz representa para o cego, sendo considerado um desejo naturalmente implícito em qualquer migração. Entre os itapuranguenses, os retornos – que representaram o regresso –, foram imersos em alegrias e festividades, ao contrário das migrações – que representaram a partida –, e foram carregadas em tristezas e lamentações.

Curiosamente, nem mesmo os migrantes que não conseguiram alcançar inteiramente os objetivos traçados em seus projetos migratórios internacionais, e até foram deportados, demonstraram aborrecimento. De modo geral, as maiores alegrias dos retornos remeteram às famílias rurais remanescentes no contexto da agricultura familiar de Itapuranga. Como mencionado anteriormente, de todas as condicionantes socioeconômicas relacionadas com os retornos das migrações internacionais dos entrevistados, as suas famílias foram as mais relevantes.

Segundo Sayad (2000), os migrantes retornados são ovacionados em suas sociedades de emigração, onde os retornos demonstram os apegos dos mesmos a suas histórias, a seus territórios e a suas sociedades. Em Itapuranga, os retornos foram muito estimados, sobretudo entre os agricultores familiares – para os quais a união da família é considerada um valor central da vida – que aguardaram ansiosamente seus migrantes internacionais retornados em comemorações iniciadas ainda com suas recepções nos aeroportos.

Essas comemorações foram estendidas, envolvendo, também, encontros com familiares, amigos, vizinhos, entre outros, normalmente concretizadas na roça, com mesas cheias de comida e bebida à vontade, como lembraram os entrevistados: “Teve festa e tudo mais. Tinha um punhado de gente esperando no aeroporto. Nossa, foi bom demais! Acho que eu nunca senti, assim, uma alegria tão grande como a que eu senti quando eu desci lá e vi meu povo. Nossa, pensa numa coisa boa”! (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude); “Ah! Foi bom demais! Festa! [risos] Tomei cerveja uns

três dias seguidos” (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

No entanto, não contentes em somente retornar, os migrantes internacionais também sonharam retornar ricos (SAYAD, 2000). Em Itapuranga, no contexto das migrações internacionais dos filhos de agricultores familiares, a relação entre “o retorno” e “a riqueza” necessitou atenção, sendo a mesma intimamente conectada à concessão ou à condenação das trajetórias migratórias internacionais em sua sociedade de emigração, atribuindo ou não sentido à emigração e à ausência dos mesmos entre os agricultores familiares.

Voltar rico, efetivamente ou somente em aparência, pois aqui a aparência conta talvez mais do que a realidade, consiste em, de certa forma, querer fazer sua revanche social, mas também tornar claro para si e para os outros o sentido de sua emigração e de sua ausência, para que estas não sejam, uma e outra, pura vaidade, falência total, ato gratuito e, entretanto, absurdo, ato desprovido de qualquer significado, pois só há sentido e razão no reconhecimento que lhe atesta o grupo (SAYAD, 1998, p. 16).

Assim, foi através da concretização do projeto migratório internacional consistente em migrar, trabalhar, economizar, retornar e investir que os retornados receberam ou não o “reconhecimento” de suas migrações internacionais entre os agricultores familiares, convalidando as emigrações e amenizando as ausências. Portanto, os retornos foram socialmente consentidos ou condenados na sociedade de emigração em consonância com a realização ou não realização desses projetos migratórios internacionais. Em outros termos, os retornos foram consentidos socialmente entre os agricultores familiares se os migrantes economizaram, retornaram e investiram (trouxeram riqueza no retorno) e foram condenados socialmente se isso não aconteceu (não trouxeram riqueza no retorno). Logo, o sonho de “retornar rico” foi, também, o sonho do reconhecimento na sociedade de emigração.

Retornar com dinheiro no bolso e progredir economicamente é, aos olhos de todos os que ficaram e aos próprios, possibilidade de poder dar um sentido à emigração, à própria ausência. Há necessidade do registro do reconhecimento e testemunho de quem ficou, para isso, é bom demonstrar isso, publicizá-lo através de aquisição e/ou construção de casa (é o mais comum, pois é imóvel, visível, identificável, quantifica publicamente o valor...), de carros, de terra, de montagem de pequenos negócios e serviços. Há uma mescla de fatores econômicos com simbólicos, bem como culturais nesse sentido (TEDESCO, 2013, p. 197).

Em síntese, os retornos socialmente consentidos remeteram a migrações internacionais consideradas sucesso e os socialmente condenados remeteram a migrações internacionais consideradas fracasso. Em Itapuranga, essa rotulação como sucesso ou fracasso incidiu, sobretudo, entre os migrantes com projetos não concretizados, ou seja, com retornos

socialmente condenados, entendidos como “fracassados”. Dessa maneira, esses migrantes internacionais retornaram ao contexto da agricultura familiar itapuranguense envergonhados e conscientes das condenações sociais suscitadas. Essas nuances foram observadas nos dois relatos apresentados abaixo, os quais mostraram as trajetórias migratórias internacionais de Olga e de Ciro, em seus retornos.

Olga afirmou que nunca teve a intenção de acumular dinheiro no exterior. Seu projeto migratório internacional, diferente dos projetos dos demais entrevistados, foi de conhecer o mundo, de viver em culturas diferentes. Embora vivesse no meio rural e auxiliasse sua mãe na agricultura, Olga era também professora e a partir disso nasceu a sua curiosidade de explorar o mundo, tendo migrado internacionalmente três vezes, duas para os Estados Unidos e uma para o Reino Unido. Olga contou que sempre deixou muito claro que não estava indo viver no exterior para trabalhar e ganhar dinheiro, mas para conhecer e acumular experiência de vida, embora para fazer isso tenha tido que trabalhar para sobreviver. No entanto, mesmo tendo deixado isso claro para os familiares e amigos todas as vezes em que partiu, a mesma sempre foi questionada, todas as vezes que retornou, sobre quanto dinheiro havia trazido.

Todos pensam dessa forma e todos que vão acham que tem que dar satisfação. E todo mundo te pergunta. É a primeira pergunta: “trouxe dinheiro?” “Não, não trouxe, não!” Eu já tinha meu trabalho, então nada acrescentou nem diminuiu financeiramente na minha vida. Não acrescentou, nem diminuiu (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Já Ciro foi um caso diferente. O seu projeto migratório internacional tinha como objetivo conseguir dinheiro suficiente para quitar as dívidas adquiridas com os prejuízos da fruticultura. Vitimado inicialmente através de ações da indústria de imigração, Ciro teve de fugir das condições insalubres de trabalho que encontrou no Reino Unido para Portugal, onde permaneceu quase três anos, até o exato momento em que ganhou o último centavo necessário para pagar a dívida que havia deixado em Itapuranga. Nesse momento, instantaneamente, retornou, não levando consigo nem sequer um centavo sobressaliente, como relatado pelo mesmo.

Eu fiquei lá [Portugal] até pagar as dívidas. Tanto é que quando eu eliminei todas as dívidas, aí então eu voltei. Mas voltei sem nada, também. Eu trouxe um pouquinho de dinheiro só pra pagar o aluguel adiantado de um ano e aí eu fiquei só dois meses e fui pra roça, investi esse dinheiro que eu tinha lá na lavoura, novamente. [...] Eu ficava imaginando isso, eu vou chegar lá [Itapuranga] sem nada, então até por isso eu fiquei assim meio escondido, sabe... Assim meio sem sair de casa e tal... Porque eu não tinha nada na época. E quando eu saí daqui [Itapuranga] eu falava: não, eu vou ganhar muito dinheiro, eu vou fazer isso, vou fazer aquilo! Achava que era só pegar o dinheiro, né. Só ganhar. Que não ia passar por essa dificuldade. Você fica,

assim, meio que com vergonha, entendeu? E meu pai falava e comentava com a minha mãe que não era assim, lá não é assim igual essa mulher falava, que eu não ia ganhar dinheiro assim tão fácil. Aí depois eu pensava, meu pai tinha razão, porque realmente não era assim mesmo. Não ganhei nada. Ganhei experiência só (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Como citado anteriormente, entre os itapuranguenses, sobretudo agricultores familiares, os casos de Olga e de Ciro foram entendidos como retornos fracassados. Para Durand (2006), em seu estudo sobre os retornos internacionais de mexicanos imigrantes nos Estados Unidos, os retornos fracassados são aqueles em que os migrantes retornam por causa das circunstâncias, sem necessariamente ter conseguido realizar seus projetos migratórios internacionais. Para evitar a condenação social e o rótulo de fracasso, os itapuranguenses desenvolveram alternativas como as ostentações.

De acordo com Almeida (2009), em estudo sobre os retornos internacionais no município de Caturaí, estado de Goiás, os migrantes internacionais retornados sem dinheiro necessário para uma ascensão social ou com dinheiro atrelado a maus investimentos, são escarnecidos e recriminados na sociedade de emigração ao não economizar e não consagrar a melhoria econômica em suas vidas. Esses migrantes internacionais retornados sentem-se envergonhados e tentam transmitir uma imagem de situação econômica acomodada, sustentada somente em aparências. Assim, o migrante internacional consiste “essencialmente em um ser social percebido” e, portanto, “um ser sobretudo preocupado com a percepção que o outro tem dele, com a representação que faz de si mesmo, de seu parecer e de seu aparecer” (SAYAD, 2000, p. 17).

Em Itapuranga, os informantes-chave e os migrantes internacionais entrevistados relataram ostentações semelhantes, não somente em contextos rurais, mas também urbanos. Nesse sentido, muitos são os migrantes internacionais retornados investidores em aparências, sendo que entre as mulheres esses investimentos se concentraram em seus corpos e entre os homens, em carros e festas, como foi possível observar na fala de Geraldo, abaixo destacada, que contou a experiência de um amigo de origem rural.

É o tal negócio, a maioria vai, ganha dinheiro, chega aqui [Itapuranga] e estoura tudo na farra. Quer comprar carro, por som, entendeu. [...] Eu tive um amigo que foi para os Estados Unidos e ele só curtia mesmo. E aí ele veio embora, chegou aqui no Brasil e montou uma loja em Goiânia, comprou carro novo, colocou som... Era só festa, só farra! Acabou com o dinheiro quase tudo. [...] A maioria é desse jeito. Eu conheço caboclo aí em Itapuranga que anda de chinelo, de bicicleta. Vai pra lá, fica dois, três anos, vai pra França, o negócio dele lá é fazer documento falso e roubar dos outros. Faz rolo mesmo. Aí chega aqui, compra um carro novo, enche de som e vai pra muiézada. Teve outro que trabalhava aqui e ganhava salarinho, foi pra lá, voltou comprou carro e botou som e terminou o dinheiro. Teve que ir pra fora de

novos (Geraldo, 30 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em Itapuranga, essas ostentações e esses jogos de representações foram entendidos como tentativas desesperadas entre os migrantes internacionais retornados, considerados fracassados, em conseguir o consentimento social de suas migrações internacionais e, conseqüentemente, seus retornos. Contudo, a sociedade itapuranguense, sobretudo rural, fundamentada na parcimônia e simplicidade, rejeitou essas ostentações, considerando-as como abusos econômicos. Entre os agricultores familiares, as ostentações foram censuradas: os migrantes internacionais retornados deveriam realizar somente investimentos relacionados com sua reprodução social e sua autonomia, motivações centrais de suas migrações internacionais, mesmo se essas não estivessem vinculadas com o meio rural ou com a agricultura.

No contexto da agricultura familiar de Itapuranga, os retornos internacionais considerados como sucesso estiveram atrelados, sobretudo, a investimentos vinculados à construção de casas. Assim, a casa consistiu em um elemento essencial na concessão ou condenação dos retornos internacionais, com sua significativa simbologia, como mostrou Lídia em seu relato sobre seu projeto migratório internacional: “Ah, o meu objetivo era trabalhar e comprar uma casa. O povo brasileiro só pensa em comprar casa!” (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Segundo Garcia Jr. (1989), estudando os migrantes rurais sazonais do Nordeste para o Sudeste, a casa tem um sentido material e emocional nas trajetórias sociais dos agricultores familiares, considerada uma estratégia importante para a permanência em suas localidades de origem. Em outros estudos, mas sobre migrações internacionais, a casa é apontada como um símbolo de assentamento e de sucesso. De acordo com Assis e Campos (2009), em estudo sobre migrantes internacionais retornados de Criciúma, estado de Santa Catarina, construir uma casa, comprar um carro e montar um negócio na sociedade de emigração é uma maneira de encerrar o processo migratório e demonstrar a concretização do projeto idealizado, indicando o fim do estado de provisoriedade que atravessa a migração. Além disso, conforme Almeida (2009), a casa e o carro, são os símbolos dos migrantes internacionais retornados com sucesso.

Durante a condução do estudo de caso, observou-se que os filhos de agricultores familiares retornados que ainda não haviam construído suas casas se apressaram em informar que as mesmas estavam em vias de construção, o que corroborou a afirmação anterior sobre a necessidade de comprovar um investimento concreto e duradouro para evitar acusações de

fracasso. Entre aqueles que já haviam construído as casas, foram observadas muitas casas grandes, espaçosas, com mobílias bonitas e aparelhos tecnológicos, algumas, também, com arquitetura diferenciada dos padrões tradicionais de Itapuranga. Estampado no rosto desses entrevistados, estava o orgulho em mostrar essas casas, garantia do sucesso e do consentimento social inerentes aos seus retornos internacionais na sociedade de emigração.

Diante disso, é interessante constatar os retornos internacionais intitulados no contexto da agricultura familiar itapuranguense como “voltar para trás”. Desde as primeiras entrevistas ainda com os informantes-chave essa foi uma expressão comum e curiosa. Assim, o retorno ao cenário brasileiro, goiano, itapuranguense e rural consistiu em “voltar para trás”, subentendendo a migração desse cenário, para outro país, outro estado, outro município ou outro meio como “seguir em frente”. Curiosamente, sob essa denominação, unanimemente, as migrações internacionais com retornos acabaram sendo entendidas como migrações fracassadas, independentemente da concretização dos projetos migratórios internacionais ou não.

Entretanto, considerando as migrações internacionais como estratégias de reprodução social e de construção de processos de autonomização dos filhos de agricultores familiares, das quais os retornos foram integrantes essenciais, tornou-se necessário desconstruir essa errônea ideia de que todos aqueles que retornaram eram fracassados. Segundo Garcia Jr. (1989), as migrações não são vias de mão única, não sendo correto nivelar os retornos como fracassos. Nesse sentido, foi necessário superar as dicotomias existentes entre o urbano/internacional e o rural/nacional e compreender o retorno ou o “voltar para trás” também como sinônimo de “tocar a vida em frente”.

4.3 Sobre novas ruralidades: heterogeneidades suscitadas pelos retornos internacionais na agricultura familiar itapuranguense

De volta a Itapuranga, os filhos de agricultores familiares, migrantes internacionais retornados, tiveram de se reinserir e reintegrar nessa sociedade de emigração. Contudo, tendo em vista suas vivências no exterior, em muitos casos as mesmas afetaram seus vínculos com o meio rural e com a agricultura familiar, ressignificando-os.

Segundo Menezes (2012), em estudo sobre migrações internas de jovens rurais do Nordeste para o Sudeste, as migrações podem representar tanto a saída do meio rural e o

abandono da agricultura, quanto a permanência no rural e a continuidade da agricultura, sendo essa última atrelada às migrações com retornos. Nesse sentido, as migrações não são vias únicas, sendo comuns os retornos às áreas rurais, até mesmo entre os jovens.

[...] As migrações dos jovens de famílias camponesas têm uma dupla face, podem expressar uma saída definitiva do meio rural, mas, também, gerar meios para que eles permaneçam em suas localidades. A renda ganha no trabalho assalariado em atividades agrícolas ou urbanas tem tanto possibilitado atender às necessidades de consumo de suas famílias (para os solteiros: pais e irmãos; para os casados: esposas e filhos) quanto é utilizada em pequenos investimentos, como compra de moto, terreno, casa, sítio, animais (MENEZES, 2012, p. 115).

Segundo Gmelch (1980), analisando escritos referentes aos retornos em migrações internacionais, muitos voltam a residir no meio rural e a trabalhar na agricultura, mas muitos, também, não voltam. Em Itapuranga, entre os entrevistados, foram encontradas variadas nuances relativas aos retornos: migrantes internacionais retornados que foram residir no urbano e não se tornaram agricultores; que foram residir no urbano e se tornaram agricultores; e que foram residir no rural e se tornaram agricultores.

Essas categorias mostraram que em nem todos os casos as migrações internacionais foram estratégias ótimas de reprodução social e de autonomia em relação ao meio rural e à agricultura. Assim como as migrações não devem ser entendidas invariavelmente como a saída do rural e o abandono da agricultura, os retornos não devem ser entendidos inflexivelmente como o contrário. Considerando essas categorias, entretanto, não se pode deixar de concordar com Abramovay (2005), analisando a agricultura familiar brasileira, quando afirma que após terem sido protagonistas no êxodo rural, agora os jovens rurais são protagonistas nos movimentos migratórios em sentido inverso, relacionados com áreas rurais revalorizadas e com agriculturas familiares transformadas e, portanto, são agentes sociais importantes nas estratégias de desenvolvimento para as mesmas.

Na primeira categoria, de migrantes internacionais retornados residentes no meio urbano e empregados em outros setores que não a agricultura, destacou-se o caso de Ciro. Relembrando, Ciro era fruticultor, trabalhava junto com o pai e o irmão, e seu projeto migratório internacional surgiu mediante dívidas contraídas em safras frustradas durante sua juventude. Durante quase três anos Ciro trabalhou em Portugal, e ao retornar a Itapuranga, foi novamente residir no rural e trabalhar na agricultura. Contudo, mais uma safra frustrada lhe levou a migrar para o meio urbano e abandonar a profissão de agricultor. Atualmente, Ciro mora no meio urbano com a esposa e as duas filhas e trabalha como motorista. Retorna à roça

apenas nos fins de semana para visitar os pais que ainda moram no rural e trabalham na agricultura.

Quando eu vim, fui pra roça de novo, arrumei um lugar lá e fui morar lá de novo. A gente tentou plantar, mas não deu, já tinha bastante doença na lavoura. Meu pai tinha as coisas, tinha trator, tinha caminhão, tinha tudo. Aí ele falou: “não, vamos plantar de novo!” Só que aí a gente mexeu e perdeu tudo também. Aí eu fui obrigado a vir mesmo. Foi aí que eu vim pra cidade. [...] Hoje eu trabalho como motorista. Motorista de ônibus, faço transporte escolar, turismo (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Na segunda categoria, de migrantes internacionais retornados residentes no meio urbano e empregados na agricultura, esteve Carlos, que migrou para os Estados Unidos deixando a jovem esposa e o pequeno filho. Quando emigrante, Carlos era agricultor, no entanto, quando retornou, passou a residir no meio urbano. Ainda assim, Carlos continuou sendo agricultor. Todos os dias vai com sua moto para a roça, trabalhar em sua propriedade rural dedicada à produção de leite. Seu filho, hoje com 16 anos, lhe ajuda nos horários em que não está na escola. A família de Carlos reside no meio urbano em respeito à vontade de sua esposa, que não deseja voltar a residir no meio rural.

Lá na roça, agora, eu tô mexendo com leite. Vou todo dia de manhã cedinho e volto de tarde. Sou eu que faço a ordenha e tudo. E o meu menino me ajuda na parte da tarde. Eu também planto roça de milho e tiro madeira. Esses trem tudo (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Na terceira categoria, dos migrantes internacionais retornados residentes no rural e empregados na agricultura encontrou-se Gabriel, filho de agricultores familiares que antes da emigração não apresentava a mínima pretensão de ser agricultor. Em 2004, Gabriel migrou para os Estados Unidos e lá permaneceu durante quase quatro anos. Quando voltou, foi direto para Goiânia, onde ficou por dois anos morando no meio urbano e administrando uma livraria que acabou indo à falência e lhe dando prejuízo. Em uma situação econômica complicada, Gabriel resolveu, então, investir as economias restantes de sua migração internacional na agricultura. Hoje mora no meio rural com o pai, a mãe e a esposa (são recém-casados) e está investindo no ramo da avicultura, a fim de aproveitar a integração com uma agroindústria que atua no mercado regional.

Ah, eu comecei nesse ramo de avicultura agora, tô pretendendo continuar por aqui, me parece que vai ser um bom negócio, deu muito trabalho pra conseguir fazer isso aqui, mas parece que vai ser um bom negócio. Eu fiz dois galpões agora e já tô com o pensamento de ano que vem, quando tudo organizar, daqui uns dois anos eu vou querer fazer mais dois. Que é um serviço mais tranquilo que dá pra gente ficar tudo em casa, minha esposa me ajuda, mas é folgado. Se fizer mais dois, dá pra eu, minha

mãe, meu pai e ela, aí dá pra trabalhar todo mundo, os quatro mais folgados (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, considerando suas características extraordinárias, destacou-se, também, o caso de um informante-chave urbano conhecido como Hugo, nascido e criado em Anápolis, o qual migrou aos 18 anos para os Estados Unidos e, oito anos depois, retornou ao Brasil se transformando em um jovem agricultor residente no meio rural de Itapuranga. Em seu relato, Hugo narrou os caminhos e descaminhos que o levaram a residir no meio rural de Itapuranga e a trabalhar na agricultura.

Olha, seguinte. Eu cheguei, fui pra Anápolis de novo, cidade que nasci e me criei. Meu pai sempre foi apaixonado por roça. Eu também sempre gostei muito. Desde criança eu vinha aqui pra Itapuranga, minha família é praticamente toda daqui. Então vinha, ficava na roça, ia pra casa de fulano na roça... Então assim, sempre gostei muito de cavalo, de vaca, essas coisas de roça mesmo. E aí o meu pai tinha o sonho de comprar uma chácara quando ele se aposentasse. E aí quando eu cheguei eu trouxe um dinheiro, não era muito, e meu pai também trabalhou de mecânico de avião 35 anos em uma mesma empresa, então ele tinha alguns bens também. Ele tinha acabado de aposentar e aí a gente decidiu tentar. Já que é o seu sonho, eu vou pegar um pouquinho do meu, o senhor pega um pouquinho do seu lá e a gente compra uma chácara, uma propriedade e vai. Inicialmente, eu não tinha a intenção de vir morar. Tranquilo. A gente comprou uma terrinha aqui, mas ficamos em Anápolis mais um ano. Foi quando meu pai vendeu a casa em que a gente morava e decidiu vir pra cá. E aí ele veio e eu me mudei pra Goiânia. Como eu trabalhava com carro nos Estados Unidos achei que ia dar certo em Goiânia. Aí fui e abri uma oficina pra mim em Goiânia. E aí fui, trabalhei em Goiânia dois anos e meus pais aqui, já na roça. Só que assim, muito estressante. O trânsito em Goiânia, a violência, a minha oficina era num lugar muito movimentado, era muito acidente, era assalto, um dia eles mataram um cara na porta da oficina e a concorrência era meio que desleal. E isso aí acabou que foi meio que me desgastando, eu fui me estressando com aquele auê todo de Goiânia, aquela correria. E eu, por gostar muito de roça, vinha pra cá sempre, como refúgio. Todo final de semana eu tava aqui. E aqui eu sentia uma paz diferente, a cidade de Itapuranga é outra coisa, não tem esse movimento doido. Tem violência? Tem, todo lugar do mundo tem, mas não é tanto quanto lá. Então, isso foi um dos fatores que me motivou a vir. Um belo dia chegou um cara lá e me perguntou se eu não queria vender a oficina, e disse que se eu quisesse vender ele comprava, aí eu pensei no mesmo dia e liguei pro cara: “pensei aqui e vou vender”. Aí a gente combinou um preço, vendi e na outra semana eu tava morando aqui. Eu sempre quis, sempre tive aquele desejo no coração de vir pra um lugar mais tranquilo, penso em casar, penso em ter filhos, e pra gente criar filhos numa cidade do interior é muito mais fácil, eu penso. Pelo que a gente vê e ouve é bem mais tranquilo. Então, esse foi o principal motivo de eu ter vindo pra cá. [...] A vida tá sendo boa. É difícil, eu nunca tinha trabalhado com isso. Tive que aprender a tirar leite, até hoje as mãos tão doendo demais da conta. [risos]. Mas é boa, a vida é muito boa. Tem muito trabalho. Fazenda é fazendo. O trabalho não acaba. Se você quer fazer uma coisa, sempre tem. Tem uma cerca pra arrumar, tem um pasto pra roçar, tem um bezerro doente, tem a horta pra você cuidar, tem o quintal. Se você tivesse disposição, vinte e quatro horas por dia tava trabalhando. Mas assim, não sou escravo de lá. Eu gosto muito da academia também, de ser instrutor de *muai thay* aqui, e não virei escravo de lá. Trabalho, levanto todos os dias quatro e meia da manhã, tiro o leite, aparto vaca, faço tudo, mas tiro um cochilo na hora que eu quero, se hoje eu não quero fazer isso ou não quero fazer aquilo eu não faço, a não ser a obrigação do leite, no resto não tenho obrigações de todo dia aquela coisa. Então pra mim tá sendo ótimo (Hugo, 31 anos, informante-chave).

Nesse relato, foram encontrados muitos elementos coincidentes com os elencados no estudo de Laoire (2007) e de Farrell et al. (2012), sobre retornos rurais em migrações internacionais irlandesas, convergentes sobre as novas ruralidades. Dessa maneira, os migrantes internacionais retornados para a Irlanda apresentam concepções diferenciadas sobre as ruralidades, pois entre os mesmos são comuns os encantamentos exagerados relativos aos seus meios rurais originais, onde passaram suas infâncias e juventudes. Sendo assim, entre os mesmos, predominam compreensões rurais carregadas em bucolismos, nas quais as áreas rurais são positivamente assimiladas à beleza, à natureza, à paz, à tranquilidade, à segurança, à saúde, à comunidade, à qualidade de vida, entre outros diferenciais (LAOIRE, 2007). Em somatório, essas assimilações têm auxiliado a promover as áreas rurais como destinos das migrações internacionais de retorno, lhes agregando vitalidade econômica, social e cultural (FARRELL et al., 2012).

Com base nas categorias e no caso extraordinário anteriormente mencionados, no contexto da agricultura familiar itapuranguense, as migrações internacionais estiveram relacionadas com as ruralidades, transformadas através das atuações dos migrantes internacionais retornados. Nesse sentido, as ruralidades não são mais realidades empiricamente observáveis, mas “representação social – conjunto de categorias referidas a um universo simbólico ou visão de mundo – que orienta práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial” (CARNEIRO, 1998, p. 73). Desse modo, as ruralidades consistem em

[...] um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local, mas que ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade (CARNEIRO, 1998, p. 61).

Em Itapuranga, frente aos diferentes rumos tomados entre entrevistados retornados, os quais não necessariamente envolveram o meio rural e/ou a agricultura, notou-se uma ambiguidade entre os elementos culturais originais, remetentes à ruralidade de sua sociedade de emigração, e os elementos culturais adquiridos, remetentes à urbanidade de suas sociedades de imigração.

De maneira semelhante, Carneiro (1999) ao se referir as migrações internas dos jovens rurais, explica que a migração para o meio urbano coloca os jovens em contato com um

sistema variado de valores, que podem ser tanto absorvidos quanto negados pelos mesmos. Entre projetos individualizados e familiares, os jovens rurais que vivenciam migrações para o meio urbano desejam ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos de suas sociedades de emigração. Nesse sentido, entre os maiores choques culturais oriundos das migrações dos jovens rurais é a elaboração de novas identidades não mais sustentadas exclusivamente na atividade agrícola, através das quais a terra deixa de ser um meio de produção e se transforma em um meio de vida que é também bem de consumo, ocupando outro lugar nas preocupações dos projetos de juventude rural. Vale frisar que a essa maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos provenientes das migrações internas de jovens rurais, Carneiro (1999) denomina de rurbanização.

Diante disso, a agricultura familiar itapuranguense pareceu muito próxima do que se poderia denominar de uma “rurbanização internacional”, sendo os retornos internacionais desses sujeitos, que partiram jovens e retornaram adultos, estimuladores de novas ruralidades responsáveis em tornar essa agricultura familiar ainda mais heterogênea, à exemplo dos casos anteriormente mencionados.

4.4 Jovens rurais entre dois mundos: reflexões sobre o retorno e a identidade

Entre os entrevistados, a imigração consistiu em um marco importante em suas vidas, resultando em reflexos também sobre suas identidades. Ao retornar, os mesmos se sentiram “deslocados” em Itapuranga, considerando os anos vivenciados no exterior e suas singularidades. Em síntese, os resultados dos retornos sobre as identidades dos migrantes internacionais se mostraram, sobretudo, em suas sociabilidades estendidas e em seus amadurecimentos individuais.

Segundo Sayad (2000), tendo em vista os imigrantes argelinos na França, os retornos envolvem aspectos temporais, espaciais e sociais, em virtude dos quais são incompletos. Isso significa que, embora seja possível retornar a um espaço e a um grupo, não é possível retornar a um tempo. Em virtude disso, os retornos são permeados por nostalgias que sacralizam e que santificam o tempo passado, o espaço passado e o grupo passado, as quais reforçam as necessidades de pertencimento dos migrantes a uma história, a um território e a uma sociedade.

Conforme Sayad (2000), quando os migrantes retornam, os tempos, os espaços e os grupos não são os mesmos, demandando reinserções e reintegrações dos migrantes retornados, cujas migrações incidiram em suas integridades culturais originais em função de suas ausências em sociedades de emigração e de suas presenças em sociedades de imigração. Em Itapuranga, os migrantes internacionais retornados mostraram em suas entrevistas os mais variados vieses do retorno, colocando-os entre a sociedade de emigração e as sociedades de imigração.

Com efeito, esses homens que retornam da imigração, homens do entre-dois – entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc. – são também, e principalmente, homens entre-duas-maneiras-de-ser ou entre-duas-culturas. E, sem dúvidas, o processo mais pernicioso que pode alcançá-los e que pode ocorrer seja na emigração de uns, como na imigração de outros, é um processo sobretudo cultural: seus argumentos, assim como os elementos por eles restabelecidos, são de natureza cultural, essencialmente concernentes ao modo de vida, às maneiras de pensar e de agir, aos comportamentos, às práticas cotidianas, às atitudes, etc., e referem-se, em última análise, a tudo o que é subsumido sob o processo de assimilação, ao que está implicitamente contido no que se reconhece como semelhança e dessemelhança. De um lado e de outro, a emigração e a imigração são suspeitas de subversão e mais ou menos abertamente acusadas de alterações culturais. E através delas que se introduzem práticas suscetíveis de perturbar a homogeneidade cultural do grupo e prejudicar sua autenticidade fundadora. Evidentemente o risco é maior do lado do mais fraco, do lado daquele que, neste confronto, está na posição de dominado, isto é, do lado da emigração; quando a ameaça é maior, a acusação, mesmo silenciada e reprimida – é ainda mais violenta, e o processo imposto aos emigrantes retornados, enquanto portadores desta ameaça, é tanto mais fácil e injustamente instruído (SAYAD, 2000, p. 19).

Segundo Tedesco (2013), em estudo sobre os retornos internacionais de brasileiros provenientes do contexto italiano, é muito comum o estranhamento no retorno, o sentir-se estrangeiro em sua nação. Nesse sentido, comumente os migrantes internacionais retornados necessitam acostumar-se. De fato, após oito anos nos Estados Unidos, Hugo, que se estabeleceu no meio rural de Itapuranga, mostrou essa necessidade e suas nuances em seu relato.

E adaptação... eu nem sei se eu me adaptei até hoje [risos]. Mas assim, tranquilo, sabe. Eu acho que eu nunca vou me adaptar 100% porque eu fiquei lá [Estados Unidos] um tempo bom. Da mesma forma que eu não consegui me adaptar lá 100%, eu acho que eu não vou conseguir me adaptar aqui [Itapuranga], porque a gente acaba lembrando algumas coisa, principalmente a questão da qualidade de vida que a gente tem lá e a gente acaba trazendo isso pro dia-a-dia todos os dias. A gente acaba lembrando e pensando muito. Mas eu sou brasileiro de qualquer jeito, eu tinha que vir pro meu país. Acaba que a gente fica um pouco decepcionado pela política e com o governo, com as estradas que eles não tomam conta, com a violência... Lá tem muita violência, eles escondem muito, mas em comparação com o Brasil é quase nada. E a qualidade de vida muito diferente daqui. Você não precisa trabalhar muito pra conseguir as coisas. Então, é um pouco difícil quando você vai pro lado

financeiro. Todo o dia a gente acaba lembrando, pelo tempo que passou, pelas amizades que viveu, mas é tranquilo (Hugo, 31 anos, informante-chave).

Em Itapuranga, entre as inúmeras conversas com migrantes internacionais retornados, ouviu-se a expressão de que “o migrante internacional tem dois corações”. Quando saiu do Brasil, o migrante sentiu saudade da sociedade de emigração, quando voltou ao Brasil, o migrante passou a sentir saudade da sociedade de imigração. E esse foi um sentimento constante na trajetória migratória internacional, intimamente relacionado com a sociabilidade do migrante internacional nessas sociedades.

Em relação à essa sociabilidade, algumas matizes foram observadas nos breves relatos de Luiz e de sua esposa, também migrante internacional retornada, Angélica: “E aí a saudade é tão engraçada que com três dias que a gente tava aqui [Itapuranga] já tinha matado toda a saudade. E já tava começando a ficar com saudade de lá [Portugal]” (Angélica, 44 anos, informante-chave); “Acho que a saudade de lá [Portugal], isso nunca vai acabar. Sei não, talvez passando os anos, mas até hoje não passou” (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Em virtude da saudade em relação às sociedades de imigração, os filhos de agricultores familiares ainda mantinham contato com os amigos no exterior, através da *internet*. Essa foi a maneira encontrada para amenizar a saudade e alimentar o vínculo com a sociedade de imigração. Sobre a comunicação com os amigos internacionais, Luiz comentou, que embora não tenha desejo de migrar novamente, ainda relembra nostalgicamente a sua imigração.

Até hoje a gente conversa com o pessoal de lá. Muito, nossa, todo dia a gente entra ali no *Facebook*, conversa. A gente faz amizade com muita facilidade e acredita nas pessoas com muita facilidade, porque as nossas carências são todas iguais: é a saudade do filho, é a saudade da mãe, e aí a gente acaba se apegando e fazendo muita amizade (Luiz, 43 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Segundo Tedesco (2013), o retorno promove o reencontro de múltiplas dimensões. A grande questão é a concepção que se tem em relação a um conjunto de coisas, pessoas e de interações constituídas para esse reencontro. Em geral, é o próprio sujeito que quer se reencontrar, coligar-se com seus pontos de referências e de pertencimento, com o que estava próximo no ato da saída, com o que sentiu falta no decorrer da ausência, com os familiares e parentes. O tempo de imigrante é de desencontros em relação aos anteriores e em relação aos que o novo cenário produziu.

O retorno consagra esses dois aspectos que carrega consigo e do qual é em grande parte, o produto: ele ilustra simultaneamente a relação que o emigrante estabelece com tudo aquilo de que se separou graças à sua emigração (a relação com o grupo e a relação com o espaço e o tempo próprios ao grupo, etc.), como também a relação que o imigrante mantém simultânea e correlatamente com a sociedade de imigração e com sua condição de imigrante. Na realidade, essa dupla relação é apenas a relação que cada um dos emigrantes-imigrantes estabelece consigo mesmo, uma encontrando na outra seu modo real de expressão e sua forma própria de objetivação. Tendo que viver na terra dos outros, entre eles e com eles, só se pode viver, mais ou menos aberta e profundamente, um pouco à sua maneira, em quase todas as esferas da existência; só se pode lhes dar a impressão de estar inteiramente disposto a viver com eles e, tanto quanto possível, o que não se diz frequentemente, à assimilá-los. Mas, ao mesmo tempo, e sem que haja a menor contradição, toma-se o cuidado de se persuadir e também de convencer uns e outros e, neste caso, mesmo aqueles entre os quais se é imigrante, que apesar de tudo se é fiel a si, às suas origens, conforme à sua identidade, a mobilização por este sentimento de fidelidade a si e de conformidade à sua identidade em contexto que parece levar, ao contrário, a rupturas, sendo evidentemente desiguais segundo os domínios – o investimento que se diria identitário não podendo ser o mesmo em toda a parte, em todos os lugares e tempos (SAYAD, 2000, p. 19).

Nesse sentido, Hall (2003), em estudo sobre as migrações internacionais de caribenhos em meados do século XX, afirma o caráter situacional das identidades desses migrantes internacionais, sendo a diáspora, ou seja, as migrações internacionais, resultante em múltiplas identidades, sendo a identidade “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou uma substância a ser examinada” (HALL, 2003, p. 15-16).

Dessa maneira, Hall (2000) acredita em uma crise de identidade favorecida pela globalização através das migrações internacionais, incidindo sobre as identidades nacionais através da compressão espaço-tempo e da aceleração dos processos globais, dando a entender que o mundo é menor do que se imagina, que as distâncias não são tão longas e que os eventos em um lado do mundo podem impactar diretamente sobre pessoas e lugares no outro lado do mundo. Dessa maneira, as migrações internacionais contribuem diretamente para a ascensão de identidades híbridas, sem ancoragem estável no mundo social.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2000, p. 75).

Em Itapuranga, essas transformações identitárias foram percebidas entre os filhos de agricultores familiares entrevistados, os quais retornaram diferentes de como migraram. Essa diferença resultou das vivências no exterior, onde acumularam muitos valores culturais diferenciados, sobretudo no âmbito socioeconômico. Ciro, quanto retornou a Itapuranga depois de sua imigração em Portugal, relatou como os familiares e amigos estranharam seu

comportamento, sendo que ele mesmo não notava essas diferenças apontadas pelos demais: “O pessoal até me achava estranho, porque é diferente, né. É outro tipo de vida, outro serviço, tudo... O meu irmão falava assim, parece que você tá estranho. É que são outras pessoas que você tá habituado de ver todo dia lá [Portugal], aí depois que você volta pra cá [Itapuranga]...” (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

De volta a Itapuranga, os migrantes internacionais estranharam aspectos sociais e econômicos, sobretudo, em relação à ação do tempo sobre os familiares e amigos e sobre as dificuldades salariais resultantes em dificuldades de consumo. Esses estranhamentos foram recorrentes nos relatos dos entrevistados.

Questão financeira, não. Eu falo assim, porque lá a gente trabalhava, ganhava, tudo que você queria você podia ir lá na hora e comprar. Aqui não, aqui você tem que esperar. [...] Mas aqui a gente estranha isso. Por isso, que muitas pessoas que vem embora não aguentam ficar e voltam. Você trabalha aqui um mês pra ganhar o que ganhava lá em uma semana. É difícil. Mas a gente vai acostumando com “os poucos” (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

As amizades depois de quatro anos já não eram mais as mesmas, a família diferente, pra mim foi muito difícil por causa disso que eu tava te falando. Você vale aquilo que tem e a gente não tinha trazido nada. E a nossa casa era sempre cheia de muitas pessoas, muitas amizades, porque a gente sempre tinha muito a oferecer, e aí a gente voltou desse jeito que eu tô te falando. Pra mim foi muito humilhante por que o que a gente tinha se proposto a fazer a gente fez, mas não sobrou nada. Sobrou que a gente veio e pode viver com dignidade, mas a gente teve que recomeçar tudo do nada. A minha sorte era que eu tinha o meu emprego, eu tinha saído em licença por interesse particular, voltei a trabalhar, dentro de dois meses voltei a trabalhar. Mas foi muito difícil, eu fiquei depressiva, adoeci, ficava internada quase toda a semana. E parece que nem a família não é mais a mesma. Até mesmo a família tem dessas coisas. [...] Eu não senti falta de lá. Eu sentia falta de ter alguma coisa. Porque quem ficou lá construiu alguma coisa. É que a vida aqui continuou, mas era como se eu tivesse parado (Angélica, 44 anos, informante-chave).

Segundo Bosi (2003), os dilemas e conflitos culturais vivenciados pelos migrantes retornados são sintetizados na complexa dualidade existente entre o enraizamento e o desenraizamento. Analisando as migrações internas de retorno de migrantes sazonais goianos, a autora afirma que

[...] o migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem. [...] Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão (BOSI, 2003, p. 176).

As migrações desenraizam e, segundo Bosi (2003, p. 178), “o desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura”. Algumas faces do desenraizamento foram visualizadas no depoimento de Olga, que vivenciou sua primeira migração internacional aos 27 anos, e hoje, com 50 anos, já passou por três migrações internacionais. Em seu depoimento, Olga demonstrou que as idas e vindas das migrações internacionais geram mesclas culturais que dificultam a identificação plena do migrante internacional, tanto na sociedade de emigração quanto na sociedade de imigração.

A primeira vez que voltei foi a coisa mais horrorosa do mundo. Eu tava morrendo de vontade de vim, mas quando cheguei em Goiânia deu aquele impacto visual, sai do aeroporto, tudo feio, feio, feio. Meu Deus, o que eu vim fazer aqui? Tava num lugar tão bonito. E daí quando eu fui com o pessoal pra roça, foi aquela festa, cerveja, o pessoal assando carne... E eu tentava alegrar com todo mundo, mas não estava alegre. Aí o povo ia embora e eu ficava lá: meu Deus, o que eu vou ficar fazendo aqui? De repente você começa a perder as raízes, né. Quando eu tava lá, bom era aqui. Aqui: ah, bom é lá. Então, eu migrei uma segunda vez, aí eu já tinha filho, aí quando eu vi que eu tava morrendo de vontade de voltar, com um sentimento de culpa enorme por ter deixado meu filho ainda pequeno, aí eu vi que bom mesmo é estar onde está a família da gente (Olga, 50 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Nesse sentido, considerando o desenraizamento ocasionado pelas migrações internacionais, os retornados não desconsideraram a possibilidade de migrar novamente. Em sua maioria, os entrevistados retornados contaram que gostariam, na verdade, não migrar, mas viajar com suas famílias para o exterior, dessa vez à lazer e não à trabalho, como fizeram anteriormente, como brincou Ciro: “Migrar de novo? Não! [risos]. Só se for a passeio. E com bastante dinheiro” (Ciro, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Entretanto, existem aqueles que não descartaram a possibilidade de uma nova migração internacional a trabalho, sobretudo se as condições socioeconômicas se agravarem. Muitos, inclusive, estão analisando essa possibilidade, que recorrentemente vem às suas mentes, como contado por Lídia a respeito do marido Afonso.

Ele queria, esses tempos atrás, ele queria. Disse que ia tentar o visto, não sei o que é que tem... E eu falei, eu não vou, não. Porque quando eu fui, nesse período que eu tava lá, você lembra aquele tanto de tio que eu perdi? Ele me disse que tava estranhando o calor daqui de Itapuranga! Calor! Sei! O calor do dinheiro, isso sim! [risos]. Se é pra ir embora por causa do calor, compra um ar condicionado que passa (Lídia, 36 anos, filha de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Além disso, os retornos também corroboraram a noção das migrações como ritos de passagens. Segundo Menezes (2012), em estudo sobre migrações sazonais de jovens

agricultores familiares, os migrantes partem como rapazes e retornam como homens. Em Itapuranga, isso ficou muito evidente na entrevista de Carlos, que em sua juventude migrou clandestinamente para os Estados Unidos, para longe da jovem esposa e do filho pequeno. Na entrevista, Carlos com 40 anos, retornado a Itapuranga para junto de sua família, quando questionado sobre os planos para o futuro, respondeu da seguinte maneira “é construir um pé-de-meia pra ficar velho e tranquilo” (Carlos, 40 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude), dando a entender o fim de sua juventude.

Assim, os retornos das migrações internacionais foram elementos muito importantes na passagem da vida de jovem para a vida de adulto. As migrações internacionais representaram experiências de maturidade e crescimento, condicionando os jovens a experiências que desenvolveram suas responsabilidades. Essas nuances foram evidenciadas no relato de Gabriel, que narrou a importância da migração para seu amadurecimento, tendo voltado considerando-se não mais um jovem, mas um homem feito.

Você vai pra lá e aprende quase na obrigação a dar mais valor as coisas, né. Ah, sei lá, a vida lá faz a gente mudar em muita coisa. Hoje às vezes eu penso, as vezes nem acredito que passei por aquilo ou fiz aquilo, entendeu? Se tivesse um pouquinho mais de cabeça antes de ir, às vezes não precisaria ter passado por certas situações, né (Gabriel, 31 anos, filho de agricultores familiares, migrante internacional na juventude).

Logo, as migrações internacionais entre os filhos de agricultores familiares itapuranguenses funcionaram como verdadeiros marcos em suas vidas, diferenciando jovens e adultos. Ainda emigrantes, os entrevistados saíram como jovens, contudo, ao se tornarem imigrantes internacionais, os mesmos foram, paulatinamente, transformados. Dessa maneira, os mesmos retornaram como adultos, sendo o retorno uma espécie de limite onde a vida adulta iniciou efetivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações internacionais contemporâneas vivenciadas entre os jovens rurais oriundos da agricultura familiar de Itapuranga, estado de Goiás, Brasil, revelaram muito sobre a situação encontrada no meio rural brasileiro e as transformações sucedidas nos últimos tempos. Quando abordados de maneira separada, os temas migrações internacionais, juventude rural e agricultura familiar por si só já se apresentaram complexos. Entretanto, quando interconectados, esses temas evidenciaram uma complexidade ainda maior.

Assim como a agricultura familiar é diversa e a juventude rural é heterogênea, também são multifacetadas as migrações internacionais contemporâneas atreladas às mesmas. Assinaladas com “idas e vindas”, as migrações internacionais entre os filhos de agricultores familiares exibiram natureza temporária, sendo constituídas através da emigração, da viagem, da imigração e do retorno. No entanto, nem todas as trajetórias migratórias internacionais foram organizadas segundo essa cronologia. Entre os itapuranguenses, existiram migrações internacionais interrompidas na viagem, com deportações, e outras encerradas na imigração, não existindo retorno. Sem contar que o retorno não necessariamente significou o encerramento das migrações internacionais, existindo filhos de agricultores familiares que reiniciaram o processo migratório internacional outras vezes, emigrando novamente.

Em Itapuranga, essas migrações internacionais encontraram um contexto com muitas condicionantes socioeconômicas favoráveis à sua ascensão. Acompanhando as novas tendências migratórias brasileiras engendradas desde a década de 1980, os itapuranguenses, em seguida, também começaram sua adesão às migrações internacionais. Essas, sem demora, se disseminaram no contexto da agricultura familiar em virtude da cultura de migração imbricada à mesma. As migrações se tornaram parte das trajetórias das famílias de agricultores, sobretudo entre os jovens rurais, constantemente em movimento. Ainda antes das migrações internacionais, os jovens rurais já vivenciavam migrações internas. Sendo assim, os mesmos não demoraram a vivenciar também esse “novo” processo migratório, intensificado ao início do século XXI.

Com as transformações ocorrentes no meio rural, muitas adversas à agricultura familiar, a cultura migratória condicionou cada vez mais a juventude rural a ir contraindo características migrantes, interferindo sobre seus processos de socialização. Assim, em décadas anteriores os jovens rurais eram socializados no âmbito rural, com suas famílias e

comunidades, através do trabalho. Sem interferências externas, os mesmos tendiam a se tornar agricultores, assim como seus familiares. Dessa maneira, existiu na agricultura familiar de Itapuranga uma juventude rural marcadamente “local”.

Com a modernização, muitas transformações aconteceram e as migrações internas entre os jovens rurais oriundos da agricultura familiar se iniciaram. Além disso, a ascensão da escola como um importante meio de socialização, associada com os adventos tecnológicos no âmbito da agricultura, dos transportes, da comunicação e da informação, atenuaram as diferenças entre os jovens urbanos e os jovens rurais. Nesse sentido, a globalização acentuou as transformações no meio rural e na agricultura familiar, favorecendo as migrações internacionais ao colocar ao alcance dos jovens rurais os valores juvenis considerados comuns em todo o mundo, configurando uma juventude rural “global”. Assim, o estudo revelou uma influência massiva da globalização nas áreas rurais, anteriormente consideradas isoladas e imunes a essas influências externas, pois o surgimento das migrações internacionais mostrou a atuação da globalização até mesmo nessas áreas.

Não obstante, inúmeras outras condicionantes socioeconômicas colaboraram na disseminação das migrações internacionais entre os jovens rurais, sendo muitas delas as mesmas condicionantes relativas anteriormente às migrações internas. Contudo, ainda outras condicionantes socioeconômicas foram acrescidas nesse emaranhado, alargando o horizonte migratório, antes restrito ao nível interno, agora ao nível internacional. Entretanto, migrações internas e migrações internacionais tiveram em comum as escassas condicionantes à continuação dos jovens rurais na agricultura familiar de Itapuranga, considerada imprópria para a reprodução social e autonomia dos mesmos. Assim, no âmago das condicionantes incentivadoras das migrações internacionais se encontrou a crise da agricultura familiar, desestabilizando de diversas maneiras suas colunas de sustentação: terra, trabalho e família.

Excedendo o âmbito da agricultura familiar, também as precárias condições de educação e de trabalho encontradas no contexto regional, associadas com a valorização das moedas estrangeiras no contexto nacional e a estruturação de redes migratórias de cunho pessoal e institucional no contexto internacional, tornaram essas migrações uma nova alternativa de reprodução social e autonomia aos jovens rurais itapuranguenses. Logo, as migrações internacionais como trajetórias sociais iniciaram muito antes da “migração” propriamente dita, envolvendo uma série de configurações que convergiram em torno das mesmas, alavancando-as.

As emigrações dos filhos de agricultores familiares estiveram sustentadas em projetos migratórios internacionais consistentes em “migrar, trabalhar, economizar, retornar e

investir”, e assim melhorar suas condições de vida. Dessa maneira, ainda na emigração, as migrações internacionais foram idealizadas como temporárias: os retornos estavam antevistos. No entanto, essa natureza temporária associada com as motivações socioeconômicas inerentes às migrações internacionais, também indicaram a vulnerabilidade característica dos jovens rurais no âmbito da agricultura familiar: um inconveniente antigo, ainda não solucionado, encontrado entre as maiores inquietações de mediadores sociais, como os extensionistas rurais.

Assim como outras estratégias comuns entre os agricultores, essas migrações internacionais exibiram caráter familiar. Os pais estiveram envolvidos nas migrações internacionais dos filhos na medida em que não conseguiram auxiliá-los a concretizar os seus projetos de reprodução social e autonomia sem migrar, ou seja, continuando seus trabalhos na agricultura familiar e suas vidas no meio rural.

A vulnerabilidade vivenciada pelos jovens rurais itapuranguenses ainda na emigração, se tornou mais incisiva nas fases migratórias internacionais seguintes, como na viagem. De maneira contraditória, a globalização causou, concomitantemente, incentivos e obstáculos às migrações internacionais. Embora tenha suscitado condicionantes socioeconômicas convergentes às mesmas, também ascendeu embaraços em suas concretizações, resultando nas migrações internacionais indocumentadas e suas vulnerabilidades inerentes, manifestadas, sobretudo, durante as viagens.

As rotas migratórias utilizadas nas migrações internacionais indocumentadas estiveram relacionadas com os vistos e as nações. Em síntese, as migrações com vistos concedidos, rumo ao continente americano ou europeu foram realizadas através de uma rota migratória considerada “legal”, via aérea. Já as migrações com vistos negados, rumo aos Estados Unidos, foram concretizadas somente através da rota “ilegal”, envolvendo uma travessia terrestre no México, mediada através de redes migratórias institucionais consideradas criminosas.

Sem dúvida, nas viagens através da rota mexicana existiram mais riscos, sobretudo nas travessias terrestres. Todavia, essas viagens se mostraram comuns entre os jovens rurais itapuranguenses. As suas situações socioeconômicas vulneráveis, responsáveis pelas migrações internacionais, muitas vezes resultaram em vistos negados, deixando os mesmos sem alternativa, a não ser viajar através da rota migratória mexicana, sendo essa uma grande contradição.

Mesmo conscientes das redes criminosas envolvidas na rota mexicana, muitos utilizaram e continuarão utilizando a mesma, colocando em risco suas integridades físicas e

morais e até mesmo suas vidas. Na realidade, essas redes sociais criminosas se mostraram essenciais em muitos casos, sendo encontrados até mesmo familiares de agricultores itapuranguenses especializados nas travessias clandestinas de migrantes internacionais, o que se tornou um “negócio” muito lucrativo.

As rotas anteriormente mencionadas foram diferenciadas, mas em comum evidenciaram a vulnerabilidade dos itapuranguenses em suas condições de jovens, de rurais, de migrantes e, ainda, de indocumentados. Nas entrevistas nos consulados, nos acessos nos guichês de imigração, nos cruzamentos de fronteiras, nas negociações com os coiotes, e em outras situações características dessas viagens, os jovens rurais se viram sozinhos, confrontados com a alteridade característica de inúmeros “outros” desconhecidos, em ambientes e em situações nunca antes vivenciados, totalmente avessos aos seus princípios morais de honra e hierarquia adquiridos no âmbito da agricultura familiar.

Consistentes em partidas, travessias e chegadas, as viagens envolveram não somente a nação de origem e as nações de destino das migrações internacionais, mas até mesmo nações intermediárias constituintes das rotas migratórias utilizadas. Nesse sentido, a responsabilidade em relação às rotas migratórias internacionais regulares e seguras aos movimentos dessa juventude rural “global” deve recair a todas essas nações envolvidas, excedendo o âmbito rural de onde os migrantes são originários.

A criação de rotas migratórias internacionais regulares seria uma alternativa muito interessante, reduzindo os riscos e vulnerabilidades atinentes aos migrantes e estancando a evolução do crime organizado envolvido nessas migrações internacionais indocumentadas, que já invadiu até mesmo o contexto da agricultura familiar em Itapuranga. Concomitantemente, esses canais migratórios regulares acolheriam a livre circulação humana, assim como a globalização tem facilitado a livre circulação de mercadorias, auxiliando e resguardando os migrantes internacionais de uma maneira que suas redes migratórias pessoais não têm conseguido.

As nações mais procuradas entre os jovens rurais de Itapuranga têm sido os Estados Unidos, Portugal, Espanha, Reino Unido, Itália, Japão, Alemanha, Suíça, França e Bélgica. Nessas nações, os mesmos residiram em centros urbanos muito diferentes da realidade itapuranguense. Nesse sentido, a imigração em si acabou contribuindo no surgimento de antagonismos entre a realidade urbana internacional e a realidade rural nacional. Assim, a realidade imigratória foi considerada “melhor” se comparada com a realidade emigratória, em razão das novidades encontradas. Todavia, o “custo” do alcance da reprodução social e da

autonomia na sociedade de imigração acabou tão alto quanto teria sido na sociedade de emigração, mas de outras maneiras.

Nesse “custo”, constaram os estranhamentos vivenciados nas sociedades de imigração e as dificuldades decorrentes dos mesmos, envolvendo alimentação, idioma, sociabilidade e ambiente, em termos naturais e antrópicos. No enfrentamento desses estranhamentos, as redes migratórias constituídas com familiares, amigos e conhecidos, também imigrantes, foram importantes, auxiliando na acomodação primária no que tange moradia e trabalho.

Quanto ao trabalho, considerado básico na imigração, o mesmo foi tão ou até mais árduo do que o trabalho na agricultura familiar, em razão das condições indocumentadas dos migrantes internacionais. Certamente, no contexto da agricultura familiar ou até mesmo em outras ocupações urbanas no âmbito nacional, muitos não teriam aceitado as condições de trabalho em que foram submetidos no exterior.

Todavia, em virtude de todo o esforço coletivo e individual exercido em torno das migrações internacionais e, também, da necessidade de alcançar os ideais socioeconômicos e então retornar o mais rápido possível ao Brasil, os migrantes internacionais simplesmente se sujeitaram as terríveis condições de trabalho oferecidas, com remunerações ruins e horários exaustivos, como na faxina doméstica e na construção civil. Para efetivar seus projetos migratórios internacionais, sobretudo em relação ao “economizar”, os mesmos tiveram de se inserir em mais de um emprego ao mesmo tempo, vivenciando jornadas de trabalho de até mais de 12 horas.

Não obstante, esses jovens rurais também tiveram de morar com outros imigrantes com o intuito de reduzir custos e tornar mais viável a economia. Assim, levaram uma vida muito modesta durante a imigração, sendo dependentes da solidariedade de outros migrantes encontrados em situações semelhantes.

Em virtude desse cenário de trabalho intenso e muitas agruras econômicas, os filhos de agricultores familiares não tiveram condições de aproveitar o tempo de imigração para estudar. Embora tenham iniciado cursos de idiomas, não os concluíram. Esse é um ponto muito interessante, que contribuiu para revelar a invisibilidade dos jovens rurais nos estudos sobre as migrações internacionais contemporâneas. Nos estudos sobre juventude e migrações internacionais, a escolarização dos jovens no exterior se tornou um tema recorrente. Todavia, o mesmo não se mostrou um tema relativo à juventude rural, tendo em vista que as suas migrações internacionais foram estratégias distintas, e que os jovens rurais não foram encontrados nas escolas e nas universidades no exterior. Essa, assim como outras singularidades encontradas nas trajetórias migratórias internacionais dos jovens rurais,

mostraram os mesmos inseridos em uma espécie de “vazio científico” em relação às migrações internacionais, situados entre o ser e o não ser social.

Ainda em relação à imigração, vale reiterar a existência de filhas de agricultores familiares itapuranguenses que trabalharam no exterior como prostitutas, sobretudo na Espanha. Essa realidade apresentou-se totalmente avessa à socialização dessas moças na agricultura familiar de Itapuranga, onde receberam valores morais rígidos e conservadores. Nesse sentido, a existência de prostitutas entre essas moças rurais evidenciou a imigração como causadora de sérias transformações em seus valores culturais originais. Esses novos valores culturais, intensamente repudiados no contexto da agricultura familiar, contribuíram para a invisibilidade dessas moças rurais, como se as suas imigrações com fins de prostituição não existissem.

Ainda, a imigração também consistiu em grande desafio em relação à sociabilidade, tão característica da juventude. Os migrantes internacionais vivenciaram situações xenofóbicas com os estrangeiros, bem como sérios embaraços em seus relacionamentos com outros migrantes brasileiros, sobretudo no âmbito do trabalho, onde a competição era extremamente acirrada. Em virtude disso, a imigração desestruturou suas sociabilidades, ascendendo o sentimento de solidão entre os mesmos e acentuando os “custos” dessa imigração. Em razão dessas sociabilidades escassas, os migrantes internacionais se comunicaram constantemente com os familiares e amigos remanescentes no Brasil, ansiosos em retornar.

Nesse sentido, a imigração possibilitou “economizar”, mas a realidade encontrada acabou sendo muito diferente do esperado e essa “economia” se tornou cara, inclusive em termos pessoais e sociais. Se os filhos de agricultores familiares tivessem continuado no Brasil e trabalhado com a mesma intensidade (na agricultura familiar ou em outras ocupações), não teriam conseguido economizar também, evitando muitos desses constrangimentos?

Em síntese, esses migrantes internacionais permaneceram de dois a três anos no exterior (existindo, no entanto, imigrações de até oito anos), retornando em seguida. Os retornos estiveram condicionados à concretização dos projetos migratórios internacionais. Dessa maneira, os retornos ocorreram em virtude de rendimentos decrescentes, sendo esses remetentes ao auge socioeconômico da imigração, onde não existia mais como aumentar “as melhorias”. Esses rendimentos decrescentes envolveram a crise econômica internacional, a estabilização da economia brasileira, a desvalorização das moedas estrangeiras, a saudade da família no Brasil e o avanço da idade dos migrantes no exterior.

Contudo, retornar sem ter economizado não foi uma atitude aceita entre os agricultores familiares de Itapuranga. Os casos em que os migrantes internacionais retornam sem ter conseguido efetivar seus projetos migratórios internacionais foram estigmatizados como verdadeiros fracassos. Em Itapuranga, as migrações internacionais de sucesso envolveram retornos com economias suficientes para construir uma casa ou até abrir um negócio. Nesse sentido, “retornar” não foi necessariamente sinônimo de “fracassar”.

Além disso, embora essas migrações internacionais, de certa maneira, tenham contribuído para o cenário contemporâneo de uma agricultura familiar esvaziada, envelhecida e masculinizada, não se pode atribuir as mesmas uma conotação negativa. Mesmo que as migrações internacionais tenham afastado muitos jovens do meio rural e da agricultura familiar, as mesmas também representaram uma estratégia de reprodução social e de autonomia diferenciada, que nem todos encontrariam se tivessem continuado onde estavam, sem migrar internacionalmente.

Nesse sentido, muitos não regressaram e outros regressaram e se tornaram moradores e trabalhadores urbanos, mas outros regressaram e ressignificaram seus vínculos com o meio rural e com a agricultura familiar e, também, suas próprias identidades, evidenciando como as migrações internacionais favoreceram a ascensão das novas ruralidades. Em Itapuranga, foram encontrados migrantes internacionais retornados que voltaram a residir no meio rural e trabalhar na agricultura familiar, assim como também foram encontrados migrantes internacionais que foram residir no meio urbano e continuaram trabalhando na agricultura familiar. Sem contar a existência de um caso de um informante-chave que não era de origem rural e não tinha vínculos com a agricultura familiar e que, após sua migração internacional, com seu retorno, tornou-se não somente morador rural, mas também agricultor familiar.

Sendo assim, em muitos casos, a reprodução social e a autonomia alcançadas através do incremento econômico possibilitado por essas migrações internacionais, permitiram que muitos pudessem manter seus vínculos com o meio rural e com a agricultura familiar. Portanto, as migrações internacionais estiveram longe de ser movimentos unidirecionais, sendo caracterizadas por inúmeras idas e vindas. Embora durante a imigração os migrantes tenham vivenciado situações onde as carências existentes entre meio rural e meio urbano foram acentuadas, com o retorno, os mesmos reelaboraram suas intuições sobre esses universos, aproximando-os e, conseqüentemente, agregando ainda mais diversidade à agricultura familiar.

Contudo, assim como os migrantes vivenciaram estranhamentos na imigração, os mesmos também vivenciaram estranhamentos no retorno, influentes sobre suas identidades.

Nesse sentido, a sociabilidade, escassa na imigração, no retorno se tornou estendida, agregando não somente os familiares e amigos reencontrados na sociedade de emigração, mas os amigos deixados na sociedade de imigração. Os migrantes internacionais retornados se sentiram desenraizados, como se nenhum lugar no mundo lhes coubesse verdadeiramente. Assim, os mesmos ainda se sentiram vivendo em um estado de provisoriedade, sendo que muitas vezes tinham vontade de emigrar novamente ou, simplesmente, viajar.

Esse hibridismo identitário acentuado com os retornos, também se manifesta em virtude de outra transformação de extrema importância: a sinalização do encerramento da juventude. Em Itapuranga, os migrantes internacionais oriundos da agricultura familiar emigraram e viajaram jovens, mas foram amadurecendo durante a imigração e retornaram como adultos. Essa transição se deu não somente em razão da idade aumentada ao longo dos processos migratórios internacionais, mas também em virtude das condições de reprodução social e de autonomia contraídas durante os mesmos. Desse modo, as migrações internacionais contemporâneas estudadas entre os filhos de agricultores familiares itapuranguenses coincidiram e auxiliaram na transição da condição social de “jovens” para “adultos”. As mesmas foram essenciais para que os mesmos pudessem iniciar suas vidas como adultos no contexto de Itapuranga.

Para encerrar, comenta-se, ainda, que o surgimento das migrações internacionais, até então desconhecidas no âmbito da agricultura familiar, contribuíram para o rompimento da compreensão universalizante de juventude rural, indicando novos modos de vivenciar a juventude nessa realidade. Ao vivenciar as migrações internacionais, a juventude rural trouxe à tona singularidades ainda inexploradas.

As migrações internacionais tornaram mais incidentes e mais intensas as crises de identidade dos jovens rurais, caracterizadas por apropriações, expropriações e ressignificações de seus projetos juvenis, internacionalizando essa juventude anteriormente localizada, ampliando ainda mais os horizontes sociais desses jovens que já se mostraram pouco estimulados a permanecer no âmbito da agricultura familiar anteriormente, através das migrações internas.

Considerando que muitas vivências foram frutos da “falta de alternativas” encontradas pelos filhos de agricultores familiares ao longo de suas trajetórias como migrantes internacionais, não somente na emigração, mas também na viagem, na imigração e até mesmo no retorno, são necessárias políticas públicas específicas pautadas por uma visão holística, capazes de garantir os direitos dos jovens rurais migrantes internacionais, políticas que incorporem as múltiplas dimensões da realidade migratória, tais como trabalho, segurança,

saúde, educação, gênero, combate ao racismo, moradia, participação política, respeito à diversidade, sem perder de vista as singularidades da juventude no âmbito da agricultura familiar. Sendo assim, não somente os jovens devem ser atendidos por essas políticas, mas também seus familiares, sendo as migrações internacionais de natureza coletiva, envolvendo não somente os que partem, mas também os que ficam.

Nesse sentido, se torna necessária a atualização dos mediadores sociais envolvidos nesses processos migratórios internacionais, inclusive os extensionistas rurais, os quais necessitam ser mais capacitados para a criação de oportunidades diferenciadas para os jovens no cenário rural e no âmbito da agricultura familiar, as quais sejam capazes de prover condições para que estes se reproduzam socialmente no meio rural, sem a necessidade de empreender migrações internacionais ou internas, mas, também, sem restringir sua mobilidade e seu direito de ir e vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; PINHEIRO, Leonardo de Castro; LIMA, Fabiano de Sousa; MARTINELLI, Cláudia da Costa. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**. Brasília: Unesco, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

ABRAMOVAY, Ricardo. (Org.). **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ABRAMOVAY, Ricardo. Juventude rural: ampliando as oportunidades. **Raízes da Terra**, Brasília, v. 01, n. 01, s./p., abr. 2005. Disponível em: <www.usp.br/feaecon/.../juventude_rural_ampliando_oportunidades.pdf>. Acesso em: 13 out. 2014.

ALMEIDA, Maria Geralda de. As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). **Territorialidades na América Latina**. Goiânia: Editora da UFG, 2009. p. 208-218.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo – as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 219-250, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200011>. Acesso em: 07 set. 2014.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson César de. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 01, n. 02, p. 80-99, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/viewArticle/1834>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

BOSI, Ecléa. O que é desenraizamento? In: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 175-184

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998b. p. 9-12.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2**: por um movimento social europeu. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século – Edições, 2003. p. 151-162.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Casa de Escola**. Campinas: Papirus, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. RAMALHO, José Ricardo Garcia Pereira. **Campesinato goiano**: três estudos. Goiânia: Editora da UFG, 1986.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 205-227, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>>. Acesso em: 12 out. 2014.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Brasília, v. 05, n. 02, p. 45-65, 1998. Disponível em: <www.rebep.org.br/index.php/revista/article/download/404/pdf_380>. Acesso em: 12 out. 2014.

CAMPOS, Marden Barbosa. Reversão do saldo migratório internacional negativo do Brasil? Evidências preliminares com base nos dados do Censo de 2010. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 121, p. 189-200, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/428>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em:

<<http://r1.ufrrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/viewFile/135/131>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 97-117.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, v. 09, p. 22-55, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8602.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

CARVALHO, Simone Pereira de; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Agricultura familiar e agroindústria canavieira: impasses sociais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 49, n. 03, p. 681-708, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v49n3/a07v49n3.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 07, n. 01, p. 179-208, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692-715X2009000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CAUME, David José. **A agricultura familiar no Estado de Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

CERNADAS, Pablo Ceriani; GARCÍA, Lila; SALAS, Ana Gómez. Niñez y adolescencia en el contexto de la migración: principios, avances y desafíos en la protección de sus derechos en América Latina y el Caribe. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 22, n. 42, p. 09-28, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/429>>. Acesso em: 07 set. 2014.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; RODRIGUES, Uelinton Barbosa. Conflitos sociais da migração internacional: narrativas de migrantes goianos no além-mar. **Revista Territorial**, Goiás, v. 02, n. 01, p. 69-89, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/territorial/article/view/2245/1303>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

CHIDIAC, Elie. Migrações e relações internacionais: entrevista a Elie Chidiac, Secretário de Assuntos Internacionais do Governo do Estado de Goiás. **Revista UFG**, Goiânia, v. 13, n. 10, jul. 2011. Disponível em:

<http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos_pdf/migracoes_relacoes_internacionais.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2014.

COSTA JR.; Ciro Lucas de; FIGUEIREDO, Eliete. **A emigração em Itapuranga nas décadas de 1980 e 1990**. 2003. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga, 2003.

CRISTINI, Flávia. Famílias fazem apelo para enterrar, em Minas, jovens mortos no México. **G1 Minas Gerais**, Belo Horizonte, 17 set. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2010/09/familias-fazem-apelo-para-enterrar-em-minas-jovens-mortos-no-mexico.html>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (Org.). **Psicologia, E/Imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 135-164. Disponível em: <books.google.com.br/books?isbn=8573963069>. Acesso em: 05 nov. 2014.

DREBES, Laila Mayara; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Infância e trabalho na agricultura familiar: transmissão de saberes em um contexto de transformações legislativas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 4., 2014, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/arquivosgts/GT%2001/5.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

DURAND, Jorge. Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 14, n. 26-27, p. 167-189, 2006. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/40>>. Acesso em: 27 out. 2014.

DURSTON, John. Estrategias de vida de los jóvenes rurales en América Latina. In: COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Juventud rural, modernidad y democracia en América Latina**. Santiago do Chile: CEPAL, 1996. Disponível em: <<http://repositorio.cepal.org/handle/11362/19631>>. Acesso em: 05 set. 2014.

DURSTON, John. **Juventud y desarrollo rural**: marco conceptual y contextual. CEPAL: Santiago do Chile, 1998. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/6257/S9800085_es.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 jan. 2015.

ESTADÃO. Brasileira pode ser enterrada como indigente no México. **Estadão**, São Paulo, 27 ago. 2001. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,brasileira-pode-ser-enterrada-como-indigente-no-mexico,20010827p33159>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

FARIAS, Eduardo Silva; SANTOS, Synara Vanessa de Oliveira. **Migrações**: um estudo de caso sobre as idas e vindas na urdidura do processo migratório de itapuranguenses para os Estados Unidos 2000-2009. 2009. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga, 2009.

FARRELL, Maura; MAHON, Marie; MCDONAGH, John. The rural as a return migration destination. **European Countryside**, Brno, v. 04, n. 01, p. 31-44, 2012. Disponível em: <<http://www.degruyter.com/view/j/euco.2012.4.issue-1/v10091-012-0012-9/v10091-012-0012-9.xml?format=INT>>. Acesso em: 02 out. 2014.

FAZITO, Dimitri; RIOS NETO, Eduardo Luiz Gonçalves. Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercidos pelas agências de turismo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 25, n. 02, p. 305-323, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982008000200007>. Acesso em: 23 set. 2014.

FEIXA, Carles. Púberes, efebos, mozos y muchachos: la juventud como construcción social. In: JIMENEZ, María Angeles López (Org.). **Juventud y sociedad**: del neolítico al neón: crisis social. Zaragoza: Servicio de Juventud del Ayuntamiento de Zaragoza, 1990.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**: antropología de la juventud. Barcelona: Editora Ariel, 1998.

FEIXA, Carles. Generación @: la juventud en la era digital. **Nómadas**, Colômbia, n. 13, p. 75-91, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105115264007>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

FEIXA, Carles (Org.). **Jóvenes “latinos” en Barcelona**: espacio público y cultura urbana. Rubi: Anthropos Editorial; Barcelona: Adjuntament de Barcelona, 2006.

FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. **Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 31, p. 13-28, set. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6818>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria Consolação de. Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**,

Brasília, v. 21, n. 41, p. 99-116, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 out. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. EUA oferecem ajuda para investigar chacina no México: 20 corpos são identificados. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/789748-eua-oferecem-ajuda-para-investigar-chacina-no-mexico-20-corpos-sao-identificados.shtml>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

FÓRUM GOIANO DE MULHERES. **Dossiê de mulheres de Goiás para a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre a violência contra as mulheres**. FMG: Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20339.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2014.

FUSCO, Wilson. **Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares**. 2000. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicambr/document/?code=vtls000220589&fd=y>>. Acesso em: 04 set. 2014.

FUSCO, Wilson. **Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. 2005. 153 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000350094>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

FUSCO, Wilson; SOUCHAUD, Sylvain. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. **Confins**, São Paulo, n. 09, s/p., 2010. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6469?lang=pt#quotation>>. Acesso em: 28 out. 2014.

GARCIA JR. Afrânio Raul. **O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora UnB, 1989.

GARCIA, Loreley. Moças de família: trajetórias de resistência da prostituição juvenil em áreas rurais e indígenas na Paraíba. In: FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386612801_ARQUIVO_Loreley_Garcia.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.

GAVIRIA, Margarita Rosa; MENASCHE, Renata. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo.

Estudo e Debate, Lajeado, v. 13, n. 01, p. 69-82, 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/526.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

GMELCH, George. Return migration. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 09, p. 135-159, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2155732?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104626624221>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

GRISA, Cátia; SCHNEIDER, Sérgio. “Plantar pro gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 46, n. 02, p. 481-515, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032008000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 dez. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre o tema no exterior. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 25-50.

HUGO, Graeme. Migrações internacionais não-documentadas: uma tendência global crescente. **Travessia**, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 05-12, jan./abr. 1998.

IANNI, Octavio. Uma longa viagem. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 01, p. 153-166, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12421>>. Acesso em: 17 set. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1970**. 1970. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1980**. 1980. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1991**. 1991. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário**. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

JESUS, Sonia Melo de. Protagonistas de um Brasil imaginário: faxineiras brasileiras em Boston. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 99-114.

JURADO, Claudia; TOBASURA, Isaías. Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: campo o ciudad? **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez e Juventud**, Manizales, v. 10, n. 01, p. 63-77, 2012. Disponível em: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/581/314>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

KESSLER, Gabriel. **Estado del arte de la investigación sobre juventud rural en América Latina**. 2005. Disponível em: <<http://rafaelmesenvega.files.wordpress.com/2012/03/tema20del20mes20enero.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

LAOIRE, Caitríona Ní. The ‘green, green grass of home’? Return migration to rural Ireland. **Journal of Rural Studies**, Philadelphia, n. 23, p. 332-344, 2007. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0743016707000083>>. Acesso em: 02 out. 2014.

LÉON, Rubén Hernández. La industria de la migración en el sistema migratorio México-Estados Unidos. **Travaux et Recherches dans les Amériques du Centre**, México, n. 61, p. 41-61, 2012. Disponível em: <<http://www.minorimigranti.org/EAT/doc/Hernandez%20Leon%20%20Industria%20de%20la%20migracion%20sin%20correcciones.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.

LUNARDI, Vera Lúcia. **A organização dos trabalhadores rurais (sindicato, associação, cooperativa) e a agricultura familiar: uma reflexão sobre o Estado de Goiás**. 1999. 161 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MALDONADO, René; HAYEM, Maria Luisa. **Las remesas a América Latina y el Caribe en 2013: aún sin alcanzar niveles de pre-crisis**. Washington: FOMIN, 2014. Disponível em:

<<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getDocument.aspx?DOCNUM=38842219>>. Acesso em: 03 dez. 2014.

MARGOLIS, Maxine. A New Ingredient in the “Melting Pot”: Brazilians in New York City. **City & Society**, Arlington, v. 03, n. 02, p. 179-187, 1989.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City**. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MARGOLIS, Maxine. **Goodbye Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Crianças do trabalho**. Goiânia: Editora UFG; Brasília: Plano Editora, 2005.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Trabalho infantil: necessidade, valor e exclusão social**. Brasília: Plano Editora; Goiânia: Editora UFG, 2006.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. A socialização das meninas trabalhadoras. **Antropolítica**, Niterói, n. 24, p. 165-193, 2008.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Juventud rural: una invención del capitalismo industrial. **Estudios sociológicos**, México, v. 27, n. 80, p. 619-653, 2009. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=59820676009>. Acesso em: 22 jul. 2013.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Em Marcha para Oeste: travessias de camponeses. In: MARIN, Joel Orlando Bevilaqua; NEVES, Delma Pessanha (Org.). **Campesinato e Marcha para Oeste**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013a. p. 251-292

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. A transição agroecológica na Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga (COOPERAFI), Goiás. In: FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de; OLIVEIRA, Euclides Roiter de; FAISTING, André Luiz (Org.). **Experiências interdisciplinares para a construção de conhecimentos solidários**. Dourados: Editora UFGD, 2013b. p. 205-227

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua; FEIXA, Carles Pàmpols; NIN, Roser Blanco. Jóvenes inmigrados en Lleida-Cataluña, España: transiciones escolares y laborales en un contexto de crisis. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 11, n. 02, p. 493-514, 2013. Disponível em: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/931/438>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua; NEVES, Delma Pessanha (Org.). **Campesinato e Marcha para Oeste**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 41-54, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200004>. Acesso em: 03 dez. 2014.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século XXI. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 03, p. 03-22, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300001&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 set. 2014.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. Migrações temporárias, problema para quem? In: MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003a. p.39-47

MARTINS, José de Souza. O problema das migrações e da exclusão social no limiar do terceiro milênio. In: MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003b. p.119-137.

MARTINS, José de Souza. A vida entre parênteses: migrações internas no mundo contemporâneo. In: MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003c. p.139-150.

MASSEY, Douglas et al. Theories of International Migration: a review and appraisal, **Population and Development Review**, New York, v. 19, n. 03, p. 431-466, set. 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2938462?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104123567201>>. Acesso em: 04 set. 2014.

MATOS, Glays Rodrigues; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Agricultores familiares e sistemas de produção de frutas em Itapuranga, Goiás. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, Goiânia, v. 39, n. 03, p. 197-206, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/pat/article/view/4096/5268>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

MENASCHE, Renata; MARQUES, Flávia Charão; ZANETTI, Cândida. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista de Nutrição**, Campinas, n. 21, p. 145-158, jul./ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732008000700013&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 dez. 2014.

MENEZES, Marilda Aparecida de (Org.). **Histórias de migrantes**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Família, juventude e migrações. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 23, n. 01, p. 113-136, 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/view/247/169>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

MOTA, Katia Maria Santos. O tripé identidade, língua e nação nas falas de jovens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 02, p. 309-322, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a03v47n2.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Diplomacia Consular, 2007 a 2012**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **Faculdades femininas e saberes rurais: uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás**. São Paulo: FFLCH/ USP, 2008. Disponível em: <http://spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/DA_SILVANA_INTEGRAL.PDF>. Acesso em: 23 out. 2014.

NAVAZ, Liliana Suárez. Un nuevo actor migratorio: jóvenes, rutas y ritos juveniles transnacionales. In: OLMOS, Francisco Checa; ARJONA, Angeles; OLMOS, Juan Carlos Checa. **Menores tras la frontera: otra inmigración que aguarda**. Barcelona: Icaria, 2006. p. 17-50.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: quantos ancoradouros! In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros; SUZUKI, Julio César. (Org.). **Geografia Agrária: teoria e poder**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 211-270.

OANDA CORPORATION. **Histórico taxas de câmbio**. 2014. Disponível em: <<http://www.oanda.com/lang/pt/currency/historical-rates/>>. Acesso em: 04 set. 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu. Um panorama da migração internacional a partir do Censo Demográfico de 2010. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n.

40, p. 195-210, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 out. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **International Migration and Development**. United States: General Assembly, 2013. Disponível em: <http://www.un.org/esa/population/migration/ga/SG_Report_A_68_190.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2014.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 03, p. 23-33, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 jan. 2014.

PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração? **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 24, p. 65-96, 2011. Disponível em: <http://lnx.scalabriniane.org/smr/wp-content/uploads/2013/09/livro_migracoes.pdf#page=360>. Acesso em: 31 jan. 2015.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p. 343-366. Disponível em: <http://www.contabeis.ufpe.br/fagesufpe/images/documentos/Livros_Fages/genero%20e%20gera_o%20em%20contextos%20rurais.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.

PEREIRA, José Carlos Alves. Da migração nacional à internacional: enredos e desenredos de jovens rurais na agricultura familiar. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Org.). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 149-166.

PEREIRA, José Carlos Alves. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. 2012. 298 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000905145>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

PEREIRA, Juliana dos Santos. **As meninas do pequi fora do Sertão:** goianas imigrantes em Lisboa. 2009. 83 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural) – Universidade

de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/298>>. Acesso em: 22 set. 2014.

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e dos Estados Unidos. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 117-138, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 out. 2014.

PIRES, Aline Silva; GALVÃO, Denise Lúcia Camatari. Tráfico de pessoas e tráfico ilícito de migrantes: os direitos individuais das pessoas em mobilidade. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 476-485, 2008. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/130>>. Acesso em: 23 set. 2014.

PISCITELLI, Adriana. Sujeição ou subversão: migrantes brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 01, n. 35, p. 13-55, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19060/10247>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 03, p. 717-744, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300014>. Acesso em: 28 jan. 2015.

POMBO, María Dolores París. Vulnerabilidad de jóvenes migrantes en el cruce indocumentado de la frontera México-Estados Unidos. **Travaux et Recherches dans les Amériques du Centre**, México, n. 62, p. 21-35, 2012. Disponível em: <<http://trace.revues.org/1069>>. Acesso em: 07 set. 2014.

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, p. 229-256, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a08>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

PÓVOA NETO, Helion. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 25-39, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2014.

RENK, Arlene; CABRAL JR., Vilson. Campesinidade e migração internacional: novas estratégias dos jovens rurais do Oeste Catarinense. **Esboços**, Florianópolis, v. 10, n. 10, p. 09-

28, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/385>>. Acesso em: 05 set. 2014.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SALES, Teresa. Novos fluxos da população brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 08, n. 01-02, p. 21-32, jan./dez. 1991. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol8_n1_2_1991/vol8_n1e2_1991_2artigo_21_32.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SALES, Teresa. Brasil migrante, Brasil clandestino. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 08, n. 01, p. 107-115, jan./mar. 1994. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n01/v08n01_13.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. Les trois “âges” de l’émigration algérienne en France. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 15, v. 15, p. 59-79, jun. 1977. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_03355322_1977_num_15_1_2_561>. Acesso em: 22 ago. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, São Paulo, v.13, n. especial, p. 03-32, jan. 2000.

SCHNEIDER, Sérgio. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 06, n. 11, p. 88-125, jan./jun.2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19820/000430314.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: EdUFSCar, 2005. p. 53-86.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Experiência e memória na bagagem dos caminhantes da terra. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 01, n. 49, p. 35-64, jul./dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/19/11>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SILVA, Reijane Pinheiro da. **O sertanejo além-mar: identidade regional e imigração goiana na República da Irlanda**. 2011. 294f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49100>>. Acesso em: 22 set. 2014.

SILVA, Valtuir Moreira da. **Itapuranga e a (re)invenção da história**. Goiânia: Editora Vieira, 2008.

SILVESTRO, Milton Luiz. (Org.). **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD/MDA, 2001.

SIQUEIRA, Sueli. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Paris, s./n, s./v., s./p., 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/5973>>. Acesso em: 30 out. 2014.

SIQUEIRA, Sueli. O retorno motivado pela crise na economia norte americana. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 01, n. 02, p. 64-79, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338130371005>>. Acesso em: 30 out. 2014.

SOARES, Weber. A emigração valadarensense à luz dos fundamentos teóricos da análise das redes sociais. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 231-261

SPANEVELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16024>>. Acesso em: 12 out. 2014.

SPENER, David. El apartheid global, el coyotaje y el discurso de la migración clandestina: distinciones entre violencia personal, estructural y cultural. **Migración y Desarrollo**, Zacatecas, n. 10, p. 127-156, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-75992008000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 set. 2014.

SPIRE, Alexis. La discrimination des étrangers au guichet. **Regards Sociologiques**, Strasbourg, n. 39, p. 21-30, 2010. Disponível em: <http://www.regards-sociologiques.com/wp-content/uploads/rs_39_2010_2_spire>. Acesso em: 21 set. 2014.

STROPASSOLAS, Valmir Luiz. O movimento (migratório) da juventude rural: em busca do reconhecimento social e da cidadania. **Revista Grifos**, Chapecó, n. 14, p. 147-167, 2003.

TEDESCO, João Carlos; GRZYBOVSKI, Denize. Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 18, n. 02, p. 336-355, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/view/2433>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Entre raízes e rotas**: identidades culturais em movimento: aspectos da imigração brasileira na Itália. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo; Itajaí: Universidade Vale do Itajaí, 2012.

TEDESCO, João Carlos. “Nada é como era antes...”: processos sócio-culturais nos locais de origem de fluxos migratórios para a Itália. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 05, n. 09, jul. 2013. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Nadaecomoeraantes.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2014.

TERESI, Verônica Maria. Desafios encontrados na identificação das vítimas brasileiras de tráfico para fins de exploração sexual: consequências na atenção e a garantia aos direitos das vítimas. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, Santana, n. 03, p. 89-112, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uniban.br/index.php?journal=RBAC&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=162>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 01, p. 199-218, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a10v20n1.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 21-33.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar**. 331 f. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2009/42001013012P7/TES.PDF>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec, 1995.

WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 07, n. 01, p. 35-53, jan./jun. 1990a. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol7_n1_1990/vol7_n1_1990_2artigo_35_53.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 87, p. 11-73, 1990b. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1987/anuario87_woortmann.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

Apêndice A - Roteiro semiestruturado de entrevistas com os informantes-chave

a) Geral

Para iniciar a entrevista, você poderia se apresentar brevemente?

b) Juventude rural

Como era a juventude rural no passado?

Como é a juventude rural no presente?

Quais são as diferenças e as semelhanças entre a atual juventude rural e a atual juventude urbana?

c) Agricultura familiar

Como era a agricultura familiar no passado?

Como é a agricultura familiar no presente?

Como será a agricultura familiar no futuro?

Quais foram as principais mudanças que aconteceram na agricultura familiar? As mudanças continuam acontecendo? Quais?

Como as migrações caracterizaram a agricultura familiar ao longo do tempo? Quem eram os migrantes? Por que migravam? Para onde migravam? Quais foram as consequências dessas migrações?

d) Migrações internacionais

Quando iniciaram as migrações internacionais?

Quais foram os motivos que levaram às migrações internacionais?

E as migrações internacionais de jovens rurais? Quando iniciaram? E quais foram suas motivações?

Quais foram os destinos destes migrantes internacionais?

Estes migrantes internacionais retornaram? Para onde?

As migrações internacionais de jovens rurais continuam?

Você poderia indicar alguns jovens rurais migrantes internacionais?

Apêndice B - Roteiro semiestruturado de entrevistas com os migrantes internacionais

a) Geral

Você poderia se apresentar brevemente?

b) Emigração

Como foi sua infância no Brasil? Gostava de viver no meio rural?

Quais lembranças guarda de sua cidade e do lugar onde morava? Em que lugar morava?

E de sua família e seus amigos, do que se recorda?

Como foi a sua educação no período em que residia no Brasil? Até que nível estudou? Tem recordações de sua(s) escola(s)?

Você chegou a exercer algum trabalho no período em que residia no Brasil? Como foi?

Na época, o que você achava a respeito da vida que levava no Brasil?

Como surgiu a ideia de migrar para o exterior?

O que as pessoas de seu convívio acharam sobre sua decisão de migrar?

Seus pais gostariam que você tivesse sido agricultor? Você chegou a cogitar a hipótese?

c) Viagem

Quando começou e como foi o planejamento e os preparativos para a viagem?

Qual a sua idade quando migrou?

Você tinha informações do país ou da cidade antes de migrar?

Como foi o momento da despedida dos familiares?

Como foi a sua viagem para o exterior? Quais foram as dificuldades? Recorda-se de algum acontecimento marcante durante a trajetória?

Como estava se sentindo no momento da viagem?

Quais eram os seus objetivos, expectativas e medos ao migrar?

Um familiar ou um amigo te recebeu em tua chegada?

Ele te ajudou a achar trabalho?

Quais os outros tipos de acolhidas você recebeu do teu familiar ou amigo?

Inicialmente, você morou com algum familiar ou amigo?

d) Imigração

Como foi a chegada e acomodação em seu novo país? Existiram estranhamentos e dificuldades?

E a sua nova cidade, o seu novo bairro e a sua nova moradia, como eram?

Durante o período em que esteve no exterior você estudou? Como foi esta experiência?

Quais foram e como foram as suas experiências profissionais no exterior?

Como ficou a sua relação com os familiares e amigos que permaneceram no Brasil? Que tipo de vínculo mantiveram? Como era a comunicação?

E as novas relações? Como foi o processo de constituição de novas afetividades e quem eram os seus novos amigos e companheiros?

O que fazia de seu tempo livre? Como se divertia?

Como a sociedade local tratava os migrantes? Em algum momento você se sentiu discriminado por ser estrangeiro?

Você conheceu outros jovens migrantes no exterior? Em algum ponto as histórias deles eram semelhantes com a sua?

O governo de sua cidade, estado ou país dispunha de alguma política voltada a estrangeiros assim como você?

Em algum aspecto você sentia falta do Brasil?

Alguma vez você voltou ao Brasil em visita?

Você conseguiu o que foi buscar?

e) Retorno

Quais foram os motivos que lhe levaram a retornar ao Brasil?

Quando aconteceu o retorno? Quantos anos você tinha na época? Por que não retornou para o meio rural?

Como foi a sua recepção na volta ao Brasil e a readaptação?

Você mantém contato e relações com as pessoas que conheceu no exterior?

Você sente alguma mudança pessoal após sua experiência no exterior?

O que você trouxe do exterior (em termos materiais e imateriais)?

Como está a sua vida agora (trabalho, educação, família)?

Quais são os seus planos para o futuro?